


JOÃO PAULO
BORGES COELHO

Prémio LÉYÀ 2009

Rainhas da Nite



ROMANCE

CAMINHO

Ficha Técnica

Título: Rainhas da Noite
Autor: João Paulo Borges Coelho
Capa: Rui Garrido
ISBN: 9789722126533

Editorial Caminho, SA
uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© Editorial Caminho, 2013
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.caminho.leya.com
www.leya.pt

À Estelita
in memoriam

Sempre que se tocam, é a ficção que infecta a realidade e não o contrário. Tudo passa a ser ficção. A realidade deixa de existir.

*O desejo de suspender o tempo
só se valida na mais escrupulosa evocação
de coisas há muito caídas no esquecimento.*

Nabokov

*Que fantasia é esta, que presente
cad'hora ante meus olhos me mostrais?
Com sonhos e com sombras atentaís
quem nem por sonhos pode ser contente?*

Camões

Prólogo

Nas soalheiras manhãs de sábado, acontecia-me por vezes parar à esquina da Avenida Kim il Sung a observar os livros usados expostos no passeio, em cima de esteiras de caniço ou caixas de cartão, e a deixar-me tomar pelas sensações desconhecidas que tudo aquilo em mim provocava. Os carimbos de proveniência das obras, que o folhear errático ia revelando, traziam-me à ideia bibliotecas tornadas desta maneira mais pobres, espaços públicos que lembram cada vez mais grandes paquidermes feridos de irreversíveis doenças, uma espécie de terra de ninguém que a todos aflige por ninguém lhe achar utilidade. Um dia, lembro-me de ter pensado, nas naveas das bibliotecas não restará mais que o cristalino ecoar dos passos.

Ao mesmo tempo, porém, tudo aquilo criava uma atmosfera cosmopolita que, confesso, não me era de todo desagradável. Predominava o clima alegre e barulhento dos bazares, neste caso um em que frutas e legumes fossem todos de papel.

Ali, tudo era possível encontrar – truncadas séries da *Monumenta* ou do *Mundo Portuguez*, resmas de inúteis monografias coloniais com as capas cheias de arabescos impressos a duas cores, pomposos volumes das edições MIR com as obras completas de Marx & Engels em espanhol e papel bíblia, enfim, velhos opúsculos do Departamento do Trabalho Ideológico transcrevendo inflamados discursos doutrinários hoje tão distantes – e por isso quedava-me na dúvida se devia olhar aqueles vendedores como meros ladrões sem escrúpulos ou verdadeiros, embora involuntários, difusores de cultura e de memória.

Certa vez interpelei um deles acerca de um exemplar d'*A Ilha de Próspero*, do poeta Rui Knopfli. Há muito que procurava aquela edição profusamente ilustrada com fotografias de um melancólico preto e branco que faziam dela muito mais do que um mero livro de versos, uma edição inundada de mar Índico e da severidade das

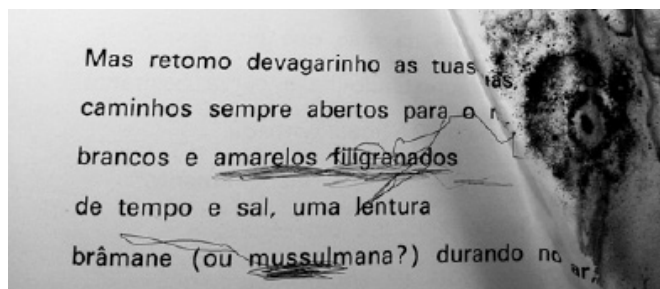
pedras, cheia de fumos adocicados do cemitério hindu e com um sabor a despedidas e presságios, cuja carga trágica não conseguiria hoje despertar mais do que um sorriso. O que o tempo faz!



Sagaz, o vendedor tomou por interesse o meu sorriso imprudente e anunciou um preço sem dúvida mais elevado do que seria o caso se tivesse na frente um comprador dissimulado e experiente, que afirmasse estar ali para adquirir *livros* a quilo com o propósito de limpar os vidros de casa ou coisa que o valha.

Discutimos. Esforcei-me por achar motivos que apoucassem o valor do livro: a sobrecapa de papel *couché* esfarelada nas pontas, as fotografias amareladas pela idade, enfim, uns gatafunhos numa página, salvo erro a 35, que lhe danificavam alguns versos (*Mas retomo devagarinho as tuas ruas vagarosas, // caminhos sempre abertos para o mar, etc.*), e ainda uns rasgões sem dúvida provocados por um manusear descuidado, quem sabe se na pressa de o tirar da estante a que pertencia para furtivamente o entregar a quem o vendesse cá fora. Confesso que cheguei a enveredar por caminhos tortuosos, afirmando que o preço que ele pedia seria

adequado se as fotos fossem coloridas e ali se contasse uma história com pés e cabeça, o que manifestamente não era o caso.



Embora iletrado, o homem tinha o nervo de um verdadeiro comerciante. Sorriu, ao mesmo tempo que avançava com um argumento que, embora falso, desfazia o meu de uma penada: o livro era de um tempo em que ainda não havia sido inventada a fotografia a cores, o que aliás só lhe reforçava o valor (intuíra, por qualquer razão, que as coisas antigas têm sempre mais valor). Impiedoso, acrescentou ser também do conhecimento geral que os livros de versos estão desobrigados de contar histórias com princípio meio e fim, assim como se os poetas tivessem uma espécie de livre-trânsito que lhes permitisse sair dos caminhos da lógica sem por isso correrem o risco de ser repreendidos. Afinal eu não sabia?

Enquanto falava, movimentava-se rente ao chão com os modos de um lagarto, alinhando com gestos secos os livros que tinha para vender e girando os olhos para que não lhe escapasse a mão rápida de um ladrão ou mesmo uma rusga da polícia para lhe levar o lucro do dia. Sabia bem do que ambos são capazes.

Momentaneamente derrotado, pus-me a olhar as poças de água que a chuva do dia anterior deixara na estrada, junto ao passeio. Sim, retive nem sei porquê esse tipo de pormenores, como se tivesse sido ontem que tudo aconteceu. Lembro-me de ter ficado por ali, os pensamentos sem rumo nem propósito que não fosse o de entreter a espera que julgava necessária até que o vendedor reconsiderasse e me propusesse um preço mais razoável. Passou-me até pela ideia ameaçá-lo com as autoridades pelo facto de vender material roubado numa biblioteca qualquer (logo eu, que

sempre acreditei não haver argumento moral que justifique a delação!).

Entretanto, um sapateiro indiano assomou à porta da loja com as mãos atrás das costas e uma barriga ligeiramente protuberante que lhe empinava o avental de camurça. Olhou o tempo no céu, depois aquilo que o cercava. Inspirou fundo. Parecia indeciso quanto à feira improvisada, se lhe escondia a porta do estabelecimento ou, pelo contrário, ajudava a atrair uma clientela necessitada de meias solas. Inspirei também, sentindo-me próximo do homem de uma maneira sem explicação. Os automóveis passavam perigosamente perto, velozes, ameaçando pisar a água das bermas e encharcar os livros. Eu não tirava os olhos do *meu* e quase disse ao vendedor que o protegesse. Mas ninguém parecia temer a ameaça, apesar de esta se afigurar iminente sempre que se ouvia o ruído de um motor.

Cansado da espera, recorri ao estratagema clássico de me despedir, simulando interesse nos livros de vendedores vizinhos, em particular um irrepreensível exemplar do *Moçambique* de António Enes, de capas duras, embora com o miolo já amarelecido, e também um opúsculo lilás com um título hoje deveras intrigante (*Como Age o Inimigo*, prometia ele explicar), salpicados ambos pelos inevitáveis carimbos. Mas não consegui resistir muito tempo sem olhar para trás, receoso de que chegasse alguém que, sem pestanejar, desse pelo bendito livro aquilo que o vendedor pedia. Ele notou o meu receio pois, nas duas ou três vezes em que o seu olhar surpreendeu o meu na distância, sorriu.

De modo que acabei por regressar para junto dele, puxando pela carteira sem uma palavra. Este gesto, que consumava a minha derrota, deve ter despertado no homem uma espécie de comiseração pois, ao mesmo tempo que recebia o meu dinheiro – uma nota graúda –, anunciava que se dispunha a dar-me uma prenda pelo *preço simbólico* (palavras dele) correspondente ao troco que me devia.

Tal desfaçatez quase me enfureceu. Contive-me, nem sei porquê. Talvez por ele ter tirado a prenda anunciada – um caderno de aspecto vulgar – de dentro de uma caixa de cartão encerado,

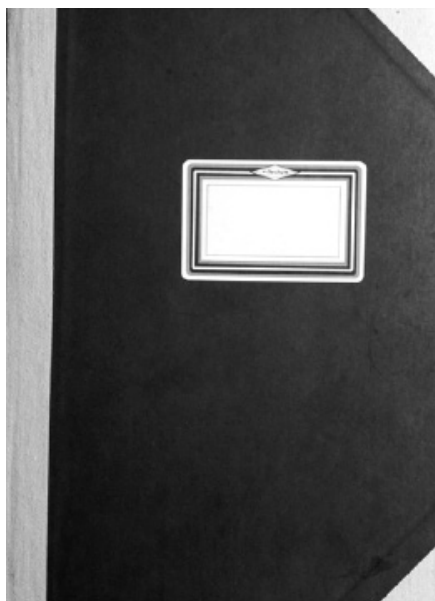
daquelas que antigamente acondicionavam camisas novas envoltas em papel de seda, uma caixa que tinha impressos na tampa os dizeres *Casa Bulha – Modas e Confecções*, a letras brancas vazadas num fundo azul-cobalto. Sim, talvez por isso, por aquela caixa trazer lembranças de um outro tempo, capazes contudo de me avivar ainda a curiosidade.

‘É muito antigo’, disse.

Peguei no caderno e folheei-o, enquanto me decidia se valia ou não a pena submeter-me a uma segunda humilhação. Tratava-se de uma espécie de diário e estava assinado por uma tal Maria Eugénia Murilo, um nome que me era inteiramente desconhecido.

Um exame superficial revelou um texto escrito na primeira pessoa e despreocupado de esconder identidades, isso porque continha uma profusão de nomes. Era um texto privado. Apesar de se tratar de nomes já perdidos no tempo, que figuravam ali como cascas de pequenos frutos a que os anos houvessem feito mirrar a polpa, não posso negar que me deixei acicatar pela curiosidade de quem pressente a possibilidade do nascimento de um enredo.

Evidentemente que estou consciente do risco que corro ao narrar o episódio. Afinal, haverá expediente literário mais estafado que o do diário que encerra todos os segredos? No entanto, nada posso fazer a respeito uma vez que se trata de uma questão que depende menos de mim que de uma realidade que me limito a relatar com o rigor de que sou capaz. A haver um culpado, ele estaria no desequilíbrio entre a forma insensata como nós, humanos, nos multiplicamos e as possibilidades limitadas que temos ao dispor para criar enredos: somos demasiados e vivemos demasiadamente da mesma maneira para que os acontecimentos estejam sempre a surpreender-nos com a sua singularidade!



Voltando ao que interessa. Nos meses seguintes fui tropeçando com frequência no caderno do vendedor, que acabei por aceitar e trazer para casa. Desorganizado que sou, sempre passei tempos infinitos à procura de citações que seria capaz de jurar já ter ouvido, ou frases que condensassem todo um programa que por qualquer razão me parecia urgente desenvolver, escondidas algures sob as pilhas de papéis. De cada vez que me dedicava a essa arreliadora tarefa tropeçava no dito caderno, como se ele se movesse entre as minhas coisas até achar um lugar suficientemente exposto de onde pudesse chamar-me a atenção. Sempre que tal acontecia eu acabava por abri-lo para ler uma ou outra página, antes de retomar a busca entretanto interrompida.

Foi assim, gradualmente, que surgiu o projecto deste livro: alimentado pela leitura daquelas folhas e por suposições acerca daquilo que calavam, e ainda por outras buscas que o acaso com elas foi entretecendo. Consequentemente, não pode dizer-se que as linhas que vão seguir-se sejam em rigor a transcrição do conteúdo do caderno. Não só pelas razões apontadas mas também porque fui reparando, à medida que lia o texto, que nem sempre havia nele a preocupação de imprimir uma sequência lógica (suponho que é assim que se diz) aos acontecimentos relatados. Por vezes as coisas pareciam correr bem a este respeito, mas de

repente mudávamos de lugar ou recuávamos no tempo, ou a autora deixava de falar num assunto quando este se encontrava à beira do desfecho. Era como se a preocupação dela fosse não transmitir algo a um putativo leitor mas apenas desfazer-se de uma carga diariamente acumulada a fim de ter espaço para absorver a carga nova do dia seguinte. Sim, reparando melhor verificávamos que no texto havia mais atenção ao interior dos dias do que à sua sequência. Explico-me: quase todas as entradas (se exceptuarmos as últimas, em que Maria Eugénia se encontrava manifestamente mais tensa, diria mesmo perturbada) correspondiam à actividade de um dia inteiro, ou àquilo que valera a pena realçar no decorrer de um dia inteiro, enquanto não se descortinava a preocupação em imprimir uma lógica à sequência desses dias. Sempre que surgiam sinais dessa lógica, sem dúvida deviam-se mais à natureza dos próprios acontecimentos do que à preocupação de Maria Eugénia. Ao que tudo indica, o que ela escreveu não foi para ser lido senão por ela própria, repito, facto que despertou em mim algum desconforto de natureza ética. Mas enfim, o que está feito está feito.

Voltando ao texto. Quando nos habituávamos a esse *estilo* (chamemos-lhe assim), eis que os verbos passavam a ser conjugados num pretérito mais *profundo*, deixando a impressão de que se narravam factos acontecidos num tempo muito recuado, se é que me faço entender. Ou seja, a impressão de que as notas haviam sido escritas não como resumos do dia mas como reflexões sobre um passado já longínquo, ou então esboços tímidos de uma espécie de romance de sabor autobiográfico. Sim, foi essa a impressão com que por vezes fiquei, a de que se exploravam caminhos em volta da ideia de um romance, ideia essa que no entanto nunca chegou a ser claramente assumida. Em resultado dessa variação de intenções, e também da maneira errática que caracterizou a relação que logrei estabelecer com aquele mundo através dos instrumentos ao meu alcance, era como se a autora e o seu cortejo de fantasmas jogassem comigo uma espécie de jogo de cabra-cega.

Reflecti muito sobre esta questão, que por várias vezes quase me levou a desistir do projecto. Regressei mesmo ao local onde obtivera o caderno no intuito de perguntar ao vendedor se não teria mais material proveniente da mesma fonte. O homem mostrou-se assustado, asseverou-me que o caderno não era roubado, que o tinha adquirido a alguém da maior confiança que todavia não saberia como voltar a encontrar, etc., etc. O habitual sempre que é preciso *diluir* a já obscura origem de um objecto a fim de nos livrarmos de apertos. Regressei pois de mãos a abanar.

Pelas razões apontadas, insisto, só com boa vontade se encontrará um todo coerente nestes relatos. Existem demasiadas rupturas, demasiados avanços e recuos – verdadeiras ambiguidades na linha do tempo. Sempre que procurei unificar tudo isso de modo a chegar a uma espécie de leitura objectiva e universal sobre esse tempo e esse lugar, surgiam novas incongruências para despertar em mim a suspeita da impossibilidade do empreendimento, do quanto são ingénuas as máximas de que tudo no fundo acaba por ser coerente, ou de que a verdade acaba sempre por vir à tona; do quanto, enfim, a realidade é amorfa e cega.

Avancei até onde me foi possível. Na verdade, acabei por me limitar a *massajar* o texto para lhe retirar os aspectos fragmentários mais gritantes, retocando aqui e ali e operando por vezes violentamente nas *ligações* (sempre me perguntando como a autora reagiria), e por fim acrescentando a cada secção resultante os comentários que me pareceram ajustados, fruto de uma pequena pesquisa que o acaso e alguma persistência me levaram a empreender, e cujos contornos adiante se esclarecerão. Devo dizer, acerca disto, que acabou por ser o texto aduzido a ditar o ritmo, e mesmo as regras, o que, se a princípio causou em mim um já referido desconforto, acabei por concluir ser natural. Afinal, por mais importante que seja o passado, o presente impera sempre uma vez que é nele que se produz de facto o padecimento da lembrança. Essa preponderância é manifesta sobretudo no sentido em que os textos *antigos* são esquartejados para caber nas acções e na lógica do presente, e não o contrário.

Resta acrescentar que, naturalmente, alterei também certos nomes para não indispor alguns vivos que, como se sabe, não têm a benevolência dos mortos.

Há que dizer que dentro do caderno vinham duas ou três fotografias e um mapa grosseiro, que felizmente o vendedor não se lembrou de cobrar em separado, sem dúvida por se ter esquecido deles. Resolvi trazer esse material para aqui, menos pelo seu interesse que para acentuar os limites do texto escrito sempre que se trata de entender um ambiente como aquele que aqui é descrito. Acrescentei também algumas imagens actuais, desta feita por uma razão ética: a de, seguindo os mesmos processos, procurar aproximar as minhas notas do texto original, que é uma forma de dizer que também o meu texto não está isento de vulnerabilidades, necessitando portanto de *reforços externos*. Sim, ao obrigá-lo a partilhar o espaço com as imagens, a intenção não foi mais que aproximar o texto das minhas notas do texto do caderno, e com isso fazer uma espécie de vénia a este último. Finalmente, há também dois ou três documentos de arquivo sobre os quais é preciso dizer que, mesmo quando distorcem a realidade, são para alguns aqueles que mais se aproximam da verdade com que se chega ao espírito de uma época. Não é o meu caso, mas de qualquer forma eles aqui ficam, com a autoridade que lhes cabe ou que conseguem impor.

*

Durante um tempo achei por bem dar ao produto deste labor o título de *Carvão*, por se ajustar ao lugar onde se desenrolaram os factos de que o caderno fala – as minas de carvão de Moatize – e, tal como mostra Craveirinha, o poeta maior, constituir a metáfora mais comum. Cheguei até a achar uns versos seus para colocar em epígrafe:

Eu sou carvão!
E tu arrancas-me brutalmente do chão e fazes-me tua mina,
patrão.

[...]

Eu sou carvão.

Tenho que arder Queimar tudo com o fogo da minha combustão.

Esta decisão era reforçada por um motivo de outra ordem, daqueles que não está em nós controlar. Pus-me a imaginar que aquelas supostas memórias seriam como que um desenho espontâneo feito a traço grosso de carvão, que a princípio nos parece tosco e brusco mas, visto de mais perto, revela detalhes caprichosos, finos como rendas, resultantes do acaso do contacto entre a substância amanteigada do carvão e a rugosidade miúda da fibra do papel. Parecia-me, a imagem, ajustada a um passado sem dúvida mais rendilhado do que aquilo que se diz por aí. Finalmente, tratava-se de um título de alguma forma condicente com o calor infernal que envolve aquele lugar, referido logo de início e perpassando frequentemente os registos seguintes.

Mas, à medida que as releituras aprofundaram o contacto com o texto, a possibilidade desse título foi acentuando em mim uma sensação de mal-estar originada por duas ordens de razões: por um lado, porque nos tempos que correm as preocupações se vão tornando cada vez mais comezinhas e o tom épico da possível epígrafe concomitantemente mais descabido; por outro – e esta é a razão principal – porque se tratava de um título que de algum modo traía as intenções da autora. De facto, embora esta não expressasse um propósito claro, foi-se tornando evidente que, qualquer que ele fosse não se reduzia a denunciar as relações raciais ou coloniais, nem tão-pouco a falar sobre a mina de carvão. Confesso que nunca cheguei a resolver esta questão. *Casa Quinze* chegou a parecer-me também, durante um curto período, uma possibilidade, uma vez que designava uma espécie de centro da teia estendida sobre Moatize e sobre a autora do caderno, como veremos; de algum modo, o ponto de onde irradiavam nesse tempo todos os enredos. Na impossibilidade de achar uma solução satisfatória para este problema, resolvi deixar a questão do título para mais tarde e, como acontece quase sempre, acabou por ser o acaso a ditá-lo.

Falta ainda revelar o motivo que despoletou de facto todo o empreendimento, que passo a explicar.

Largos meses depois de o caderno me ter vindo parar às mãos – numa altura em que, não fora o seu surgimento irregular entre os meus papéis e certamente teria esquecido toda aquela história – olhando a página de necrologia do jornal *Notícias*, deparei com um pequeno anúncio em corpo oito comunicando o falecimento, em Portugal, da senhora dona Maria Eugénia Murilo. O anúncio era assinado por um tal Travessa Chassafar.

O primeiro nome é relativamente vulgar, e na altura não despertou em mim mais que uma imprecisa familiaridade, uma espécie de sensação de *déjà vu*. Mas com o nome do anunciante tudo era diferente. Associei-o imediatamente ao caderno, que me apressei a procurar entre as minhas coisas.

Maputo, 2 de Julho

Um

Foi essa a primeira sensação que tive: a sensação de que chegava ao inferno. Ainda o comboio dava a volta à colina, para entrar na estação, e já eu suspirava: ‘Meu Deus, estou no inferno!’

Nesse tempo, o comboio era ainda coisa rara. A pequena comunidade branca esperava-o debaixo do avançado de zinco, junto à torre da água, para se proteger da ferocidade do sol. Quieta, mergulhada na sombra espessa mas tomada de uma grande excitação. Quanto aos negros, eram vultos imóveis espalhados ao acaso perto dos últimos metros de linha, como se a chegada do comboio tivesse o condão de neles provocar uma surpresa vaga.

O conjunto resultava numa espécie de fotografia viva, em que tudo permanecia imóvel excepto o comboio que a atravessava a todo o comprimento, de uma margem à outra, envolto nos densos vapores que ele próprio exalava. Nessas alturas, o único som que se ouvia era o do resfolegar da locomotiva, o chiado agudo dos seus travões quando as rodas deslizavam presas sobre o ferro dos carris, metal com metal.

E era como se só com a composição parada a paisagem pudesse retomar o movimento. Rompia-se então aquele instante extraordinário e todos voltavam ao que os ocupava antes: os brancos corriam a espreitar pelas janelas e os outros retomavam a caminhada interrompida, refeitos do encantamento.

‘Meu Deus, estou no inferno!’

Foi isso que exclamei para mim mesma enquanto olhava pela janela, claro que sem ainda apreender cabalmente o sentido de tudo aquilo. Só mais tarde, também eu refugiada sob o telheiro de zinco, experimentando como os outros esse tal instante mágico, me daria conta do quanto o comboio trazia consigo a ilusão de ser um cordão umbilical que ligava a pequena vila ao resto do mundo; do quanto, terminado o sortilégio, Moatize voltava a cair numa modorra muito própria e doentia. Sim, a ansiedade com que eu mesma

esperaria o comboio meses mais tarde seria a exacta medida do quanto me deixara prender na armadilha estendida por este lugar.

Mas isso seria muito mais tarde, numa altura em que a minha preocupação com ser vista fora já substituída pelo vício oposto, entretanto adquirido, de tentar *ver* os outros, desvendar os seus segredos. Por enquanto era eu que chegava, era eu o pasto da ilusão de uma gente que desconhecia. Eu, Maria Eugénia, a esposa do engenheiro Murilo, acabada de chegar da *Metrópole*.

Mais insegura que curiosa, o que acontecia em volta parecia-me encenado por minha causa. E tinha boas razões para assim pensar uma vez que todos me olharam quando descí os degraus com o pequeno Miguel pela mão, atenta para não perder de vista as malas, e pisei a plataforma de tabuado tosco.

Alguns levaram mesmo a mão à aba do chapéu, em jeito de cumprimento. Era como se soubessem há muito quem chegava. Reparei na altura que só havia homens. Homens de peles baças e azeitonadas, encharcados de suor, munidos de lenços e chapéus para enfrentar a inclemência da natureza. Era como se os homens daquele lugar tivessem vindo todos ver de perto a chegada da senhora Murilo.

Felizmente que, quando já me inquietava, descobri Murilo galgando os dois degraus da varanda na extremidade mais distante, atrasado como sempre. Mangas curtas, talvez um pouco mais gordo que há um ano atrás, os braços mais morenos, sem dúvida por causa deste sol feroz que ele mencionava em todas as cartas e só agora eu finalmente conhecia. Quem ali vinha, correndo para chegar a tempo, era um quase desconhecido que me esforcei por olhar com ternura.

Libertámo-nos da pequena multidão e iniciámos a subida de uma encosta de árvores esparsas e atarracadas, e capins que eram como a penugenta pele desse inferno. O velho jipe levantava nuvens de poeira e gemia como se estivesse cansado. Esta conjugação de um jipe cansado sob um sol cru com um mato ralo e seco dentro do qual irrompiam pedregulhos baços, provocou em mim uma angústia cuja razão concreta eu na altura não saberia

apontar. Fui piscando os olhos e apertando muito as pálpebras, para a expulsar.

Ao mesmo tempo que me perguntava pela viagem – e que eu respondia ter enjoado no barco, sobretudo na costa da Madeira e ao largo da cidade do Cabo – Murilo foi-me preparando para as situações com que iria deparar: as rotinas da casa, as obras mais urgentes agora que eu chegava; enfim, os criados. Com um deles, referiu casualmente, era preciso especial cuidado. Chamava-se Travessa Chassafar e era espião da Casa Quinze.

‘Travessa?’

‘Sim, Travessa Chassafar.’

Perguntei-lhe por que razão tinha o criado um nome assim. Murilo resmungou que ali quase todos os nomes eram estranhos. Nomes de plantas e frutos, nomes de máquinas; nomes, até, de gestos e de sensações. A um dos electricistas da mina morrera-lhe uma filha chamada Aspereza, um dos criados do médico chamava-se Sossego. Nomes porventura postos por quem mandava, movido por sarcasmos gerados no tédio, rancores ao lugar. Murilo nunca aprofundara a questão. Agora que eu perguntava, descobria nunca ter sequer pensado nela. Talvez os nomes se devessem a alguma característica particular de quem os tinha: Aspereza por ser áspero o que ela provocou nos outros ao morrer, Sossego por ser um homem sossegado, sabia ele lá!

Não pude deixar de notar a impaciência com que me respondeu, cujas razões atribuí ao calor. Crispei-me ligeiramente, por achar injusta a atitude mesmo descontadas as circunstâncias, e foi a vez de ele o notar. Pediu-me desculpa, justificou-se com o facto de eu não ter manifestado estranheza quando me referiu que o criado era espião, informação que tinha um alcance que eu não podia sequer imaginar.

Olhando para trás, tantos anos decorridos, não posso senão concluir que a minha *insensibilidade* tinha toda a razão de ser: naquele calor infernal, em que só as necessidades realmente essenciais faziam mover as pessoas, quem se daria ao trabalho de encomendar os serviços de um espião, e para quê?

De qualquer maneira, o facto é que na altura o meu desinteresse agastou Murilo, como se tivesse tentado pôr-me de sobreaviso e eu, néscia, desprezasse o gesto.

Não chegámos a aprofundar a questão por entretanto mil e um outros assuntos mais urgentes se terem vindo intrometer. Um ano de separação é muito tempo na vida de um casal.

Nos primeiros dias segui os gestos do tal criado enquanto ele servia à mesa, confesso que menos interessada em espionagens do que na forma como ele segurava as travessas e trinchava o assado no aparador antes de colocar metodicamente as fatias nos pratos de cada um, como se as refeições dos brancos se revestissem de um complicado ritual que fosse imprescindível seguir à risca. Intrigada, procurava nele um jeito peculiar que estivesse na origem daquele curioso nome. Mas, embora tensos e eivados de tremuras, os seus gestos não deixavam em nenhum momento de ser precisos, em nenhum momento Travessa Chassafar parecia hesitar. Talvez a razão estivesse então, não num defeito mas pelo contrário na precisão com que segurava as benditas travessas. Certa vez cheguei mesmo a perguntar-lhe, à porta da cozinha: ‘Como gostas que te chamem?’

Ele não pareceu compreender a pergunta.

‘Como, senhora?’

‘Como te chamam em casa? Como te chamavam quando eras criança?’

E ele, levemente intrigado: ‘Travessa, senhora. Sou Travessa desde sempre. Chassafar era o meu pai.’

Nessa altura eu começava a perceber como as pessoas lidavam umas com as outras naquele lugar. Se lhe perguntei dessa maneira é porque suspeitava que alguém, um capataz ou um qualquer anterior patrão, tivesse resolvido humilhá-lo dando-lhe aquele nome de objecto. Pois bem: estava enganada, era Travessa desde pequeno. Talvez a razão fosse então mais antiga, um episódio que tivesse impressionado o seu ingénuo pai.

‘E não gostarias de ter outro nome?’, insisti. ‘Por exemplo, Augusto, como o teu patrão?’

O rapaz levantou os olhos e fitou-me pela primeira vez. Parecia surpreso.

‘Está bem assim, senhora. Gosto do meu nome.’

A firmeza da resposta fez-me cair em mim. Imediatamente me envergonhei da atitude de querer *baptizar* quem mal conhecia. Senti-me não muito diferente de quem tivesse o hábito de fazê-lo, gente que de algum modo já me incomodava. Sim, foi isso, essa censura muda, que me pareceu descobrir na expressão do rapaz.

De modo que acabei por resignar-me. Tanto que, passados meses, estranharia se àquele criado perfeito chamassem de outra maneira. Travessa passou a soar-me como a única possibilidade, e é sempre assim: ou o nome vem ter connosco ou somos nós que nos adaptamos a ele para, no fim de contas, os dois acabarem por ser um só. Se repararmos bem, no final da vida nenhum nome, por mais estranho que soe, parece desajustado de quem o tem.

Mas tudo isto, repito, foi mais tarde. Por enquanto eu subia a colina ao lado de Murilo, com a criança adormecida nos braços. Murilo levava as mãos fincadas no volante, os olhos postos no caminho. Sim, estava mais moreno, talvez um tudo nada mais calvo. Até o cheiro tinha um não sei quê de diferente. Um ano passa rápido mas não deixa por isso de ser muito tempo. Senti uma urgência de aproximar-me dele, de descobrir como fazê-lo.

‘Casa Quinze?’, perguntei.

‘Sim, a casa do director-geral’, respondeu, apontando sem olhar o telhado que se vislumbrava dali, atrás de grandes pedregulhos e de algumas árvores ralas no topo da colina.

Na noite do sábado seguinte fomos pela primeira vez a essa Casa Quinze. Foi também nesse dia, passada a curta trégua dedicada a uma sondagem mútua (uma mútua procura daquilo que um ano de separação devorara), que se instalou entre nós a segunda das muitas sombras que estavam por vir. Eu não queria ir, não me apetecia. Nessa fase, mais ainda do que a curiosidade de ver por dentro aquela casa de que se falava em voz baixa, sentia que ia lá para ser observada. Desagradava-me a ideia.

‘Ainda não estou preparada para conhecer muita gente’, disse.

Além disso, não queria deixar o pequeno Miguel nas mãos do *macaiaia* (que palavra! Quando me habituaria eu a essa palavra?), que mal conhecia. O *macaiaia* não passava ele próprio de uma criança, como esperar que fosse capaz de me tomar conta do filho? E se acontecesse algum acidente? Observei mesmo que me sentiria mais segura se fosse uma mulher a fazer esse trabalho. Porque não contratávamos uma mulher? Murilo encolheu os ombros e respondeu que nunca tal lhe ocorrera, nunca vira mulheres a servir nas casas dos brancos. Contratar uma sem dúvida daria azo a um certo falatório.

A simples ideia de que uma decisão nossa, sobre um assunto que só a nós dizia respeito, pudesse dar azo a *um certo falatório*, e de que isso fosse razão suficiente para determinar a atitude de Murilo, indispôs-me ainda mais.

‘Não me apetece ir’, insisti.

E Murilo ficou sem saber o que dizer. Noutras circunstâncias argumentaria, far-me-ia talvez entender quão importante era não faltarmos os dois à *chamada* da Casa Quinze. Afinal, embora eu parecesse ainda não saber, estava ali em jogo algo mais que um mero convívio do pessoal superior das minas, algo que lhe era a ele muito difícil de explicar. Todavia, Murilo ainda não voltara a habituar-se à minha presença, a distância de mais de um ano fazia de mim uma quase estranha que ele se sentia obrigado a tratar com cortesia. Por outro lado, conhecendo-me como me conhecia, sabia que os primeiros dias não me estavam a ser fáceis.

Instalara-se pois uma espécie de distância entre nós, uma espécie de delicadeza composta, em partes iguais, de um empenhamento em não deixar perder algo de precioso mas também de uma certa formalidade. Tacteávamo-nos mutuamente.

E ele, com a camisa de casca-de-ovo já vestida mas as calças ainda na mão, não sabia como avançar sem me ferir.

‘Se não queres ir, não vais’, acabou por dizer. ‘Invento uma desculpa, sei lá! Digo que estás doente.’

O empenho de Murilo em evitar magoar-me agastou-me ainda mais: ‘Que pretendem eles? Não lhes basta terem-te a semana toda?’, perguntei.

Imediatamente me arrependi. Imediatamente compreendi que o caminho que escolhia só fazia aumentar a pressão sobre Murilo. No fundo, cabia-me a mim resolver a questão.

‘Pois bem, se é para ti tão importante, então vou’, disse, ao mesmo tempo que me virava para procurar o que vestir e que sentia, nas costas, o seu imenso alívio.

De maneira que cobrimos em silêncio a curta distância que nos separava da Casa Quinze, cada qual procurando à sua maneira entender o caminho que percorríamos para nos reencontrarmos.

Nos últimos dias ficara a saber um pouco mais acerca dos moradores da dita casa. Monsieur Simon, o director-geral, era um aristocrata belga cujos caprichos Murilo costumava referir à hora de jantar, quase sempre num tom irónico e em voz baixa para que os criados não ouvissem. Combatente da Grande Guerra, Simon não podia ouvir uma sirene sem ficar seriamente perturbado. Por isso dera ordens para retirar as sirenes das minas, dificultando assim a vida aos pobres capatazes, agora com muito mais trabalho para disciplinar mineiros que desconheciam haver outras formas de medir o tempo. Relógios, por exemplo. Afora essa, afirmava Murilo com sarcasmo, desconhecia-se qualquer decisão substancial do director-geral. Era a mulher, madame Simon, quem por ele tomava as decisões.

Atribuí na altura às quezílias de serviço o tom com que Murilo lançava estas considerações. Talvez tivesse havido algum desentendimento, normal entre colegas, e esta fosse a forma de ele desabafar. Todavia, sem saber porquê, também a mim desde pequena angustiam as sirenes, relacionava o seu som arrastado com um prenúncio de tragédia; e por isso, de imediato senti uma certa simpatia por Simon. Por outro lado, parecia-me justificado que mineiros que mal tinham o que comer não conseguissem regular o tempo pelo relógio. Por que razão a Companhia não inventava outro sistema – um sino de ferro, por exemplo – que avisasse das horas de entrada e saída?

E começou a ser assim que, sempre que Murilo e eu tentávamos reaproximar-nos, se interpunham pequenos escolhos no caminho. Sinos e sirenes, atitudes. E sobretudo palavras.

Como disse, nos dias que antecederam esse sábado tentei obter informações acerca da Casa Quinze. De uma das vezes perguntei de chofre a Travessa se conhecia a casa por dentro. O rapaz polia copos na varanda das traseiras. No íntimo eu esperava que a pergunta o fizesse partir um deles, sinal de que o deixara perturbado, e portanto de que era verdade o que Murilo dizia, que ele era espião da Casa Quinze. Mas continuou serenamente a passar o pano pelos copos, e respondeu simplesmente que a Casa Quinze era aquela que ficava lá no alto, a casa do senhor director-geral. Eu nunca ouvira falar?

Não era muito, pois, aquilo que eu sabia acerca do lugar. Daí o nervosismo que levava, misturado ao incómodo deixado pela tensa troca de palavras com Murilo, e à sensação desagradável que a chegada da noite me provocava desde que aqui chegara.

Meia dúzia de noites era ainda muito pouco para que eu pudesse interpretá-las. Desciam súbitas, como uma cortina de cetim negro que se cerrasse. E, conquanto trouxessem um cheiro doce – proveniente de uma planta espalhada ao redor da casa a que o jardineiro chamava justamente *rainha-da-noite*, que de dia parecia inócua mas a esta hora se deixava abrir em cascatas de florezinhas brancas – geravam uma escuridão povoada de sons repentinos e cortantes que calavam o monótono ronronar dos grilos e cujo significado era para mim alimentado pelas estranhas crenças dos criados e por episódios que eles e Murilo me iam aos poucos revelando: o irmão do *macaiaia* cegara devido às bicadas da ave nocturna que produzia aqueles sons; aos criados, se trabalhassem até mais tarde, era preciso levá-los de carro de volta aos bairros onde viviam, por causa das feras.

Não admira pois que, enquanto seguia no jipe em silêncio, ao lado de Murilo, fossem do jardineiro as palavras que me martelavam os ouvidos, certa vez em que lhe perguntei, curiosa com as florzinhas brancas, quem trouxera para ali aquela planta, a *rainha-da-noite*.

‘Veio da Casa Quinze, senhora. Há lá muitas.’

Isso mesmo me foi possível comprovar quando chegámos, novamente inundada por aquele cheiro doce que, pela primeira vez

e sem saber porquê, associei ao cheiro da água de flores com que se lavam os mortos.



Felizmente que esses perturbadores devaneios foram cortados cerce assim que a incongruente figura de um criado impecavelmente fardado de branco, embora descalço, nos abriu a porta de rede da varanda para podermos entrar no salão intensamente iluminado. Interrompidos pela luz, e sobretudo pela voz que atravessou o espaço ao nosso encontro: ‘Ah, madame Murilo! Finalmente!’

Em frente, recostada numa cadeira de verga antilhana de espaldar altíssimo, enterrada em grossas almofadas, madame Simon irradiava ela própria uma luz particular. Era loura, um pouco forte (a papada, viria eu a descobrir, embora ligeira, era uma das suas principais preocupações). Envergava uma espécie de túnica larga, cor de malva, e a sua voz tinha um tom autoritário que nem por isso deixava de ser amistoso. Como se dissesse que não era só ela, mas também todos os presentes – e mesmo, todos os funcionários superiores da Companhia Carbonífera – a regozijar-se

com a chegada da esposa do engenheiro Murilo para o resgatar da solidão, e essa opinião fosse uma opinião definitiva.

Guardei para sempre esta primeira imagem de madame Simon: recostada nas almofadas de uma imponente cadeira de verga como no centro de um quadro, emoldurada por duas aves esguias enroladas numa espiral de cobras, de corno de antílope vazado, que serviam de suporte a candeeiros de pé alto, o *abat-jour* na ponta do bico. E, enquanto falava, de braço direito estendido, chocalhando uma multidão de pulseiras, um modo de nos alertar para a iminência de um aperto de mão que, no que lhe dizia respeito, era sempre desassombrado e vigoroso.

Não que a ideia que na altura fiz dessa mulher não viesse a evoluir nos tempos que se seguiram. Pelo contrário, fui sempre curiosa, sempre me predispus a trocar ideias feitas por outras diferentes desde que sinta haver razões para tal. Todavia, na maior parte dos casos a primeira impressão que fazemos de alguém acaba de certa forma por condicionar tudo o que vem a seguir.

Era ainda cedo. No salão, além dos Simon, havia apenas um casal silencioso, belga como os anfitriões, que depois das apresentações fiquei a saber serem os Clijsters. Ele, engenheiro como Murilo, não deixou em mim qualquer impressão. Quanto à mulher, manteria durante toda a noite uma reserva superior, expressa num meio sorriso silencioso e cortês, a não ser que lhe perguntassem qualquer coisa. Nessa altura respondia com frases curtas e precisas, com uma voz levemente cava, para logo em seguida voltar a remeter-se ao seu silêncio muito próprio. Apesar de tudo a sua atitude não deixava uma impressão desagradável. Embora tivesse o cuidado de não o demonstrar de modo explícito, tinha uma simplicidade que a colocava muito longe do espírito afectado que reinou naquela sala durante toda a noite. Gostei dela dessa vez, e não me viria a arrepender. Nos tempos que se seguiram aprendi com ela muitas coisas acerca deste lugar.

Enquanto o director-geral, debruçado sobre a mesinha que havia ao lado do piano, manobrava o sifão que produzia a soda para o *whisky* dos convidados, Madame Simon voltou ao seu cortejo de perguntas, não exactamente embaraçantes mas que

seriam mais apropriadas se feitas em privado: se estava contente com a casa, o que achava dos criados, como estava a criança (Miguel, não era? – até isso ela sabia!), com quem a tinha deixado, e por aí fora.

‘Bom rapaz, o *macaiaia*’, disse, sem se preocupar em esconder que sabia quem fazia o quê em nossa casa.

Só com o tempo me viria a aperceber desta nova linha de distinção entre o público e o privado que legitimava a *presença* de madame Simon no interior das casas de todos os funcionários superiores da Companhia. Aquilo que noutras circunstâncias pareceria uma grosseira intromissão, não passava neste caso de uma genuína preocupação com o bem-estar de cada um. Pelo menos foi isso que algumas defensoras de madame Simon me disseram mais tarde. Como se, naquela natureza tão inóspita, do incansável esforço da mulher do director-geral dependesse a sobrevivência da pequena comunidade onde eu acabava de ingressar. A *nossa* comunidade.

De qualquer maneira, madame Simon sabia como perguntar; isto é, fazia-o com uma frontalidade que a tornava imune a qualquer insinuação de grosseria. Ao mesmo tempo, escrutinava-me o vestido e os sapatos com os olhos claros e abanava a cabeça numa muda aprovação.

‘Temos as duas muito que conversar’, concluía a meia voz, com um sorriso difícil de interpretar.

Sempre me considerei um temperamento rebelde, nunca virei a cara a um bom desafio. Assim que achei uma aberta entre duas frases da torrente palavrosa da mulher, confessei, numa voz suficientemente alta para que os restantes pudessem ouvir, que entre as coisas curiosas com que deparara desde a minha chegada, os nomes dos africanos era a que mais me intrigava.

‘Por exemplo, tenho um criado chamado Travessa. Conhece-o?’

Imediatamente senti haver proferido uma daquelas interrogações que, por uma qualquer razão misteriosa, instalam depois de si o silêncio. Notei que se prendiam em mim os olhares. Nos homens (incluindo Murilo) havia aquele sorriso vagamente temeroso de quem vê quebrada uma regra essencial do jogo e

aguarda as imprevisíveis consequências. De facto, afirmá-lo daquela maneira, e dirigir a afirmação precisamente a madame Simon, equivalia a revelar que estava ciente da relação entre ela e o meu criado; e, mais do que isso, que a desafiava com esse conhecimento. Nesse mal-estar dos homens colhi uma segunda lição: a de que a travessia da tal fronteira entre o público e o privado só era permissível à Casa Quinze, nunca no sentido inverso.

Tive a nítida sensação de que apenas Suzanne Clijsters permanecia divertida, e do meu lado.

Mas, ao contrário do que eu esperava, madame Simon não deixou transparecer a mínima contrariedade. Afirmou que conhecia muito bem o jovem e que tínhamos muita sorte em tê-lo ao nosso serviço. Reprimi a custo a vontade de lhe perguntar por que razão não ficara então com ele, usando da sua prerrogativa de esposa do director-geral (perguntaria mais tarde o mesmo a Murilo, quando nos preparávamos para nos deitar, e ele respondeu que Travessa era sem dúvida mais útil àquela mulher servindo em nossa casa).

Fomos salvos do embaraço geral pela chegada do doutor Mascarenhas, o médico da Companhia. Devo dizer que com alguma decepção da minha parte, pois estava curiosa de saber até onde nos levaria o pequeno jogo. O médico – que eu via pela primeira vez embora Murilo já o tivesse referido em inúmeras ocasiões, sobretudo para aplacar os meus temores relativamente aos males que pudessem acometer o pequeno Miguel – revelou-se lesto a perceber o clima instalado, e arguto na forma como interveio.

‘Empregados?’, perguntou.

E, sem se dirigir a alguém em particular, imediatamente partilhou connosco a satisfação que sentia com a competência do novo enfermeiro que acabara de contratar, ao mesmo tempo que se aproximava do director-geral para aceder ao copo de *whisky* com que este último recebia os convidados, no seu caso com pouca soda e uma enorme quantidade de cubos de gelo.

Apesar de relativamente jovem, contou ele enquanto olhava o copo com uma expressão aprovadora, o enfermeiro parecia ter

alguma experiência colhida em postos de saúde de Chileka e Mwanza, do outro lado da fronteira. A morte do pai, aqui em Moatize, deixara a família numa situação muito difícil e obrigara-o a regressar. E em boa hora o fizera, pois o médico precisava desesperadamente de gente que o ajudasse a *dar conta do recado*.

Simpatizei de imediato com o doutor Mascarenhas. Ao tomar conta da conversa deixara madame Simon, habituada a estar sempre no centro das atenções, ligeiramente impaciente. Não todavia o suficiente para o fazer notar de viva voz. Pelo contrário, foi o médico que se dirigiu a ela com modos teatralmente reprovadores: ‘O que faz aqui na sala? Não devia estar deitada?’

Disparada assim de chofre, a pergunta surpreendeu-me. Como ousava o médico, que no fim de contas não passava de um funcionário como os outros, dirigir-se assim à todo-poderosa mulher do director-geral?

O seguimento da conversa desfez o pequeno enigma. Madame Simon passava por uma gravidez de risco e tinha ordens expressas, precisamente do doutor Mascarenhas, para permanecer deitada.

Monsieur Simon correu de pronto, de mãos levantadas, a protestar uma não menos teatral inocência: ele bem havia dito a Annemarie que permanecesse deitada! Se ela ignorava deste modo o risco que corria não era por falta de insistência da parte dele! E ambos, médico e director-geral, franziam o sobrolho em encenada reprovação, enquanto madame Simon se apressava a prometer-lhes que se recolheria após a segunda canasta.

Sim, porque era este o pretexto da reunião semanal na Casa Quinze. Melhor dizendo, era para isso que *nos* reuníamos, porque a partir daquele dia também eu passava a fazer parte dos eleitos que madame Simon queria junto de si todos os sábados.

Assim que se falou em canasta ela aproveitou para reagir. Ou seja, para voltar a tomar conta dos acontecimentos.

‘E Maria Antónia, porque não veio?’, perguntou.

Foi a vez do médico se colocar na defensiva. Gaguejando ligeiramente, respondeu que Maria Antónia, a esposa, se encontrava indisposta por causa do calor (todos sabiam quanto ela

se dava mal com o calor). Apesar da insistência da pobre, que chegara a arranjar-se para vir, o médico achara por bem que ficasse em casa a repousar.

Madame Simon reprimiu a custo a contrariedade. Não só pela razão mais geral de alguém ter ousado faltar à *chamada* – como se isso constituísse um desafio, uma espécie de princípio de rebelião – mas também porque ficava sem parceiros suficientes para constituir as duas mesas de jogo que planeara. Houve assim que proceder a uma pequena discussão sobre como escolher os três eleitos que, além dela, se sentariam à única mesa que naquelas condições ficava possível formar.

O médico excluiu-se de pronto, alegando estar cansado, o que não deixava de ser uma forma de expiar a culpa de ter provocado, ainda que involuntariamente, a situação. O director-geral, galante, fez um gesto na minha direcção (afinal de contas, aquela era a *minha* noite), mas eu apressei-me a dizer que detestava o jogo. Nova opinião ousada, que desta vez proferi na maior das inocências, sem ter ainda dimensão da importância da canasta naquele pequeno universo.

Baralhando as cartas com destreza, madame Simon lançou-me um olhar que eu não soube interpretar, e imediatamente escolheu Murilo para parceiro. Entendi essa atitude como um sinal, como se ela pretendesse desiludir-me relativamente a uma eventual frente que me pudesse passar pela cabeça estabelecer com o *meu* marido!

O último lugar vago foi ocupado pelo engenheiro Clijsters, um prémio para a docilidade deste homem apagado, para o gesto tímido que tivera ao voluntariar-se. Embora parecesse não lhe conceder grande importância (mal lhe dirigiu a palavra durante toda a noite), madame Simon mostrava-se generosa com aqueles que davam provas de se submeter ao seu jogo.

‘Veremos o que consigo fazer em defesa das mulheres’, disse ela, com o intuito evidente de reinstalar um certo clima espirituoso no serão, e começando a distribuir as cartas.

Apesar do esforço das ventoinhas – que giravam furiosas, produzindo um ruído abafado que só deixava de ser ensurdecedor

depois que nos habituávamos a ele – sufocava-se dentro daquela sala. Olhei em volta e vi que Suzanne Clijsters aproveitara a pequena agitação provocada pela escolha da mesa para se retirar para a varanda. Dirigi-me também para lá, sentindo um certo alívio por ter deixado de estar no centro das atenções. Passado o tempo curto em que representara a novidade, a poderosa rotina digeriria-me e voltava a tomar conta dos acontecimentos. A partir de agora eu ficava com a opção de me deixar dissolver ou passar a ser um elemento perturbador. Sim, tive a nítida sensação de que o meu período de graça estava em vias de expirar.

Embora trocássemos olhares, nenhuma de nós disse palavra. Suzanne Clijsters fumava. Voltou a interessar-se pelo céu estrelado enquanto eu, sem nada para fazer, me pus de fora a reparar na sala que deixara para trás, o centro nevrálgico da Casa Quinze e de toda a Companhia.

Os criados, dois, circulavam em silêncio entre a mesa de jogo e o aparador, servindo cafés e aperitivos, voltando a encher copos de *whisky* vazios, trocando os cinzeiros sujos ou correndo a cumprir mais outra das incessantes ordens que a dona da casa silenciosamente lhes transmitia com os olhos. Curioso como, apesar do estatuto de subalternos, não deixavam de ser eles quem fazia as coisas funcionar. Tinham nas mãos os jogadores.

‘Não se preocupe, acabará por habituar-se.’

Virei-me ao som destas palavras. Suzanne Clijsters encarava-me com o seu meio sorriso enigmático. Tinha o cabelo muito loiro e muito curto, um cabelo de rapaz. Foi esse, penso eu, o momento exacto em que ela decidiu que valia a pena disputar-me a madame Simon. Digo isso porque nos dias seguintes ambas me procurariam com idêntico empenho, embora cada uma à sua maneira: enquanto madame Simon me convocava novamente à Casa Quinze como se isso fosse a coisa mais natural do mundo, Suzanne Clijsters aparecia de surpresa em minha casa alegando vir tomar um chá. Das duas, a mais sincera na altura foi a mulher do director-geral, o que se compreende: habituada a segurar as rédeas da pequena comunidade, não sentia necessidade de esconder o seu jogo; ao passo que Suzanne Clijsters, com a sua enigmática distância, dava

a sensação de ter um cortejo de propósitos inconfessados, sensação essa que fui, gradualmente e com surpresa, confirmando. Era rebelde e misteriosa, no sentido mais profundo de ambas as palavras.

Mas voltemos à varanda. Suzanne, com uma espécie de languidez que o calor incutia em todos nós, disse-me que o que eu ali via era apenas a ponta do icebergue. Rimo-nos as duas da singularidade desta imagem no meio do infernal calor que fazia, mas não chegámos a desenvolver o tema por entretanto o médico ter vindo juntar-se a nós. Também ele deixara de ter o que fazer lá dentro, também ele procurava ar que respirar.

Mascarenhas era daquelas pessoas a quem a profissão permite pairar sobre a mesquinhez dos pequenos conflitos humanos. Digo isso porque, ocupando-se do sofrimento dos outros e não tendo concorrente à altura – se descontarmos o médico dos caminhos-de-ferro, que de resto vivia um pouco afastado e tinha um feitio irascível, sobretudo se o chamavam a meio da noite para uma emergência – era-lhe fácil estar de bem com todos. De facto, quem se atreveria a indispor-se com ele sabendo que mais tarde ou mais cedo estaria deitado numa cama à sua mercê? E o que é certo é que ele sabia tirar proveito da situação. Tirar proveito talvez não seja a expressão mais adequada uma vez que Mascarenhas não era dado às afirmações directas, muitas vezes grosseiras, dos homens brancos da Companhia, convencidos de não haver força na terra capaz de os desafiar, à excepção evidentemente de madame Simon. O facto de ser de ascendência goesa (o pai emigrara para Lisboa, onde casara com uma modesta senhora de Santarém) incutia nele a suavidade e cortesia permanentes de quem, naquele espaço onde a raça contava porventura mais que tudo o resto, sabia não poder dar nada por garantido. Ou seja, Mascarenhas munia-se de uma cortesia muito própria que lhe permitia nadar com razoável desenvoltura naquelas águas turvas. Foi com essa cortesia que, assim que chegou à varanda, me perguntou pelo pequeno Miguel.

Por mais curiosidade que Suzanne Clijsters despertasse em mim, com os seus icebergues e outras excentricidades,

evidentemente que o tema de Mascarenhas me interessava mais. Desde que aqui chegara que descobria, a cada dia, novas ameaças: nas pequenas centopeias que se dissimulavam no jardim, nas aranhas peludas que se colavam às traves do tecto de onde o mínimo acaso as podia fazer soltar e cair sobre nós, nas cobras venenosas de que já ouvira muitas histórias, enfim, nos mosquitos ou mesmo na água que bebíamos, que apesar de fervida e filtrada eu continuava a imaginar cheia de bichinhos. Por isso, há muito que desejava aproximar-me do médico, que aliás havia prometido uma visita a nossa casa e por um motivo ou outro até então adiara. Tinha-o finalmente na frente e fustiguei-o com uma série de perguntas, algumas delas, confesso, um pouco disparatadas.

A tudo respondeu com polida atenção, perante o olhar ora divertido ora entediado de Suzanne. Fiquei com a impressão de que ela pouco se interessava por crianças, e que a chegada do médico havia interrompido algo em que estava empenhada.

Como não podia deixar de ser, depressa o tema da conversa evoluiu do meu filho para Annemarie Simon, por insistência de Suzanne e, para minha decepção, com a pronta adesão de Mascarenhas. Era como se não pudessem passar muito tempo sem falar naquela mulher, como se ela os mantivesse enfeitiçados. Além disso, de outra forma não podia ser uma vez que, apesar de envolvida no jogo, madame Simon não deixava por isso de seguir o mais atentamente possível o que se passava na varanda. Várias vezes os dois tiveram de ir lá dentro – Suzanne para opinar sobre uma vaza (logo ela, que detestava a canasta!), Mascarenhas para fazer qualquer coisa que atenuasse um enjoo súbito que a tomara. Até eu tive de me levantar pelo menos duas vezes para, acompanhada de um rasto de divertidos sorrisos dos outros dois, chegar junto da mulher e ouvir os conselhos banais que ela subitamente se lembrara de me transmitir: evitar refeições pesadas ao jantar para não ter pesadelos durante o sono, ou ferver durante mais de vinte minutos a água que bebíamos a fim de evitar diarreias de consequências imprevisíveis.

De forma que, no espaço entre estas interrupções, lá fomos os três conversando em voz baixa, na varanda, acerca da extraordinária mulher. Se Mascarenhas, com o seu feitio muito próprio, revelava apenas uma resignação eivada de benevolente ironia face aos caprichos de Annemarie (que não deixava de ser a resignação profissional do médico), Suzanne mostrava-se mais enigmática. Por vezes pareceu-me notar que só a muito custo reprimia o ódio que nutria por ela, sensação que mais tarde eu viria a confirmar.

Entretanto, o facto de o interior da casa estar, em todos os sentidos, fortemente iluminado – pelas luzes dos candeeiros, pelo tilintar dos copos e pelas diabruras de Annemarie – fazia com que todos virassem literalmente as costas à noite lá fora. Eu seria talvez uma excepção, pois não resistia a manter debaixo de olho, pelo menos de quando em quando, a imperscrutável massa de escuridão riscada pela passagem de um ou outro guarda, um ou outro som surpreendente, uma estrela cadente precipitando-se do céu. Penso já ter referido o quanto a noite me perturbava. Por isso, foi ainda maior a minha inquietação quando, sem aviso, ocorreu uma silenciosa explosão de luz que iluminou o mato em volta com impressionante nitidez – as folhas uma a uma, com os seus diferentes tons de castanho-esverdeado, até as sombras que os arbustos projectavam –, apagando-se tudo outra vez para permitir, em toda a sua grandeza, o ensurdecedor estampido de um trovão.

Durante um momento riram-se todos, fora e dentro, do meu grito de pavor, um riso que não deixava de ser uma forma de esconder o nervosismo que eles próprios, naquelas circunstâncias, não podiam deixar de sentir. Quanto a mim, saltei da cadeira e corri para dentro em busca de Murilo. Mas foi Annemarie Simon quem me interceptou e abraçou, como se protegesse uma criança, ao mesmo tempo que segredava palavras que me acalmassem. Lembro-me da cena como se fosse hoje, seria até capaz de distinguir entre mil o hálito acre que revestia essas palavras.

Enquanto isso, como se obedecessem a uma misteriosa voz de comando, prepararam-se todos para partir de volta às respectivas casas. É que a chuva não ia tardar, e com ela falharia como sempre

a luz. Diziam isto e encaravam Murilo com divertida ironia, uma vez que era ele o engenheiro responsável pela electricidade.

De forma que o serão terminou algo precipitadamente, ou pelo menos assim o julguei. Digo isso porque, quando descíamos a encosta de regresso a casa – e as primeiras gotas de chuva martelavam já o *capot* do *Land-Rover*, pesadas como pedras – deixei escapar uma observação de algum modo estúpida, certamente para descomprimir do susto que apanhara e, também, tomada pela irritação que o ambiente daquele serão em mim deixara. Disse que ao menos o temporal fizera aquilo que ninguém naquela sala se mostrara capaz de fazer: acabar com a encenação de Annemarie Simon.

‘Estás enganada’, respondeu Murilo de olhos semicerrados no esforço de descobrir um caminho entre a revoada de gotas dispersas na escuridão, que as frágeis luzes do jipe mal conseguiam perfurar. ‘A mulher controla tudo, até a natureza. Aquele primeiro trovão assinalou o final do jogo e a sua invariável vitória na canasta! A ameaça da chuva chegou no momento certo, para acabar com um serão que, uma vez consumada a vitória ao jogo, perdia para ela todo o interesse!’

Notas Já reaprendera a viver sem ser constantemente importunado pela lembrança do caderno de Maria Eugénia Murilo – e, mesmo, do tal anúncio necrológico – quando, um certo dia, a necessidade de regularizar um documento me levou a uma repartição. A sala estava apinhada de gente e o calor era infernal. Estávamos salvo erro nos últimos dias de Janeiro, altura em que a avidez dos serviços públicos pelo dinheiro dos contribuintes é mais notória. Ao fundo havia um balcão corrido a todo o comprimento, dividido em *guichets* de vidro fosco com pequenas aberturas circulares, por onde os funcionários nos espreitavam, e ranhuras ao nível das mãos para que pudessem receber e devolver papéis. Do nosso lado todos queriam libertar-se quanto antes do pesadelo, remando contra o encapelado mar de corpos para conseguir chegar perto do balcão. Aqui e ali, vozes elevavam-se da multidão protestando contra o vício das autoridades de inventarem sempre novos

procedimentos como se o fito fosse o de manter a besta sempre bem segura pela trela. De vez em quando um responsável entreabria uma porta lateral para verificar se as rotinas funcionavam sem sobressaltos de maior, sorrindo satisfeito ou fazendo enigmáticos sinais se vislumbrava algum conhecido, convidando-o a entrar para um *tratamento especial*.

Os funcionários olhavam entediados pelas aberturas circulares, enquanto as filas se faziam e desfaziam segundo uma lógica que era um segredo bem guardado. Por vezes reagiam a um anúncio emanado aos berros de um dos *guichets*; outras, era um boato que as levava a engrossar para logo em seguida se esfatarem. Eu próprio (e confesso-o com certo embaraço) tentei passar à frente de outras pessoas, esticando o braço por cima das cabeças na esperança de que alguém me recebesse os papéis. Depressa, porém, me apercebi da inutilidade de tal empreendimento e, tomado pela falta de ar que os ajuntamentos em mim provocam, resolvi retirar-me para um canto à espera que os deuses, condoídos, se decidissem a precipitar algo de inesperado.

Fizeram-no. A certa altura, de um dos *guichets* começaram a ser anunciados nomes em voz alta, aparentemente de pessoas a quem os papéis eram devolvidos (não cheguei a perceber se por terem o *seu caso* resolvido, se devido a uma qualquer falha técnica que obrigava ao reinício do processo). Nada que me dissesse respeito uma vez que continuava com os meus papéis na mão. Durante largos minutos a monocórdica voz anunciou nomes como que ao acaso, provocando uma indignada agitação lá na frente. De repente, um desses nomes soou-me aos ouvidos com meridiana clareza: 'Travessa Chassafar!'

Pela segunda vez este nome provocava em mim uma sensação difícil de classificar. Enquanto me habituava à surpresa, vi que um velho franzino avançava com dificuldade, procurando achar um caminho entre o mar de gente. Lembro-me até de uma esganiçada voz de mulher ordenando que o deixassem passar, invectivando uma juventude que por qualquer razão deixou de respeitar os mais velhos. Enfim, já ele lutava para fazer a travessia inversa, olhando

desalentado os papéis que lhe haviam sido devolvidos, quando, arrumando os meus próprios papéis na pasta, me dispus a segui-lo.

Saiu para a rua e fiz o mesmo. Resolvi no entanto guardar alguma distância, para ter tempo de o observar melhor antes de abordá-lo. Era muito magro e caminhava com alguma hesitação, embora o cercasse o halo de uma certa dignidade. Olhávamo-lo e sentíamos que não havia caído na pobreza, antes resvalado lentamente para ela, se é que me faço entender. Era uma pobreza antiga, diferente das de agora, feitas de roupas novas e no entanto já rasgadas. Embora modesta e envelhecida, a roupa que envergava não tinha uma nódoa nem um vinco. Lembro-me de ter notado como contrastava vivamente com o rosto amarrotado como um papel deitado fora. O cabelo era todo branco.

Em frente das ruínas do Prédio Pott, um grupo de meliantes cercou-o e lançou-lhe em voz baixa aquilo que à distância me pareceram ameaças e impropérios. Talvez pensassem que os papéis que ele trazia tivessem algum valor, ou então era o facto de não ostentar nada que valesse a pena roubar que os tornara agressivos. O velho murmurou algumas palavras, ao mesmo tempo que se virava para trás em busca de socorro (passou-me pela ideia que tivesse sentido a minha presença). Estes jovens ladrões são sempre muito perspicazes. Seguiram-lhe o olhar, viram-me, perceberam, largaram-no e voltaram para junto da pilha de entulho de onde haviam saído, num dos buracos das referidas ruínas. Ficaram dali a olhar-nos, inesperadamente iluminados por uma coluna de luz que descia através de uma falha do tecto e contrariava a escuridão que costuma envolver este tipo de lugares.

Entretanto, o velho tratou logo de retomar a caminhada sem sequer olhar para trás. Quanto a mim, estuguei o passo antes que os ladrões resolvessem deixar aquelas pequenas ilhas claras e tomar-me também como alvo, e para não o perder de vista. Na Avenida Zedequias Manganhela, por trás do Mercado Central, quase o perdi num ajuntamento provocado por um automóvel que abalroara um *tchova* carregado de caixas de cerveja. O velho atravessou de olhos baixos o cenário espumante. Parecia tomado de uma súbita urgência. Inquietei-me quando o vi atravessar a

Avenida Filipe Samuel Magaia, sinal de que se dirigia para um terminal dos *chapas* que saem da cidade. Se não me apressasse perdê-lo-ia para sempre (sabe-se lá onde vão dar os infinitos caminhos que deixam a cidade!). Quase corri para o apanhar na esquina seguinte. Quando senti que estava próximo o bastante para me ouvir, em frente a uma das inúmeras lojas de chineses que ultimamente pululam por ali, gritei: 'Espere, quero falar-lhe da senhora Maria Eugénia Murilo!'

Virou-se com a mesma lentidão com que se virara minutos antes, na altura em que os jovens o invectivavam.

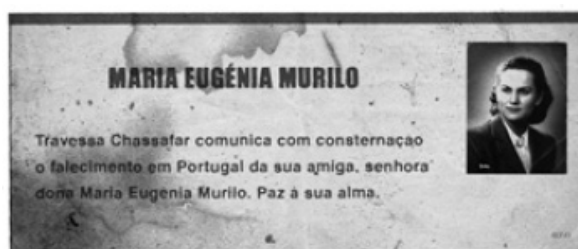
*

Não me foi fácil convencê-lo a conversar. Após a surpresa de ter sido abordado na rua daquela maneira, com recurso a um nome tão antigo, recuperou o domínio e afirmou, num atabalhoamento de velho, que estava atrasado, que não podia perder o *chapa* que estava em vias de apanhar pois não sabia quando teria a oportunidade de apanhar um outro, uma vez que estávamos naquela hora em que as pessoas saem dos serviços numa corrida desenfreada e se atropelam para ocupar um lugar nos transportes disponíveis. A idade impedia-o de competir com a ferocidade de uma multidão ansiosa por deixar a cidade.

Embora o seu argumento fizesse sentido, era evidente que recorria a ele para fugir à conversa que lhe propunha, cujo tema manifestamente o perturbava. Apressei-me a assegurar que não lhe tomaria mais que alguns minutos, e a prometer que se ele perdesse o *chapa* eu próprio me encarregaria de o levar ao destino.

Acabou por aceder. É curioso que, embora as suas reservas fossem patentes, fiquei com a impressão de que precisava há muito deste encontro. Mais do que isso, que *esperava* por ele. De forma que nos encostámos a um muro baixo, à sombra rala de uma daquelas inomináveis árvores urbanas capazes de resistir a sucessões contínuas de actos de vandalismo, e conversámos com a privacidade possível, isto é, em voz baixa, enquanto os transeuntes passavam por nós em vagas apressadas. Quem visse de longe ficaria com a impressão de que levávamos a cabo uma obscura transacção.

Confirmou ter sido ele quem mandara publicar o anúncio do falecimento de Maria Eugénia Murilo na página de necrologia do jornal *Notícias* (naquelas circunstâncias, não tinha como recusar). Confirmou igualmente ter pago o anúncio do seu bolso. Aliás, foi esse o motivo por que o encomendou para um só dia, e não dois ou três como é de praxe: o preço dos anúncios está pela hora da morte e ele tem uma pensão de reformado que não dá para quase nada. Já quanto às razões por que o fez não foi tão claro, deixando no ar impressões contraditórias. Começou por dizer que uma voz lhe tinha dito ser essa a sua obrigação, caso contrário ele ou membros da sua família sofreriam uma desgraça. Esta afirmação é muitíssimo interessante, mas na altura em que a fez eu não estava ainda em situação de lhe apreender cabalmente o sentido.



Por outro lado, começou por referir-se à antiga patroa com alguma distância, como se pretendesse atenuar a ideia que o facto de ter mandado publicar o anúncio dava a entender. A sua atitude fora uma espécie de gesto intempestivo que agora era tarde para anular, mas não para esquecer. Sim, foi isso, quase me convidou a esquecer o caso com o esforço de um sorriso que estava longe de me convencer.

O meu propósito com tudo isto é dar a perceber as dificuldades que, por meu turno, tive em convencê-lo. O instinto levou-me a deixar de lado, pelo menos por um tempo, grandes explicações que exigiriam dele uma definição de algum modo comprometedora, e a procurar pequenos detalhes sobre a vida da senhora Murilo. Como se o convidasse a ser meu aliado no aprofundamento de um assunto que nos interessava aos dois. Penso ter sido relativamente bem sucedido, uma vez que ele baixou um pouco a guarda.

Falámos então de várias coisas pequenas. Referi alguns episódios retirados das páginas iniciais do caderno. Afirmou lembrar-se bem do dia em que a patroa Maria Eugénia pretendeu mudar-lhe o nome, observando que há muito lhe havia *perdoado* essa atitude. Ela acabava de chegar a Moatize e ainda dizia coisas sem pensar. Quanto a ele, possuía já nessa altura aquilo que mais tarde se veio a dizer ser uma boa *consciência política*, e revoltava-se com a constatação de que os brancos até do nome das pessoas dispunham a seu bel-prazer. Riam-se de ele ter um nome assim – Travessa. Riam-se também de outros nomes comuns como Sabonete, Tábua, Pequenino, Fifteen ou Sixpence. Achavam que os pretos se tinham em tão pouca conta que não conseguiam distinguir-se dos objectos. Não lhes ocorria que pudesse haver energia na aspiração aos objectos que essas palavras designam; mais ainda, que pudesse haver beleza nos sons que essas palavras transportam, para lá do seu significado mais imediato. Segundo a curiosa interpretação de Chassafar, o significado é uma coisa que se imagina, é preciso conhecimento para chegar até ele. Já no caso do som as coisas são bem mais simples, até a uma criança ele pode agradar ou assustar. Afirmou que a cultura dos africanos é chegada a coisas concretas, sem muitos pensamentos que as compliquem. Embora não o tenha dito exactamente desta maneira, era sem dúvida isso que queria dizer quando lembrou que, em pequeno, as outras crianças costumavam transformar o seu nome numa cantiga (*‘Travessôô! Travessôô!’*) só para sentirem o prazer de encher a boca com essa alegre palavra da qual desconheciam completamente o significado (no meio da miséria em que viviam, como podiam conhecê-lo?). E, ao constatar tanta importância atribuída ao seu nome, o pequeno Chassafar enchia-se de orgulho. Ele próprio só muito mais tarde, na altura em que começou a servir nas casas dos brancos, veio a saber o que na verdade a palavra *travessa* queria dizer.

Um dos que mais *brincava* (curiosa maneira de dizer) com o seu nome era o inspector Cunha, da polícia política. Chamava-o de longe (*‘Ó Travessa, anda cá!’*), só para rir com os amigos da impressão que o facto de uma pessoa ter um nome assim lhe

causava. Segundo Chassafar, estavam porém muito enganados pois gozavam apenas o significado que a palavra tinha na língua portuguesa, coisa pequena se comparada com a riqueza que é saboreá-la, ouvir-lhe o som que tanto alegrava as crianças, como já referira. De qualquer maneira, Chassafar não tinha outro remédio senão atravessar a rua e submeter-se à humilhação ritual do inspector Cunha sempre que o malfadado acaso os levava a cruzarem-se no caminho.

‘Ó Travessa, como se chama o teu irmão? Panela? Prato?’

E ria com os outros.

Mas, já que falamos de significados, havia uma ironia ainda maior em tudo isto se tivermos em conta que, enquanto o inspector e os amigos se divertiam com o significado do nome de Chassafar, este devolvia-lhes silenciosamente o cumprimento. De facto, na língua de Chassafar – a língua Sena – *Cunha* significa defecar. Foi isto que ele me disse, com a irreverência de quem não tem precisa noção do peso das palavras numa língua que, apesar da passagem dos anos, só imperfeitamente dominava: que o inspector era um cagão!

Voltando à senhora Murilo e ao perdão que acabou por conceder-lhe. É que, afirmou, quando ela pretendeu mudar-lhe o nome para Augusto fê-lo com a melhor das intenções, sugerindo em alternativa o nome da pessoa de quem mais gostava: o seu marido. Não era tal uma prova de amizade? Pelo menos foi assim que o jovem Travessa na altura o entendeu. Mas perceber isso, segundo a sua lógica enigmática, não era ainda perdoar-lhe. O verdadeiro perdão por essa ofensa só veio quando Chassafar chegou à conclusão que Maria Eugénia, com o correr do tempo, acabou também ela por chegar à música das palavras, para lá do seu sentido.

Tentei levá-lo a desenvolver este fio de raciocínio que, embora enigmático, se afigurava promissor. Mas ele desinteressou-se, atraído por outra coisa que passou a inquietá-lo. Como soubera eu a história dos nomes?

Quando cometi a imprudência de lhe dizer que tinha na minha posse um texto escrito pela senhora Murilo onde tal assunto era

aflorado, mostrou-se deveras perturbado. Sondou-me com o olhar. Pela sua mente deve ter passado a possibilidade de eu ser da polícia. Sem dúvida que o receio e a curiosidade se debatiam dentro de si. Claramente venceu o primeiro, ajudado pelo *chapa* que chegava e que ele voltou a insistir ter de apanhar. Por um momento desesperei ante a perspectiva de o perder para sempre. Procurei rapidamente um artifício que o levasse a ficar um pouco mais, mas não tive tempo senão de rabiscar o número do meu telefone celular num pedaço de papel, e afirmar que teria o maior prazer em mostrar-lhe o caderno da senhora Murilo num próximo encontro, assim ele o desejasse.

Chassafar guardou o papel e saltou com surpreendente agilidade para o *chapa* que partia, enquanto eu, especado, fiquei a vê-los perder-se no meio do trânsito que subia a Avenida Guerra Popular.

Dois

Suzanne Clijsters veio ver-me uns dias mais tarde. Chegou cedo, sem se fazer anunciar (um comportamento muito típico destas paragens que eu própria, com o correr do tempo, viria a adoptar). Foi Travessa quem lhe abriu a porta. Encontrei-a já na sala.

Passeando lentamente o olhar em volta, Suzanne observou: ‘Que diferente que isto está! Muito mais alegre!’

Embora o comentário pudesse passar por um cumprimento, uma vez que dava conta da transformação que em tão pouco tempo eu ali fizera, não pude evitar uma sensação desagradável. Imaginei-a visitando a casa antes da minha chegada e confesso que a ideia não me atraía por aí além. Apesar da curiosidade várias vezes por mim manifestada, Murilo era muito reservado relativamente ao tempo que aqui passara sozinho. Esforçava-se por me fazer crer numa vida solitária, ocupada entre o escritório e as galerias da mina, umas partidas de ténis aos domingos e, claro, a incontornável canasta na casa do alto.

Suzanne pareceu adivinhar-me os pensamentos.

‘Muito antes do que está pensando!’, disse. E sorriu. ‘Esta casa já teve outras vidas!’

E, ante o meu olhar inquisitivo, contou-me que a conhecera quando era habitada pelo engenheiro Fink, a quem Murilo viera substituir. Os Fink, também belgas, haviam vivido aqui cerca de um ano antes de serem repentinamente obrigados a partir.

Sentámo-nos. Perguntei-lhe por que razão achava a casa agora mais alegre. Suzanne não me respondeu de imediato. Compreendi que aguardava que Travessa, entretanto chegado com o chá, se retirasse.

Ele demorou-se um pouco, porventura mais do que o necessário. Corrigiu a posição das chávenas na mesa de verga, dobrou cuidadosamente os guardanapos de pano, andou para trás

e para a frente com o açucareiro na mão como se estivesse indeciso sobre onde colocá-lo. É possível que quisesse ouvir o que dizíamos (é possível que fosse, como todos diziam, um espião da Casa Quinze).

‘Está bem assim, Travessa’, disse eu. ‘Podes ir agora.’

Só então Suzanne retomou o que dizia.

Não era bem uma tristeza da casa, que de resto estava quase igual. Era mais a tristeza de quem a habitava; mais exactamente, a tristeza de Agnès, a esposa do engenheiro Fink.

‘Como assim?’, interroguei.

Contou-me que a mulher que me precedera naquela casa fora uma grande pianista, premiada em Bruxelas, antes de se casar e abandonar a carreira para vir com o marido para África. Quando Suzanne chegou, os Fink já cá estavam e Agnès revelava os primeiros sintomas da degradação que viria a tomar conta dela.

‘Degradação?’

Sim, uma espécie de degradação. E Suzanne atribuía a minha estranheza à falta de experiência sobre a vida neste lugar. Um lugar, segundo ela, onde às mulheres era vedada a possibilidade de exercerem a sua função mais fundamental, precisamente a de serem mulheres.

‘Sim, Agnès não sabia ser mulher. E convenhamos que este não era o melhor lugar para aprender a sê-lo’, disse, como se falasse consigo própria.

Não compreendi de imediato onde Suzanne pretendia chegar. Mais tarde, observando as mulheres marcando o compasso do dia com o matraquear dos pilões sob os alpendres de palha, ou batendo a roupa nas pedras das margens do rio, lembrar-me-ia muitas vezes das palavras dela.

Todavia, não era às mulheres negras que Suzanne se referia, era às mulheres como nós que, uma vez aqui chegadas nem sequer da casa podiam cuidar.

‘Já contou quantos criados tem em casa?’, perguntou.

E, sem esperar pela resposta, enumerou-os: cozinheiros, mainatos, moleques, *macaiaias*, *mwana-cooks*, jardineiros, guardas, estafetas, ajudantes de todas as espécies. Uma multidão.

‘Até espiões!’, exclamou, olhando a porta que conduzia ao interior da casa.

Que restava às mulheres para fazer enquanto os maridos permaneciam nos escritórios ou na mina, enquanto jogavam ténis ou bebiam o seu *whisky & soda*?

‘Neste raio de lugar, nem sequer amantes se pode ter!’, concluiu num sussurro, com uma espécie de esgar.

Que lhes restava para fazer, lidos e relidos os Maughams e Zweigs disponíveis, folheadas as revistas velhas de três meses, ouvidos até à exaustão os Ray Conniffs de cada uma, cansadas de passar a manhã espreguiçando-se na cama, as tardes recostadas nas *chaises-longues* das varandas, fartas de dar rotineiras ordens a quem era mestre da rotina, precisamente esses criados? Restava-lhes o tédio, esse caminho a passos largos para a degradação.

‘Lembras-te da senhora Agnès?’

Suzanne falava agora por cima do meu ombro, dirigia-se a Travessa, entretanto regressado a saber se necessitávamos de mais alguma coisa. Interpelava-o directamente, num tom de desafio. Como se lhe dissesse que se pretendia ouvir a conversa tinha também de participar nela com a sua opinião.

‘Sim, senhora’, respondeu ele.

Notei na voz do rapaz um tom diferente, infinitamente mais tenso quando se dirigia a Suzanne. Longe da abertura que manifestava quando falava comigo. Como se o meu desconhecimento dos segredos que pairavam sobre este lugar fosse igualmente um halo que me protegia dos instintos maus de quem o habitava.

‘Estou a explicar à tua patroa quem foi a senhora Agnès. Lembras-te dela, não lembras?’

Suzanne ficara subitamente agressiva. Travessa Chassafar era uma estátua de ébano. Quanto a mim, sentia que me faltava a chave para entender aquele diálogo. Resolvi intervir antes que a situação, essa sim, se degradasse. Não achava bem que Suzanne entrasse em minha casa e se pusesse a falar daquela maneira com os *meus* criados.

‘Podes ir, não precisamos de mais nada’, disse secamente.

Travessa girou nos calcanhares e desapareceu, silencioso como chegara. Suzanne ficou uns momentos em silêncio, ligeiramente ofegante.

‘Ele sabe mais do que você imagina’, resmungou.

‘Mas... estava a falar-me em tédio e em degradação...’, cortei eu friamente.

Suzanne permaneceu calada, como se estivesse perdida nas suas lembranças. Mexendo distraída na asa da chávena de chá que tinha na frente. De súbito, levantou-se e exclamou: ‘Meu Deus, estamos atrasadas!’

E, ante a minha incredulidade, explicou que tinha vindo, não propriamente visitar-me mas convidar-me para um passeio. A história de Agnès havia-a distraído. E sem esperar pela minha reacção, abriu a porta de rede que dava para a varanda, desceu os degraus quase em corrida, a caminho do seu *Land-Rover*, ao mesmo tempo que gritava alegremente: ‘Tem *whisky* em casa, não tem? Traga uma garrafa!’

Não pude deixar de sentir, na sua atitude, uma certa grosseria. Mas, por outro lado, o pedido despertou em mim uma espécie de excitação. Como se ela me desafiasse a deixarmos ambas cair as máscaras, como se me convidasse a abandonar a formalidade das relações entre esposas de funcionários superiores da Companhia, uma formalidade que pelos vistos também ela desprezava.

É necessário dizer que Suzanne não deixava de ter razão nas observações que fizera: embora ainda poucos, os dias que aqui passara – sem que me coubesse mais que despedir-me de Murilo de manhã e esperar pela sua chegada ao fim do dia – haviam operado em mim uma certa transformação. Talvez fosse esta a degradação a que ela se referia. Por outras palavras, atraía-me a ideia de fazer qualquer coisa de diferente.

Divertida, chamei o Travessa e pedi-lhe que me trouxesse uma garrafa de *whisky* assim mesmo, sem copos nem soda nem gelo nem nada; e que o fizesse depressa; e que dissesse ao *macaiaia* que tomasse conta do menino; e que avisasse Murilo que eu saía, ele que não se preocupasse.

Ao contrário do que esperava, nenhuma destas ordens ditas de rajada pareceu surpreendê-lo. Aliás, era como se nada no bizarro comportamento dos brancos fosse capaz de surpreendê-lo. Não se moveu. Só passado um pouco caí em mim e me lembrei de que o álcool era algo a que os criados não tinham acesso. Havia muitas histórias de roubos e punições, longas *parcerias* entre patrão e empregado haviam sido desfeitas por causa de uma garrafa. Enfim, fui eu própria buscar a garrafa.

Referi já o que me parece terem sido as razões por que me dispus a aceder ao convite de Suzanne. Todavia, ainda hoje me pergunto por que razão o fiz *tão levemente*, até porque ela manteve um certo mistério sobre o lugar onde iríamos. Na altura, todas as minhas perguntas esbarraram com a resposta algo enigmática de que ela havia assumido o dever de me mostrar os segredos do lugar. Dizia-mo com um entusiasmo que, se por um lado me parecia genuíno (ela era assim, alternava uma placidez povoada de enigmáticos sorrisos com entusiásticos repentes), por outro seria também uma forma de anular uma possível resistência da minha parte. Quanto ao resto, ou seja, quanto ao que eram as suas verdadeiras motivações, só mais tarde eu o descobriria, e fá-lo-ia pagando um certo preço.

De forma que fui ter com Suzanne, que me esperava no *Land-Rover* com o motor ligado. Tudo isto aconteceu muito depressa. No entanto, não tão depressa que me impedisse de reparar no olhar de Travessa quando, já nos degraus da varanda, me disse simplesmente: ‘Não vá, senhora!’

A entoação era a de um pedido encarecido. Mas, no contexto daquele pequeno mundo, vindo assim de um criado, o pedido era de uma ousadia sem tamanho. Uma ousadia que me desconcertou. Nem sequer me passou pela cabeça pô-lo no seu lugar, de tal maneira a atitude era inesperada. Com outros protagonistas, sei-o bem, Travessa pagaria cara a insolência de se dirigir à patroa naqueles termos. Durante alguns segundos fiquei sem saber o que dizer. O único paralelo que me ocorre é como quem fica petrificada pela presença de uma fera, esvaziada de qualquer instinto. Como que enfeitiçada pela sua presença, inelutavelmente presa ao

fascínio do instante, sem sequer a capacidade de imaginar o que vai seguir-se. Digo isso não por naquele instante ver nele uma fera, longe disso!, mas por me sentir a mim como a presa.

Era um olhar estranho, que nunca lhe vira antes. E, no fundo, não deixava de ser um gesto de grande coragem, o de tentar interferir de maneira tão frontal nas decisões da patroa. Mas a essa conclusão só cheguei mais tarde, quando reflecti no caso com a surpreendente afirmação a ecoar-me na cabeça ('Não vá, senhora!'). Só mais tarde entendi aquele olhar como um aviso de quem não tinha o estatuto de os poder fazer, e que por isso desesperava. Quando tudo isto aconteceu, não me ocorreu mais nada, repito, senão ficar a olhar para ele sem saber o que dizer. E se voltei a este mundo foi porque Suzanne tocou a buzina com impaciência. Estávamos atrasadas.

Virei as costas ao rapaz e corri para o carro sem lhe dizer uma palavra.

*

A distância entre a minha casa e o posto de saúde era curta. Quando lá chegámos, Ernesto Cambala, o enfermeiro, esperava-nos cá fora à sombra de uma árvore. Suzanne mal abrandou. Gritou-lhe que subisse para as traseiras e prosseguimos viagem. A minha perplexidade acentuava-se. Que fazia o enfermeiro connosco? Que intimidades existiam entre ele e Suzanne a ponto de combinarem passeios? A todas estas perguntas ela respondia aos gritos, por cima do ruído do motor. Dizia-me que tivesse paciência, que era uma surpresa de que iria gostar.

À medida que nos afastávamos, serpenteando pela estrada de terra com o vento quente a empoeirar-nos as faces e a despentear-nos os cabelos, a surpresa ia-se mesclando com uma certa excitação. Passado um pouco, o suave acidentado das colinas começou a dar lugar a uma plataforma levemente inclinada onde surgiram palhotas dispersas numa malha que se foi adensando até se transformar num conjunto quase compacto de minúsculas casas de metal com telhados de zinco de duas abas, em desmazelado alinhamento; como se o projecto, antes de concluído, tivesse perdido todo o encanto aos olhos do seu autor. Muito juntas umas

das outras, naquele clima abrasador, mais pareciam pequenos fornos para assar os habitantes.

‘É o *compound* dos mineiros’, disse Suzanne com os olhos lacrimejantes da poeira fixos no caminho.

A presença da aldeia fê-la abrandar a marcha e tornar-se mais conversadora. Explicou-me então que trouxera o enfermeiro para a orientar, de outra maneira perder-nos-íamos naquele dédalo. De quando em quando virava-se para trás, numa muda interrogação, e o pobre homem, agarrado ao taipal, ia indicando o caminho.

À medida que passávamos, bandos de crianças surgiam de entre as casas e corriam atrás de nós em alegre algazarra, antes de desaparecerem dentro da poeira que o jipe levantava. Sempre que ficavam para trás, incapazes de acompanhar o andamento, de entre novas casas surgiam mais crianças para as substituir, de modo que avançávamos como um cometa ruidoso com uma cauda de risos e gargalhadas que se perdiam na poeira. Presa ao meu próprio preconceito (penso já ter referido quanto nessa altura ainda me julgava o centro das curiosidades alheias), não pude deixar de imaginar aquele cenário como que montado por nossa causa, com multidões de crianças escondidas para serem largadas assim que passássemos! Contrastando com elas havia mulheres, porventura as mães, que não saíam do lugar. Umas acenavam risonhas à nossa passagem, outras ignoravam-nos olímpicamente. Se interrompiam o que faziam era apenas para afastar o suor da testa com a mão, antes de voltarem a fustigar o milho nos pilões. Veio-me à ideia a conversa que havíamos tido antes, sobre as mulheres.

Suzanne mantinha-se alheia a tudo isto, presa ao caminho e a elaboradas manobras de volante para evitar galinhas, patos e cabritos que fugiam espavoridos na nossa frente. Mal se viam homens, salvo um ou outro velho, sentados e imóveis na escassa sombra dos exíguos telheiros. A um sinal do enfermeiro, Suzanne deixou a via principal para se internar nos meandros que a aldeia escondia. Quanto mais os caminhos se estreitavam, obrigando-nos a marcha mais lenta, mais os vultos se transformavam em gente que cruzava connosco o olhar e maior parecia ser o número de crianças que nos perseguiam; e mais altos, quase se diriam

ensurdecedores, os gritos da festa que era ver passar assim um jipe com duas mulheres brancas nele empoleiradas. Uma novidade que fazia sorrir as mulheres, enquanto os velhos se limitavam a virar-se lentamente à nossa passagem, com rugas fundas e olhares imperscrutáveis. Um deles, em frente a uma máquina de costura, accionava lentamente o pedal com os pés disformes. Retive-o com particular nitidez porque o seu olhar, escondido atrás de uns óculos grossos, espessos como duas foscas pedras de quartzo, se revelou impossível de capturar pelo meu. Olhou na minha direcção, é certo, mas atrás dos óculos vi apenas uma translúcida recusa de se deixar prender. Não rebeldia mas distância, se é que me faço entender. Tinha todo o tempo do mundo para levar a cabo a sua obra, e eram as mãos – feitas de uma matéria rugosa que eu adivinhava quente como a madeira – que guiavam o pano no caminho estreito em que a agulha lentamente debicava, enquanto o olhar parecia focar um ponto para lá do meu, directamente dentro de mim. Ou, quem sabe, para lá de mim.

Três pancadas secas de Cambala no taipal assinalaram que havíamos chegado ao destino. Suzanne imobilizou o jipe enquanto o enfermeiro saltava lá de cima e, com gestos largos, punha as crianças em respeito.

Saímos para junto de uma modesta palhota que era afinal aquela que Cambala habitava. Felizmente não nos convidou a entrar, apesar da manifesta curiosidade de Suzanne. Aquela mulher era insaciável! Perguntava ao pobre se era casado, se tinha filhos, quem lhe lavava e passava a roupa (todos lhe admiravam a bata alvíssima e muito engomada), e por aí fora. A tudo ele respondia com embaraçados monossílabos. Era evidente o seu desconforto. Levar esposas de engenheiros da Companhia a sua casa constituía uma atitude inusitada, difícil de classificar; e, se a notícia se espalhasse, com repercussões inimagináveis. Ainda hoje não sei o que Suzanne terá feito para o convencer a empreender aquela louca aventura.

Aos poucos a multidão foi dispersando, salvo algumas crianças que, obstinadas, se mantiveram junto de nós observando atentamente tudo o que fazíamos. Entretanto, Cambala surgiu com

uns pequenos bancos de madeira que colocou debaixo do alpendre (um deles tinha, cravada numa das extremidades, uma daquelas estrelas de metal que servem para ralar cocos). Sentámo-nos. Suzanne intercalava as perguntas com o gesto de levar à boca a garrafa de *whisky* de que se apropriara sem qualquer cerimónia. Não sei o que pensariam Cambala e as mulheres que nos observavam à distância. Quanto a mim, era uma atitude que começava a preocupar-me.

Tive a certeza de que a minha companheira também ali entrava pela primeira vez. E, por isso, que a segurança que ela pretendia transmitir estava longe de ser genuína. No fundo, estava tão surpreendida quanto eu. A razão por que agia assim comigo só mais tarde, e aos poucos, se foi revelando.

‘Não é isto tão diferente do mundo em que vivemos?’, exclamou. ‘Tão diferente de sua casa?’

‘Diferente, também, do mundo dessa Agnès de que me falou?’

Confesso que, durante a viagem até à aldeia, a mulher que Suzanne me havia *apresentado* me voltara a espaços à ideia. Que pretendia Suzanne quando falava em tédio e em degradação? Quando referia a impossibilidade de ela – de nós – sermos aqui mulheres? A minha observação não era pois mais do que uma tentativa de a fazer voltar ao assunto.

Suzanne sorriu: ‘Ah, portanto não esqueceu Agnès Fink.’

‘Fiquei apenas curiosa, já que ela habitou em minha casa’, respondi.

‘Ou você na dela!’, disse Suzanne.

E reatou a história que ela própria interrompera. Agnès Fink era uma mulher frágil e muito reservada, características que a estada aqui só acentuara. E, também, uma mulher obsessiva. No caso dela nem fora preciso esperar que o contexto criasse o tédio uma vez que trazia já desde Bruxelas essa inabilidade para tratar da casa. Não sabia fritar um ovo nem tinha o mínimo gosto para decorar uma sala; não bordava, as revistas mundanas nada lhe diziam. Enfim, nada daquilo que costuma ocupar as mulheres a atraía. Era pianista, esgotava nessa ocupação tudo o que sabia e tinha interesse em fazer.

Suzanne levantou-se e levou a garrafa à boca para mais um trago, antes de abrir os braços e dizer: ‘Acontece que aqui, neste fim de mundo, não havia um piano.’

O engenheiro Fink saía para o escritório e deixava-a prostrada na varanda; regressava e encontrava-a na mesmíssima posição, como se tivesse passado o dia imóvel, sem mexer um dedo.

‘Ali mesmo, na sua sala, ou por vezes na varanda. Estou a vê-la: pernas encolhidas, as mãos aninhadas no peito como se abraçasse o vazio. Parecendo ainda mais pequena do que era. Uma criança.’

‘Não tinham filhos?’, perguntei.

‘Bastava olhar para ela, para aquele desinteressado corpo de criança, e imediatamente percebíamos que jamais chegaria a ter filhos.’

‘E não havia maneira de lhe arranjar um piano?’

Suzanne sorriu: ‘Hoje, olhando para trás, a solução parece tão mais simples! É sempre assim: quando vivemos os acontecimentos olhamos tudo ao pormenor mas no fundo nada vemos. É necessário que o tempo passe pelas coisas como uma aragem para afastar a poeira com que os dias as cobrem. Só então as conseguimos ver na sua inteireza.’

O engenheiro Fink, claro, preocupava-se com o definhamento da mulher. Fazia-o sentir-se culpado. De uma das vezes em que foi a Salisbury, comprar peças para umas máquinas da mina ou algo assim, trouxe-lhe um gira-discos. A princípio a solução pareceu funcionar. Mas Agnès necessitava de mais do que simples alimento para os ouvidos. Bem vistas as coisas, a música só veio trazer som a um tédio até aí silencioso. É certo que nesse dia bateu palmas de contentamento, os olhos acesos por um raro brilho. Mas depressa deixou os discos rodando soltos no prato depois de terem chegado ao fim. Foi assim que Fink passou a encontrá-la quando regressava a casa: encolhida na cadeira, imersa no som áspero e repetitivo do disco rodando solto, um som de incansáveis ondas esbarrando num quebra-mar. Na maioria das vezes era ele que levantava o braço da agulha, reinstalando na sala o silêncio que ela há muito

tinha dentro da cabeça. Semanas mais tarde Agnès nem sequer se dava ao trabalho de fazer o gira-discos funcionar.

Confesso que por esta altura do relato quis deixar as coisas por ali. É que conversávamos as duas cercadas por gente silenciosa e expectante, o que tornava tudo muito desconfortável. No caso das crianças, a situação era atenuada pela curiosidade que tinham e, enfim, porque eram crianças. Mas com o enfermeiro era muito diferente. Quase forcei uma mudança no rumo da conversa, de modo a levar-nos mais perto desse mundo que nos cercava. Mas, ao mesmo tempo, enquanto Suzanne falava veio-me com meridiana clareza a imagem do salão da Casa Quinze naquela minha *primeira* noite, e o volumoso director-geral com o frasco do sifão nas mãos. Ao lado, havia um piano. Ou era um piano recente ou havia algo mais na história que Suzanne me contava.

‘Porque não tocava ela em casa dos Simon?’, perguntei.

Suzanne permanecia de pé, com a garrafa de *whisky* na mão. Olhava vagamente as palhotas vizinhas e, deixando-se ver por detrás delas, na plataforma inclinada, o horizonte.

‘Porque não tocava ela em casa dos Simon... Boa pergunta...’, disse, como se falasse consigo própria.

Tudo começou com um mal-entendido. Agnès não gostava dos sábados à noite na Casa Quinze, de forma que Fink ia lá sempre sozinho. Erradamente, ela considerava aquelas reuniões como uma espécie de extensão das actividades profissionais do marido, e por isso não se sentia obrigada a frequentá-las. Além do puro desinteresse, era como uma gazela desconfiada que evitava o laço. Ficava em casa, enrolada em si própria, às voltas com a sua instabilidade e a sua solidão (Agnès detestava o álcool). O problema é que a dona do laço, a generala, não gostava das ausências daquela mulher franzina, que tomava por atitudes de desafio.

‘Generala?’

‘Sim. Annemarie Simon, a generala. É assim que muitos ainda hoje lhe chamam.’

Acontece que as ausências de Agnès nos serões da Casa Quinze deixavam madame Simon num estado de surda fúria, sem

dúvida por ficar sem processo de saber, de modo directo, quem eram *verdadeiramente* os Fink: que perspectivas tinham, de que falavam, o que achavam de Moatize e da Companhia em geral (e, claro, dos Simon em particular); em suma, sem processo de saber o que acontecia naquela casa.

‘Que podia acontecer assim de tão importante?’, perguntei.

Suzanne fez um trejeito impaciente: ‘Isso terá de perguntar-lhe a ela, quando lá for para o inevitável chá.’

A curiosidade de Annemarie Simon era insaciável. Acabou por resolver o problema colocando naquela casa um criado *especial*, da sua inteira confiança. Há quem diga que tudo aconteceu por acaso – por qualquer razão necessitando os Fink de um criado novo e Annemarie Simon sabendo de um que estava disponível.

‘Difícil de acreditar’, concluiu com um esgar.

De qualquer maneira, o método trouxe tão bons resultados que Annemarie acabou por alargá-lo a todas as casas do pessoal superior da Companhia. Ou seja, a partir de então os funcionários que chegavam podiam contratar os criados que quisessem à excepção de um, uma espécie de *criado residente* que encontravam já na casa e não tinham maneira de despedir.

‘Com que direito impunha ela essa regra?’, perguntei.

Suzanne sorriu da minha indignação, sem se dar ao trabalho de responder. Disse, antes: ‘No caso dos Fink, esse criado era o Travessa Chassafar.’

Se bem que Murilo me tivesse alertado para essa função de Travessa, não pude deixar de sentir um calafrio. As palavras de Suzanne soavam como uma confirmação, não por conterem em si qualquer evidência mas pelo facto de se encaixarem numa lógica sem mácula. Perguntei-me o que diria Travessa de mim à sua verdadeira patroa, Annemarie Simon.

Suzanne prosseguiu. Na altura, Travessa era ainda um criado inexperiente. Há-de ter cometido alguns deslizes porque desde cedo Agnès compreendeu o significado da sua presença naquela casa. Tentou despedi-lo, o que, como é fácil de calcular, provocou um verdadeiro terramoto nas relações com a Casa Quinze. Annemarie enfureceu-se, deve ter pressionado o marido, que por

sua vez pressionou Fink. O pobre engenheiro há-de ter passado um mau bocado, entalado entre duas mulheres tão voluntariosas. No final as coisas lá se aquietaram, claro que com a submissão dos Fink. Travessa continuou a trabalhar naquela casa.

‘Pode imaginar-se o quanto o ambiente ficou irrespirável.’

Suzanne voltou a sentar-se. Colocou a garrafa no chão, entre as pernas, e acendeu um cigarro.

‘Desde essa altura que eu não entrava na sua casa,’ suspirou, virando-se para mim.

É provável que Fink tenha tentado fazer ver à mulher que, pelo preço de um pequeno sacrifício semanal ela teria acesso àquilo que mais desejava, tocar. Afinal, por várias vezes o director-geral dera a entender que Annemarie não era rancorosa, que os Simon tinham um piano na sala à espera que alguém lhe desse um préstimo (nenhum dos Simon tinha a menor inclinação para a música). Bastava apenas um sinal. Isso antes da oferta do tal gira-discos, numa altura em que de facto Fink ainda procurava uma solução concreta para o problema da mulher. Sim, porque oferecer-lhe um gira-discos não deixava de ser uma atitude de desistência uma vez que a angústia de Agnès estava na impossibilidade de se expressar, não de ouvir. Oferecer-lhe um gira-discos fora o mesmo que dizer-lhe que haviam desistido do piano.

Suzanne voltou a levantar-se: ‘Pelo menos é assim que eu, se fosse Agnès, teria interpretado.’

De qualquer maneira, o que importa é que Agnès estava disposta a tudo para tocar, tudo menos submeter-se à mulher do director-geral. E isso criou uma espécie de impasse.

‘Porque não se juntaram para lhe comprar um piano?’, perguntei.

Suzanne encarou-me fixamente. Para ela, embora involuntariamente, eu tocara no cerne da questão.

‘Não entende o que significava oferecermos um piano à pobre Agnès?’

A própria Suzanne, recém-chegada, e por isso ainda tomada de uma certa ingenuidade, colocara essa questão. Cedo porém pôde aperceber-se de que não era por falta de dinheiro ou de vontade,

era simplesmente por falta de coragem. Juntarem-se para oferecer um piano a Agnès seria o mesmo que declarar guerra a Annemarie Simon, e ninguém se atreveria a enveredar por essa via. Uma via que até ao próprio Fink, o marido de Agnès, assustava.

Suzanne interrompeu neste ponto o seu relato. Estranhamente, eu, que sou muito curiosa, não senti necessidade de ouvir tudo até ao fim. Explico-me: sentia-me bem naquele momento, partilhando com Suzanne uma indignação tão recente e já enorme, sem limites, uma indignação que se esvairia se tivesse conhecimento do destino de Agnès, necessariamente trágico. A história suspendia-se num momento em que prevaleciam a extrema arbitrariedade de Annemarie Simon e a extrema cobardia da pequena comunidade. Criava-se um espaço para que amadurecesse a minha revolta (a de Suzanne, sem dúvida que há muito estava madura).

A intenção dela, ao parar por ali – ao fazer com que a indignação me marcasse como um ferro em brasa – era evidentemente recrutar-me para a sua causa. Mudou de assunto.

Durante todo o tempo em que Suzanne contara a extraordinária história de Agnès, o enfermeiro Cambala havia tentado tudo para nos convencer a regressar. Após ter desaparecido por um instante, e regressado com uma peneira de vime cheia de maçanicas, uns frutos mirrados que lhe devia ter prometido, cirandara à nossa volta afirmando insistentemente que estava a pôr-se tarde. Suzanne nem sequer lhe respondera, limitando-se a indicar por gestos que esperasse mais um pouco. As sugestões do pobre homem haviam-se transformado em lamúrias, até que acabara por calar-se a um canto, com um semblante preocupado. Sem dúvida caíra em si e estaria matutando nos riscos que envolviam a situação em que se encontrava. Não deixava de ter razão.

Suzanne já havia bebido muito. Como disse, desinteressou-se de Agnès e voltou a atentar na realidade que a cercava. Estava eufórica. Falava alto. Ria. Interpelava as pessoas que passavam. Chamou a minha atenção para umas mulheres que nos observavam a uma certa distância. Apesar das condições precárias em que viviam, tinham expressões alegres e um ar seguro. Muitas tinham os seios descobertos. Embora quase sempre descaídos,

sem dúvida devido às imensas proles, havia-os também extremamente belos e enxutos, sobretudo nas mais novas. Os braços e as pernas eram vigorosos. Os dentes, quase sempre de uma total alvura. E nós, além da referida indignação, sentíamos agora inveja daquela alegria e daquela despreocupação. Suzanne, para desespero do enfermeiro, chegou mesmo ao ponto de esticar o braço, convidando com gestos algumas delas a aproximar-se para beberem da garrafa! O que elas, prudentemente e entre risos, recusaram (faziam-no de uma curiosa maneira, levantando ambos os ombros num gesto sacudido).

Fazia-se tarde. A noite descia já abertamente e com rapidez. Quando Cambala, ajudado por mim, convenceu finalmente Suzanne a partir, as pessoas rareavam já nos caminhos. Como se o fim da claridade obrigasse a um certo recolhimento. Deixámos para trás uma aldeia que um ligeiro cacimbo, feito de ténues fumos com um cheiro próprio misturado ao cheiro das fogueiras, tornava agora triste e algo misteriosa. As crianças haviam desaparecido, os pequenos animais estavam recolhidos. Nem sequer se viam as máquinas de costura nos alpendres. Por toda a parte descera um manto de silêncio. Tudo isto provocou em mim uma estranha sensação. Primeiro, foi como se todos me tivessem traído, ou pelo menos agido rudemente, desaparecendo quando eu ainda me encontrava no local. Em seguida, e ante o absurdo desta construção, constatei simplesmente que o mundo não se movia em meu redor. Foi, creio eu, um momento em que aprendi uma das mais importantes lições.

Suzanne fez calada o caminho de regresso. A seu lado, eu ia também perdida nos meus pensamentos. Por duas ou três vezes cruzámos com grupos de mineiros que voltavam dos seus turnos em fila indiana, pela berma da estrada. O silêncio que nos cercava era o grito de guerra de Suzanne, que eu sentia agora um pouco meu. Movia-nos às duas a sombra tutelar daquela mulher franzina que eu acabara de *conhecer*. Agnès Fink.

Quando Suzanne me deixou em casa as luzes já estavam acesas. Murilo esperava-me na varanda, com um copo de *whisky* na mão e um semblante carregado. Atrás dele, Travessa era uma

sombra imóvel que olhei com distância. Surgira algo de contornos imprecisos, mas muito grave, para se interpor entre mim e ele. Não tinha a ver com o ousado pedido que me fizera, nem com a explicação que pudesse ter dado a Murilo sobre a minha ausência. Não tinha sequer a ver com a sua ligação a madame Simon ou com o fantasma de Agnès Fink. Era algo mais estranho, que não posso deixar de aqui registrar. Algo que acontecera pouco tempo antes, quando ainda nos encontrávamos no *compound* e Suzanne se dispusera finalmente a regressar, para grande alívio do enfermeiro Cambala. Na altura, como digo, notei essa expressão de alívio e tive pena dele. Achei por isso que devia despedir-me deixando-lhe um claro sinal de que não partilhava da insensibilidade com que Suzanne parecia encarar a sua situação.

‘Gostei muito de ter estado aqui. Gostei muito da sua casa, obrigada’, disse-lhe.

‘A casa não é minha, senhora’, respondeu então Cambala. ‘Estou aqui apenas como hóspede. A casa é do meu amigo Travessa Chassafar.’

Notas Regressei algumas vezes à repartição. Ao mesmo tempo que procurava resolver o meu assunto, tinha a secreta esperança de dar ali com Chassafar mesmo sabendo que o que define os milagres é acontecerem apenas uma vez. Deambulei pela baixa, passei várias vezes pelo terminal dos *chapas*, demorei-me inclusivamente em frente ao Prédio Pott, ali onde o velho quase havia sido assaltado por jovens marginais. Em vão. Nele, ao que parecia, o receio havia vencido a curiosidade.

Seguiu-se um longo período de desânimo, em que chegou a ocorrer-me abandonar o empreendimento. É que, no fundo, tudo parecia depender daquele homenzinho: eu achava que só ele me poderia ajudar a desvendar os enigmas com que tropeçava a cada passo no texto de Maria Eugénia Murilo. Sem ele ficava apenas com o caderno para entrar naquele mundo, e isso era manifestamente insuficiente. A sua ausência paralisava-me.

E todavia, algo me impelia a prosseguir. Sopesei todas as razões que o teriam levado a mandar publicar o anúncio. Manda-se

publicar um anúncio quando se tem algo a comunicar a alguém. Mas, passados tantos anos, não me ocorria quem pudesse ter interesse na notícia da morte da senhora Murilo (sem dúvida que os contemporâneos dela que ainda fossem vivos estariam demasiadamente ocupados com o problema das respectivas mortes para pensarem na morte dela!). Seria então verdade o que ele dissera, que uma estranha força (*uma voz*, nas suas exactas palavras) o levara a publicar o anúncio a fim de evitar males maiores?

Dias mais tarde, em desespero, eu recorria mesmo ao artifício de imaginar opiniões de Chassafar já que não as podia ter, por assim dizer, em carne e osso. O que me diria ele sobre uma determinada questão? Por exemplo, sobre o drama de Agnès Fink, dado que nessa altura ele já servia naquela casa? E qual teria sido o papel por ele desempenhado nesse estranho episódio? Explico-me melhor: enquanto o caderno se limitou a dar o ponto de vista da autora de uma forma linear (as conclusões que Maria Eugénia retirava da observação do mundo em volta, a justificação das suas próprias atitudes), consegui segui-lo de maneira digamos que satisfatória. O problema surgiu quando ela começou a deixar que se intromettessem outros personagens, ou melhor, quando comecei a desconfiar que Maria Eugénia não sabia tudo, ou não *me* dizia tudo.

Convoquei portanto um Travessa Chassafar que não era o verdadeiro, ou que o era apenas numa dimensão muito particular. Cheguei até a imaginar o que ele vestia, em que locais nos encontrávamos, que tiques faciais tomavam conta do seu rosto quando confrontado com questões difíceis ou embaraçantes. Cheguei mesmo – imagine-se – a mudar de estratégia ante estes sinais de embaraço, que não eram mais do que um fruto exclusivo da minha imaginação.

Felizmente que acabei por perceber o erro em que incorria, de transformar Chassafar num personagem de ficção, e em consequência, ao seguir atrás dele, de me afastar da realidade e me perder. Digo erro porque as impressões de Maria Eugénia eram já suficientemente irreais, razão pela qual eu vinha encarando

Chassafar – desde que o acaso o pusera no meu caminho – como a única garantia que tinha de as ancorar na realidade. Uma garantia que, ao que tudo indicava, voltava a perder, mas que de qualquer modo a imaginação nunca me devolveria.

Seguiu-se então um esforço que, embora voltando a incidir em Chassafar, tentava fazê-lo desta feita no Chassafar de carne e osso. Porque tentara ele impedir que Maria Eugénia fosse com Suzanne à aldeia dos mineiros, por exemplo? Era destes mistérios que era feita a massa dele, e eu tinha de descobrir o que neles era real, se é que me faço entender. Intuitivamente, parecia-me que as respostas se localizavam na intimidade entre ele e Maria Eugénia, intimidade essa que só muito veladamente transparecia no caderno. Talvez ela viesse a estabelecer-se mais tarde, algures no resto do tempo que os Murilos ali passaram e que o caderno só muito sucintamente registava. Esta possibilidade levantava questões teóricas interessantes, relativas ao tempo e à forma como o manuseamos. Explico-me melhor: era uma possibilidade que me alertava para o facto de que, ao contrário do que acontecia comigo, o conhecimento do velho Chassafar não provinha do caderno mas de uma experiência pessoal colhida numa realidade de algum modo *destituída de tempo* (conhecia a história até ao fim). O que, no que toca àquela história, o tornava numa espécie de senhor todo-poderoso. E, por isso mesmo, redobrava em mim a necessidade de o encontrar.

Entretanto, não havia nada a fazer senão esperar. Nas semanas que se seguiram só me restou ir aceitando o que *me dizia* Maria Eugénia no seu texto. E, evidentemente, visitar o Arquivo Municipal, o que passei a fazer com certa regularidade. Ocupei dias inteiros encerrado numa sala mal iluminada, solicitando caixas de cartão que me chegavam impregnadas daquele cheiro metálico e vagamente gasoso dos venenos para combater a humidade, os ratos e os bichos do papel; caixas que um funcionário – na aparência ainda mais velho que o velho Chassafar – levava uma eternidade a ir buscar para depositar na minha mesa, como se tivesse de as capturar não só em salas profundas mas também num tempo distante, o tempo dos papéis que elas continham.

Várias vezes procurei surpreender no olhar do funcionário – cuja profissão tornara sem dúvida experiente nestas travessias do tempo – uma pista que me permitisse distinguir, de entre o infindável cortejo de caixas, e sem ter de esmiuçar-lhes o conteúdo, aquelas que seriam úteis ao meu empreendimento. Mas a energia do pobre homem esgotava-se naquele vaivém a que a vida o condenara. Pressentindo que eu estava na iminência de lhe pedir mais qualquer coisa do que as ditas caixas, depositava-as com as mãos trémulas e o olhar baixo, girava nos inchados calcanhares e desaparecia com a rapidez que a sua velha carcaça permitia, sempre sem uma palavra. Se a experiência lhe ensinara alguma coisa era sobretudo a evitar tomar como suas as angústias dos utentes, de outro modo teria sido destroçado muito antes de chegar à idade que tinha.

Naquelas semanas, passadas a abrir caixas com voracidade e impaciência, escrutinei grande parte da documentação do Estado colonial relativa ao então Distrito de Tete e ao Concelho de Moatize – ofícios, notas, memorandos, telegramas –, na esperança de ali encontrar uma luz que me permitisse avançar. Por vezes cruzava-me com um dos nomes mencionados no texto de Maria Eugénia, altura em que o meu instinto voltava a eriçar-se e tudo em volta ficava como que iluminado. Mas na maioria dos casos os documentos pouco revelavam.

Certo dia, folheando o conteúdo das pastas de um chamado *Arquivo Confidencial e Secreto dos Processos*, deparei com uma informação da polícia política dirigida ao Administrador do Concelho de Moatize e relativa à cidadã belga Suzanne Clijsters. Sim, a nossa Suzanne! Continha elementos genéricos sobre a chegada dos Clijsters, referia alguns dos seus hábitos e horários, nada que tivesse um interesse por aí além. Todavia, duas passagens deixaram-me intrigado. Numa delas, em termos confusos, típicos da terminologia policial, o autor da missiva, depois de lamentar a presença dos belgas em geral, *extravasados* do Congo e sempre dispostos a provocar dores de cabeça em quem tinha de zelar pelas *coisas*, perguntava-se se com Suzanne Clijsters não seria o caso de repetir-se a desagradável história do ano anterior. O

interesse residia na menção à mulher, embora nada ali houvesse que me permitisse descobrir o que acontecera de desagradável no ano referido. A segunda observação era ao mesmo tempo mais clara e mais enigmática. Era com ela que a informação policial encerrava. Dizia apenas: *Não obtivemos do depoimento do enfermeiro, e apesar de todos os esforços (que chegaram a ser veementes) nenhum indício que pudesse configurar propósitos subversivos.*

Na tarde desse mesmo dia ocorreu o impensável: recebi uma chamada telefônica do velho Chassafar que, após alguns rodeios, me perguntou timidamente se eu ainda estava interessado *naquele* assunto. Enquanto, eufórico, lhe sugeria um local e uma hora do dia seguinte, e me apressava a registrar o número que surgiu no mostrador (não permitiria que o peixe se escapasse duas vezes do anzol!), as ideias giravam em turbilhão na minha cabeça.

*

Chassafar surgiu pontualmente. Subiu com timidez a meia dúzia de degraus da esplanada do restaurante Costa do Sol. Parecia contudo alegre e jovial, muito diferente daquela pessoa que eu tinha encontrado dias antes. Felizmente, caía por terra a teoria de que nele o receio tivesse vencido a curiosidade. Assim que o vi fiz cálculos rápidos sobre o que deveria abordar em primeiro lugar, de entre tanta coisa que tinha em mente. Pus de lado a hipótese de começar por Suzanne Clijsters, que nos últimos dias privilegiara em função daquilo que relatei, pois se as indicações do caderno estavam certas isso iria pô-lo na defensiva. Era claro que não morriam de amores um pelo outro. Resolvi por isso incidir em Ernesto Cambala, o enfermeiro. Evidentemente que era uma alternativa que envolvia certos riscos, tendo em conta o pedido insistente que o próprio Chassafar fizera à patroa, de que não acedesse ao convite de Suzanne. Mesmo assim, comecei por aí. A curiosidade despertada pelo último diálogo entre Maria Eugénia e Cambala, quando se despediam, tornava esta opção irresistível. Além disso, a carta da polícia, lida no Arquivo Municipal no dia anterior, era como um desses véus que ao tapar convida

simultaneamente a espreitar. Tinha a certeza de que se tratava do mesmo enfermeiro.

‘Quem é Ernesto Cambala?’, atirei.

Nova surpresa, uma vez que a pergunta não o perturbou. Ou então era exímio em ganhar tempo. Abriu um sorriso largo que revelou uns dentes desgastados pelo tempo mas ainda dignos. Foi a primeira vez que o vi sorrir e era um belo sorriso. Começou por tentar uma resposta circunstancial, afirmando que Ernesto Cambala era um senhor que ele conhecera em tempos, um nacionalista de quem há muito havia perdido o rasto.

Seguindo o instinto, perguntei-lhe se esse senhor se tinha tornado uma figura importante depois da independência. Mas o assunto manifestamente não lhe interessava. Como mais tarde pude confirmar, não era que resistisse a ir por caminhos mais recentes. Sempre que o convidei a ir por eles deixou-se simplesmente ir, mas sem qualquer entusiasmo.

‘Tal como os grandes pouco se interessam pelos pequenos, também os pequenos desconhecem o mundo dos grandes’, disse, num tom aparentemente modesto em que não cheguei a perceber se havia uma ponta de ironia.

Quanto a mim, não lamentei na altura essa sua predisposição. Tinha muito com que me entreter no passado, pelo menos por enquanto. Apressei-me pois a corrigir a rota: ‘Antes disso, no tempo da senhora Maria Eugénia, já o conhecia?’

Confirmou que sim, que o conhecia mesmo antes desse tempo. Prontificou-se a esclarecer as circunstâncias em que o conheceu. Foi na cidade da Beira, numa altura em que trabalhavam ambos no Savoy Hotel, Cambala como cozinheiro e ele próprio como servente. No princípio falavam pouco, pois Chassafar era muito novo, quase uma criança, e a idade conta muito entre os africanos, disse. Além disso os cozinheiros acabavam por ser pessoas importantes, ao passo que o escalão de Chassafar era o mais baixo que se podia ocupar. Descascava batatas e escamava o peixe, empilhava cadeiras e lavava o chão, enfim, fazia de tudo um pouco em troca de um salário que mal dava para comer e pagar a renda

da miserável palhota que alugava a um vizinho no bairro da Chipangara, ou Pais Ramos como então lhe chamavam.

‘Uma pessoa passa por tudo nesta vida!’, disse, com um misto de saudade e amargura.

Apesar de tudo, nessa altura via as coisas com um certo optimismo. Teceu mesmo algumas considerações sobre o quanto, quando se é jovem, se torna tudo tão mais fácil. O emprego permitia-lhe permanecer na cidade sem que as autoridades o importunassem, além de que acreditava que cedo ou tarde surgiria coisa melhor. Do que gostava mais era de levar marmitas de comida aos escritórios das vizinhanças, o que lhe permitia andar uma boa parte do dia por fora, afastado do espaço apertado do hotel onde todos, por tudo e por nada, o mandavam fazer coisas. Com o mesmo sorriso, confessou candidamente que nesse tempo, embora se esforçasse por cumprir, era muito preguiçoso.

Lembra-se bem de como começou a amizade com o senhor Ernesto (nesse altura ainda o tratava assim; depois, muito mais tarde, foi assim que o voltou a tratar). Foi em frente de uma loja onde parava sempre nos intervalos das entregas. Era a loja de um grego, chamada qualquer coisa Comitís, não sabe se ela hoje ainda existe (há muitos anos que não vai à Beira e ouviu dizer que muitas lojas desapareceram). Era uma loja de bicicletas. Gostava de parar em frente da montra de vidro, na altura era doido por bicicletas. Ficava a olhar as marcas, *Raleigh*, *Humber*, *Realty Sports*, e a sentir o cheiro a borracha, dos pneus. O cheiro a novo. Nesse dia, enquanto olhava pela montra o brilho das cremalheiras, as correntes retesadas, os longos selins e os travões, e imaginava o tilintar de vidro das campainhas, ouviu uma voz por cima do ombro: ‘Um dia chegará a tua vez de ter uma bicicleta igual a essas.’



Era o senhor Ernesto Cambala. Foi só isso que disse. Não era grande coisa, mas por qualquer razão Chassafar achou ser uma coisa simpática de dizer-se. Nessa altura, como referiu, era grande a hierarquia não só entre os brancos mas também entre todos os outros. Chassafar não esperava que Cambala se dirigisse a ele nesses termos. Quando muito dir-lhe-ia que se apressasse para não chegar atrasado. Mas fez mais que isso, mostrou amizade, e uma amizade não dirigida ao rapaz mas ao sonho do rapaz. Pelo menos foi isso que percebi das algo confusas explicações de Chassafar, que afirmou ter ficado desde esse dia devedor ao cozinheiro. E o que é interessante é que Cambala correspondeu. Para tudo tinha uma história que Chassafar nunca ouvira antes, passada não só ali mas em muitos outros lugares, alguns deles bem distantes. Aprendeu com ele muitas coisas. Por vezes ouviam juntos a música da rádio (nessa altura ouvia-se *semangemange* e coisas assim, hoje a música é muito diferente, opinou).

Um dia – estava de folga – Chassafar surpreendeu-se com o aparecimento de Cambala à porta da sua palhota, na Chipangara. Vinha muito agitado, era a primeira vez que o visitava. Nunca chegou a saber como ele lhe descobrira a morada. Disse-lhe que pretendia ter uma conversa séria. Explicou, sem muitos rodeios, que perdera a confiança no futuro. Naquela cidade os pretos não

progrediam. Afirmou que no Savoy Hotel não passaria nunca de cozinheiro, o mesmo acontecendo com Chassafar, que nunca seria mais que servente. Aliás, nem estava seguro se continuavam a ser o que já eram: o Savoy ainda não recuperara totalmente de um grande incêndio, além de que o surgimento recente do Grande Hotel, dizia-se, acabaria por dar cabo de todos os restantes hotéis.

Chassafar ficou confuso. Por um lado acreditava em tudo o que o senhor Ernesto lhe dizia, mas, por outro, o próprio facto de ele ser negro e cozinheiro mostrava que era possível progredir pelo menos até àquele posto, que, como referira antes, tinha na altura bastante importância. De qualquer forma, cozinheiro era mais do que servente. Evidentemente que o argumento de Chassafar tinha toda a valia. Só que argumentar teria sido, segundo ele, falta de respeito. Nesse tempo, insistiu, o papel dos mais novos era ouvir e aprender, coisa que não acontece nos dias de hoje, em que cada um faz o que quer. Além disso, depois daquele encontro à porta da loja das bicicletas Chassafar seguia cegamente tudo o que o senhor Ernesto dizia. Limitou-se portanto a ouvir. E o que ouviu de Cambala foi que era preciso tentar a vida em outras paragens. Ia partir. Se Travessa quisesse podia ir com ele.

Confesso que até ali seguira as palavras de Chassafar como quem ouve música. Punham pelo menos duas figuras do caderno de Maria Eugénia num mundo real. Mas algo não batia certo na narração deste encontro em que a partida ficou decidida. Como é que Cambala, que até ali revelava grande confiança no futuro, mudava de súbito de posição dispondo-se a largar tudo? Foi isso que perguntei ao velho Chassafar.

Em nenhum momento pareceu hesitar. Contou-me que também ele havia feito esse raciocínio: o que levava o senhor Ernesto a mudar tão radicalmente? A conclusão a que chegou foi a de que havia uma razão imediata, ocorrida na semana anterior aos factos, e que se conta em duas palavras.

Nessa altura, hospedava-se no Savoy Hotel um obscuro campeão de luta livre chamado Zingoulinoff (pelo menos foi desta maneira afrancesada que me pareceu mais exacto grafar o nome, a partir da entoação que ele lhe deu), que Chassafar disse ser grego,

embora isso tivesse despertado em mim algumas dúvidas. De qualquer maneira, tratava-se de um homem fortíssimo, que uns diziam grande lutador, além de capaz de várias provas de força física como arrastar fiadas de automóveis estacionados, ou mesmo uma locomotiva ou um navio, no cais do porto, por meio de correntes de ferro seguras pelos dentes. Uma figura assim não podia senão causar sensação na pacata cidade, não só pelas façanhas referidas como também por se passear pelas ruas com longos cabelos negros untados de brilhantina e músculos enormes a espreitar das camisas apertadas, embora algo flácidos devido à idade (já não era propriamente novo). Acontece que, entre outras excentricidades, o lutador tomava o pequeno-almoço de sábado em público e com grande aparato, para que todos, por uma moeda simbólica, pudessem comprovar como era capaz de consumir de uma assentada vinte e oito ovos mexidos. Quem os cozinhava não era outro senão o nosso cozinheiro Ernesto Cambala. Era ele que os partia lentamente dentro da frigideira, depois de levantá-los um a um para que os populares que assistiam, esfomeados de acontecimentos, os pudessem contar em coro nas traseiras do hotel: um... dois... três..., e por aí fora até aos ditos vinte e oito. Num desses sábados, porém, algo correu mal e, na sequência de um diálogo surdo entre os dois, o lutador esbofeteou o cozinheiro na frente de toda a gente. Razões? Difícil saber-se. Segundo correu na altura, Zingoulinoff não gostava da maneira como Cambala cozinhava os ovos, e expressou o desagrado da maneira mais veemente. Todavia, para Chassafar essa versão escondia a verdade nua e crua que Zingoulinoff, talvez por estar indisposto, se sentira nesse dia incapaz de ingerir a quantidade de ovos alardeada e tratara de explorar um incidente com o cozinheiro para não perder a face diante de tanta gente. Quem, se não perdeu a face ficou pelo menos com ela danificada acabou por ser Cambala, e foi na sequência disso que, dias depois, num domingo, se dirigiu a casa de Chassafar para lhe propor a fuga.

O episódio em si não tem grande importância, a não ser para explicar a motivação particular de Cambala e, talvez, a medida em que o tempo antigo era polvilhado de repentes violentos que

atentavam contra a dignidade das pessoas. Se o menciono é também porque me mostrou que não podia confiar inteiramente em Chassafar. A sua já provecta idade levava-o a deter-se com grande minúcia em pequenas histórias deste tipo, o que legitimava a minha suspeita de que com isso se esquecia de outras mais importantes. Ou seja (e isso é compreensível), falava comigo para saborear as suas próprias memórias, mais que para me fornecer informações. Se eu não me precavesse, usar-me-ia como pretexto para tal fim!

Fiquei largos momentos em silêncio, reflectindo sobre o caminho que devia escolher. Ao velho Chassafar também agradava aquela pausa, para recuperar o fôlego. Olhava a praia na nossa frente, era manifesto que não estava habituado a sentar-se em esplanadas em frente ao mar (vivia num bairro suburbano das traseiras da cidade). No largo, acumulavam-se os vendedores de estatuetas e palhinhas à mistura com foliões que sobravam da noite anterior, abandonados ao sol com as vestes amarrotadas, bebericando restos de cerveja quente do fundo das garrafas. Alguns, em quem sobrava ainda alguma energia, interpelavam grosseiramente os passantes ou atiravam as garrafas contra as pedras assim que as viam vazias. Ensaivavam gargalhadas de difícil significado quando as viam desfazer-se em cacos. Ao fundo, o mar imperturbável mantinha as suas cores serenas e as suas velas de postal.

‘Devia haver quem pusesse aquela gente na ordem’, observei, apenas para manter conversa.

Ele olhou-me com certa estranheza, como se não percebesse o que eu queria dizer. Era como se não vivesse já esta realidade, como se fosse um homem transparente a atravessar a nossa espessa realidade. No fundo, pensei eu, era um homem do caderno.

Retomou então a sua história, em voz baixa, como se rezasse. Ele e Ernesto Cambala embarcaram num comboio no Dondo, nos arredores da Beira, com o propósito de chegar a Moatize. Partiram ao fim da tarde. Não corriam grande risco porque Cambala tinha documentos de trabalho e Chassafar, caso fosse interpelado, alegaria estar de regresso à sua terra por ter sido despedido.

Viajaram durante toda a noite, parando em pequenas vilas e apeadeiros, muitos dos quais ainda consegue hoje recordar (neste ponto, o velho Chassafar abriu os braços num gesto largo, como que para abarcar esses lugares que, afirmou, faziam parte da sua terra). Ao amanhecer, numa curva ainda um pouco distante da vila de Dona Ana, o comboio abrandou por causa de umas obras de reparação da via. Ernesto Cambala pegou subitamente no seu saco e disse a Chassafar que decidira fugir, passar a salto a fronteira da Niassalândia, que dali não era muito distante. Se quisesse, Chassafar que o acompanhasse.

Confessou-me candidamente que na altura teve medo. Medo de um Cambala desconhecido (porque não o preparara para aquilo com antecedência?), medo de ser apanhado, medo do que ia encontrar do outro lado da fronteira, enfim, medo de não mais poder regressar a Moatize. Nem sabia bem qual destes medos. A verdade é que permaneceu imóvel no assento, de boca aberta, enquanto Cambala saltava e se internava furtivamente no mato, a caminho da fronteira. Pouco depois, o comboio arrancava lentamente rumo a Moatize.

Reencontrou a família. Arranjou um bom emprego na Companhia Carbonífera, como se a terra se alegrasse com o seu regresso. Deram-lhe mesmo uma pequena palhota onde viver, perto do *compound* dos mineiros. Quase se esqueceu do tempo passado na Beira, era como se tivesse vivido sempre em Moatize.

‘Às vezes, somos como os cegos. Partimos para longe à procura daquilo que temos em casa’, disse.

Um dia, três ou quatro anos depois (e neste ponto voltava àquilo que verdadeiramente interessava), Ernesto Cambala tornava a cruzar-se no seu caminho. Resolvera regressar, estava diferente. Agora era enfermeiro, tinha aprendido a profissão na Niassalândia. Segundo Chassafar, Ernesto Cambala era um homem muito inteligente, aprendia rapidamente qualquer profissão e conseguia triunfar nela. Foi assim na cozinha e na saúde, foi assim mais tarde na política. Chassafar acolheu-o na sua casa enquanto ele dava os primeiros passos como enfermeiro no posto de saúde do doutor Mascarenhas.

A história tinha, como disse, um certo interesse. Explicava como os dois se haviam conhecido e porque haviam vivido juntos durante aquele período. Mas deixava de fora o essencial. Por isso resolvi intervir, imprimindo um novo rumo à conversa.

‘Lembra-se de um dia a senhora Maria Eugénia ter ido ao *compound* com uma amiga?’

‘Lembro, sim senhor’, respondeu.

‘Por que razão tentou impedi-la de fazer esse passeio?’

Era um tiro no escuro. Eu não sabia como ele reagiria, nem sequer se recordava o episódio.

Crispou-se ligeiramente. De olhos semicerrados, observou o movimento dos carros, o fumo que saía dos assadores de galinhas e de peixe junto das barracas da praia. Quis saber as horas, mas era ainda relativamente cedo. Desta vez não podia alegar estar atrasado. Senti nitidamente que acabávamos de ser sobrevoados por uma sombra. Perguntei-lhe se tinha fome e ele respondeu que não. Inspirou fundo, como se não tivesse outro remédio senão dar-me a resposta que ia dar.

Tentara impedir a senhora de ir à aldeia porque nessa altura ela não sabia nada sobre o lugar. Nessa altura ela ainda avançava como uma criança, ou então como uma pessoa cega. Ele tentara simplesmente impedir que ela caísse na armadilha da outra mulher.

Na esplanada, o movimento do almoço começava a tomar conta das mesas. O rumor das conversas subia de tom. A Chassafar regressou aquela inquietude de quem pensa na partida. Olhava incessantemente os *chapas* que chegavam e partiam, do outro lado da estrada. Subitamente, levantou-se e estendeu-me uma mão calejada e quente, um pouco trémula, antes de partir a toda a pressa, enquanto eu lutava ainda com o miserável dilema de lhe oferecer ou não dinheiro para o transporte.

Só depois de ele ter partido me dei conta de que não havia respondido à minha pergunta.

Três

Evidentemente que eu tinha a história de Agnès Fink presa na garganta quando, dias depois, Annemarie Simon me convidou para um chá em sua casa. Por essa altura eu já ouvira mencionar os chás da Casa Quinze mais do que uma vez, dizia-se que eram uma espécie de complemento das sessões de canasta dos sábados. Enquanto nestas últimas a Aranha (sim, mais um dos nomes que davam à mulher!) colhia informações de carácter geral observando os *súbditos* por assim dizer em interacção, os chás eram projectos específicos em que ela, com as suas minuciosas pinças, revolia as entranhas de uma única presa.

Há muito que o convite que me foi dirigido era esperado por todos. Sem nada mais que os distraísse, perguntavam-se – não só Murilo mas também alguns dos seus colegas e esposas – de que maneira a Aranha me prenderia na sua teia.

Durante todo esse tempo debati-me sobre o que fazer caso o convite chegasse. Aceitava-o ou inventava uma desculpa? Qualquer dos caminhos tinha as suas vantagens e deméritos. Comecei por ser tentada a recusar, pensando, como disse, em Agnès Fink, que cada vez mais sentia rondando os compartimentos da casa como uma velha companheira. Sim, a recusa era uma possibilidade que a inquietação que me pareceu notar nos olhos de Murilo, quando lha comuniquei, só veio reforçar. Opinou de pronto (embora com uma timidez prudente: conhecia as minhas reacções!) que seria deselegante recusar; que dar uma desculpa seria o mesmo que dizer que não me agradava ir.

‘Além disso, neste lugar acaba sempre tudo por saber-se’, disse, olhando inquieto por cima do ombro, na direcção da cozinha, de onde vinham ruídos de uma qualquer actividade de Travessa.

Retorqui, já alterada, que a sua subserviência me espantava; mais do que isso, que ela me desapontava profundamente. O que acontecera àquele Murilo combativo que eu conhecera? Já quanto

a mim, acrescentei, ele podia ter a certeza de que em mim ninguém mandava!

‘Vou se quiser, se não quiser não vou!’, concluí, com talvez excessiva agressividade.

Murilo permaneceu imperturbável. A distância entre nós fora consideravelmente aumentada pela minha visita à aldeia com Suzanne Clijsters, acontecimento que andava, claro, na boca de toda a gente mas que só indirectamente fora aludido em nossa casa, e portanto se mostrava ainda longe de estar resolvido. Afirmou que a minha atitude era infantil. Já a sua, não era ditada pela subserviência, como eu dizia, mas por pura e simples boa educação. Asseverou que bastava uma palavra minha e ele despedia-se do maldito emprego e regressávamos os três a Lisboa. Se eu lhe dissesse que era isso que me tornava feliz, de imediato tomaria a atitude.

A reacção de Murilo só piorou as coisas. Ainda hoje, decorrido tanto tempo, me entristece o episódio. Era como se o destino nos pusesse na mesma rota mas em sentidos contrários, perverso a ponto de nos deixar adivinhar o choque frontal que aí vinha. Um choque que antevíamos com temor à medida que a cortesia criada pela separação se dissipava lentamente para deixar surgir, nuas e cruas, as perspectivas antagónicas com que olhávamos o mundo. A minha, feita de curiosidades que se diluíam num misto de tédio e de revolta (como a teoria de Suzanne se revelava pertinente!); quanto à dele, permanecia para mim um mistério.

Voltando ao que interessa. Senti, na altura, que Murilo me submetia a uma espécie de chantagem. Que faríamos nós em Portugal, onde ele dificilmente acharia um emprego como este? Que faria eu quando tivesse de enfrentar todos os dias a muda censura do seu olhar, real ou inventada? Virei-lhe as costas e meti-me no quarto, batendo com a porta.

Passei dois ou três dias muito difíceis, ciente de que da minha resolução dependeria muita coisa no futuro próximo. A Aranha convidara-me com bastante antecedência, quiçá querendo com isso dizer que me dava todo o tempo do mundo para reflectir; que reconhecia a importância da decisão que eu estava em vias de

tomar – se me tornava ou não sua inimiga – e me dava o tempo necessário para a pesar. Foi o que fiz, fechada no quarto ou dando curtos passeios pelo jardim sempre que Murilo não estava em casa, uma forma de economizar as palavras proferidas que, como é sabido, obscurecem a reflexão. Nas ocasiões em que saía, interpelava o jardineiro sobre uma ou outra decisão a tomar em relação a flores e a canteiros, dava ordens ao *macaiaia* a respeito do Miguel e pouco mais. Na verdade, durante esses dias não troquei mais que um punhado de palavras com Murilo.

Tudo tem, no entanto, um limite. Podemos ponderar até certo ponto, mas ir além dele não nos traz qualquer vantagem, apenas confusão. Podemos identificar prós e contras até ao infinito sem que isso nos ajude minimamente a decidir, e foi isso que procurei evitar. Foi a certeza de que a solução dependia de uma súbita intuição que me levou a deixar o quarto e a voltar ao mundo da casa.

Apesar de tudo, não pode dizer-se que o jantar que se seguiu tenha sido sereno como costumavam ser os nossos jantares. A sombra de Travessa servindo silenciosamente à mesa não ajudava a melhorar o meu humor. Fixava-o nos olhos, como se me faltasse apenas um pretexto para descarregar sobre ele a minha ira, mas o pobre nem sequer baixava os seus. Mantinha-os fixos em mim à espera de uma eventual orientação! Desconhecia os nossos jogos, o que em si constituía a melhor garantia contra as armadilhas que estes lhe podiam armar. Entretanto, não abri a boca para uma palavra, de modo que todo o serviço do jantar correu desta vez por conta dele. Murilo, cauteloso, também manteve o silêncio.

Como disse, passara o último dia cada vez mais insegura, sem saber como prosseguir a reflexão. Recusar o convite da Generala também me incomodava, não por medo mas por sentir intuitivamente que isso de algum modo equivalia a submeter-me aos desígnios de Suzanne Clijsters. Como se me desse agora conta do risco que corria, de ser sugada para o mundo ansioso e revoltado daquela mulher. Além de detestar hierarquias, algo me dizia que tal seria também de uma imprudência gratuita. O que decidir?

Já à sobremesa, quando me dirigi finalmente a Murilo para lhe pedir que no dia seguinte me enviasse um carro para me levar à Casa Quinze, pude adivinhar – pela segunda vez em poucos dias – o seu imenso alívio.

*

Dizia eu que levava Agnès presa na garganta. E lá ficou, pois aquele primeiro contacto a sós com Annemarie Simon revelou-se em parte uma agradável surpresa. Ou ela era muito sagaz – percebendo que à primeira referência negativa a Suzanne eu soltaria a torrente de sarcasmo de que já dera mostras no sábado da canasta – ou então não atribuía assim tanta importância a essa mulher. Falou nela, claro, mas no mesmo tom com que falou de muitas outras pessoas, com o propósito, aliás explicitado, de me pôr ao corrente do mundo que nos cercava e de que eu passara a fazer parte. Não duvidava que Murilo já me tivesse explicado muita coisa, sobretudo acerca das pessoas que estavam presentes na noite da canasta, mas confessava não ter em grande conta a sagacidade masculina. Não visava Murilo em particular, precisou, mas os homens em geral, entorpecidos pelo trabalho e por uma espécie de ingenuidade que os fazia sentirem-se responsáveis por todo aquele mundo, mas nada sabendo afinal sobre o que verdadeiramente acontecia e importava. Se referira o exemplo de Murilo – que certamente passava o dia enfiado no escritório sem grandes oportunidades para observar o que acontecia em volta – era porque era exemplo que eu podia comprovar.

‘Aposto que o seu marido chega, dá-lhe um beijo distraído, atira um punhado de pedras de gelo para dentro de um copo, derrama sobre elas uma generosa quantidade de *whisky* e por fim senta-se numa cadeira murmurando qualquer coisa sobre o tempo abafado e sobre o dia terrível por que acabou de passar, enquanto abre um jornal velho de uma semana ou duas como se fosse da máxima urgência encontrar ali qualquer coisa.’

Tinha razão.

‘E sabe por que tenho razão? Porque fazem todos assim, incluindo o meu.’

Prudente, para que aquela interpretação tão geral não se concentrasse em Murilo, dava agora exemplos da inépcia do próprio marido, o director-geral que, segundo revelou, tinha tanto de generosidade e bom coração quanto de *miopia* (foi esta a palavra que usou). Isso fazia com que recaísse sobre ela a responsabilidade acrescida de o ajudar na tarefa tão difícil que era gerir a *Compagnie*, proteger aqueles que nela trabalhavam; e, não o negava, protegê-lo a ele próprio.

Quem a ouvisse ficava com a sensação de que corríamos todos um iminente perigo de extinção! E da sua expressão transparecia uma tal mistura de candura e pompa que, confesso, pela primeira vez em muitos dias me apeteceu sorrir.

Mas estou a ir muito depressa. É necessário que pare e explique o motivo porque me dispus a ouvir todas estas preocupações de Annemarie; logo eu que, mais do que tudo, ia disposta a pôr as coisas em pratos limpos. Há que parar e reconhecer que ela ganhou por mérito próprio o direito a ser ouvida. E fê-lo com infinita paciência, suportando as minhas pequenas investidas iniciais com um sorriso indefinido nos lábios.

Desde logo Agnès Fink, o assunto mais urgente que eu levava, aquele que na primeira oportunidade, e de forma directa, introduzi.

‘Falaram-me há dias nos Fink, o casal que habitou na minha casa antes de Murilo chegar. Confesso que fiquei curiosa, sobretudo em relação a madame Fink. Desde então que ela não me sai da cabeça. Sinto-a rondar pelos meus corredores como se a casa não fosse inteiramente minha, como se tivesse de partilhá-la com estranhos. Sento-me à varanda e é como se fosse observada por fantasmas. Além, claro, da gente de carne e osso!’, disse.

Além de Agnès, introduzia grosseiramente o criado Travessa na equação. Fazia-o sem sequer olhar para ela, ao mesmo tempo que afagava com os dedos o teclado branco e preto do piano dos Simon (levantara-me e caminhara pelo salão, acabando por me sentar ao piano sem qualquer cerimónia); sem fazer soar as notas, apenas para descobrir a sensação que Agnès teria se um dia tivesse soçobrado, se um dia tivesse desistido de fazer frente a forças muito maiores do que ela. Valente mulherzinha, agarrada

com unhas e dentes à única coisa que lhe sobrara: o seu orgulho! Ao mesmo tempo, claro, queria ver o que as minhas palavras provocavam na Megera (ainda um outro nome que, desta vez, sou eu a dar-lhe). Por isso, quando acabei de falar virei-me para a encarar. Olhos nos olhos.

‘Tenho ouvido muitas histórias acerca de Agnès Fink, histórias muito tristes, histórias que chegam mesmo a ser revoltantes...’

Não consegui perceber se a minha observação a perturbou. Guardou um certo silêncio antes de responder, é certo, mas talvez fosse o silêncio que é legítimo guardar na sequência de uma interpelação assim directa. O silêncio necessário para armar a resposta que, reconheço, eu fazia por merecer.

‘Concordo consigo’, acabou por responder. ‘A história de Agnès é uma história muito triste.’

Arqueei as sobrancelhas: ‘Triste em que sentido?’

Hoje, tanto tempo decorrido, localizo esse momento com grande nitidez. Foi aí que me deixei levar. Como o conseguiu a Megera? Simplesmente evitando responder à minha ironia com a sua, que o tempo me ensinou ser fina, insidiosa e letal sempre que necessário. Pelo contrário, suportou com uma espécie de estoicismo as minhas investidas, mesmo quando as alusões raiavam o insulto. Ou seja, fez jus ao nome que lhe davam, de Aranha. Estendia a teia com vagar e paciência.

Ah, convém não esquecer também que Annemarie Simon estava em adiantado estado de gravidez e que, sempre que tal lhe era útil, sabia fazer com que a interlocutora o notasse: mudando de posição com ostensiva dificuldade, amparando a volumosa barriga com as mãos, pedindo uma almofada suplementar ou mesmo, se necessário, gemendo alto.

Enfim, aos poucos foi-me revelando uma outra Agnès. Sempre pianista, é certo, sempre pequenina e de aspecto frágil, mas também altamente voluntariosa e imprevisível. Nesta versão, uma mulher afinal vítima do seu próprio feitio irascível, conclusão ilustrada por episódios de contornos imprecisos em que havia tentativas goradas de levar o piano dos Simon para casa dos Fink às costas de trabalhadores das minas, ou escapadelas e

deambulações de Agnès difíceis de explicar, pelos montes inóspitos dos arredores do Zóbuè no intuito de participar em estranhos rituais.

Estava aqui a arte. Eu procurara pô-la na defensiva mas ela, fazendo com que a minha curiosidade se ampliasse, virava de certa forma o jogo. E isso sem apelar aos galões que o estatuto de mulher do director-geral lhe conferia! Usava simplesmente a ciência milenar de lançar o isco.

‘Como assim?’, perguntei, ansiosa já por saber tudo, a começar por essa história do piano.

‘Eu conto.’

A versão dela era muito diferente da de Suzanne, embora com um pouco de atenção se pudessem estabelecer pontes entre as duas. Madame Simon enviara o piano encosta abaixo, às costas de oito trabalhadores para esse efeito dispensados das tarefas normais pelo director-geral. O dia fora escolhido judiciosamente, Agnès Fink deslocara-se a Tete por uma razão que Annemarie não conseguia então precisar. O que interessa é que Agnès regressou a casa e deparou com o piano plantado no meio da sua sala. Evidentemente que a parte do episódio passada na casa dos Fink terá de ser imaginada, pois nessa altura, ao que tudo indica, a Aranha ainda não tinha os seus informadores. De qualquer maneira, ao que se soube Agnès Fink ficou a olhar longamente o piano, engolindo em seco e reflectindo sobre o significado de tudo aquilo, até que acabou por dizer: ‘Ou sai o piano ou saio eu!’

Imagine-se o pobre engenheiro Fink! Depois de todos os trabalhos a que se havia sujeitado para estabelecer com Annemarie Simon aquele *contrato*. Claro que ela, quando me contou, passou ao largo de todos estes pormenores, fazendo depender a entrega do piano simplesmente do seu bom coração. Quanto a Agnès, a sua atitude não me pareceu assim tão surpreendente. Debateu-se entre a tentação quase irracional de soltar as mãos sobre as luzidias teclas de marfim e o inescapável orgulho que tal impedia absolutamente. A única frase que pronunciou estava longe de ser um capricho: traduzia antes uma escolha que terá sido sem dúvida muito dolorosa.

E, embora nada me tenha dito a respeito, tenho a certeza de que Annemarie percebeu muito bem, quando viu chegar encosta acima, às costas dos mesmos trabalhadores que foi necessário voltar a dispensar da mina – e ainda por cima em dia de raro chuvisco que há-de ter provocado algum dano na madeira – o bendito piano. Percebeu a escolha de Agnès e, com isso, percebeu também que deixara de haver possibilidade de reconciliação. De facto, o que quer que o pobre engenheiro Fink tivesse prometido em troca, no gesto desesperado de trazer para casa um piano, era algo que já não podia ser cumprido uma vez que, pouco tempo depois, os Fink eram obrigados a deixar Moatize.

‘A história de Agnès Fink pouco interesse tem, além de mostrar o que pode acontecer a nós mulheres, neste lugar, se não tomarmos muito cuidado’, disse Annemarie à guisa de conclusão.

Era talvez também, achei eu, um convite a que mudássemos de assunto.

Tentei resistir, vendo ainda, na afirmação, uma ameaça. Perguntei o que nos podia acontecer de assim tão mau, e que devíamos nós fazer para o evitar.

Enquanto nos servia mais chá, Annemarie procurou outros exemplos que me esclarecessem, exemplos de mulheres que *não haviam tomado cuidado*. Retive o de *Balançoise*, a secretária do seu marido, dotada de um corpo um tudo-nada roliço mas dentro dos parâmetros daquilo que se podia considerar de escultural, e que a pobre fazia balançar quando se movia, incendiando com o movimento a imaginação de todos os homens da *Société*. Lembrava-me vagamente dela, de uma das poucas vezes que me fora dado visitar o escritório para assinar uns papéis. Usava uma saia muito justa que lhe comprimia as ancas largas, com uma moderna racha atrás, tão funda que deixava ver, já nem digo as pernas bem torneadas e os gémeos que os estiletos que calçava faziam sobressair, mas até as dobras da parte de trás dos joelhos, que segundo Annemarie, e entre uma suave gargalhada, estavam na origem de mais do que um *fétiche*. Ingénua e ignorante, perguntei na altura por que razão tinha essa mulher um nome francês – *Balançoise* – se ela me parecera o mais possível

portuguesa. Annemarie riu-se. Disse que a palavra só no som aproximado era francesa, que na verdade resultava de uma fusão entre o francês e o português ao jeito muito particular de Moatize. E que assentava como uma luva na secretária do marido. Concluiu que não havia como os portugueses de Moatize para baptizar as pessoas. Faziam-no com sentido de humor e precisão.

Não pude deixar de concordar, passando mentalmente em revista os nomes que ela própria fizera por merecer: generala, aranha, megera, *diabona*, dama de Las Vegas ou de espadas, *etc.* Podia ser que *Balançoise* quisesse pôr de joelhos os homens da Companhia a fim de escolher aquele que lhe fosse mais conveniente, ou então estavam todos redondamente enganados e ela não fazia mais do que gostar muito de si própria, exercer esse direito de uma maneira digamos que peculiar. Mas, embora nunca se lhe tivessem conhecido casos, ou talvez por isso mesmo, uma coisa era certa: *Balançoise*, ao caminhar com aquele balanço insinuante não tomara o cuidado que as mulheres brancas deviam tomar neste lugar, e o resultado é que não mais se libertaria daquele nome nem da reputação que a ele vinha associada. Quisesse ou não, fosse ou não, *Balançoise* passara a ser, na expressão sarcástica de Annemarie, *une putain*.

Haveria ali algo mais? Uma aventura do director-geral? Confesso que por esta altura eu já havia perdido muito da combatividade que trazia para o poder aprofundar. Tomou-me uma espécie de torpor que se foi tornando intenso a ponto de ser hoje impossível, de tudo o que se falou, lembrar mais que fragmentos desgarrados. Era como se ela tivesse posto qualquer coisa no chá. De *Balançoise* passámos, creio eu, a uma tal Argentina. Deixei-me levar por um turbilhão de nomes e ideias que Annemarie debitava com nervoso entusiasmo. Pude notar que o pessoal superior da Companhia não esgotava a sua atenção. Demonstrou um conhecimento minucioso sobre pequenos funcionários brancos, caçadores, capatazes e comerciantes, que via de modo muito particular. Dessa Argentina, contou que era uma mulher de meia-idade, perfeitamente anónima e vulgar não fosse estar imbuída de um desejo que faria sentido no corpo de *Balançoise*, mas que no

seu, destituído de qualquer balanço, se tornava perfeitamente descabido. Sim, Argentina tinha o diabo no corpo, mas lamentavelmente o seu era um corpo totalmente incapaz de balançar. O resultado desse desencontro eram os lânguidos olhares que lançava em todas as direcções e que constituíam motivo de chacota do pessoal branco da mina. Não que criasse histórias, mas vivia uma situação em que as histórias se criavam por si próprias, para embaraço, dizia-se, do marido, um capataz das minas chamado Castro. Um dia, diz a lenda, Argentina conseguiu finalmente um amante. Tratava-se nada menos do que o médico, um pobre diabo que antecedeu no posto o doutor Mascarenhas. Nunca ninguém os viu juntos, é certo, mas o rumor instalou-se com tal solidez que retirava sentido à distinção que costuma fazer-se entre o verdadeiro e o falso. Para uns Argentina ostentava agora um olhar apaziguado, enquanto para outros era o olhar do médico que se mostrava carregado de pesada culpa. Todavia, o rumor não teve tempo de se tornar noutra coisa qualquer porque, decorridas escassas semanas, o médico morria brutalmente com um tiro na cabeça. Evidentemente, houve quem dissesse ter ali havido mão do Castro, até porque ele tinha fama de ser exímio caçador. O homem chegou a ser preso e interrogado, mas acabou por prevalecer que o médico, que sofria de umas dores de coluna que o deixavam à beira do desvario, um dia não pôde mais e, com um tiro, cortou o mal pela raiz. É assim que as histórias se espevitam e crescem neste lugar, como pequenos riachos serpenteando, achando caminho entre as pedras para poderem engrossar. Insatisfeitos com o súbito final de história tão promissora, malévolos como nunca haviam deixado de ser, os brancos da mina passaram a chamar a pobre mulher de *viúva* Argentina.

‘E ela?’, perguntei. ‘O que lhe aconteceu?’

‘Ainda anda por aí, tomada outra vez de um olhar ansioso e uma respiração entrecortada. E, curiosamente, sempre vestida de preto!’

A tarde declinava. Annemarie parecia fatigada. Pela primeira vez a gravidez surgia mais real do que encenada. Eu própria,

confesso, deixara de me interessar pela pequena vida dos outros, ansiava por um pouco de ar. Mas havia ainda algo que necessitava de saber antes de partir, algo que tinha de lhe perguntar mesmo correndo o risco de estragar o ambiente ameno que, contra as minhas expectativas, se instalara. Inspirei fundo: ‘Disse que Agnès Fink se envolveu em estranhos rituais. O que significa isso?’

Annemarie procurou desvalorizar o caso. Num dos seus estados de perturbação, Agnès havia saído de casa com o motorista, a quem forçou a dirigir pela estrada que leva ao Zóbuè. O pobre homem obedeceu, não só porque não o fazendo incorria em certos riscos mas também por pensar tratar-se de um passeio que, embora um pouco mais longo, não seria muito diferente de outros. Estava contudo enganado. Aparentemente, numa curva Agnès ordenou-lhe que parasse, saiu e internou-se no mato sem olhar para trás. O motorista, preocupado (até porque dentro do episódio que me contava a tarde ia também avançada), foi atrás dela, rogando-lhe que regressasse. Mas Agnès agia como se na terra existisse apenas ela, de modo que o pobre homem, estando fora de questão usar a força, acabou por regressar para avisar o engenheiro Fink do sucedido.

‘Pouco mais sei’, disse Annemarie. ‘Só sei que foi encontrada três ou quatro dias depois junto de uma aldeia suspeita daquilo que as autoridades chamam de rituais subversivos.’

‘O que lhe aconteceu?’, perguntei.

‘Pergunte a Suzanne’, disse Annemarie com um súbito trejeito de impaciência. ‘Agnès Fink era amiga de Suzanne.’

Era evidente que ansiava por dar a visita por terminada. Abafava-se. Também eu sentia necessidade de sair dali. Lembro-me de que ainda resmungou duas ou três coisas acerca do carácter dos flamengos, após o que terminou avisando-me que não acreditasse em tudo o que Suzanne dizia, e sobretudo que evitasse ir aonde ela me quisesse levar.

‘Suzanne não é má rapariga, mas é um bocado desequilibrada e perita em arranjar problemas!’, concluiu.

No regresso, reflecti um pouco sobre este curioso encontro, que começara tenso mas se distendera, para no final voltar quase ao

tom inicial. A Aranha representara bem o seu papel, embora à saída, talvez movida pelo cansaço, tivesse acabado por ceder à tentação de mencionar a nossa ida à aldeia e de disparar uma ou duas farpas contra Suzanne. Durante a tarde quase me conquistara, e eu perguntava-me se ela não acabara por deitar tudo a perder (do seu ponto de vista, claro). Todos os episódios que ela me contara tinham subjacente o aviso de que eu devia ser clara nas minhas opções. Ou seja, que devia escolher o partido do mais forte. Afinal, ela era a esposa do director-geral, aquele que tinha o poder de despedir os engenheiros todos, incluindo Murilo. Era isso que nos podia acontecer *se não tomássemos cuidado*.

Mas, por outro lado, algo me dizia para não me sentir obrigada a escolher qualquer dos lados. Não só pelas conclusões a que chegara antes do encontro mas também porque Annemarie Simon não era afinal o diabo que todos pintavam. Ao longo da tarde esforçara-se por ser simpática, além de que não podia ser acusada de falsidade ou hipocrisia. Limitara-se a dar-me conta da interpretação que fazia da realidade, e a fazê-lo com convicção e frontalidade. Havia ao menos que respeitar a sua posição.

*

Quando cheguei a casa, Chassafar esperava-me à varanda. Sem dúvida ouvira o ruído do motor. Estava inquieto, com o mesmo olhar tenso que lhe vira dias antes, na altura em que Suzanne Clijsters o interpelou. Disse-me que tínhamos visitas. Ao entrar em casa, confirmei que de facto tínhamos visitas: um homem baixo e quase calvo, o cabelo que lhe sobrava muito negro e brilhante, sem dúvida pintado. Um homem que falava animadamente e que Murilo me apresentou como sendo o inspector Cunha.

Mirou-me dos pés à cabeça, num impulso que para ele podia ser alimentado por irreprimível curiosidade mas para mim não passava de insolente grosseria. Como se o máximo do meu poder fosse de interferir durante quinze segundos na conversa que ele estava a ter com Murilo. Sim, porque depois de me mirar retomou simplesmente o que dizia. Atirava as frases em catadupa, num tom monocórdico mas concluindo-as invariavelmente com um som de falsete, nem sempre o mesmo, como se cada afirmação fosse uma

linha que terminava num caracol que ele era incapaz de controlar. De alguma maneira, o conteúdo era idêntico ao som. Ou seja, começava sempre por ser uma afirmação circunstancial para acabar numa insinuação, ou naquilo que ele porventura pretendia fazer passar por uma ameaça velada. Falou de Moatize como de um paraíso, malgrado o calor, e no final lá vinham dois ou três elementos – o caracol – que faziam dela um inferno. Maças podres que afectavam o cesto inteiro, dizia, apoiando-se em imagens vulgares e entediantes. A dada altura deve ter adivinhado (nisso sim, era bom, sabia antecipar-se) que eu estava prestes a levantar-me para os deixar, porque fez um gesto para que ficasse, um gesto quase autoritário, e introduziu o tema de Suzanne Clijsters e da visita que fizéramos à aldeia dos mineiros. Falou na beleza dos arredores, onde aos poucos iria nascer a cidade negra (a frase, dita no tal tom monocórdico, como uma linha recta), e subitamente mencionou em tom veemente os perigos que corria quem agia por capricho (o caracol, pronunciado com um timbre metálico).

O inspector era sagaz. Não fora ali para me ameaçar. Para isso ter-me-ia simplesmente convocado ao seu gabinete. Simpatizava comigo – disse – desde o primeiro momento em que me vira na estação, por *mera casualidade* no dia da minha chegada. Mais uma grosseria, pronunciada na presença de Murilo, embora desta vez, suspeito, sem ter consciência disso. Em seguida, explorou novos terrenos. Disse que quando aqui chegara também ele cometera algumas vezes o *pecado leve da ingenuidade* (curiosa expressão). E, ante a minha perplexidade, precisou que se referia à ingenuidade de actos como o de ir atrás dos desvarios da senhora *Suzana*, essa estrangeira pouco recomendável que ele há tempos trazia debaixo de olho.

O inspector dizia estas coisas virado para Murilo, como se eu nada mais pudesse ser que o bocado de carne em que havia reparado no dia da minha chegada, ou a criança grande que estava à guarda do engenheiro da Companhia; como se, também, partilhassem os dois – ele e Murilo – a mesma interpretação das coisas. Murilo, coitado, dividia-se entre lançar-me olhares preocupados (sabia o que aí vinha, da minha parte) e acenar

mecanicamente para o inspector, como se concordasse. E este acenar foi agravando as coisas.

Fiz, na altura, um raciocínio incompleto. Considerei que o inspector não passava de um bronco. Um raciocínio certo, mas incompleto. Incompleto porque devia ter concluído mais do que isso: que, além de bronco, o inspector podia ser o que quisesse. Podia por exemplo dar-nos voz de prisão aos dois, dar-me uma estalada a mim para cortar cerce as minhas – essas sim, inocentes – ironias. Enfim, o que quisesse. Mas, como disse, nessa altura fiz um raciocínio apenas incompleto. Comecei por simular um ar surpreendido, afirmando o meu desapontamento por Suzanne, que até então eu tinha em tão boa conta, ser afinal tudo aquilo que ele dizia. Depois, como ele não desse sinal de compreender a ironia, passei ao sarcasmo, achando que não devíamos – ele e eu – estar a referir-nos à mesma pessoa, uma vez que a minha amiga se chamava Suzanne enquanto aquela que ele afirmava ter debaixo de olho era uma tal *Suzana* que eu desconhecia. Ele asseverou-me que sim, que a minha *Suzana* e a *Suzana* dele eram a mesmíssima pessoa, e eu fiquei sem saber se entrava no meu jogo ou se era algo muito pior: se tanto poder andava, de facto, de par com uma enorme estupidez. À beira de explodir, levantei-me e quase lhe disse que a minha Suzanne e eu tínhamos idade suficiente para ir onde muito bem entendêssemos, mas o ar apavorado de Murilo fez-me morder a língua e optar simplesmente por deixar a sala sem sequer me despedir. Pelo canto do olho ainda percebi que o inspector, com um gesto, impedia Murilo de intervir, como se lhe dissesse que me deixasse dar largas à minha indignação. Logo me passaria.

Claro que esta espécie de conluio entre os dois, embora de iniciativa do maldito inspector, me enfureceu ainda mais. Não jantei. Quando Murilo foi para o quarto encontrou-me já deitada. Assim que o senti zanzando por ali, nos preparativos para se deitar, disse-lhe (foi superior a mim): ‘Olho para ti e imagino como terá sido o pobre engenheiro Fink, sinto que hão-de ser muito parecidos.’

Murilo ofendeu-se: ‘Não vejo por que razão’, respondeu friamente. ‘Só se for por te sentires parecida com a mulher dele, a

pianista.’

Portanto, também ele conhecia a história dos Fink.

‘Não, não é por isso’, retorqui. ‘É mesmo por imaginar que ele terá tido um medo igual ao teu.’

Virei-me para o outro lado e apaguei a luz.

‘Não percebo onde queres chegar’, disse ele ainda.

Mas eu já não lhe respondi. Passado um pouco, ouvia o seu leve ressonar enquanto me preparava para o diálogo com os fantasmas que me visitavam todas as noites. Juro que não havia ironia nas palavras que lhe dirigira.

Notas Se é certo que o chá em casa de *madame* Simon permitiu a Maria Eugénia começar a descobrir a parte escondida do icebergue a que uma vez Suzanne Clijsters aludira, não é menos certo que, quanto a mim, seguia alegremente atrás do novo Moatize que desta maneira me era revelado. Maria Eugénia espantava-se com as curiosas revelações e eu ia atrás dela, espantando-me também. Mas, com tantas e tão diversas figuras *tentadoras*, seria irrealista esperar da narração do caderno um retrato por assim dizer inequívoco. Assumindo que tal retrato fosse possível, mais que das entrelinhas escritas pelo punho da mulher (seria absurdo reduzir o mundo a um caderno!) ele dependia sem dúvida, já o disse mais que uma vez, de alguém disposto a satisfazer o curso caprichoso das minhas perguntas fornecendo respostas claras. Explico-me: Maria Eugénia ia perdendo o controlo do mundo que descrevia no texto e o seu desnorte era também a minha escuridão. Em suma, precisávamos os dois de ajuda. O que me fazia voltar a Chassafar. Só o velho Chassafar, caso se dispusesse a colaborar, estava em posição de me trazer os necessários esclarecimentos. Isso por ter sido um criado, e nada melhor que os criados para espreitar atrás das barreiras erigidas em torno daqueles pequenos mundos privados. Chassafar conhecera por dentro algumas das casas mais importantes daquele lugar.

Todavia, enquanto estas e outras considerações acentuavam a urgência que eu tinha de voltar a encontrá-lo, a intuição dizia-me que tivesse paciência e esperasse um pouco mais. Penso ter já

referido que tinha o seu número de telefone, e por isso sentia-me relativamente seguro quanto a poder contactá-lo sempre que me aprouvesse. O problema é que não conseguia libertar-me da incómoda sensação de que a pressa com que ele havia partido, aquando do nosso último encontro, significava a possibilidade de um corte definitivo comigo, e portanto o fim dos encontros. Enquanto não lhe telefonasse subsistia em mim a esperança de não ser esse o caso, se me faço entender. Foi por isso num estado de alguma indecisão que atravessei aqueles dias.

Voltei, claro, ao Arquivo Municipal. Para entreter o tempo e também na expectativa de descobrir pistas que me permitissem avançar. A multiplicação das personagens do caderno abria-me novas possibilidades, seguramente que nos documentos que as caixas continham haveria o rasto de alguns daqueles fantasmas. O velho funcionário notou o meu optimismo e acelerou o passo, surgindo com resmas de caixas numeradas que colocava em cima da mesa. Havia nele a urgência do tratador que alimenta a fera para a manter saciada dentro da jaula, embora eu estivesse convencido de que se o pobre homem suspeitasse do quanto eu estava perdido concluiria não valerem a pena tantos cuidados. Em qualquer dos casos, notei-lhe pela primeira vez um brilho intrigado no olhar, como se eu tivesse descoberto um segredo que ele próprio guardara tantos anos dentro daquelas caixas sem o suspeitar.

Um dia, de uma das vezes em que me trazia o *alimento*, notei que depositou uma caixa apenas, e que em vez de se retirar de imediato como costumava fazer, deixou-se ficar por ali com a mão em cima da caixa, encarando-me com um olhar que a idade e a falta de luz da profissão haviam raiado de sangue. Acontece que eu estava distraído com uns papéis, e portanto não reagi de imediato. Passado um pouco, tendo-me dado conta que a sensação de haver na sala outra presença não se diluía, levantei os olhos e perguntei-lhe se pretendia alguma coisa. Embaraçado (normalmente era ele quem perguntava isso aos frequentadores do Arquivo Municipal, não o contrário), gaguejou que não e apressou-se a virar costas para deixar a sala. Tendo notado a única caixa, perguntei-lhe, antes

que desaparecesse, por que razão não trouxera mais. Sem se virar, respondeu-me que era a última de uma determinada prateleira, e que calculara que eu levaria um certo tempo a consultá-la.

Pareceu-me estranha aquela resposta, até por irmos ainda a meio de manhã, com um tempo longo pela frente. Larguei o que estava a fazer e abri cuidadosamente a caixa que ele me trouxera, com a sensação de estar na antecâmara de uma revelação. Sim, sei que tudo isto pode parecer muito estranho. É até lícito deduzir que toda esta história me estava a perturbar. Asseguro, no entanto, que se trata da mais pura verdade: estava inteiramente convencido de que ia encontrar ali algo de importante.

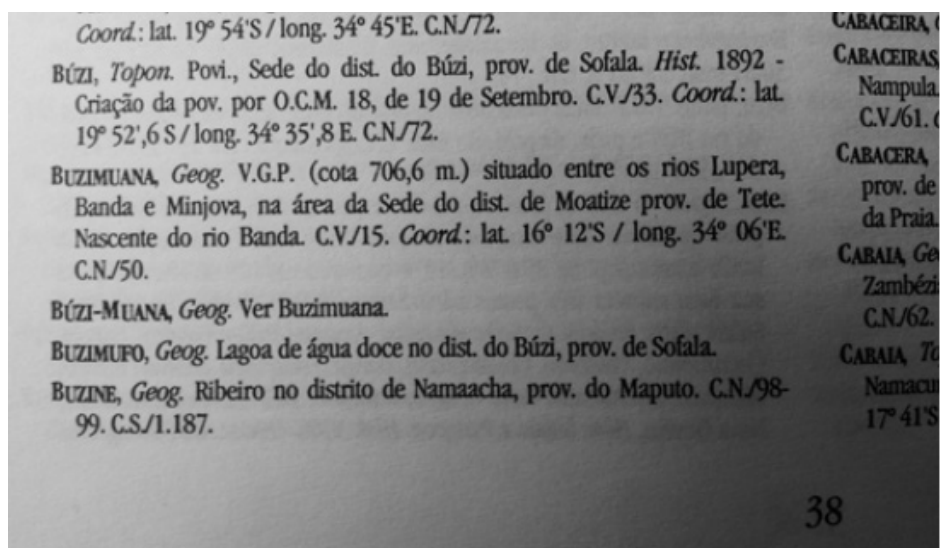
Aberta a camisa de papel pardo que envolvia a primeira das três resmas que a caixa continha, atada por um cordão de algodão, deparei com um *Boletim de Informação* do Governo do Distrito de Tete, com o número 436, em que, como preâmbulo à solicitação de informações às autoridades locais sobre um determinado assunto, se escrevia que *no monte Basimuane concentram-se periodicamente as populações de Carambo e N'cungas com vários feiticeiros, normalmente vindos do Malawi. Normalmente são aproveitadas estas concentrações para se fazer muita propaganda subversiva e cativar as populações, que cedem devido ao álcool, batuques e feiticismo.* No meio dos papéis, que folheei vigorosamente, encontrei por fim a resposta numa informação com o número 414/A/10, enviada pelo Administrador de Caldas Xavier, Isidoro de Sousa Ferreira, onde constava o seguinte: *É costume tradicional, e que remonta a uma época muito recuada, os habitantes desta região dirigirem-se ao monte Basimuane a fim de procederem à invocação da chuva quando verificam que esta não cai na época própria, cerimónia a que dão o nome de M'patso. Reunidos os habitantes daquelas povoações, dirige-se o cortejo ao monte, com os velhos na frente, e quando chegam a um local onde há água ajoelham-se todos, e um velho ou uma criança do grupo oferece ao espírito da jibóia um bolo de milho e mapira, previamente preparado para o efeito. A pessoa escolhida para fazer a oferta conversa com a jibóia, pedindo-lhe chuva, e terminada a cerimónia dançam e cantam ao som de palmas e tambores, e neste*

ritmo regressam a casa, continuando a festa até ao dia seguinte. Não é o feiticeiro a figura principal da cerimónia, dado que o feiticeiro é quem geralmente guarda a estrela que produz chuva, para com ela fazer os seus medicamentos. Assim, não é chamado nem desejado na aludida cerimónia.

O conteúdo daquelas notas era decepcionante. Não que não tivesse interesse, sem dúvida que tinha, mas não havia como relacioná-lo com a pesquisa. E mesmo assim não conseguia descartá-lo simplesmente. Assim que pus os papéis de lado e levantei os olhos, num estado de alguma contrariedade, lá estava o funcionário olhando-me de um canto, incitando-me mudamente a não desistir.

Solicitei então uma série de cartas geográficas e obras de referência para, à falta de melhor plano, tentar localizar a região a que as duas notas se referiam. Depois de algum esforço, consegui encontrar, a páginas 38 do *Dicionário Toponímico, Histórico, Geográfico e Etnográfico de Moçambique*, de Saul Dias Rafael, a referência a um certo monte *Buzimuana*, com as coordenadas 16° 12' S de latitude, e 34° 06' E de longitude, que, por alguma razão que não consigo explicar, me pareceu o cenário ideal para Agnès Fink se ter perdido. Afinal, tal como os aldeãos também ela andava à procura de algo muito precioso que atenuasse uma falta que sentia.

Ao lado, o velho funcionário mantinha-se imóvel, com uma expressão que interpretei como de encorajamento a que prosseguisse por aquela via. Evidentemente que uma parte de mim me dizia que tivesse cuidado, pois o raciocínio que empreendia apresentava preocupantes falhas de sentido. O caminho dos documentos, apesar de tentador nas lógicas próprias que estendia, estava pejado de armadilhas. Abanei a cabeça com força, arrumei os papéis dentro da caixa e esforcei-me por voltar a pensar no velho Chassafar. Sim, apesar de todas as dificuldades ainda era ele quem abria as perspectivas mais seguras.



*

Embora, como disse, me socorresse de todos os artifícios possíveis para adiar o encontro, é certo que Maria Eugénia também me ensinara no seu texto a não reflectir nas coisas para além da conta. Ponderar para além de um certo ponto, escrevia ela, não nos traz qualquer vantagem, apenas confusão. Chegados aí, ao invés de descobrirmos os segredos da realidade não fazemos mais que macerar velhas explicações até as tornar moles e imprestáveis. Por isso, quando não me foi possível esperar mais vim cá fora e liguei.

Do outro lado esperava-me uma surpresa. Quem me atendeu foi alguém com uma voz bastante mais jovem, que se identificou como Augusto Chassafar. Sim, o filho de Travessa, que de imediato quis saber quem pretendia falar com o pai. Com um misto de frieza e impaciência, anunciei o meu nome e pedi que passasse o telefone ao seu dono. Retorquiu que o dono do telefone era ele próprio, obrigando-me assim a refrear o tom. Perguntei, após uma pausa, se era possível falar com o pai. Depois de outra pausa – desta feita sua, e preenchida por um rumor distante aparentado a uma discussão – atendeu-me o velho Chassafar. Interpretando os seus monossílabos, lá consegui arrancar um encontro a que ele felizmente não faltou, desta feita em frente a uma loja de louças na Avenida Karl Marx.

Surgiu com um ar preocupado. À medida que se aproximava, ainda sem me ver, pude notar que caminhava e olhava por cima do ombro. Quando chegou, antes mesmo que eu dissesse qualquer coisa, olhou-me nos olhos (quantas vezes deve ter ensaiado mentalmente este acto de coragem antes de ali o assumir!) e perguntou-me: ‘O senhor é da polícia?’

‘Por que razão haveria eu de ser da polícia?’, respondi. ‘Foi o seu filho que sugeriu essa possibilidade?’

Ainda não tinha acabado de falar e já reparava no grosseiro erro que cometia, de fazer depender as coisas da minha impaciência. Jurei para mim mesmo que dali em diante tentaria permanecer o mais sereno possível. Sorri, e afirmei antes que ele reagisse: ‘Não, não sou da polícia.’

Acrescentei que, aliás, não gostava desse tipo de polícias a que ele se referia, polícias que se vestem como nós e fingem ser outra coisa, e ele pareceu serenar. Perguntei-lhe, por minha vez, se íamos ficar por ali. É que o lugar era o menos indicado para uma conversa, sem um banco sequer onde nos pudéssemos sentar, e cruzado por uma multidão incessante que simplesmente passava ou se dirigia a uma casa de ferragens adjacente à referida loja. Assim especados, cedo ou tarde acabaríamos por destoar.

Sugeriu-me então uma pequena barraca metálica situada a dois passos dali, depois da esquina de baixo. Barraca minúscula, pintada de vermelho, com um tabuleiro de papaias pisadas, couves murchas e montinhos de alho, além de uns pacotes de cigarros e bolachas. Ao lado, uma pequena caixa térmica escondia cervejas geladas mergulhadas numa água turva, inominável. Foi ali que nos sentámos, na crista de um muro baixo, a conversar.

Comecei por afirmar que no encontro anterior ele não tinha chegado a responder à minha última pergunta: por que razão se empenhara tanto em que Maria Eugénia não fosse ao *compound* dos mineiros com Suzanne Clijsters?

Chassafar olhou-me e disse-me que eu estava enganado. É claro que havia respondido. E a resposta é que tentara simplesmente proteger a patroa das loucuras da outra mulher, a senhora Suzanne. Perguntei em que medida Suzanne era louca, e

que mal podia fazer a Maria Eugénia. Respondeu que, directamente, mal nenhum; mas que podia despertar outras forças, essas sim, malignas, como de facto acabou por acontecer. Pedi-lhe que fosse mais claro. Respondeu-me que era uma história antiga, hoje sem grande interesse. Para o espicaçar, arrisquei e dei a entender que sabia quem era o proprietário da casa onde elas haviam passado a tarde na companhia do enfermeiro Cambala.

Encarou-me. Já não podia evitar o caminho que eu lhe propunha.

‘Sim, a casa era minha, e esse foi um dia muito mau’, afirmou.

Depois de uma pausa, contou-me uma história terrível. Nessa mesma noite, Cambala e ele já dormiam, a polícia arrombou-lhes a porta. Deram com Cambala já sentado na esteira por ter ouvido o ruído do motor do jipe. Quanto a ele próprio, tinha na altura um sono muito pesado (hoje já não é assim, acrescentou num aparte) e quando acordou tinha na frente o sorriso do inspector Cunha brilhando no escuro. Dessa vez o inspector não queria nada com ele, não vinha na disposição de trocar do seu nome. Estava interessado noutra coisa. Segundo a confusa explicação de Chassafar, era como se a face do inspector estivesse partida em duas, a metade de baixo com um sorriso permanente, a de cima (a metade dos olhos) muito séria e má, com uma maldade capaz de exterminar tudo o que mexesse. O resultado era ainda pior do que se ele estivesse todo sério: a parte de baixo, iluminada pelo brilho dos olhos, assustava de verdade, como se o sorriso, apesar de continuar a ser sorriso, pudesse ganhar o sentido oposto e com isso o dobro da ferocidade. Sim, foi mais ou menos assim que se explicou. De qualquer maneira, nessa noite Chassafar estava com sorte: cabia-lhe apenas a metade sorridente uma vez que a outra estava reservada a Cambala.

De pé, com as pernas afastadas e os braços cruzados no peito, o inspector quis saber do pobre enfermeiro como tinha corrido a festa com as brancas, se os três se haviam divertido muito e por aí fora. Atirou-lhe obscenidades, exigiu-lhe que explicasse a que sabiam elas, se gritavam, se tinham o mesmo cheiro das pretas, se tinha podido com as duas uma vez que Chassafar não estava

presente (felizmente que ele sabia que Chassafar não tinha estado presente!). Depois, mudava de tom e resmungava que ia ensiná-lo a manter-se no seu lugar, longe das brancas e outras coisas mais. Aquilo durou um certo tempo. A um canto, Chassafar não ousava mexer um dedo. De cada vez que Cambala tentava dizer qualquer coisa o inspector ordenava-lhe rispidamente que se calasse. A certa altura – Chassafar já não sabe dizer se por Cambala ter tentado levantar-se da esteira – o inspector descruzou os braços, baixou-se ligeiramente e aplicou no enfermeiro uma violenta bofetada. Uma apenas, não mais.

Chassafar fechou os olhos quando ouviu o som daquela bofetada, que lhe doeu mais do que se tivesse sido ele próprio a apanhá-la. Doeu-lhe porque desde os tempos do Savoy Hotel que tinha um grande respeito por Cambala, como já dissera. Vê-lo sofrer a humilhação daquela bofetada, imaginar os pontapés que certamente levaria mais tarde, encolhido no chão da casa para onde o iam levar (toda a gente sabia o que acontecia na dita casa), foi algo muito difícil de suportar por Chassafar. Enfim, depois disto, era quase madrugada, o inspector Cunha deu uma ordem muda com o queixo e os homens que vinham com ele levaram Cambala. Chassafar voltou a morar sozinho.

Contou isto e calou-se, de olhar perdido na chapa vermelha da barraca como se dentro dela estivessem escondidas as suas incómodas lembranças. Quanto a mim, fiquei a perceber o que ele queria dizer sobre Suzanne ser capaz de despertar forças malignas. Há cinquenta anos atrás ele próprio o aprendera, e da pior maneira.

Na rua, o movimento era incessante. Alguns transeuntes atravessavam para o nosso lado a fim de comprar qualquer coisa na barraca. De vez em quando saía de dentro desta uma mulher que ia deitar lixo num bidão cortado ao meio, encostado ao muro, perto de nós. Não se imagina o lixo que uma pequena barraca é capaz de produzir! Não só por muito do que ali é vendido, sobretudo frutas e legumes, vir embrulhado em bocados de jornal, papéis vários ou sacos de plástico, mas também porque os clientes aproveitam a oportunidade para se verem livres do lixo que trazem

consigo. A mulher parecia muito activa. Contrariamente à generalidade das vendedeiras, aproveitava os momentos em que não tinha clientes para fazer coisas. A certa altura pôs-se a escamar peixe junto do bidão, com um instrumento que parecia uma faca curta ou um pedaço de chapa alongado e afiado, fazendo saltar escamas em todas as direcções. Algumas caíam perto de nós, ficando o chão de terra salpicado de finíssimas lantejoulas de madrepérola que enlouqueciam as moscas.

Devo dizer que Suzanne Clijsters foi um dos temas mais difíceis de abordar com Chassafar. Tal não surpreende uma vez que os relatos de Maria Eugénia referem frequentes vezes as relações azedas que terão mantido um com o outro. A princípio, e durante algum tempo, atribuí as causas dessa inimizade à espécie de rejeição química que muitas vezes sentimos em relação a alguém, sem haver causa identificável que o justifique. Embora as relações coloniais, fortemente hierárquicas, tendessem a quebrar a simetria dessa inimizade – no sentido em que em princípio quem estava por baixo ficava obrigado a uma certa cortesia, enquanto se esperava de quem estivesse por cima que retribuísse com alguma dose de insensibilidade, ou mesmo crueldade – no caso deles o distanciamento ultrapassava as características gerais dessas relações para ganhar uma especificidade que era notada por todos. Suzanne e Travessa eram como que alérgicos um ao outro, e remediá-lo estava acima das suas respectivas forças. Chassafar, é certo, fez tudo por tudo para que eu acreditasse numa determinada razão dessa inimizade: afinal, Suzanne fora a causa indirecta da prisão de Cambala, a quem ele tanto respeitava; e era de onde vinha, embora indirecta, a maior ameaça à sua antiga patroa. Por outro lado, é também justo lembrar que para Suzanne o jovem Travessa representava os olhos e os ouvidos (a presença) de quem ela mais detestava, Annemarie Simon, a mulher do director-geral. Assim, algo me dizia que esta não era ainda a explicação no que respeitava a Chassafar. E, de facto, uma leitura atenta do caderno de Maria Eugénia revelava a grande tensão entre os dois mesmo *antes* da visita à aldeia. No primeiro encontro entre Suzanne e Maria Eugénia em casa desta, por exemplo.

Após ter reflectido um pouco, resolvi agitar as águas observando que, de certa forma, ele estava a ser injusto com a memória de Suzanne Clijsters. Por que razão era tão severo com ela e ao mesmo tempo tão tolerante com Maria Eugénia, se ambas, como ele próprio referia, ignoravam as diferenças que há entre pretos e brancos? Afinal, tinham sido as duas – não uma só – a atravessar as linhas que nesse tempo definiam a regra e o decoro. Por que razão culpabilizava tanto uma e desculpava a outra?

Chassafar sorriu. Respondeu-me que eu estava certo: ambas ignoravam essas diferenças, desprezavam linhas que ninguém podia atravessar. Todavia, enquanto Maria Eugénia o fazia por curiosidade e inocência, a Suzanne movia-a o desprezo, e sobretudo a vontade de não ser ela.

Pedi-lhe que fosse mais claro. O que queria ele dizer com *vontade de não ser ela*?

Chassafar contou-me então um episódio curioso que, à uma, serviu para explicitar a conta em que ele tinha aquela mulher e para enriquecer a minha pequena colecção de factos brutos, livres por assim dizer da subjectividade das versões que os narram. Episódio, a acreditarmos no texto de Maria Eugénia, referido vagamente por Annemarie Simon na célebre tarde do chá.

Segundo Chassafar, Agnès Fink, a pianista que viveu na casa dos Murilo antes de estes chegarem, tinha frequentes crises (ele chamou-lhes *dores da tristeza*), embora só muito raramente essas crises atingissem uma intensidade por assim dizer preocupante. Nessas alturas o comportamento dela tornava-se imprevisível. Uma vez punha-se a cantar pela casa e no quintal, outras não saía do quarto, onde ficava a golpear a almofada com a cabeça a um ritmo certo, uma espécie de martelar surdo como o do pilão que, sem se impor, ecoa com uma insistência que enlouquece as tardes. O engenheiro Fink, coitado, não sabia o que fazer. Chegou inclusivamente a pedir a Travessa que escondesse as facas da cozinha, com medo que ela cometesse uma loucura (Chassafar asseverou-me no entanto que Agnès nunca manifestou qualquer interesse por facas, tal como não manifestava interesse pela cozinha em geral). Certa vez, a meio do jantar, ela anunciou que ia

arranjar um amante. Assim mesmo, directamente ao marido e na presença do criado. Chassafar fixou o episódio por duas razões (além naturalmente de ter que contar tudo à mulher do director-geral, mas isso ele não me disse). Desde logo porque uma mulher africana jamais falaria assim com o marido; mas, também, porque dessa vez ocorreram duas crises graves encadeadas entre si. De facto, apesar de parecer ter serenado após esta proclamação, no dia seguinte Agnès Fink desapareceu de casa. Na verdade, desaparecer de casa não será bem o termo uma vez que tudo aconteceu mais ou menos como Annemarie Simon havia dito a Maria Eugénia: Agnès Fink foi passear de carro com o motorista como fazia tantas vezes, passeios esses que eram até encorajados pelo engenheiro Fink dado que costumavam acalmar a mulher. Acontece que dessa vez, já bastante distantes de Moatize, Agnès abandonou o jipe e internou-se no mato apesar dos protestos do motorista que, impotente para a obrigar a voltar ao carro, acabou por resolver regressar a Moatize a fim de pedir ajuda.

Nesta altura o velho Chassafar sorriu, sem dúvida pela lembrança que aquilo que disse despertava: a senhora Agnès tinha o *espírito do mato*, e tão forte que ninguém conseguia aprisionar. Era aqui que ele pretendia chegar: estabelecer o carácter indómito daquela mulher para depois concluir que Suzanne Clijsters, ao tentar ser como ela – andando por toda a parte e revoltando-se contra qualquer ordem – demonstrava ser um espírito que não estava contente com o corpo que lhe coubera em sorte. Sim, na sua curiosa interpretação, ao arrastar Maria Eugénia para a aldeia indígena Suzanne pretendia mostrar que, tal como Agnès Fink, frequentava aquele tipo de lugares; mostrar que não sentia os limites dos seus iguais como limites que tivesse de se impor. Sim, Suzanne não queria ser ela própria, Suzanne queria ser como Agnès Fink.

O curso da conversa surpreendia-me. Digo isso porque, por oposição ao desprezo em que tinha Suzanne Clijsters, Chassafar manifestava uma certa simpatia, inexplicável, pela memória de Agnès Fink (não esqueçamos que o papel dele fora espia-la). Mesmo assim era preciso avançar com prudência para não o

indispor e afastar. Além disso, interessavam-me factos, não obscuras interpretações, e por isso, seguindo uma súbita intuição, interrompi-o para lhe perguntar: ‘Onde foi que a senhora Agnès se perdeu?’

‘Como?’

Chassafar virou-se para me encarar, claramente surpreendido. E não era para menos. Eu perguntava-lhe por Suzanne e, assim que ele começava a responder, a minha curiosidade saltava para Agnès. Estava neste aspecto o curso caprichoso das perguntas a que atrás me referi. Era necessário que ele se limitasse a responder-lhes.

‘Onde foi que o motorista deixou a senhora Agnès?’, insisti.

‘Perto de um monte chamado *Badzimuana*.’

A mulher da barraca acabara de escamar o peixe e metera-o num saco plástico. Abria agora a caixa térmica para meter o saco na água gelada, junto das cervejas.

Respirei fundo. Caminhos misteriosos, que já não podia ignorar ou descartar como alheios à lógica das coisas, tinham-me conduzido até um local chamado *Badzimuana*, ou *Buzimuane*, ou como quer que os documentos o grafassem e as pessoas o pronunciassem. Há uma *alma* nas palavras, para lá das pequenas variâncias que possam sofrer, e é essa alma que elas partilham com as coisas que lhes cabe designar. Subitamente vinha-me a vontade de regressar ao Arquivo Municipal, de procurar mais elementos relacionados com esta palavra. Fora um dia em cheio.

Despedi-me de Chassafar muito satisfeito, e fiquei a observá-lo enquanto atravessava a rua, a caminho da esquina de cima. Subitamente, lembrei-me de uma coisa ainda, gritei-lhe que esperasse e atravessei a correr para lhe perguntar se a senhora Agnès chegara a receber um piano em sua casa, um piano que recusou, isso antes do tempo da senhora Maria Eugénia.

Pareceu surpreso com a pergunta. Dei-lhe tempo para vasculhar as suas memórias, um tempo de que acabou por não precisar pois respondeu quase de imediato que não, que nunca entrara piano algum naquela casa. Perguntei-lhe se tinha a certeza.

Sorriu, e o sorriso queria dizer que um piano é um objecto muito grande cuja presença não deixaria de se fazer notar.

‘A certeza absoluta’, disse. ‘Se tivesse entrado ali um piano tudo teria sido diferente.’

Sim, tudo teria sido diferente, pensei para mim: os Fink não teriam partido, os Murilo não teriam chegado para os substituir e Chassafar não teria conhecido Maria Eugénia. Eu próprio não teria adquirido aquele caderno na esquina das avenidas Mao Tse-tung e Kim il-Sung. Não há dúvida de que as coisas interferem umas com as outras até ao infinito.

Voltei para junto da barraca e deixei-me ficar sentado no muro ainda um bocado, para acabar de arrumar as ideias. A parte do caderno que relatava a visita de Maria Eugénia à Casa Quinze, para um chá com Annemarie Simon, não deixava de ter interesse na medida em que revelava certos aspectos psicológicos ou, se preferirmos, verdadeiros jogos de poder. Madame Simon detivera um poder quase absoluto na Companhia de que o marido era o director-geral. Mas, vendo bem, o poder de Maria Eugénia era ainda maior, pois sendo autora do caderno acabava por ser dona de todos quantos nele estavam contidos. Neste sentido, Annemarie Simon não passava de um títere nas suas mãos. Por outro lado, mesmo sem o saber, o velho Travessa Chassafar tinha um poder superior ao de Maria Eugénia pois cabia-lhe confirmar ou desmentir o que ela escrevera. Chassafar conferia ou não relevância àquilo que Maria Eugénia transmitia.

Quanto a mim, sentia-me o mais poderoso deles todos. Sorri. Levantei-me e pus-me a andar para criar distância dos transeuntes que começavam a olhar-me, intrigados.

Quatro

Seguiram-se semanas muito difíceis. Se a visita à aldeia e o chá em casa de Annemarie Simon haviam por assim dizer alongado as fronteiras horizontais do meu mundo, o encontro com o inspector entreabriu, ainda que fugazmente, as galerias obscuras que existiam debaixo dele. Que chão pisávamos nós?

Certamente, um chão que ruía a passos largos. Certa vez Murilo foi chamado a meio da noite. De madrugada, telefonou para me pedir em voz baixa que não saíssemos de casa sob pretexto algum. Inútil pedido dirigido a quem passava os dias entre paredes e muros, com muito raras saídas que pelos vistos provocavam burburinho em toda a vila. Mas havia algo no tom de voz de Murilo que me deixou de sobreaviso. Só mais tarde, quando veio a casa para tomar um banho e voltar a sair, pude saber o motivo, embora com as meias palavras que costumava usar quando falava de *assuntos sérios*, segundo ele para nos proteger. Tinha havido um acidente numa das galerias, uma explosão, uma secção inteira ruía, cinco ou seis mineiros haviam morrido, outros tantos estavam desaparecidos, o lugar ainda estava cheio de equipas de socorro, as picaretas abriam caminho o mais rápido que podiam, os capatazes por dever de ofício e os mineiros com a motivação particular da camaradagem, a pressa de procurarem dentro do chão os seus irmãos. O doutor Mascarenhas e os enfermeiros faziam, mais atrás, o que podiam, recebendo os corpos e socorrendo os feridos, alguns membros partidos mas sobretudo pulmões relutantes em funcionar, cheios de fuligem, de gases e das mil e uma substâncias que pululam pelas galerias da mina. Entretanto viera mais gente das outras galerias, gente do *compound*, e era já muita, concentrada e murmurando, parece que protestava mas ainda não era claro o que pretendia, e chegara também a polícia, os *sipais* do Administrador, os homens do inspector Cunha, todos tomando posição em volta. Murilo contara-

me isto e não quisera contar mais porque tinha pressa de lá voltar, e também, como repetia sempre, para nos proteger. Tentou tranquilizar-me, não era a primeira vez que aquilo acontecia, a direcção da Companhia iria ouvir os mineiros, tratar das famílias dos que haviam morrido na tragédia, tudo se resolveria. Mas, quanto mais se esforçava nesta linha, mais certa eu ficava de que não acreditava em nada daquilo que dizia. E, não sei porquê, veio-me a disparatada imagem de uma planície eriçada por uma súbita brisa, um sopro gelado vindo do interior das galerias, e tive medo. Medo por Murilo que voltava para lá, medo por nós todos, e quando olhei em volta Murilo já havia partido e eu saí para a varanda, e lá fora, em baixo do alpendre, os criados encolhiam-se com os olhos em brasa, também eles cheios de medo. E eu fiquei a perguntar-me como teria chegado a notícia até eles se Murilo falara tão baixo, e concluí que eram muitas as possibilidades, muitos os canais, o motorista Laissone por exemplo, nas suas idas e vindas entre a casa e a mina, os camionistas que passavam a todo o momento como se trouxessem notícias embrulhadas como as mercadorias, os polícias e enfermeiros que ao fim do dia despiam fardas, batas e uniformes e eram gente como a outra que ia dormir ao *compound* ou aos muitos bairros em volta, lá onde também dormiam os criados, e as pessoas conversavam, comiam, preocupavam-se, e afinal era esta a sua vida. Quanto à minha, à nossa, resumia-se a uma casa cercada por um filme onde as coisas pareciam acontecer mas não aconteciam de verdade, separadas de nós por uma espessa barreira: não podíamos beber a água, respirar o ar. A gente do outro lado era gente mas não era gente, sofria mas uma dor diferente da nossa, falava uma língua à qual não chegávamos. Tinha propósitos diferentes dos nossos, destinos também. Que era aquilo, que era aquilo que ninguém me deixava conhecer de verdade? Aquilo que até Laissone e Travessa se esforçavam para que eu olhasse de longe, sem me aproximar? Cuidado, senhora! Não vale a pena, senhora!

Aos poucos as coisas acabaram por acalmar-se. Os mineiros dispersaram cabisbaixos, a polícia guardou as armas e os engenheiros voltaram ao ténis das manhãs de domingo, nos seus

imaculados equipamentos brancos. Quanto a mim, voltei a oscilar entre madame Simon e Suzanne Clijsters, como se as duas fossem os pólos orientadores da minha existência. Em suma, estava completamente perdida. Seria este o tal tédio – ou melhor, a degradação – que tomava conta das mulheres de Moatize?

Frequentei algumas canastas, aproveitei indisposições ou febrículas do Miguel para faltar a outras tantas, mas isso não passava de gestão e de rotina, não chegava a ser uma opção. Afinal, nas vezes em que fui à Casa Quinze também lá estava Suzanne, sempre discreta, como se tivesse passado a semana a acumular uma reserva de civilidade e paciência para dela fazer uso ali. Nunca jogou, é certo, e talvez fosse essa a sua peculiar maneira de resistir (em rigor, é preciso acrescentar que na minha frente nunca a Aranha a convidou a jogar!), mas, por outro lado, também não fazia ondas: limitava-se a atravessar a noite sem dar nas vistas, aproveitando a primeira oportunidade para se escapular para a varanda, onde se sentava a fumar e a olhar as estrelas.

Quanto a mim, oscilava não só entre as duas mulheres, como disse, mas também entre inexplicáveis modorras e a sensação de que estávamos na iminência de uma tragédia, ou pelo menos no umbral de momentos decisivos ('A senhora ficou emocionalmente afectada pela tragédia', disse-me Mascarenhas). Mesmo assim, não conseguia optar. Ocupava o tempo com o que tinha à mão: dediquei-me às plantas para desespero de um jardineiro a quem perturbavam as interferências, alcoolizei-me suavemente à varanda em monótonos *sundowners* na companhia de um atarantado Murilo (isso quando ele chegava a horas), acolhi com entusiasmo um filhote de gazela que Laissone, o motorista-caçador, certa vez me ofereceu. Cheguei mesmo a organizar um concurso para baptizar o pequeno animal, acabando por ser a minha própria proposta a vencedora: *Coco*, em honra de madame Chanel!

Entretanto, lá fora o mundo continuava a correr, com as suas surpresas e malevolências. Se eu tinha sido poupada pelo inspector com uma simples – embora grosseira – advertência, o mesmo não acontecera com Suzanne. O inspector Cunha era sagaz, tinha-a há tempos, segundo dizia, *debaixo de olho*. Sabia

que o contacto com o enfermeiro Cambala havia sido iniciativa dela, tal como a visita à aldeia. Convocou-a algumas vezes ao seu gabinete, visitou os Clijsters outras tantas, não sei a que argumento recorreu para os ameaçar, ou o que sabia acerca dela para além desse infortunado acontecimento que eu continuava a achar não ter a gravidade que insistiam em atribuir-lhe. Só sei que, embora resistindo como podia, Suzanne abriu as primeiras brechas. Começou a faltar às canastas, uma ausência que o pobre engenheiro Clijsters tinha cada vez mais dificuldade em justificar. Em seguida quase deixou de sair de casa e, quando o fazia, parecia mais inchada, mais lenta, sem os conhecidos impulsos que antes ficavam a reverberar na boca da mesquinha elite da Companhia. Suspeito que tomava demasiados medicamentos para os nervos. Por vezes tinha uma explosão, uma espécie de revolta contra o seu esmorecimento, revolta essa cuja notícia me chegava quase sempre por via de Murilo uma vez que eu e ela já pouco nos víamos: saíra de jipe durante um dia inteiro justificando a demora com a falta de gasolina, ou tomara banho no rio apesar dos riscos da bilharziose. Era como uma espécie de cavalo selvagem estrebuchando para se libertar do laço que lhe haviam posto em volta do pescoço. Murilo contava-me estes episódios às refeições, com a indignação de quem estivesse a ser de alguma maneira vítima dos excessos de Suzanne, e isso indignava-me. Indignava-me vê-lo cada vez mais parecido com os restantes. Certo dia contou-me que, segundo se dizia, ouviam-se por vezes gargalhadas estranhas a sair pelas janelas de casa dos Clijsters, como se alguém estivesse toldado pelo álcool ou outra qualquer perturbação. Sugeri, em desafio, a possibilidade de serem gargalhadas dos criados, ou mesmo do engenheiro Clijsters, ao que ele retorquiu, com uma vaga impaciência, serem gargalhadas de mulher.

‘E nesta terra já não se pode rir?’, perguntei friamente.

Acho que nem me ouviu. Prosseguiu, desfiando o rol de novos episódios *inaceitáveis*, a meu ver perfeitamente inócuos, até que concluiu: ‘A *tua amiga* não anda nada bem.’

Foi a gota que faltava. Hoje, concedo que Murilo poderá ter dito daquela maneira apenas por falta de cuidado na escolha das palavras, falta de atenção à sensibilidade dos outros, aqueles de onde nem em sonhos adivinhava poder vir o perigo. No meu caso, porém, há tempos que a sensibilidade andava à flor da pele. Além disso, na altura o tempo ainda não me tornara tão tolerante. Ouvi aquelas palavras como uma verdadeira provocação, uma espécie de proclamação de vitória, já não sobre Suzanne mas sobre a minha própria resistência; e até – embora admita que esta leitura soe talvez demasiado brutal – como se, tal como o inspector Cunha, também ele visse o mundo dividido simplesmente entre os que pensam e decidem e aqueles que se movem sem tino, como os *zombies* e as mulheres. Não pude mais. Atirei com o guardanapo para cima de mesa e anunciei, antes mesmo de saber se ela estava disponível: ‘Vou passar a tarde com *a minha amiga*.’

Foi o que de facto fiz, sem que força alguma se atrevesse a impedi-lo.

*

Devo dizer que estava ciente de que a minha amiga não andava bem. Nos últimos tempos apercebera-me que Suzanne explorava as parecenças físicas que tinha com Agnès, com isso pretendendo edificar parecenças morais; e que era esta a forma que encontrava de se afirmar rebelde perante aqueles que a cercavam, como se quisesse dizer-lhes que Agnès partiu mas eu estou aqui, disposta a prosseguir a sua luta. Com isso me apercebi também de outra coisa, muito mais inquietante: a de que esse passo de Suzanne constituía também a sua perda, uma vez que ela se parecia com Agnès mas não era Agnès, se é que me faço entender. Faltava-lhe o piano, a música – enfim, faltava-lhe a arte, que era como um fogo intenso que insuflava o vidro de que era feita aquela frágil mulher que, com muita pena minha, não cheguei a conhecer. Ou seja, o jogo que movia Suzanne era também a causa da sua imensa frustração. E esta frustração, não a sombra de Agnès, era a verdadeira causa da sua instabilidade e rebeldia.

Enfim. Melhor teria sido não ter feito essa visita. Em lugar da Suzanne Clijsters espirituosa, apesar de quase sempre um pouco

amarga, encontrei uma mulher cheia de medo; e muito, mas muito confundida. Várias vezes me perguntei que força secreta teria o inspector para provocar uma mudança assim. Digo bem, perguntei-me, uma vez que de Suzanne só recebi evasivas e um manifesto desconforto em abordar o assunto. Limitava-se a dizer que o mundo era mais complicado do que parecia. Se antes insistia em levar-me consigo nas suas loucas incursões, agora era como se quisesse, com o seu silêncio, proteger-me delas. Passou a referir com frequência a vontade de regressar à terra natal (De Haan, ou coisa parecida, na costa da Flandres). Mas, como disse, também tinha momentos de revolta em que pelos seus olhos perpassava o velho brilho. Não uma revolta desabrida, antes algo de tipo novo, feito de fúria contida e de *sinais indirectos*, como se dissesse sem dizer, para que eu compreendesse sem estar certa de haver compreendido. Será que também desconfiava de mim?

Explico-me com um exemplo. Dias depois dessa visita, que deixou em mim uma grande tristeza, resolvi desafiá-la a darmos uma volta no seu jipe. Mais que espairecer, ocorreu-me que o simples facto de andarmos por ali com ela ao volante contribuiria para fazer subir nela a auto-estima (incapaz de conduzir, eu tinha na altura uma espécie de inveja da desenvoltura com que ela o fazia). Além disso, embora sem ter disso plena consciência, talvez me movesse também o secreto prazer de ser vista com ela pelas ruas de Moatize. Enfim, o que importa é que Suzanne aceitou e percorremos em silêncio a estrada do Matundo, sem contudo nos afastarmos muito da vila. Notei que ela evitava agora aquilo que antes se esforçava por fazer com frequência: sair do caminho principal para se embrenhar no emaranhado de casas do povo. Temia agora ser vista, e que a notícia chegasse a determinados ouvidos, pensei. Numa curva, fomos obrigadas a abrandar para ultrapassar uma velha *Bedford* com taipais de madeira que estava encostada à berma da estrada. Ao lado, um homem forte e atarracado – branco, mas fortemente curtido pelo sol – orientava um grupo de trabalhadores na colocação de uns postes. Passámos por eles devagar, e Suzanne acenou-lhe. O homem, tocando levemente na aba do chapéu, correspondeu ao cumprimento.

Retomámos a marcha. Passado um pouco, Suzanne quebrou o silêncio e disse: ‘Foi aquele homem que encontrou Agnès.’

‘Como?’, perguntei surpreendida.

‘Foi aquele homem que perseguiu e encontrou Agnès quando ela fugiu para o mato.’

Seguiram-se mais uns momentos de silêncio, enquanto eu fazia mentalmente as minhas contas. Mais adiante, Suzanne inverteu a marcha para regressarmos a Moatize, pelo que pouco depois nos surgia novamente a velha *Bedford* no horizonte. Assim que chegámos perto dela, pedi a Suzanne que parasse e pude ver-lhe um brilho selvagem nos olhos: conseguira que acontecessem coisas sem ser ela directamente a provocá-las!

O caçador Castro (trato-o assim por ter sido nessa qualidade que falou comigo ali mesmo junto ao carro, sob o sol cru, enquanto os trabalhadores aguardavam a uma certa distância) não pareceu surpreendido com o pedido que fiz, que me contasse como encontrara Agnès Fink no meio do mato. Pelo contrário – e como dizem que acontece com todos os caçadores – mostrou-se contente por ver reconhecidas as suas façanhas. Tenho a certeza de que já havia contado inúmeras vezes aquela mesma história.

Começou por dizer que, contrariamente ao que todos esperavam, não foi no monte Bazimuane que Agnès foi encontrada. E descreveu – com pormenores que suspeito assentes, pelo menos em parte, na imaginação – as circunstâncias em que tal aconteceu: ele próprio ajoelhado a observar as marcas na terra e nos ramos baixos, e a discuti-las com os seus pisteiros como se seguissem o rasto de uma gazela ferida. Uma gazela cujo cheiro, esticando o desmesurado nariz para a brisa que lhe chegava, o Castro procurava. E que acabou por encontrar, como disse, mas não no monte Bazimuane.

A razão que trouxe a gente de Moatize a estas paragens está cercada de mistério. Será que fizeram o meu absurdo raciocínio (Agnès à procura do piano tal como os camponeses procuravam a chuva)? Seja como for, aqui ocorreu toda a gente: o inspector Cunha, os homens de Simon, enfim, o pobre engenheiro Fink, desarvorado. Não é altura de nos perdermos em considerações

sobre a distorção da lógica que por vezes parece tomar conta de uma comunidade inteira como uma doença, contrariando o princípio segundo o qual quantos mais pensarem um problema mais probabilidades existem de ele ser bem pensado. Longe disso, sim. Muitas vezes instala-se uma espécie de histeria colectiva, uma atracção para o erro que é de todos. Segundo Castro, parecia uma daquelas loucas romarias que os da cidade por vezes fazem ao campo, sobretudo aos domingos. Andaram a perguntar junto do povo e uns tinham-na visto enquanto outros asseveravam nunca tal mulher ter passado por ali.

E, enquanto toda aquela gente, decepcionada, partia em direcção à linha férrea, Castro largava-os e regressava à estrada, ao exacto ponto onde o motorista Laissonne dissera que deixara Agnès. Começa-se sempre pelo princípio, antes mesmo das ideias feitas. Começa-se no ponto onde ainda nem sequer existem ideias. Foi a partir daqui que, com os seus dois pisteiros, escolheu nova direcção, baseado em subtis sinais. Sempre segundo ele, no primeiro dia atravessou as terras do regedor Tomás Cambuêmbua Phiri, seguindo caminhos de pé-posto pelas margens de riachos (Muadambo, Túdzi, Massembledzi), até chegar ao rio Condezi, que subiu, sempre farejando. É claro que não seguia apenas os sinais da natureza, mas também palavras e dedos apontados por caçadores locais ou simples mulheres que trabalhavam nas machambas. Seguiu também o cheiro que os pisteiros colhiam da passagem de uma branca (segundo uns um cheiro persistente a carne doce, para outros um cheiro a mortos). Ao segundo dia chegavam às terras do chefe Mogunda, já bastante distantes da estrada, depois de atravessados mais riachos, entre eles o Mussembledi e o Chimuambalame (é preciso dizer que o Castro referia riachos e povoações como quem dizia os nomes das ruas de uma cidade, e o que aqui fica escrito corresponde àquilo que ouvi sem esquecer, e que apontei no caderninho que andava sempre comigo, sem garantias cabais quanto à sequência e à ortografia). Nesta altura da narrativa disse-me que, desde pequeno, quando enfiava uma coisa na cabeça não havia força que a tirasse de lá. Desse por onde desse, haveria de encontrar a mulher do

engenheiro. É desta matéria, suponho, que se fazem bons caçadores independentemente do valor da presa.

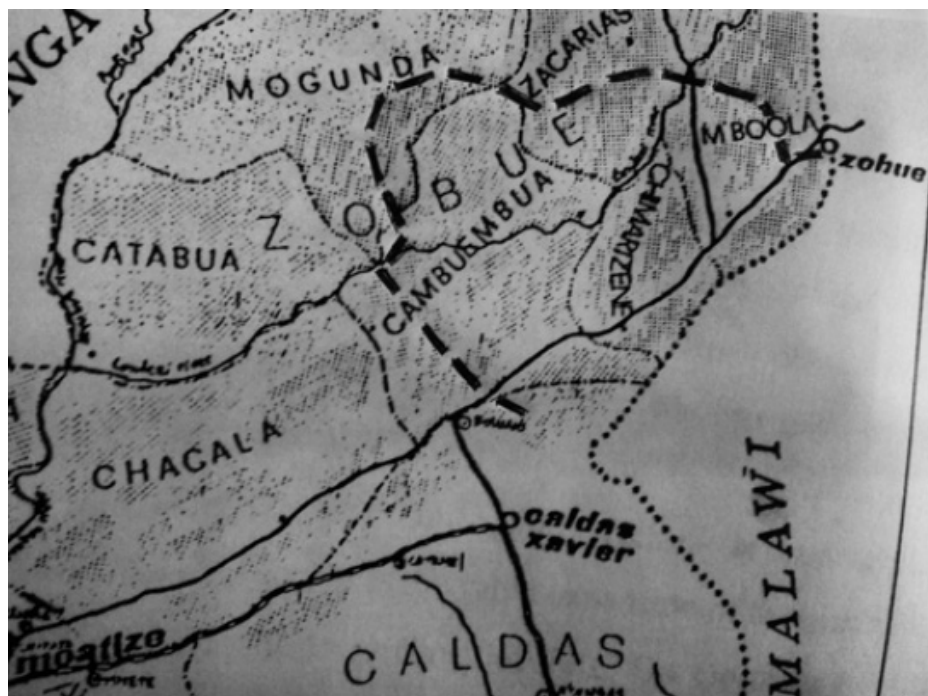
Enfim, foi nas terras do Mogunda que os sinais começaram a crescer. Cheios de paciência, Castro e os seus homens esperaram em baixo de um alpendre de estacaria que o régulo trocasse a capulana de trazer por casa por umas calças mais condicentes com a cerimónia de receber visitas. Além disso, tal como em outros lugares, e até mesmo no nosso mundo moderno, também ali as autoridades se convenciam que quanto mais fizessem esperar maior era o sinal que davam da sua própria importância. Valeu a pena a espera, pois Tomás Mogunda informou que sim, que uma branca muito branca, de cabelo também branco, havia pernoitado em casa de uma das suas mulheres, ao mesmo tempo que oferecia dinheiro a quem lhe pudesse resolver o problema que trazia. Tinha ele, Mogunda, feito mal? A branca era procurada pela polícia? Se sim, pedia desculpas mas não sabia. Nas terras dos Mogunda havia a tradição de ajudar os viajantes. Desde já, repetia, pedia desculpas.

Apesar da profusão de detalhes, o relato de Castro foi, neste ponto crucial, decepcionante. O caçador não se interessou em apurar ao que vinha Agnès, e que problema terá dito ao chefe Mogunda que era o seu. Estava apenas interessado em vangloriar-se em frente dos ouvintes, e portanto em sinais que lhe permitissem prosseguir na pista da gazela.

Voltando à história. Condoído do problema da branca, Tomás Mogunda mandou chamar um grande curandeiro de nome Bissuasse Minjale, residente nas terras algo distantes do cabo Tanvalero, junto ao rio Revúbuè, mas que por fortuna estava ali de visita uma vez que os dois tinham entre si frequentes negócios. Bissuasse acedeu a ouvir a branca sem que se saiba se foi ou não para a curar de algum mal ou satisfazer outro desejo qualquer (durante o relato, Castro foi, como disse, omissos em relação a este tipo de informações). O certo é que no dia seguinte o curandeiro Bissuasse partiu com Agnès para a regedoria M'Boola, atravessando as terras do regulado Zacarias pertencentes ao chefe Chumachazungo Temera. A partir daí o Mogunda não podia

acrescentar mais nada uma vez que o Bissuasse ainda não havia regressado.

Só restou a Castro partir atrás deles, após ter despachado de regresso um dos seus homens com ordens de avisar os outros que o esperassem na vila do Zóbuè, junto à fronteira. Dobrou o passo, queria acabar depressa com aquilo. Já não tinha disposição para comer o que calhasse mais de um par de dias, para dormir no meio do chão. Agora, para além de sinais da natureza e das palavras de quem encontrava no caminho (para além do cheiro), seguia também os seus próprios palpites interiores, quase sempre certos. Castro afirmou-se, modéstia à parte, um grande caçador! Foi assim em Bragança, na sua juventude, e era assim aqui. Por isso, ainda o terceiro dia ia a dois quartos e já ele e o ajudante davam com Agnès na povoação de Mussacama, hospedada em casa de Nequelina, a mulher mais antiga de Jacobe M'Boola Gondo, o chefe da regedoria M'Boola, que faz fronteira com as terras do Mogunda.



Enfim, a gazela. Nas palavras de Castro, uma *coisa* minúscula e muito frágil, cujo olhar denotava no entanto uma vontade de ferro

surpreendente. Ou era verdade ou tentava ainda reforçar as qualidades da presa para valorizar a sua própria acção.

Claro que o Castro não podia simplesmente agarrá-la e arrastá-la de volta a Moatize. Afinal ela era branca, o contexto complicado, e além disso o tal brilho do olhar não augurava facilidades. Houve que proceder a várias negociações, a começar pelo curandeiro que, pela sua parte, não apresentou qualquer resistência: para além de ter já recebido o que quer que Agnès lhe prometera em troca dos seus serviços, Bissuasse Minjale não queria problemas com o chefe de posto, e muito menos com o administrador do concelho de quem o Castro, espertalhão, afirmou ser enviado. De modo que se despediu de todos e raspou-se discretamente de volta a casa, lá para as bandas do rio Revúbuè, soube-se mais tarde que sem sequer passar pelas terras do seu amigo Mogunda.

Havia, em segundo lugar, o problema de Agnès Fink: como convencê-la a regressar. Mas também este se revelou de inesperadamente fácil resolução uma vez que ela, talvez cansada do esforço dispendido para chegar até ali, à vista das dificuldades que tinha pela frente, simplesmente baixou os braços e mergulhou numa apatia profunda, como se o facto de a levarem de volta lhe fosse agora indiferente.

Restava o último problema, que era o de prestar contas a M'Boola, o chefe das terras onde o caso acontecera, pois enquanto ali estivesse a estrangeira era da responsabilidade dele. Por isso, depois de despachar o segundo ajudante de volta à estrada, com ordens de recolher a carrinha e se ir juntar aos restantes na vila do Zóbuè, o Castro dirigiu-se com Agnès Fink à povoação Lezia, de Nassitepe Blázio, a mulher mais nova do chefe M'Boola, em casa de quem este se achava a pernoitar por aqueles dias. Só depois de resolvidos os pendentos que se haviam criado com M'Boola – tratados com o pouco pano que Castro trazia (e que o marido de Agnès, mesmo sem o saber, lhe ficou desde aquele momento a dever), mais promessas de futuro acerto numa cantina da vila de Moatize quando ao M'Boola calhasse lá dirigir-se – partiram então para o Zóbuè, onde os esperava uma pequena multidão de autoridades, familiares e amigos da estrangeira (era assim que o

Castro na maior parte das vezes lhe chamava). Uma multidão que o Castro descreveu com riqueza de pormenores, pois servira de audiência à proclamação da sua vitória: o pobre do engenheiro Fink, a direcção da Companhia com o director-geral Simon na frente, o inspector Cunha para se certificar se não havia ali mão subversiva, e mesmo autoridades como os chefes do posto do Zóbuè e de Caldas Xavier, respectivamente Virgílio Martins de Oliveira e Isidoro de Sousa Fonseca. Afinal, não era todos os dias que acontecia uma coisa assim, ainda por cima com um desfecho feliz.

Ocorreu-me perguntar se Annemarie Simon também lá estava, talvez para saber se ela aproveitara para celebrar a sua vitória privada. Não cheguei contudo a formular a pergunta. E, tal como com a entrega do troféu o Castro considerara a caçada terminada, também aqui, concluída a história, ele não via necessidade de continuar a falar. Calou-se e ficou a olhar para mim, à espera que eu confirmasse estar satisfeita para poder virar costas. E, como eu não reagisse de imediato, imersa que estava na procura do significado de tudo aquilo, ele ainda acrescentou, num murmúrio, ter encontrado a senhora inteira e bem tratada, e assim ter ficado este assunto inteiramente resolvido, após o que finalmente se virou, com um toque na aba do chapéu, e foi ter com os trabalhadores que o esperavam.

Retomámos a viagem. Suzanne ia calada. Era como se as palavras do capataz tivessem reavivado nela um fogo que nunca se extinguiu completamente. Enquanto conduzia, contou-me num tom monocórdico as circunstâncias em que se dera o regresso de Agnès a Moatize.

Na pequena multidão que a fora esperar ao Zóbuè incluía-se Suzanne ela própria, que fora para lá no *Hudson* do director-geral, na companhia do engenheiro Fink. Falava portanto das coisas em primeira mão.

A história não acabava ali. Não acabava com o regresso de Agnès a casa ou com o opróbrio dos Fink. Sim, porque o mal-estar do engenheiro Fink, neste buraco onde era preciso ser-se homem e branco para se ser alguém, Suzanne ainda era capaz de

compreender. Mas, e os outros? Annemarie Simon, por exemplo, que não tinha interesses nesta história a não ser o gosto mesquinho e pessoal da vitória sobre um opositor pequeno e indefeso. Sim, e Annemarie Simon?

‘E o inspector?’, acrescentei eu Perguntei-o sem qualquer motivo especial. Seguia apenas uma intuição que acabou por se revelar certa, no sentido em que se não o tivesse feito talvez Suzanne não entrasse por esta via.

Manteve-se por momentos em silêncio, suspeito que menos para me esconder coisas que por um renovado temor desse homem odioso. Quando se decidiu por fim a falar foi para confirmar que de facto o inspector era o maior interessado em aprofundar aquele assunto. Ou seja, em assegurar que os Fink saíssem humilhados, em certificar-se da sua desgraça. Insidioso, não chegou nunca a molestá-los verdadeiramente, para além de uma ou outra visita a casa para se certificar de pormenores. Não queria conflitos com os belgas. Mas deteve Laissone para apurar se era como ele contara ou se o pobre homem tivera um envolvimento mais substancial na fuga de Agnès. À volta de um copo de *whisky* bebido com quem estava com ele nas horas sociais, deixava escapar que pretendia apurar se havia manobra subversiva ou se era apenas um capricho sexual da estrangeira (o porco!). Só o soltou por interferência pessoal do director Simon, e quando teve a certeza de que a versão das suas dúvidas se havia espalhado. Mais do que factos, interessava-lhe a criação desses mesmos factos. Mesmo assim, dois ou três meses depois voltava à carga mandando buscar o feiticeiro Bissuasse para um interrogatório e molestando o chefe M’Boola. Ou seja, sempre que o desagradável episódio parecia finalmente ultrapassado lá vinha ele lembrá-lo aos Fink, como que para ajudar a manter acesa a perturbação da pobre Agnès.

*

Enquanto estas coisas me iam sendo reveladas pelos dias, foi chegando o meu primeiro Natal africano, envolto numa aura de desencontradas impressões. Nos dias mais claros a excitação de Miguel tornava-se contagiosa e eu passava manhãs com ele à

ilharga a pendurar tiras de pano vermelho e fiapos de algodão nos ramos de um pinheiro trazido do Zóbuè.

Devo dizer que para a excitação reinante também contribuía o espírito festivo dos criados. Travessa era o mais entusiasta: apressava-se nos recados, batia ovos ou manteiga com uma fúria alegre, olhava fascinado as luzes multicolores da gambiarra acabada de chegar da Beira, que Murilo, recorrendo aos seus misteriosos dotes de *engenheiro da electricidade* (era assim que lhe chamavam, com um orgulho cuja natureza nunca cheguei a entender inteiramente), conseguiu pôr a piscar.

Todo este ambiente era alimentado pela milagrosa arte de uma espécie profissional situada entre o camionista e o comerciante, homens empreendedores que percorriam grandes distâncias até Salisbury, Beira, e mesmo Lourenço Marques, onde iam buscar toda a espécie de mercadorias de que necessitávamos mas dificilmente nos lembraríamos, desde *bibelots* a alimentos. Um desses comerciantes ambulantes, de nome Fidélis, a quem comprei uma novíssima batedeira entre muitos outros artigos, chegou a oferecer-me uma *bonbonnière* de cristal para me premiar pelo facto de ser tão boa cliente. Alguns dos alimentos eram altamente perecíveis e chegavam-nos embalados em caixas com gelo para se poderem manter. Imaginem-se as dificuldades do empreendimento sobretudo na época das chuvas, quando os camiões se atolavam nas lamacentas estradas de Inhaminga, ou quando tinham de esperar dias pela travessia do Zambeze em batelão!

Mas havia *o outro lado* de tudo isto, o lado obscuro. Um dia perguntei a Travessa se o Natal tinha sido sempre assim naquela casa.

‘Que cozinhas a senhora Agnès? Que espécie de árvore de Natal ela *fazia*?’

Pareceu surpreso com a pergunta. Respondeu que nunca ali tinha havido Natal. Esta era a primeira vez.

Só então me dei conta de quão absurda era a minha pergunta. E senti Agnès perto de mim, em bicos de pés, espreitando por cima do meu ombro, com uma curiosidade irónica, os pequenos

trabalhos de que era feita a nossa esforçada festa que agora me surgia como uma patética mistificação.

Claro que os natais dela só podiam ter sido passados na penumbra de uma sala apagada, o seu vulto recortado contra uma janela distante da Casa Quinze – essa sim, iluminada, piscando as luzinhas de uma árvore de Natal ao lado da qual todos, incluindo o engenheiro Fink, estariam jogando a canasta.

Abanei a cabeça para afastar as dramáticas imagens que ultimamente me surgiam, muitas delas sem dúvida injustamente exageradas. Mas o que é certo é que desde então o sabor amargo do Natal não mais me largou. Pelo contrário, só se acentuou em episódios como o da festa da Companhia, para a qual a administração não hesitou no dispêndio de quantidades consideráveis de recursos. E que era esta festa? Um funcionário negro vestido de vermelho, com barbas de algodão e bochechas enfarinhadas para parecer um Pai Natal *de verdade*, crianças brancas refugiadas no colo das mães, assustadas com a incongruência do monstro. Quanto às outras crianças, que também havia – os futuros funcionários filhos dos actuais funcionários, dizia o director-geral, como se lhes concedesse uma benesse – permaneciam ao fundo do salão caladas e quietas, cientes já da hierarquia, capazes já de uma timidez de adulto subalterno embora ainda não de reparar em quão suspeita era a generosidade dos patrões dos seus pais. E por fim as prendas, distribuídas em rigorosa consonância com a dita hierarquia, deslumbrantes bonecas francesas para as filhas dos engenheiros belgas, minúsculos carrinhos de lata para os filhos dos estafetas e dos cozinheiros.

Encostada a uma parede, próximo de uma janela, eu não podia deixar de imaginar uma Agnès que me fitava com um meio sorriso dentro do qual bailava a pergunta: *e tu, que achas tu de tudo isto?*

Notas Por esta altura, confesso, deixei de aspirar a um domínio completo de todo este processo. É que eram tantas as possibilidades, tantas as pistas, que não fazia sentido fingir para mim próprio que ainda era possível separar as promissoras das que

não iam dar a parte alguma. Por esta altura, repito, deixei de pretender seguir o que quer que fosse além de uma *certa* intuição.

Que fazia mover aquelas mulheres? Sentia que era aí que estava a resposta. Em Agnès, parecia-me evidente a atitude corajosa de desafio dos limites postos à pequena comunidade. Buscava no espaço mais além uma espécie de mundo real, distinto da mediocridade que a cercava. Enquanto aqueles que a perseguiram se perguntavam o que pretendia ela, colocando mesmo possibilidades torpes que não eram mais que a revelação daquilo que eles próprios eram capazes de imaginar, a mim nada intrigava naquele episódio: Agnès buscava simplesmente ar que respirar. E fazia-o com uma valentia que só poderíamos entender na sua verdadeira dimensão se houvesse uns óculos que nos permitissem ver o mundo a partir dessa altura – as regras rígidas, a estúpida moral. Mas, além de ter motivos de sobra para agir assim ela tinha também a sabedoria de não tentar ignorar aquilo que tinha dentro e sabia impossível de conter. Ou seja, o combustível que alimentava as suas obstinadas arremetidas ao desconhecido vinha-lhe de dentro. Faltava-me apenas saber se Agnès fugia ou se procurava.

Já em Suzanne – e neste aspecto talvez Maria Eugénia e, à sua maneira, o próprio Chassafar tivessem razão – havia mais o fascínio pelo gesto da amiga perdida que propriamente a busca de algo que a si própria faltasse. Suzanne, embora não deixasse de ser valente, deixava-se prender pelas aparências e virava-se para dentro do seu mundo. É isso: Suzanne, mais que descobrir pretendia impressionar. Digamos que lidava com o confronto como inevitabilidade ou simples prazer, ou seja, era uma vítima do seu hedonismo. Sim, não havia dúvida de que os dois tinham razão.

E Maria Eugénia?

Como se vê, deixara-me prender numa teia de considerações inúteis, de entre elas estas subtilezas que distinguiriam aquelas mulheres. Era urgente fugir desta armadilha, colher factos, algo que me trouxesse a sensação de que a história objectivamente evoluía. Nos dias seguintes mergulhei furiosamente no trabalho de arquivo, como se quisesse convencer-me de que não precisava de ficar à

mercê das minhas abstractas interrogações ou do impertinente filho do velho Chassafar. Chegaria a todas as explicações com os papéis que conseguisse encontrar!

Por essa altura era sempre o primeiro cliente a chegar ao Arquivo Municipal, o último a partir. De manhã, esperava com impaciência que os funcionários surgissem para abrir a porta do estabelecimento. Via-os aparecer nas esquinas ou apear-se de *chapas* que abrandavam no semáforo, ao fundo da rua. Não tinham pressa, um deles até me disse certa vez, num aparte eivado de alguma insolência, qualquer coisa como não valer a pena correr porque o Arquivo Municipal não fugia. Aglomeravam-se à porta, à espera que chegasse aquele a quem, por qualquer razão misteriosa, os responsáveis haviam confiado a chave. Era ele o alvo do meu ódio surdo. Era sempre um dos últimos a chegar. Surgia na esquina de cima, no passo arrastado de sujeitinho medíocre satisfeito consigo próprio, um arzinho abjecto que era a forma que a sua minúscula imaginação encontrara de alardear o facto de ser o *dono da chave*. Por vezes parava nessa mesma esquina a falar com algum conhecido, mesmo sabendo estar no campo de visão do grupo largo que o esperava (várias vezes tive de fazer um esforço quase sobre-humano para me impedir de ir lá buscá-lo pelos colarinhos). Depois, descia calmamente pelo passeio, cumprimentava os restantes funcionários com um sorrisinho religioso, uma falsa humildade, ignorava-me ostensivamente e empunhava por fim a chave com o ar de quem se surpreendia e queria surpreender os outros com o objecto que acabara de achar no bolso – sim, nada menos que a maldita chave! – que brandia três vezes numa espécie de gesto ritual antes de a introduzir na fechadura e, com duas voltas, abrir e empurrar a pesada porta de vidro e entrar na frente sem qualquer cerimónia. Antes que seguíssemos em manada atrás dele havia ainda que vê-lo cumprir um último maldito capricho, que consistia em girar o dístico pendurado atrás da porta para que desaparecesse a palavra *encerrado* e surgisse a frase que lhe estava nas costas: *aberto ao público*. Só então, sim, podíamos entrar, e fazíamos-lo enquanto ele, já adiante, desaparecia por uma porta que sempre me deu a

sensação de se abrir para as profundezas escuras do inferno, de onde se dependesse de mim não mais sairia.

Começava pois o meu dia com uma irritação mais própria de quem estava já a terminá-lo. Depois, seguiam-se não só a lentidão dos funcionários que traziam os materiais (nem sempre o mesmo) mas também toda a sorte de outras contrariedades como o facto de as caixas que eu solicitava não serem achadas, contrariedades essas que eu via como outras tantas tentativas de impedir o meu trabalho. Na certa havia alguém apostado em interpor-se entre mim e a pista que seguia. Cheguei a um tal estado de nervos que até os feriados e fins-de-semana eram encarados com hostilidade, como se resultassem da decisão de alguém poderoso que achava estar eu na pegada de algo que lhe era vital manter escondido (miseráveis e medíocres, pensava eu, convencidos de poder submeter o acontecido ao seu próprio arbítrio, mascará-lo como se a verdade não passasse de uma conveniência!). Se eram feriados, facilmente os podia atribuir a imponderadas decisões de um Governo despreocupado com a produtividade dos cidadãos. Mas, e os domingos? A quem culpar dos domingos?

Depois, era o intervalo do chá dos funcionários, altura em que todos simplesmente desapareciam, ficando no ar – se calhasse a porta estar entreaberta – o rumor de uma algaraviada sem dúvida girando em volta do meu fracasso. Sons em que eu era obrigado a reparar nos dias em que, absorvido pelo trabalho, me esquecia de solicitar previamente mais caixas de documentos e ficava sem ter o que fazer. Por fim, havia ainda a hora de saída que, além de injustificadamente temporã – numa altura do dia em que o sol ainda brilhava no alto – começava a ser preparada com absurda antecipação, quando os funcionários abordavam os leitores perguntando-lhes se ainda necessitavam de mais caixas de documentos, livros ou outro tipo de serviços, e cerravam ostensivamente o semblante no caso de a resposta ser afirmativa. Enfim, despiam as batas com despudor para que, assim que soasse a hora, pudessem abandonar o local sem mais delongas. Claro que a responsabilidade desta atitude inqualificável não lhes podia ser assacada na totalidade uma vez que parte dela resultava

do temor que tinham do homem da chave, o tal que, sendo o primeiro a entrar, tinha de ser ao fim do dia o último a sair. Sabe-se lá o que faria ele a um subalterno que, ao atrasar-se, lhe arruinasse os planos do que tinha para fazer depois que saísse dali!

Quanto a mim, assim que sentia as primeiras movimentações para a saída cerrava os punhos e preparava-me para uma espécie de prova diária de resistência: pedia um número exagerado de caixas de documentos ou livros, ignorava ostensivamente o funcionário que se postava à porta a pigarrear repetidamente, e o artifício de desligar a luz três vezes, a que recorriam como último recurso, chegou mesmo a despertar em mim a fantasia insana de levar na pasta uma lanterna para poder continuar a trabalhar sem ser incomodado. Confesso, com certo embaraço, que cheguei a sonhar que certa vez se esqueciam de mim lá dentro e eu passava a noite descobrindo explicações cabais que brilhavam como tesouros, de forma que no dia seguinte, quando o homem da chave abria a porta com as três sonoras voltas da praxe, eu surpreendia-os a todos com o movimento inverso, pedindo licença e saindo para não mais ali voltar!

Evidentemente que o que acabo de descrever se devia mais ao meu lamentável estado que à atitude dos pobres funcionários. E foi precisamente aquele que me servia quase sempre, o tal que por vezes era capaz de me surpreender, quem me alertou para o facto afirmando que se eu prosseguisse a leitura das caixas naquele ritmo tão veloz de certeza me escapariam pormenores da máxima importância. Na altura virei-me para o encarar, tentando descobrir uma ponta de ironia, mas o homem parecia candidamente convencido desse facto, sincero e com vontade de ajudar. Prova disso era o facto de ter descoberto num lote de caixas devolvidas – portanto supostamente já escrutinadas – uma que não fora sequer aberta. Era essa que voltava a trazer com um trejeito que me pareceu conter uma ponta de censura. A ser assim, não deixava de ter razão pois a minha negligência podia ser tida como desrespeito pelo inominável esforço que era passar os dias – na verdade, a vida toda – a transportar caixas por ler e já lidas de um lado para o

outro. Tanto quanto era absurdo trazer uma caixa já consultada, também o era levar de volta outra por consultar!

Abri a caixa. Nada continha de interessante além de uns processos relacionados com a cultura do algodão que a administração colonial procurara vigorosamente introduzir naquele lugar, apesar da resistência dos aldeãos. Fechei a caixa, decepcionado, e abandonei aquele lugar sem vontade de procurar mais.

Dias mais tarde o velho Chassafar trouxe-me novamente uma réstia de esperança. Devo dizer que entretanto tivéramos dois encontros sem que deles resultasse qualquer avanço substancial. Pelo contrário, criara-se mesmo uma espécie de crispação, com ele a referir que eu perguntava sempre as mesmas coisas, como se desconfiasse das suas respostas, e eu pensando, sem no entanto ousar dizê-lo, que ele me adiantava sempre as mesmas respostas. Começara também a tornar-se insistente no pedido de que lhe trouxesse o *livro* da senhora Maria Eugénia para que o pudesse ler. Será que duvidava da sua existência? Será que começava a tomar-me por embusteiro?

Entretanto, eu adiava a satisfação do seu desejo por uma razão muito simples: temia que, frágeis que já eram, as suas lembranças acabassem por fundir-se, no processo da leitura, com o texto de Maria Eugénia, muito mais categórico por me chegar por escrito e por ela ter sido o elemento preponderante na relação entre os dois. Havia pois que explorar até ao tutano tudo o que o velho Chassafar pudesse dizer-me antes de dar esse passo, que equivalia, no efeito devastador, à conhecida imagem da entrada dos arqueólogos em câmaras mortuárias egípcias fechadas há milhares de anos. Depois que desse esse passo deixavam de ter sentido as conversas com Chassafar a não ser para descobrir um ou outro pormenor picaresco. Ou seja, tudo acabaria desfeito em pó.

Dizia que ele me trouxe uma réstia de esperança. Estávamos sentados na esplanada do Café Acácia, com a cidade aos pés e a melancólica linha da Catembe alongando-se a perder de vista quando, num daqueles silêncios agastados que ultimamente entrecortavam as nossas conversas, e à falta de melhor, me veio à

ideia a última caixa que abrisse antes de abandonar precipitadamente o Arquivo Municipal.

‘Qual era o problema do algodão?’, perguntei.

Chassafar não pareceu surpreendido, embora não tivesse maneira de saber onde eu pretendia chegar. Habitara-se já aos meus caprichos, sabia que nos movíamos em círculos por causa deles. Encarou-me por breves momentos, enquanto punha em funcionamento a sua curiosa maneira de lembrar, e disse-me que o problema é que ninguém gostava de cultivar algodão. O algodão não se comia, obrigava a muito esforço, vendia-se muito barato. Em suma, não compensava. O problema é que as autoridades *precisavam* muito de algodão, para alimentar uma fábrica de descaroçamento que haviam instalado em Moatize, e por isso andavam sempre em cima das aldeias para garantir que ele era cultivado. Os *sipaís* irrompiam pelas casas e pelos campos de cultivo querendo saber por que razão não se cultivava mais. Pressionavam os chefes. Muita gente foi presa por causa disso.

Chassafar falava e eu tinha dificuldade em segui-lo. Perdia a concentração, distraía-me. Imaginava flocos de algodão descendo lentamente sobre a cidade de Maputo, lá em baixo, e era como se estivesse nevando. Os carros da polícia chegavam às nossas portas com um ruído de sirenes para inspeccionar os quintais e as varandas, no intuito de se assegurarem que as florzinhas brancas despontavam convenientemente de cada pequeno pedaço de terra, de cada vaso, e os tribunais julgavam e condenavam os prevaricadores, os presidenciais discursos explicavam porque nos devíamos dedicar àquela actividade que abria as portas do progresso, e tudo isto era um absurdo.

Sacudi a cabeça. Nada do que Chassafar dizia era propriamente novidade. Todavia, calhou mencionar alguns chefes que tiveram problemas com a polícia por resistirem ao cultivo do algodão, entre os quais Mogunda e M’Boola, nomes que me eram familiares desde o episódio da fuga de Agnès Fink. Havia pois uma ligação entre o algodão e a *minha gente*.

E, pela primeira vez, fui eu a deixar Chassafar plantado no encontro, e não o contrário. Corri para o Arquivo Municipal, entrei

de rompante, quase gritando ao velho que me trouxesse *aquela* última caixa, o que ele fez com a pressa que a idade lhe permitia e sem sequer me pedir qualquer referência. Hoje, quando penso nisso, concluo que ele tinha uma memória prodigiosa. Ou então havia ali algo mais.

Não me foi fácil encontrar o que procurava, logo entre os primeiros documentos. Num *Boletim de Informação* com o n.º 36, do mês de Novembro, o administrador do Zóbuè afirmava: *As populações estão revoltadas por se sentirem lesadas no mercado do algodão em Agosto último (pagou-se 3\$50 o de 1.^a e 2\$00 o de 2.^a). Ainda por cima a maior parte das vezes não se faz distinção entre as duas classes de algodão.*

O documento seguinte, a *Informação* n.º 44/A/18 da mesma fonte, mostrava como o clima se agravava rapidamente: *Da anormalidade da situação e do inquérito que se seguiu, unicamente se pôde apurar que as autoridades subordinadas do regedor não davam cumprimento às suas determinações e do mesmo modo não as acatavam as populações. Pôde ser constatado que o caminho de acesso à sede da regedoria, bem difícil dado o acidentado da região, não sofrera as reparações que tradicionalmente foram e são da atribuição das populações, não obstante a recomendação desta autoridade. Situação similar à actual ocorreu no ano passado, em que o próprio regedor, quando se viu prestes a afundar-se por falta de autoridade e de prestígio, solicitou socorro deste Posto que, para lhe valer, lançou mão do feiticeiro de grande prestígio de nome Bissuasse Minjale, que à custa de poderes fictícios teria inculcado naquela autoridade meios para restabelecer certo equilíbrio nas soltas rédeas do mando tradicional. Ao que parece não puderam ser definidas as causas reais da situação que de novo se repete, e não se vislumbra solução eficaz e conforme com o mal, que pode assentar em alguns motivos: gozou o regedor até à data da morte da mãe de apreciável prestígio que teria sido resultante do comando exercido na sombra pela falecida mãe; a etnia dos actuais habitantes da regedoria poderá ser considerada heterogénea, azimbas, nyungwés, macangas, etc., que se detestam entre si; a índole da maioria populacional é pouco conformista, por vezes*

explosiva; ao condicionalismo geográfico, fechado, de acesso difícil e distante da sede do Posto em cerca de 90 kms se alia a inexistência de escolas, estabelecimentos comerciais, assistência sanitária, etc.; tendência actual, por parte dos habitantes, de sair do interior isolado para junto de estradas mais movimentadas. Será o regedor talvez alvo de rancores e sentimentos antigos, resultantes da imposição da cultura do algodão de que resultou a fuga da maioria da população, e de impedimento ou restrições do exercício de cerimónias tradicionais ainda radicadas, etc.

Evidentemente, o nome do feiticeiro Bissuasse Minjale ficou a ecoar-me nos ouvidos de uma maneira ensurdecadora. Num frenesi, procurei algo mais nítido nos documentos em volta. Quase me senti tentado a pedir ao velho que me ajudasse naquela actividade. Enfim, seguiam-se outros documentos do mesmo teor, alguns envolvendo nomes conhecidos, a maioria debruçando-se sobre o tema do algodão como se de um assunto corrosivo se tratasse, um assunto que destruía tudo em volta. Continuei a folhear os documentos dos maços sem um propósito claro que não fosse o pequeno prazer de identificar nomes, circunscrever atitudes, reacções, enfim, ver as coisas acontecer como se o mundo real fosse habitado por títeres e eu, escondido atrás das cortinas do palco, numa penumbra quase negra, assistisse ao labor do manipular dos cabos e das roldanas. Desta maneira me fui afastando da realidade, embarcando em reflexões extravagantes. A começar, claro, por esta ilusão de que a vida antiga se pode resumir a um conjunto de temas arquivados em caixas de cartão, ficando sem explicação como se escoam entretanto, e se perdem, os ódios e os amores. Os segredos. Assim que acontecem, os assuntos mudam de estado, deixam de ser potência e migram para dentro das caixas de cartão de onde, tempos mais tarde, afloram em maços embrulhados num papel pardo atados com fio de algodão e manchados por um pó contra ratos, bichezas e humidades. Algodão, Falta de chuva, Comércio de tabaco, Doenças, Punições, Régulos, Pragas, Estrangeiros, e sobretudo Subversão – são estes os veios de minerais preciosos que eu, esforçado garimpeiro, farejava semanas a fio sem uma

recompensa. E eis que um dia surge um ténue sinal e este se vai adensando até ganhar o estatuto das coisas que se impõem a tudo o resto em volta. Mas, como nada dura sempre, esse tema preponderante vai por sua vez enfraquecendo até acabar finalmente por desaparecer, seguindo-se uma nova travessia do deserto.

Sim. Sem me dar conta achei-me já dentro desse mundo de que os papéis falam, olhando as pequenas criaturas que ali mandam – administradores, chefes de posto, polícias – todos eles obcecados pela ordem, sobressaltados periodicamente pelas ideias vindas de Tete (ou de Lourenço Marques, ou de Lisboa, tanto fazia), como esta do algodão, chegada com o único intuito de inquietar o ordenado mundo, perturbar a paz das populações e obrigá-los a eles a extenuantes movimentos de aldeia em aldeia, em busca de efeitos que mitigar e de culpados a quem castigar.

Despertei subitamente, perturbado pelo vulto do velho que se mexia ligeiramente para transferir o peso do corpo de uma perna para a outra. Devia estar ali há uma eternidade. Encarava-me do umbral da porta do gabinete, os dois numa penumbra já tão espessa que quase se confundia com escuridão.

Embaraçado, endireitei-me na cadeira e assumi a pose de quem estava lendo atentamente qualquer coisa, antes de me dar conta do absurdo da tentativa: há muito que não havia luz que permitisse ler! Só me restou fechar a caixa e arrumar as minhas coisas no escuro, enquanto olhava o velho, que tinha nos olhos um brilho difícil de interpretar. Orgulho pela importância da caixa que insistira que eu estudasse com mais cuidado? Simples condescendência relativamente à figura que eu acabara de fazer?

Perguntei-lhe se naquele dia fechavam mais tarde. Respondeu-me, acenando a chave, que fechariam assim que eu acabasse o trabalho. Pelos vistos alguma coisa acontecera ao hediondo dono da chave e era o velho quem tomava conta dos acontecimentos.

Agradei, apertando-lhe vigorosamente a mão, e saí para uma noite já ligeiramente fresca. Ia contente. Algo me dizia que fazia mais que limitar-me a descobrir uma história: interferia no curso dos acontecimentos.

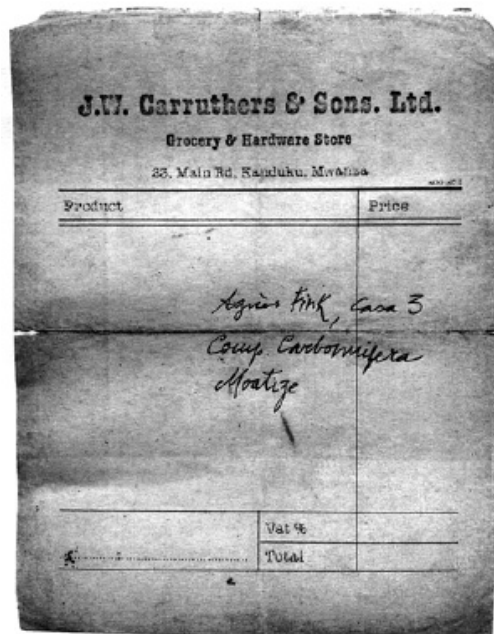
Cinco

À medida que o ano se aproximava do termo, o calor acentuou-se. Moatize era uma fornalha. Quanto a mim, já me resignara a passar noite após noite de um sono intermitente, perturbado pela súbita necessidade de um copo de água que me parecia sempre insuportavelmente morna, pela rede mosquiteira que se enrolava aos pés, pelos gemidos do Miguel ou por uma mudança de timbre no ronronar da ventoinha; enfim, até pelos sons mais diversos que, conquanto gerados lá fora, do outro lado da janela, me pareciam estar sempre ali dentro do quarto: os insolentes risos das quizumbas, o quebrar de um ramo em que se esgotara a reserva de humidade, um piado de pássaro desassombrado e cru.

As manhãs onde estas noites desembocavam eram verdadeiros becos sem saída, destituídas do poder de renovação que devem ter as manhãs, antes um prolongamento em negativo, súbito e fortemente iluminado, da provação acabada de passar. Não havia madrugadas, não havia aqueles momentos róseos que nos preparam para o dia. Ou havia-os com a duração de uns segundos apenas, uma transição tão abrupta que incutia em nós uma perplexidade capaz de resistir o dia inteiro (o fim da tarde era o oposto, vivido na iminência do retorno de noites que não havia maneira de deixarem de assombrar-me, e no terror que isso provocava).

Numa das manhãs de que falo – salvo erro era véspera de Ano Novo – esperavam-me lá fora duas mulheres sob a espessa sombra da mangueira. Como não era vulgar as mulheres do povo aproximarem-se assim das casas da Companhia, acorri intrigada. Não traziam recados de outras casas, não pretendiam vender nada. Queriam simplesmente falar comigo. Com elas estava um jovem que, segundo Travessa, vinha para as ajudar a *andar na cidade*. Tratava-se do filho de uma delas.

Durante um certo tempo confabularam numa língua da qual eu já conhecia palavras soltas, embora não em número suficiente para entender o que diziam. Travessa fazia-lhes perguntas e a mais velha respondia por monossílabos, às vezes bastante agitada. Eu era ignorada por todos. Faziam-no de uma maneira que não dava espaço a uma possível irritação da minha parte uma vez que não havia ali ponta de sobrançeria, simplesmente uma grande atenção àquilo que tratavam. Desconheciam o que chamamos de cortesia, é verdade, mas não o faziam numa atitude de confronto, antes pareciam mover-se segundo códigos por mim desconhecidos. De certa maneira eram mais francos do que a nossa cortesia permite ser. De vez em quando a mais velha das mulheres lançava um sobrolho carregado na minha direcção. Travessa também acabou por ficar a olhar para mim com uma expressão difícil de interpretar. Se pressentia problemas, o futuro iria encarregar-se de comprovar que não podia estar mais certo! Entretanto, os acertos entre eles pareciam estar concluídos. A mulher meteu a mão no peito e tirou de lá um papel amarrotado que estendeu na minha direcção. Interpelava-me agora directamente. Espalmei-o o melhor que pude e olhei, atónita, o que parecia ser uma factura comercial onde podia ler-se, em letras impressas, *J. W. Carruthers & Sons. Ltd., Grocery and Hardware Store, 23, Main Road, Mwanza*, e, por baixo, escrito à mão, em letra certa e miudinha: *Agnès Fink, Casa 3, Comp. Carbonnifera [sic], Moatize*.



Travessa explicou-me o resto. A mulher chamava-se Nassitepe Blázio e era a esposa mais nova do régulo M'Boola. Há muito tempo atrás tinha estado uma branca nas terras deles, mais propriamente em casa de Nequelina, a esposa primeira, a quem prometera ajuda caso um dia precisassem. Pois bem, esse dia era hoje. E, embora Nequelina não tivesse vindo, por estar adoentada, estavam ali as outras duas mulheres do régulo para apresentar o caso. Sim, porque a outra, que durante todo o tempo se manteve calada, era Celeste Freguesse, a segunda esposa do régulo. E as duas olhavam-me desalentadas, como se percebessem que toda a caminhada havia sido em vão. O jovem que as acompanhava mantinha os olhos baixos, embaraçado, como se as tivesse trazido tarde demais e fosse culpado do facto.

Quanto a mim, não pude evitar a sensação de uma espécie de culpa de nada ter feito para impedir a partida de Agnès, sensação absurda pois na altura em que ela partiu eu nem sequer cá estava, nem sequer sabia da sua existência. E, ainda Travessa não traduzira até ao fim e já me chagava o tom monocórdico da voz do caçador Castro contando como a gazela pernoitara na aldeia de uma das mulheres do régulo M'Boola. Imaginei Agnès pedindo um

papel, as mulheres atrapalhadas entrando e saindo das palhotas, revirando os magros pertences num frenesi, e finalmente um papel nas mãos de uma delas, a obscura factura de uma loja de fronteira, e Agnès rabiscando nele o seu nome como quem escrevia um desesperado pedido de socorro antes de ser levada de volta para a sua jaula: sou eu, este é o meu nome, não se esqueçam de mim. É o que o bilhete queria dizer.

Travessa, agitado, olhava para mim sentindo coisas estranhas no ar. Eu própria as sentia também, como se subitamente tivesse um vestido novo no corpo. Se até então Agnès entrara discretamente no meu mundo, limitando-se a povoar os cantos da casa e da minha atenção com a sua melancólica presença, dava agora um passo em frente, reclamando algo mais. Como se fosse, não já uma sombra mas matéria concreta dentro de mim. Passei a mão direita pelo braço oposto e não parecia o meu braço, ou parecia outra mão afagando-me o braço, sei eu lá!

‘Mas, porquê eu?’, ainda perguntei. ‘Porque vêm aqui e não a outra casa qualquer?’

Pensava em Suzanne, que vivia aqui há tão mais tempo do que eu, e se achava tão próxima de Agnès.

‘O endereço que lhes foi dado é o desta casa’, disse Travessa com severidade, como se adivinhasse os meus pensamentos e me cortasse a retirada.

‘Qual é o problema, então?’, quis saber, resignada.

Imediatamente voltou a algaraviada, sentindo as duas mulheres cada vez mais espaço para exigir o cumprimento do trato, enquanto Travessa me ia pondo ao corrente sempre que achava uma aberta.

A história era simples. O régulo M'Boola havia sido preso e trazido para Moatize. E elas estavam aqui para que Agnès – agora eu – o libertasse.

Pensei em explicar-lhes que podia pouco perante aqueles que haviam levado o homem, mesmo sem saber o que ele teria feito, mas rapidamente os seus olhares me dissuadiram. Não compreenderiam. De modo que passei a tentar ganhar tempo.

‘O que fez ele?’, perguntei.

Nova conversa agitada, que Travessa foi traduzindo. O régulo reunira a sua gente num grande círculo, no terreiro da aldeia. No meio do círculo colocara dois montinhos, um de algodão e outro de grãos de milho. Entre os montinhos largara uma galinha das suas, vulgar. Sem hesitações, a galinha aproximou-se dos grãos de milho e começou a debicá-los. E o régulo disse: 'Irmãos, se até a galinha, o mais estúpido dos animais, sabe distinguir o que é importante e se pode comer, porque haveríamos nós de pôr de lado o cultivo do milho para nos dedicarmos ao algodão?'

Claro que o episódio, como de resto tudo o que acontecia, acabou por chegar aos ouvidos do inspector Cunha. E este, que em tudo o que acontecia via sinal de revolta ou desafio, foi pessoalmente buscar o régulo. Opunha-se ao algodão? Pagaria por isso.

Nas semanas seguintes as coisas pioraram muito, devo dizer que mais por culpa da visão do inspector que da *realidade* propriamente dita. Pelo menos segundo Murilo e os seus comentários à mesa do jantar, em surdina para que Travessa e os restantes criados não pudessem ouvir. Se a estrada de terra que conduzia à aldeia de um chefe qualquer não era desimpedida de pedras e ramos caídos era porque esse chefe pretendia desafiar a autoridade, ou pelo menos porque os seus súbditos não obedeciam. E o inspector partia com a sua gente a visitar remotas aldeias a quem castigar, e a recolher velhos apavorados que por vezes víamos passar a caminho de Moatize, na carrinha dos presos. Ainda segundo Murilo – ou Travessa, já nem sei bem – nas lojas do mato já não se vendiam pilhas, por poderem ser usadas no fabrico de bombas (deve ter sido Murilo, Travessa não se atreveria a falar-me em bombas). O mesmo se passava com os fósforos ou o petróleo. E, passado um pouco, até com as pessoas. Se os africanos usavam chapéu com uma tira de pele eram terroristas da Rodésia; se ostentavam um lenço escuro no bolso eram contra os brancos; se falavam baixo entre si é porque conspiravam. A imaginação do inspector desconhecia limites. Um dia Travessa contou-me que até o sal já não era vendido livremente, podia-se fazer com ele sabe-se lá o quê. Cada produto tinha agora dois

significados, tal como acontecia com as palavras e com os gestos: o significado original e o significado do inspector.

Tudo isto não fazia senão acentuar em mim a ideia da coragem daquelas mulheres. Partir assim de casa, em direcção ao desconhecido, para resgatar o seu homem, desafiando forças que sabiam hostis e poderosas, era um feito cuja ousadia só quem conheceu Moatize e viveu esse tempo pode avaliar. E, virada para a imagem delas à sombra daquela árvore, eu sentia nas costas uma outra sombra, a de Agnès, feita da mesma massa que elas (em parte, esta *familiaridade* explicava a facilidade com que se haviam disposto a chegar ali). Assim cercada, que mais podia eu fazer senão tentar socorrê-las, embora sem saber ainda como?

Comecei por falar com Murilo, que reagiu com a expressão que nos últimos tempos eu havia aprendido a ver nele, um misto de conformismo e preocupação. Num repente, para reforçar a ideia de que a minha decisão de ajudar as mulheres era inabalável, disse-lhe mesmo que se fosse preciso me dispunha a visitar o inspector Cunha. Murilo fez de tudo para me demover. Prontificou-se a tentar saber por todos os meios qual a verdadeira situação do régulo, prometeu que *desta vez* me diria tudo aquilo que chegasse ao seu conhecimento.

Não deixei passar o deslize. Porquê *desta vez*? Será que *das outras vezes* não me dizia tudo o que sabia?

Murilo não evitou o repto, deixando-se ir de bom grado por uma linha de discussão que de algum modo nos afastava do régulo e do inspector. Sim, havia vezes em que se calava, e fazia-o para *nos proteger*.

Falei-lhe então na coesão dentro de casa, na partilha, tanto das coisas boas como dos infortúnios. Não era esse, afinal, o compromisso que ambos havíamos assumido?

Respondeu-me dizendo que eu dramatizava, que se dispunha evidentemente à partilha de que eu falava com a convicção do primeiro dia, mas não era isso que estava ali em causa. Acusou-me de torcer deliberadamente as coisas.

Aceitei a derrota. Quer porque o Miguel se começava a aperceber da tensão que existia entre nós quer porque já deixara a

minha semente: a partir dali Murilo não tinha como não tentar saber qualquer coisa que eu pudesse levar às mulheres.

Entretanto, eu não ficaria à espera. Além de Murilo, quem melhor que Suzanne, a minha rebelde companheira, para compreender e apoiar os meus esforços? Foi este o meu raciocínio. Pensei também que este problema concreto para resolver, esta razão por que lutar, ajudaria a resgatar a minha amiga da espécie de indiferença mórbida em que se encontrava. Foi este, repito, o meu raciocínio, que aliás se viria a revelar profundamente imprudente.

Na primeira oportunidade fui a sua casa e contei-lhe tudo. A visita das mulheres, a notícia da prisão do régulo. Começou por reagir de forma intensa, perturbada, a tal ponto que fiquei com a sensação de que ela conhecia o régulo e as mulheres. Disse-me que não. Pediu-me para ver a nota que Agnès deixara com elas, como se duvidasse do que lhe contara. Observou-a com minúcia, passando as pontas dos dedos sobre as letras, como que para lhes sentir o relevo. Confirmou algo que para mim sempre fora uma certeza: que aquele bilhete tinha mesmo sido escrito por Agnès. Não reparei, mas devia ter reparado neste primeiro sinal de uma espécie de despeito, como se Suzanne quisesse dizer-me que, embora eu tivesse aquele papel, era ela que tinha o conhecimento da letra de Agnès. Havia lidado com Agnès de perto, tinha-a visto escrever muitas outras coisas. Dizia eu que não reparei porque Suzanne não me deu tempo, estava já de pé a andar pela sala de um lado para o outro. Envergava um *négligé* leve, cuja cauda esvoaçava sacudida pelo seu passo resolutivo. Cheguei a pensar que era a velha e combativa Suzanne que regressava. Subitamente, estacou e virou-se para mim: 'É urgente fazer qualquer coisa', disse.

Tentei acalmá-la, um pouco intrigada com o seu estado. Certamente que não seria o régulo a causa da sua agitação. Talvez a nota escrita pelo punho de Agnès, associada à sua doença, deduzi. Pedi para a cozinha um copo de água, disse-lhe que algo estava já a ser feito. Em breve Murilo traria notícias e depois veríamos como agir. Mantê-la-ia informada.

Suzanne acenava lentamente. Encorajada pelo gesto, fui prosseguindo, lançando ideias, umas em que vinha matutando e outras novas, improvisadas, expostas ali menos para traduzir em acção que para acalmar a minha amiga. Por momentos sentime na pele de Murilo, nas alturas em que ele procurava o que dizer para me acalmar. É isso, como se eu fizesse de Murilo e Suzanne fizesse de mim própria. Com isso subiu-me uma espécie de remorso, e devo dizer que não descansei enquanto não transmiti a Murilo, nessa mesma noite, sinais de trégua; sinais de que, embora esperando que ele fizesse qualquer coisa, aquela não era uma questão de vida ou morte. Compreendia que o assunto era delicado, estava disposta a esperar.

No dia seguinte, mais desperta – uma noite de sono criara entre mim e as coisas uma outra distância – dei-me conta da minha estupidez. Primeiro pressionava Murilo até quase ao limite; depois, sem uma razão concreta vinha dizer-lhe que podia recuar, que não tinha de levar-me tão a sério! A partir desta altura fiquei sem meio de saber se a sua demora em trazer notícias se devia às dificuldades que de facto tinha em consegui-las ou a essa falta de urgência (chamemos-lhe assim) da minha parte.

Voltando a Suzanne. Usando de todo o tipo de argumentos, e de muita paciência, senti, passado um bocado, que ela serenava. Assim, depois de me ter assegurado pelo telefone que o marido vinha ter com ela, regressei a casa.

la perdida em pensamentos. Precisava de descobrir o que fazer, precisava de afastar o remorso em relação a Murilo e, já agora, precisava de encontrar uma forma de ajudar Suzanne. Foi essa a minha imprudência: o facto de ter partido sem esperar pela chegada do engenheiro Clijsters.

Assim que se viu só, Suzanne vestiu-se num ápice, saltou para cima do jipe e partiu a toda a velocidade para irromper aos berros no gabinete do inspector Cunha, exigindo a libertação imediata do régulo que estava ali detido, insultando os guardas e agentes quando o inspector ordenou que a pusessem lá fora, e continuando a insultá-los depois que ele lhe deu voz de prisão.

A notícia espalhou-se com rapidez. A comunidade era pequena, não havia memória da prisão de um branco, se exceptuarmos o caso do caçador Castro por alturas da morte do suposto amante da sua mulher Argentina. Além disso, tratava-se de uma mulher, ainda por cima estrangeira. E finalmente, ao que tudo indicava, acusada de um *crime político*.

Eu soube do caso quando Murilo entrou em casa com o engenheiro Clijsters, ambos esbaforidos, mais ou menos certos do meu envolvimento, até porque eu havia telefonado a Clijsters a partir de casa dele duas ou três horas antes. Contei-lhes em pormenor a minha visita enquanto bebiam um *whisky* atrás do outro, que eu própria lhes servia depois de ter constatado uma inexplicável ausência de Travessa. A situação era muito desagradável. Murilo olhava-me como se eu o tivesse traído, o que de certa maneira não deixava de ser verdade. Quanto a Clijsters, na impossibilidade de poder acusar-me (conhecia bem a mulher que tinha, sabia que na maioria dos casos era ela, não outros, a provocar as situações), evitava simplesmente o meu olhar.

Felizmente lembraram-se de telefonar ao doutor Mascarenhas, que veio o mais depressa que pôde. Era um homem de bom senso, além de que poderia comprovar em termos médicos o estado emocional de Suzanne. Além disso, se o inspector Cunha não temesse mais nada temia ao menos a morte, e quem melhor que Mascarenhas para mais cedo ou mais tarde se interpor entre o inspector e a morte?

Partiram os três para o escritório da Companhia, de onde seguiram com o director-geral para a sede da polícia. Sabiam que não iria ser fácil amolecer o inspector. Mas, para seu espanto, quando chegaram deram com o inspector à porta, despedindo-se amigavelmente de uma Annemarie Simon que, devido ao adiantado estado de gravidez, entrava com dificuldade no carro que a trouxera. Dentro deste, encolhida a um canto e com a atenção presa aos reflexos do dia no vidro da janela, Suzanne Clijsters parecia alheia à conversa dos dois.

Annemarie Simon fez-lhes um discreto sinal para que não interviessem, de modo que só lhes restou cumprimentar

atabalhoadamente o inspector e seguir atrás dela de regresso à Casa Quinze, onde ia haver muito que explicar.

Mandaram buscar-me. Afinal, eu era a melhor garantia, pensavam eles, de manter Suzanne *controlada*, além de que havia que apurar a minha parte – que não era pequena – em todo o episódio. Quando cheguei discutiam todos animadamente. Annemarie Simon contra os outros todos. Ou, mais precisamente, contra o médico e o seu marido, pois Murilo mantinha-se calado e os Clijsters pareciam longe dali: Suzanne completamente perdida, o marido sem saber o que pensar. O médico considerava que a incursão de Annemarie havia sido de uma imprudência sem tamanho: os solavancos, o calor, as contrariedades com que se arriscara a deparar.

‘Quer muito ter esse filho, não quer?’, perguntava com severidade.

Quanto a Simon, reprovava antes, na mulher, a ousadia de ter afrontado assim o inspector. Falou no estatuto que tinham, de estrangeiros, na responsabilidade particular que ele próprio tinha devido ao posto que ocupava, nas implicações diplomáticas que o caso podia ter tido. Disse-se magoado por Annemarie não lhe ter telefonado antes, estranhou o seu gesto impulsivo, logo ela, sempre tão avessa a esse tipo de repentinos.

Mas pelo menos num ponto Simon não tinha razão: o gesto de Annemarie nada tivera de impulsivo. Não era por acaso que lhe chamavam a Aranha, aquela que estendia a armadilha devagar. Ao correr determinados riscos, ou pelo menos ao dar-se ao trabalho de resgatar Suzanne, pretendia algo que todos aqueles homens nem sequer suspeitavam. Por um momento passou-me pela cabeça que fosse *proteger-me*, impedir que eu própria corresse riscos para libertar a minha amiga, riscos que no meu caso eram muito maiores que os dela; ou então, que ela quisesse mostrar-me que estava acima das pequenas quezílias, mostrar-me que, apesar da rebeldia de Suzanne, o papel dela, enquanto *General*, era proteger-nos a todas.

De qualquer maneira, essa nem era a questão mais interessante. Para mim o que de facto era necessário descobrir era

como soubera Annemarie da detenção de Suzanne. Quem a avisara? E como?

Regressei pensando na ironia que o episódio encerrava. Quanto teria Travessa ajudado à crise final de Suzanne com as informações entregues na Casa Quinze? Seria que agora, por uma vez, essas mesmas informações haviam servido para salvá-la? Isto, mais a ausência de Travessa durante toda essa tarde, criava em mim a disposição de lho perguntar directamente. Todavia, não cheguei a fazê-lo por à chegada ter deparado com nova surpresa: as duas mulheres do régulo mais o silencioso filho aguardavam-me outra vez à sombra da mangueira do quintal!

Não estava com grande paciência para longas conversas. Ordenei a Travessa, entretanto chegado, que perguntasse o que queriam (ainda era muito cedo para me virem *pedir contas*). Qual não foi o meu espanto, porém, quando me respondeu que elas vinham agradecer-me.

‘Agradecer o quê?’, perguntei.

‘Agradecer a soltura.’

‘Como, agradecer a soltura?’, perguntei atónita, pensando no que teriam as mulheres a ver com a libertação de Suzanne.

‘Não da madame Suzanne’, disse o Travessa. ‘Vieram agradecer a soltura do régulo.’

Notas Fiquei subitamente com duas *solturas* que pesquisar, ambas algo estranhas. No caso de Suzanne Clijsters por interferência da Aranha, embora segundo razões ainda por descobrir. E quanto ao régulo?

Eu sabia, à partida, do motivo da sua detenção. O algodão. Saber mais sobre o algodão, no Arquivo Municipal, não me foi difícil. Entusiasmado, o velho funcionário trouxe-me duas ou três caixas da secção dos *Negócios Indígenas* que continham centenas de documentos referentes ao assunto. É curiosa a relação que estabelecemos com as coisas. Se não se destacam podemos passar por elas todos os dias sem reparar, de tal maneira que seríamos capazes de jurar não existirem. Mas, quando algo desperta em nós a atenção para elas verificamos que afinal sempre

estiveram ali, sempre nos cercaram. Bernardo M'Boola estava afinal por toda a parte!

Mas nem sempre esta profusão de sinais significa que avançamos no esclarecimento de um caso. Pode até dar-se o caso que tanta abundância adormeça uma atenção que noutras circunstâncias andaria mais desperta, e assim voltamos ao mesmo. De facto, na maior parte dos casos os documentos repetiam-se uns aos outros, citando a origem ou simplesmente omitindo-a para tentar passar por informação original. Do chefe de posto para o administrador do concelho, do agente local da polícia para o chefe da subdelegação, do administrador do concelho para o governador do distrito, deste para o governo-geral em Lourenço Marques, *etc.* De tal forma que, como referi, se nos adormece a atenção e passamos a considerar tudo uma repetição, ignorando as pequenas referências que vão sendo inseridas. Foi assim que quase me escapava uma informação curiosa, que referia a deambulação das mulheres de M'Boola pela Niassalândia e se mostrava eivada de algumas incongruências. Transcrevo-a, para uma melhor compreensão: *Chefe do Posto do Zóbuè, Boletim Informativo n.º 10, de 26 de Abril. No passado sábado, dia 24 do corrente, as autóctones Nassitepe Blázio e Celeste Freguesse, mulheres do regedor M'Boola, foram à povoação Chichire, terras da regedoria N'tacha, da área administrativa de Mwanza, no Malawi, a fim de consultarem o curandeiro Laquissone sobre a doença de que o filho de Celeste padecia. Durante a consulta apareceu em casa do referido curandeiro um indivíduo alto, forte, usando uma barba rala, vestido de camisa de caqui e calça de ganga azul, falando o chinyanja, que quis saber quem eram aquelas mulheres, ao que foi informado de que se tratava de mulheres do regedor M'Boola. Disse o terrorista: é precisamente este – Bernardo M'Boola – que está na lista dos que devem ser raptados. Já estive na área da Angónia, onde todos os brancos estão a fugir. O regedor Mogunda já foi raptado pelo grupo a que pertença. Este regedor foi transportado para Zomba, onde foi decapitado. E, ainda há poucos dias o meu grupo foi raptar o regedor Cambuêmbua, o qual já se encontra a caminho de Zomba, onde também vai ser morto. Ao*

Bernardo cabe-lhe a sorte de não ser morto em Zomba mas sim na área do Zóbuè. É precisamente nestes próximos dias que o Bernardo deve ser morto. Depois do Bernardo M'Boola será a vez do regedor Chimalizene. Vós – apontando as duas mulheres – podeis ir embora mas aconselho-vos a avisar o Bernardo que este ano não terminará sem que apareça a cabeça dele separada do corpo. Então Nassitepe Blázio e Celeste Freguesse despediram-se à pressa da mulher do curandeiro acima nomeado e foram narrar o acontecido. Na sequência, o Bernardo acompanhou as mulheres a este Posto.

Vento não batiam certo. Por exemplo, o facto de ter uma data seis ou sete anos posterior aos acontecimentos. Por que razão reabriam as autoridades um assunto ocorrido há tanto tempo? Mas havia também razões de outra ordem, emocionais ou psicológicas, nomeadamente o facto de as duas irrequietas mulheres se terem posto a caminho da Niassalândia após solicitarem a intercessão de Maria Eugénia, sem esperarem pelo desfecho da acção desta. É certo que o motivo era diverso, buscar cura para a doença do filho de uma delas; mas, sendo assim, por que razão não consultaram Bissuasse Minjale – poderoso curandeiro da região e visita habitual da casa de M'Boola – por que razão foram procurar tão longe? Além disso, a atitude voluntariosa destas mulheres, que se moviam de um lado para o outro e contactavam toda a espécie de gente a fim de resolver os seus assuntos, não se coadunava com a imagem das mulheres africanas daquela altura (e, em grande medida, de hoje ainda). Enfim, o aspecto mais curioso da nota estava na atitude de M'Boola, antes resistindo às autoridades e agora ameaçado de morte e procurando protecção precisamente junto delas. Uma enérgica pesquisa em novas caixas, nos dias seguintes, confirmou o que gradualmente se ia tornando claro: o inspector havia conseguido os seus intentos. Efectivamente, duas notas davam o régulo M'Boola como solto, e quatro ou cinco referiam informações transmitidas por ele a agentes da polícia. Sim, M'Boola havia simplesmente mudado de lado! Isto, claro, considerando que havia dois lados, o das autoridades e um outro, na altura amplo e vago, difícil de circunscrever.

Cheguei a este ponto, lembro-me bem, numa sexta-feira. Sentia-me muito cansado. Tudo o que parecia sólido e inequívoco resvalava para a ambiguidade assim que ali me apoiava. O algodão, por exemplo. Havia algo que me inquietava, e que nesta altura se tornou evidente. Cheguei ao algodão, não a partir do caderno de Maria Eugénia mas das sugestões do velho arquivista. Não me parecia um percurso natural apesar daquilo que referi atrás nestas notas, de só começarmos a reparar nas coisas assim que as achamos importantes. Sim, não me parecia bom sinal desaguar no caderno ao invés de partir dele. Parecia-me contra a natureza das coisas, contra tudo o que fizera até ali. O meu propósito, não o podia esquecer, era retirar um sentido do passado, não imprimir ao passado um sentido actual. Havia algo de obsessivo nesse desvio. Resolvi abandonar tudo por uns dias. Durante o fim-de-semana vi televisão e li jornais, tentando distracção nas coisas da actualidade. Pobre artifício! Tudo me pareceu repugnante, a antiga nobreza transformada em retórica oca de velhas e novas raposas apostadas em escarnecer da nossa boa-fé. Acabei mergulhado na leitura de um inócuo romance onde intermitentemente consegui alguma paz.

Na segunda-feira seguinte, incapaz de esperar mais, abordei o velho Chassafar acerca das questões com que me debatia. Ele encerrou-se num mutismo quase absoluto quando tentei que me desse a sua versão sobre a acção de Annemarie Simon; mais propriamente, quando quis saber a sua opinião sobre quem a avisara. Sim, porque não era normal que uma mulher estrangeira, em avançado estado de gravidez, encerrada numa verdadeira torre de marfim, fosse a primeira pessoa a chegar junto do inspector Cunha. Havia a questão do móbil, claro (que interesse teria ela?), mas antes disso era importante saber como tivera conhecimento do caso. Quem a avisara? O velho Chassafar encolheu os ombros num trejeito de desdém. Não estava dentro da cabeça de madame Simon para saber. Nesse aspecto lamentava mas não me podia ajudar.

No fundo, a minha insinuação grosseira, embora verdadeira, tivera a resposta merecida. E quando a sua atitude me levou a abandonar esta linha de investigação e a incidir em Suzanne e na

prisão do régulo M'Boola, o caso mudou de figura. A sua explicação foi surpreendente, embora não totalmente destituída de sentido.

Sim, lembrava-se bem do episódio, até porque o vivera bem de perto. Mas não, não fora por estar louca que madame Suzanne fora exigir ao inspector a libertação do régulo.

‘A madame Suzanne não fez isso por loucura, fê-lo por inveja’, rematou.

Confundia o ciúme com inveja, o que, em princípio, também não é de todo destituído de sentido.

‘Como assim, inveja?’, perguntei.

‘Sim, inveja por madame Agnès ter *escolhido* a senhora Maria Eugénia para sua *amiga*, e não a ela. Desde o início que madame Suzanne pretendia mostrar que *controlava* madame Agnès, mas aquele bilhete que as mulheres do régulo levaram lá a casa era a prova concreta – *por escrito* – de que a escolhida por madame Agnès fora a senhora Maria Eugénia, a minha patroa.’

Claro que, além de obscura, a explicação era retorcida. Mas não destituída de sentido, como referi. Desde há muito que ouço falar em mortos que escolhem vivos para se expressar. Em todo o extenso território da margem direita do Zambeze vigora a crença no *m'phondoro*, o ilustre ou poderoso que, depois de morto, se transforma em leão e escolhe um mortal – o *caixa*, ou demiurgo – para seu interlocutor com o mundo terreno, sobretudo para transmitir a sua palavra no seio dos vivos. Todavia, isso não fazia aqui sentido. Agnès Fink era mulher, e que eu saiba nunca antes aconteceu uma mulher transformar-se em leão, além de que nenhum de nós sabia se, apesar de decorrido tanto tempo, Agnès estava morta. Mencionei essas incongruências e Chassafar riu-se. Afirmou que o que dizia nada tinha que ver com aquilo a que ele próprio chamava *as nossas crenças*. Claro que madame Agnès, sendo mulher, não podia encarnar num leão; e claro que ela ainda podia estar viva, embora ele *sentisse* que há muito havia morrido. Neste contexto, morrer ou estar ausente não seria a mesma coisa? A explicação do facto estava em que, embora tendo partido Agnès deixara ali o seu espírito. Que outra razão podia haver para o facto de o seu nome provocar ainda tanta perturbação nas relações entre

os vivos? Se eu atentasse bem iria ver que tudo girava em volta dela.

Fui obrigado a concordar.

Ora, por uma razão muito concreta esse espírito havia escolhido Maria Eugénia, e não Suzanne, para construir uma amizade. Eu que reparasse nisso: Maria Eugénia, que Agnès nem sequer conhecera! No fundo, as mulheres do régulo tinham ido àquela casa a fim de formalizar essa ligação, entregando a Maria Eugénia a mensagem do espírito. Aquela nota de mercearia era uma mensagem de Agnès, nada mais que isso.

‘E o régulo?’, perguntei.

Segundo ele, o régulo fora apenas o pretexto. Pretexto para elas e pretexto para o inspector Cunha, embora pretextos diferentes.

Confesso que fiquei de boca aberta. Balbuciei algo, no intuito de refrear o *entusiasmo* daquela interpretação. E Maria Eugénia, será que teria compreendido assim o bilhete? Como uma mensagem do além?

Imperturbável, Chassafar prosseguiu no mesmo tom. Claro que sim, claro que foi assim que ela percebeu. Há muito que Maria Eugénia sentia a presença de madame Agnès andando pela casa, tentando falar com ela.

‘Sei o que digo. Servia nessa casa, nesse tempo’, rematou.

E, para o comprovar, relatou-me o episódio em que pela primeira vez madame Agnès *regressou* à sua antiga casa. Um dia, voltava ele da sala, onde tinha estado a limpar o pó, quando Maria Eugénia veio atrás dele e lhe perguntou se tinha visto a patroa Agnès. Chassafar ficou espantado. Disse que não. Maria Eugénia ordenou-lhe que a seguisse e regressaram os dois à sala. Voltou a perguntar-lhe se não via a patroa Agnès junto à janela a olhar lá para fora. Assustado, Chassafar repetiu que não.

Perguntei-lhe então o que fizera. Respondeu que não fizera nada, apenas ficara a olhar para a patroa e para a janela alternadamente, de boca aberta.

Perguntei-lhe se não desconfiou, nessa altura, que Maria Eugénia estava doente. Respondeu-me prontamente que não, que

a patroa não estava doente.

Após um momento de silêncio, reformulei a minha linha de questionamento e perguntei-lhe se então também ele vira Agnès Fink junto à janela. Disse que não, mas que sabia que ela estava lá. Não conseguia vê-la mas sabia que estava lá. E que, portanto, a senhora Maria Eugénia falava verdade. Ante a minha perplexidade, acrescentou que *sentia* que ela estava lá. Apesar de ser um dia quieto, as cortinas mexiam-se ligeiramente e havia *um certo brilho*, prova inquestionável da presença da senhora Agnès.

Embora obrigado a aceitá-las (sobretudo pelo facto perturbante de o caderno se referir inúmeras vezes à *presença* de Agnès, reforçando o testemunho do velho Chassafar), evidentemente que estas obscuras explicações só em parte me satisfaziam. Diziam-me da perspectiva do homem e pouco mais. Mas, repito, proporcionavam, se não a verdade ao menos uma sólida explicação: Suzanne, por conseguinte, antecipara-se a Maria Eugénia no gesto de se ir destruir às mãos do facínora do inspector! Suzanne tentava, num último e desesperado impulso, ganhar desta maneira os favores de Agnès, impressioná-la! Fazia de facto algum sentido. Aliás, mesmo que não fizesse, dizia-me a minha intuição, por aquilo que já conhecia de Chassafar, que por esta via não progrediríamos mais. Voltei à questão do régulo M'Boola, para mim ainda longe de estar esclarecida.

Era no mínimo estranho que o inspector tivesse decidido libertar os seus dois prisioneiros de uma só vez. Chassafar confirmou que de facto o inspector também libertara o régulo, depois de ter aplicado nele o que na altura se dizia ser *um bom correctivo*, de tal maneira que a partir daí, e até à sua morte, o régulo nunca mais deixou de ter problemas numa perna. Aparentemente, o *correctivo* afectara-lhe um tendão, ficando assim indelevelmente assinalado o resultado que a falta de juízo podia provocar. Isso segundo palavras do próprio inspector, que dizia acreditar no poder que tinham os exemplos.

Segundo a curiosa imagem de Chassafar, M'Boola não foi solto. Continuou preso embora o inspector tivesse alongado a corda que prendia o pobre homem. Regressou às suas terras, mas era agora

um homem diferente. Passou a pressionar a sua gente a plantar algodão, de que distribuía as sementes, além de informar os *sipais* de presença de gente de fora com hábitos suspeitos. Em suma, M'Boola era agora um homem atormentado pelo medo, e talvez também pelo remorso da traição.

Aproveitei para referir o episódio da visita das mulheres de M'Boola ao curandeiro da Niassalândia, nem sei bem porquê. Talvez pela estranheza já referida de haver duas mulheres africanas capazes de se tornar protagonistas tão fortes, tanto no caderno de Maria Eugénia como na documentação colonial; ou pelo enigma que era a persistência do interesse das autoridades, tantos anos decorridos. A minha intuição revelou-se acertada, mas mais uma vez de uma forma totalmente inesperada.

Chassafar olhou-me com estranheza. Achou curioso que eu referisse aquele caso, mas aproveitou para desfazer um equívoco. Quando as mulheres foram à Niassalândia consultar o médico Laquissonne já tinham passado alguns anos, a Niassalândia já era independente, já se chamava Malawi. A única coisa que havia em comum com o passado era a energia das duas mulheres. Tudo o resto já mudara.

Caí em mim. Percebi o erro que era confundir a realidade com os papéis. Estes, além de nos imporem a perspectiva de quem os escreveu em detrimento de todas as outras, além de pressuporem causas e efeitos ligando todas as coisas como se não existisse o acaso, desprezam em absoluto o tempo. Numa mesma caixa, lado a lado, convivem papéis referentes a acontecimentos separados entre si por muitos anos. Num deles, o objecto é por exemplo um Bernardo M'Boola desgastado, trémulo e doente, enquanto no seguinte o mesmo régulo é ainda jovem, ingénuo e confiante. Nada na letra diferencia os dois papéis onde o inspector Cunha o retrata, como se entre eles não tivesse decorrido uma vida inteira, um penoso processo a caminho do aviltamento e da desgraça. Lado a lado, repito. Dentro da mesma caixa.

Não me desculpei perante o velho Chassafar apenas porque ele não compreenderia. Mas, ao mesmo tempo, surpreendeu-me que conhecesse tão bem o episódio. Perguntei-lhe a razão. Era bem

simples: durante os anos que se seguiram frequentara a casa do régulo e ali se encontrara muitas vezes com Cambala! Sim, Ernesto Cambala, o seu amigo, que aliás era visita regular do régulo M'Boola!

E, ante a minha estupefacção, explicou que quando foi solto, na sequência do fatídico episódio da visita de Suzanne e Maria Eugénia à aldeia dos mineiros, o enfermeiro Cambala ficou pouco tempo em Moatize. Voltou à enfermaria da Companhia Carbonífera, mas apenas enquanto preparava a fuga. Uma ou duas semanas depois desapareceu, para grande tristeza de um doutor Mascarenhas sempre à procura de enfermeiros capazes de *dar conta do recado*. Chassafar voltou a encontrar Cambala largos meses depois, na aldeia aonde se dirigiu em resposta a um recado de Cambala levado pelo filho da mulher mais nova de M'Boola, o mesmo que havia estado em casa de Maria Eugénia com as duas mulheres do régulo.

Instado por mim, o velho Chassafar prosseguiu com a história. Na altura, Cambala contou-lhe que regressara a Mwanza, na Niassalândia, onde conseguira emprego como conferente de carga de um camionista oriundo de Tete chamado Suleimane, que conhecia há algum tempo. Esse camionista era um defensor das ideias do doutor Banda, um político muito activo que viria a ser Presidente da República um par de anos mais tarde, quando a Niassalândia se tornou independente. Cambala confessou que na verdade ele próprio já há um tempo era adepto de Banda, mesmo quando ainda vivia em casa de Chassafar e era enfermeiro. Na verdade, mesmo antes de vir para Moatize. Nunca lhe contara com receio que ser denunciado, um receio justificado pelo facto de Chassafar se ter recusado a fugir do comboio com ele, na altura em que regressavam da Beira.

Suleimane vinha a Moatize e a Caldas Xavier trazer e levar mercadoria, às vezes mesmo até Tete e à Beira, aproveitando para espalhar panfletos de propaganda do movimento de Banda que trazia embrulhados num plástico dentro dos depósitos de combustível, ou dos tubos que seguravam as madeiras dos taipais. Tinha apaniguados em todos estes lugares.

Chassafar compreendera então súbitas ausências de Cambala a que não atribuíra grande importância, trocas de palavras com pessoas que nunca vira antes. Mas, se havia coisas que ficavam explicadas, havia outras que se quebravam para sempre. Chassafar confessa que por dentro ficou, não propriamente zangado mas muito triste. No peculiar modo de se exprimir, disse que esse dia fora como *o contrário do dia das bicicletas*. Se o episódio das bicicletas os havia aproximado, agora era como se, com a revelação, tivessem ficado um pouco mais distantes um do outro, embora sem propriamente se zangarem. Concluiu, com certo embaraço, que a ideia não fazia muito sentido uma vez que já estavam distantes há algum tempo.

Tranquelizei-o. Disse-lhe que compreendia o que ele queria dizer.

Por outro lado, Chassafar foi obrigado a reconhecer para si próprio que Cambala não deixava de ter razão: na posição em que estava, mais a mais após ter *experimentado* as fúrias do inspector Cunha, a desconfiança colara-se a ele como uma segunda pele, uma garantia de sobrevivência. Neste ponto separavam-se a razão e a emoção. Cambala tinha razão, e era isso que o levava, senão a ser menos amigo de Chassafar pelo menos mais distante e prudente em relação a ele. Este compreendia. É nestes casos que se diz que a vida nos separa.

Entretanto, ao convocá-lo, Cambala voltou de alguma maneira a aproximar-se. Contou-lhe que ajudava o seu patrão com a distribuição dos cartões de propaganda do MCP, o partido de Banda, mas só o acompanhava nas regiões fronteiriças de Moçambique (temia muito o inspector), ou dentro da Niassalândia. Nesta última, viajou muito com Suleimane, sobretudo para Blantyre, a capital. Foi em Chileka, nos arredores dessa cidade, que conheceu o enfermeiro Baltazar da Costa *Chagonga*, o motorista Cerejo Mateus e o amanuense Evaristo Gadaga, todos antigos funcionários da Companhia Carbonífera como ele, que haviam organizado um movimento para pedir aos governantes portugueses a independência de Moçambique. Fez amizade com eles, sobretudo com Gadaga, acabando por se juntar ao movimento. A

partir desta altura começaram as frequentes visitas a casa do régulo M'Boola. Citou muitos nomes de colaboradores, incluindo chefes do Zóbuè e de Moatize, asseverou que o movimento crescia todos os dias. Em breve tomariam o lugar dos brancos como donos da terra, e o *Chagonga* seria Presidente da República. Se Travessa quisesse aderir tinha uma bela carreira pela frente. Talvez viesse a ser doutor, ou até administrador de Moatize! Cambala dava-lhe uns dias para pensar, mas que não demorasse.

Chassafar regressou a Moatize e passou duas ou três semanas remoendo o assunto. Talvez imaginando-se na pele de Administrador de Moatize, transportado de um lado para o outro no *Hudson* do director-geral, saindo ao fim da tarde para dar ordem de prisão ao inspector Cunha, fazendo pilhéria com o nome deste, jantando em casa dos Murilos o assado que tantas vezes servira, aprendendo a jogar canasta. Duas ou três semanas em que viveu do outro lado daquele a que estava habituado.

Mas, evidentemente que era preciso uma certa coragem para se juntar aos revoltosos. A matilha do inspector andava à solta, farejando todos os cantos. Confrontá-lo desta maneira podia significar a morte. Durante esse tempo as coisas correram assim, Cambala insistindo por meio de mensagens de camionistas ou do filho da mulher mais nova do régulo, Travessa assaltado por terríveis dúvidas e tentando ganhar tempo. Partilhava o sentimento de revolta mas mitigava-o com ideias absurdas como a de discordar da expulsão da sua patroa Maria Eugénia (não tinha Cambala falado em expulsar os brancos todos, incluindo a sua patroa?). Além disso, porque insistiam? Que queriam dele, exactamente?

Falava e olhava-me com receio que eu não entendesse os seus ambíguos argumentos, que não o seguisse. E eu perguntava-me se a gente de Cambala não saberia da sua ligação à Casa Quinze, se não seria essa a arte de Chassafar que lhes interessava. Mas tranquilizava-o, fazendo sinal de que estava a compreender, enquanto a tarde caía ao redor do lugar onde estávamos, impregnando as folhas e as paredes das casas, o próprio ar, de serenidade.

Enfim, não foi preciso desta vez dar uma resposta definitiva por entretanto ter acontecido a prisão do régulo, cortando-se assim a ligação entre Travessa e Cambala que, como sabemos, tinha lugar nas terras dele. Chassafar chegou a temer ter chegado a sua hora mas, honra lhe seja feita, o régulo nunca o denunciou. Talvez por isso Chassafar mantivesse que M'Boola não chegara a mudar de lado, continuara preso só que com a corda mais longa.

Entretanto, o inspector, agora com as garras mais afiadas do que nunca, estendia a sua acção além-fronteiras. Os seus homens circulavam de carro por toda a parte, vestidos à civil. Chegavam a Mwanza e a Blantyre, misturavam-se com os imigrantes, bebiam cervejas com eles, queixavam-se da dureza da vida, segredavam planos de bons negócios, ninguém sabia já quem era quem.

Em Chileka, raptaram um importante nacionalista chamado Chico Lourenço à saída da sua alfaiataria, e nunca mais se soube dele. Logo em seguida coube a vez ao próprio *Chagonga*, o chefe do grupo, atraído a uma cilada, amarrado e amordaçado, trazido para o lado de cá onde o esperava o inspector com contas para ajustar. Apenas Gadaga escapou, mais prudente do que os restantes. Decegado o movimento, cortadas todas as ligações, Travessa ficou muito tempo sem saber o que acontecera com Cambala.

Depois de inspirar fundo, como se precisasse de todo o ar disponível para empurrar aquela conclusão, disse-me da imensa pena de ter deixado partir Cambala com uma ideia tão errada acerca do seu medo. Asseverou-me que nem que o inspector o ameaçasse de morte teria confessado algum segredo que compromettesse Cambala. O medo era um medo diferente daquele que Cambala pensou que seria.

Só voltou a ver Cambala muito tempo mais tarde, nos primeiros meses da independência, mas essa não era altura de esclarecer segredos. Nessa época os conhecidos cruzavam-se na rua mas só falavam, na curiosa expressão de Chassafar, à *superfície*. Hesitavam em ir por caminhos mais *fundos*, para não despertar fantasmas que a festa adormecera. Alguns tinham razões para tal,

outros apenas calavam pequenas humilhações passadas que não queriam nem lembrar.

Havia, claro, quem aproveitasse para acusar outros, a delação estava na moda, mas em geral entre os cidadãos comuns era como fica dito, pois ninguém, ou quase ninguém nascera limpo e puro no dia da revolução. Era um tempo de amizades novas, em que cada um se apresentava ao outro como pretendia ser daí para a frente. Pelos gestos e pelo vestir, quando se cruzaram Cambala parecia estar bem na vida, tinha até um pequeno carro oficial. Chegou a ler o seu nome no jornal, tinha um posto que o levava a visitar as províncias, desenvolvia actividade política. Mas, passado um tempo, tornou a perder-lhe o rasto.

Este assunto claramente perseguia e atormentava o velho Chassafar. Para o serenar, disse-lhe achar que também Cambala tinha culpas no cartório, por se ter deixado prender pelas suas pretensamente grandes ideias sem ter em conta, por mais confusas ou erradas, as ideias dos outros. Chassafar olhou-me com gratidão, embora sem parecer convencido.

*

O episódio que o velho Chassafar me contou fugia para o futuro, afastava-se já muito do período que me interessava, e portanto não lhe coloquei muitas perguntas a respeito. Não deixou contudo de despertar em mim um interesse geral respeitante à *natureza* daquilo que se passou depois do tempo referido no caderno, e também, há que reconhecê-lo, um interesse *teórico* relativamente às relações entre o tempo e a realidade.

Esclareço com um exemplo simples: numa passagem daquilo que nessa tarde me contou, o velho Chassafar referiu a morte de monsieur Simon, o director-geral, aparentemente vítima de um ataque cardíaco em pleno *court* de ténis. Fê-lo salvo erro para localizar a altura em que o inspector Cunha foi transferido para outras paragens. Recebi a notícia como uma bomba, mas não me manifestei com exuberância para não distrair Chassafar do curso da sua narrativa. Todavia, a partir daí sempre que regressava nas minhas investigações ao quotidiano de Moatize na altura de Maria Eugénia, e sempre que nele surgia o pobre Simon, eu olhava para

ele como alguém marcado para morrer, alguém para quem a vida significava uma inexorável subtração de dias até chegar a uma última canasta de sábado, e finalmente um fatídico domingo de todas as desgraças no *court* de ténis, sem a oportunidade de um último olhar ao filho pequeno, de uma despedida da mulher voluntariosa; sem um último pensamento para a brilhante carreira que pensava ainda ter pela frente.

Evidentemente que todas as figuras do caderno estão marcadas para morrer, tal como de resto todos nós, embora em princípio não figuremos em qualquer caderno. Mas ter a notícia *específica* da morte é algo que, pelo menos a mim, impressionou. O pobre Simon teve a partir de então uma aura negra que o seguia por toda a parte.

A seriedade desta questão está em que o desfecho não pode conspurcar o enredo sob pena de falsearmos todo o jogo. Há que descobrir um processo de visitar o passado com as mãos limpas, não conspurcadas. Embora muitos anjos se tenham transformado, por obra do tempo, em verdadeiros monstros, há que olhá-los nesse tempo apenas como os anjos que seriam.

Voltando ao que interessa. Fazendo o balanço da conversa dessa tarde para a reconstituição que me ocupava, assim que Chassafar se despediu fiquei a pensar nas duas *solturas* referidas no início destas notas. Ou melhor, nas três, se contarmos com Cambala.

Fiquei também a pensar no inspector Cunha que, como uma criança perversa, cortava as pontas das asas das vítimas e divertia-se com o facto de elas não conseguirem voltar a voar. Com o régulo M'Boola o recurso parece ter funcionado uma vez que o pobre *amansou*, passando a viver numa zona cinzenta, localizada entre o medo de ser decapitado e o remorso da traição. Tudo isto não o impedia, no entanto, de transmitir aos homens do inspector tudo o que lhe chegava aos ouvidos. Mas com Cambala os resultados haviam sido contraproducentes: o castigo teria precipitado as coisas, obrigando-o a optar. Sim, o inspector dera-lhe um motivo concreto – além do motivo mais geral – para se transformar em nacionalista fugitivo.

Faltava agora saber o destino do terceiro prisioneiro, ou seja, Suzanne. Que acontecera com Suzanne?

Seis

Partimos ao cair da tarde no *Hudson* preto do director-geral. Seguia-nos de perto o *Land-Rover* de Murilo. Na frente, ao lado do motorista, ia Mascarenhas; atrás, Annemarie Simon reclinada no banco, com a cabeça pousada no meu ombro. O director-geral seguia com Murilo.

De vez em quando Annemarie soltava um gemido: ou por causa de um solavanco ou porque lhe sobrevinha uma contracção. O doutor Mascarenhas, virado para trás, dizia-lhe então qualquer coisa para a acalmar enquanto eu lhe passava pela frente um pano embebido em perfume.

Hoje, decorrido tanto tempo, continuo sem estar certa de como interpretar a viagem; ou melhor, sem estar certa de saber o que pretendia Annemarie. Embora possa estar a ser injusta, digo isso por ter sido ela, mesmo assim, no estado em que estava, a organizar a disposição dos viajantes: quem ia onde e fazia o quê. Mandar era-lhe tão natural como respirar.

Não estou certa sobretudo do papel que eu ali representava. Ela queria-me por perto, agarrava-me com ambas as mãos como se disso dependesse a eventualidade de chegar. Ao pobre director-geral *colocara-o* secamente no outro carro, como se o censurasse da situação criada. Sim, ele era o culpado do seu sofrimento. Quanto a Mascarenhas, devia, claro, estar ao dispor, embora o seu ombro tivesse sido dispensado com impaciência, quase irritação. Talvez o pobre médico fosse também culpado, mas do atraso da medicina que não conseguia ainda fazer de um parto uma coisa comezinha.

Mascarenhas, sentado de lado, as costas viradas para a porta do carro, tinha um olho posto no caminho e outro em Annemarie, conseguindo ainda piscar-me um dos dois sempre que ela gemia, como que para me tranquilizar (a quantas atenções fica um médico obrigado!). Não sei se estava seguro da situação ou se procurava

esconder a preocupação que sentia. Alguma razão havia para ter decidido levar Annemarie para Tete em vez de lhe fazer o parto ali mesmo, em Moatize. Afinal, Mascarenhas gabava-se de ter mais de três mil partos *no cartório*, como dizia, um número que continuava a crescer dado que era raro o dia em que não lhe batiam à porta trabalhadores da mina transportando mulheres arfantes, quantas vezes com as pernas já molhadas.

Annemarie sempre se dividiu a este respeito. Na maioria das vezes tratava o médico com sobrançeria, achando que não fazia mais que a sua obrigação de funcionário, neste caso a obrigação de tomar conta das grávidas tal como a um capataz cabia tomar conta dos mineiros. Hoje, porém, que lhe cabia a vez a ela, certamente que esperava dele muito mais do que aquilo que um mero funcionário podia dar. Hoje Mascarenhas era um membro da família e por isso ela dispensava as formalidades do costume, tratando-o com a mesma brusquidão com que tratava o pobre director-geral.

Enfim, quando chegámos ao Matundo era já noite cerrada. O gasolina esperava-nos na margem de umas águas agitadas que mal se viam. Partimos sem demora, mergulhando num pesadelo que se iria arrastar durante meses, de facto durante o resto da minha vida pois calculo que tenha sido a partir desse dia que em definitivo se instalou em mim o terror das águas. A entrada naquele mundo oscilante, os estalidos de algo que não víamos, os homens transportando Annemarie e a possibilidade de algo correr mal e ela cair ao rio (a voz esganiçada do médico, o único que tinha ali autoridade, pedindo-lhes que tivessem cuidado), a luz crua dos faróis dos carros iluminando tudo isso – são sons e imagens que nunca mais esqueci. E, sobretudo, a voz angustiada de Murilo, perdida atrás dessa luz, gritando-me da margem que tivesse cuidado.

Ainda hoje sou visitada pelos sustos daquela travessia por cima de uma massa escura que todos sabíamos, embora ninguém ousasse dizê-lo, pejada de crocodilos. Digo isto, não pelo facto de me assustar com qualquer coisa mas por ser raro o dia em que não nos chegava notícia, em Moatize, de alguém ter sido trucidado por

um daqueles malditos animais: uma criança que chapinhava na água da margem, uma mulher que lavava roupa, um pescador na sua canoa. Daí a ânsia quase irracional com que nós todos, incluindo os marinheiros do gasolina, indagávamos o escuro. Annemarie seria talvez um caso à parte, demasiadamente mergulhada na sua própria situação para perceber o que acontecia em volta.

Chegados enfim ao outro lado, seguiu-se a correria através de uma cidade deserta, a entrada de rompante no hospital, a autoritária voz de Mascarenhas ordenando ao enfermeiro de plantão que fosse chamar o director. Por esta altura, há muito que Annemarie começara a deixar cair, uma a uma, as suas costumeiras exigências e diversas máscaras. Os seus gemidos soavam cada vez mais verdadeiros. Demorasse o parto um pouco mais e tenho a certeza de que chegaríamos enfim a uma Annemarie despida de todas as capas. Foi isso que transmiti a Mascarenhas depois de tudo ter passado, enquanto ele fumava um cigarro e ambos recobrávamos forças à varanda.

Entretanto avariara o gerador e faltara a luz, o director do hospital estava afinal longe de Tete a atender uma emergência, ouvia-se ao longe uma trovoadas seca. Tudo parecia correr mal. A luz incerta das lamparinas distorcia os movimentos de Annemarie a que Mascarenhas, aos gritos de ‘Respire comigo! Respire comigo!’, procurava incutir uma certa cadência. Duas vezes maiores nas paredes, igualmente distorcidas, eram as sombras das duas freiras que ajudavam o médico, silenciosas, correndo para um lado e para o outro com objectos nas mãos, atravessando furtivas a mancha já quase clara da janela. Tudo de um amarelo mortiço, mergulhado num intenso cheiro a petróleo.

Foi este ambiente soturno que, mesmo sem ter estado lá, Suzanne intuiu quando, dias mais tarde, e de rompante, se referiu ao nascimento do *diabinho*. Quando protestei, argumentando que não devia falar assim de uma inocente criança, retorquiu perguntando que mais podia parir uma *diaba* a não ser um *diabinho*, neste caso um *diabinho* com uma força capaz de fazer explodir o gerador de modo a que tudo se processasse no

ambiente adequado aos rituais satânicos – a escuridão e um silêncio sacudido pela trovoadra?

Voltando ao quarto, Annemarie chamava por mim como se estivesse em meu poder determinar o curso de um desfecho favorável. Logo eu, a quem não parecia caber mais que o reduzido papel de segurar-lhe a mão. Só quando ela se calou me dei conta do silêncio mortal que se abatera sobre nós, sobretudo depois que Mascarenhas, com ambas as mãos, puxou o pequeno corpo de entre as pernas da mulher do director-geral. Era como se as três – eu e as freiras – nos tivéssemos imobilizado ante um acontecimento mágico a que ainda faltava um som, e esse momento alongava-se, e quanto mais se alongava mais nos paralisava a falta desse som, e não ousávamos um movimento para não quebrar o sortilégio e nos vemos transportadas velozmente até desaguar num estado de puro terror: a janela quieta, uma freira aos pés da cama e outra junto da mesa. Eu à cabeceira. Annemarie prostrada depois do esforço. Um silêncio de pedra em toda a parte.

E os candeeiros bruxuleando furiosamente, única fonte de movimento, fazendo por sua vez mover o vulto das freiras nas paredes apesar de elas não ousarem mexer um dedo. Os candeeiros e, enfim, Mascarenhas, que com a mão esquerda pegou na criança pelos dois pés, a cabeça para baixo, ao mesmo tempo que com a direita a esbofeteava, gritando ‘Respira! Respira!’, e só parou quando o choro irrompeu enfim possante, inundando o quarto da certeza de se tratar de uma criança normal, não o pequeno diabo de Suzanne Clijsters, um choro que atravessou a rede da janela para se espalhar na madrugada já clara. E, voltando a pegar na criança com ambas as mãos tal como se deve pegar numa criança, o médico entregou-a então a uma das freiras para que a limpasse, virando as costas para sair para a varanda a fim de fumar o seu merecido cigarro.

Assim que Annemarie se distraiu de mim, primeiro presa a uma grande perplexidade e depois só olhos para o que as freiras faziam com a criança, saí também para a varanda, pensando no que seria de nós neste lugar se não fossem as varandas, verdadeiros

respiradouros para nos resgatar da fomalha que era sempre o âmago das casas. Ali nos libertávamos do ar doentio do interior, dos seus enredos intrincados, e mantínhamos viva a expectativa de uma aragem que nos salvasse.

De costas para a porta, Mascarenhas fumava o seu cigarro. Aspirava o fumo com sofreguidão. A alvorada cinzenta começava a deixar ver o rio lá em baixo. As mãos tremiam-lhe levemente. Não me atrevi a dizer nada, limitei-me a ficar ao lado dele. Com o tempo, pensei, a respiração acabaria por normalizar-se em ambos.

‘Quase perdíamos a criança’, disse ele sem se virar.

‘Sim.’

‘Foi um dos maiores sustos que apanhei nesta minha profissão.’

Mascarenhas, coitado, nem adivinhava que o segundo susto estava para acontecer, escassos dias após este episódio. Desta feita envolvendo um adulto, Suzanne Clijsters, que lhe entraria pelo consultório em braços, praticamente morta.

A história é relativamente simples, embora Moatize a contasse de muitas maneiras. Imediatamente a seguir ao nascimento do filho de Annemarie, o estado de Suzanne piorou. Ponho as coisas nestes termos porque para mim as duas coisas estão ligadas, embora reconheça não ter sido, na altura, uma associação consensual. De qualquer maneira, só sou capaz de contar a minha versão. O que quero dizer é que de alguma maneira a felicidade de uma não podia senão gerar o sofrimento da outra. Sim, há muito que as duas nos haviam habituado ao seu privado *diálogo*, em que o estado de uma tinha necessariamente de ser o oposto do estado da outra. Por esta altura Annemarie vivia o preenchimento da gravidez, um estado que atingiu o seu pico com o nascimento da criança. Assim, a infelicidade de Suzanne só se podia ter extremado. Penso já ter referido a alusão de Suzanne a um *diabinho* nascido das entranhas da *diaba*, na primeira vez que nos encontrámos após o regresso de Tete. Foi aliás um regresso triunfal, novamente no *Hudson* preto do director-geral, Annemarie com o filho nos braços e o ar impante de ter vencido uma grande batalha. Um regresso que ficou aliás a ecoar uns dias pelas ruas de Moatize: as funcionárias da secretaria conseguiram inventar na

aridez do lugar um ramo de flores para enviar à nova mãe, os trabalhadores seleccionaram representantes para apresentar os cumprimentos ao director-geral, este mandou distribuir uns garrações de vinho à boa maneira antiga, e por aí fora.

Só uns dias depois, quando as coisas assentaram, arranjei disponibilidade para fazer uma visita a Suzanne. Recebeu-me com um sarcasmo quase grosseiro, como se o facto de eu ter acompanhado Annemarie a Tete fosse uma traição da qual devesse agora manifestar arrependimento. A passos largos, Suzanne perdia uma ironia que era a base do seu encanto. Mas reconheço que fui eu própria a despoletar as coisas quando, na maior das inocências, lhe perguntei se já tinha visto a criança dos Simon. Era uma pergunta natural, na vila não se falava noutra coisa.

Deu-me uma resposta longa, nem sempre conexa. Sim, havia estado lá uma vez, *acompanhando* o marido, que insistira ficar mal deixar de ir.

‘Para ver a criança ou jogar a canasta, fica sempre mal deixar de ir!’, exclamou cheia de desdém.

Em seguida, e com um sorriso escarninho, referiu as duas ou três visitas que eu própria havia feito aos Simon depois do regresso de Tete, mostrando estar bem informada acerca de quem entrava e saía da Casa Quinze. Eu não tinha tempo de a visitar mas tivera-o para visitar os Simon mais que uma vez. Foi nessa altura que mencionou os diabos, mãe e filho. Estava muito agitada, queria que fosse tudo para o inferno.

Hoje, decorrido tanto tempo, reconheço que devia ter sido mais generosa com Suzanne, mais atenta a estes sinais de sofrimento. Mas a verdade é que por esses dias não pensava muito nela. E, numa das noites seguintes, tudo se precipitou. Laissonne, o motorista, apareceu em casa do médico quase de madrugada a dizer que Suzanne estava à porta do posto de saúde, muito *doente*.

Foi este o segundo susto de Mascarenhas, uma vez que Suzanne esteve vários dias entre a vida e a morte, com febres altíssimas, lavagens ao estômago, delírios, de tal forma que o médico perdeu quase tanto peso como a paciente, ganhando em troca um tique novo, o de mexer os lábios em silêncio como se

estivesse empenhado em secretas preces que complementassem a arte da cura. Suzanne acabou por sobreviver, é certo, mas num estado que dificilmente fazia lembrar a combativa mulher de outrora.

Laissonne, claro, foi preso. O inspector Cunha tinha ali um vasto campo para os seus prazeres. Como explicava o motorista ter aparecido assim, a meio da noite, com Suzanne Clijsters mais morta do que viva nos seus braços?

Seguiram-se dias difíceis para todos nós. O caso, segundo o inspector, revelava que a subversão estava às portas de Moatize: os *terroristas* haviam raptado uma branca, ainda por cima estrangeira, para demonstrar a sua força. Tinham mesmo tentado matá-la. É claro que ele não necessitava de pretexto algum para fazer o que fazia, dedicava-se a estes jogos suponho que por puro capricho. Convinha-lhe agora que Suzanne passasse de devassa e subversiva a pobre vítima. Jurava perseguir os culpados. Lançou-se nesse empreendimento com afinco. Invadiu o *compound* dos mineiros e foi prendendo e soltando gente a seu bel-prazer. Para ser inteiramente justa, tenho de dizer que o inspector não estava sozinho. Acompanhava-o sobretudo o medo daquele pequeno mundo da Companhia, altamente influenciado pelas sugestivas descrições do inspector, apoiadas em notícias que, não tenho dúvida, ele próprio ajudava a criar e disseminar. No Zóbuè, um padre da Missão havia sido raptado, a esta hora podia estar morto; um camionista fora surpreendido com caixas de espingardas, sabia-se bem para que finalidade as tinha; enfim, havia figuras sinistras a fazer desaparecer jovens das aldeias. Estas histórias circulavam de boca em boca em voz baixa, inundavam as salas dos patrões e as cozinhas e dependências dos criados, aquelas mesmas onde estaria fermentando a subversão. No fundo, ninguém sabia se eram verdadeiras ou se não passavam de outras tantas peças do *puzzle* do inspector.

Como não podia deixar de ser, um belo dia este irrompeu em nossa casa, ávido de sangue. Vinha atrás de Travessa. Como explicava ele o acontecido?

‘Que acontecido?’, perguntámos nós.

A versão de Laissone, segundo o qual Suzanne teria sido recolhida à porta da casa de Chassafar, no *compound*. Que fazia ela lá?

Não sei o que Travessa terá dito nos interrogatórios depois que o levaram (evitávamos mais tarde falar sobre os interrogatórios, que de alguma maneira nos envergonhavam a todos lá em casa), mas na altura, à nossa frente, respondeu apenas que não sabia, que tinha ouvido barulho lá fora quando estava a dormir, e viera ver. O inspector deu uma gargalhada. Com que então a senhora Suzanne caíra do céu, e logo em frente à palhota onde ele morava. Como que por artes mágicas, tudo acontecia ao redor daquela maldita palhota, a mesma onde ele entrara para prender o enfermeiro, ou melhor, o terrorista Cambala!

Dizendo isto, olhava para mim. Murilo também olhava para mim, desejando intensamente que eu não soubesse de nada. Eu própria, mesmo não sabendo, não conseguia evitar o mal-estar de sentir que o caso era demasiado parecido com o outro: o mesmo local, os mesmos figurantes. A mesma ambiguidade de Travessa, desta vez também ausente mas deixando outra vez para trás, espessa, a sua sombra.

Defendeu-se como pôde. Começou por se remeter a um silêncio um pouco arrogante (sentia de algum modo a minha presença, a presença dos patrões, como uma espécie de protecção). Depois, limitou-se a acrescentar que tinha ajudado Laissone a meter a senhora no carro; e que, na sua opinião, crime seria não ter feito nada, ter deixado a senhora morrer ali mesmo.

A reacção do inspector Cunha não podia ser mais clara. Na nossa presença, no meio da nossa sala e sem qualquer cerimónia, esbofeteou violentamente o pobre coitado. Duas ou mais vezes, já não recordo, como se quisesse fazê-lo cair em si, voltar ao tom correcto da subserviência.

‘Não me escapas duas vezes, seu preto!’, exclamou.

Ao mesmo tempo, alertava-nos entredentes para o facto de termos em casa um terrorista, claro que sem o sabermos. Ou será que eu sabia?, dizia-me a interrogação feroz do seu olhar.

‘Largue-o! O senhor não tem esse direito! Está em nossa casa!’, gritei eu, fora de mim.

‘Não seja por isso’, disse. E, virando costas, disparou porta fora sem se despedir, arrastando consigo o pobre Travessa seguro pelo pescoço.

Não digo que tudo aquilo fosse inteiramente um jogo. Num certo sentido o inspector acreditava no que dizia, era mais uma das vítimas da sua própria paranóia. Isso porque, quanto a mim, foi mais uma vez Suzanne a despoletar as coisas com os seus ousados gestos, verdadeiros gritos desesperados à procura de alguém que a ouvisse. Confesso que cheguei mesmo a sentir uma ponta de despeito por desta vez não me ter envolvido nos seus jogos, por ter voltado ao local do *nosso crime* sem me avisar. Talvez eu a tivesse podido ajudar, pensei, para atenuar o absurdo da ideia. Convenci-me mesmo de que a crise que ela tivera, os vômitos e as febres, se tinham ficado a dever aos nervos frágeis, embora o doutor Mascarenhas nos tivesse assegurado que o envenenamento fora bem real. Mas, quem a envenenaria? Por Travessa punha eu as mãos no fogo, mesmo sabendo da inimizade que existia entre os dois.

O inspector acabou por largar o infeliz assim que se virou para a vítima seguinte, tudo isso sem que desta feita fosse necessária a intervenção de Annemarie Simon, demasiado ocupada com a criança e com o retorno a uma canasta de que andava arredada desde as últimas semanas de gravidez.

Foi aliás na sessão de canasta do sábado seguinte que o engenheiro Clijsters, cabisbaixo, anunciou aquilo que a todos começava a parecer inevitável: partiria com a mulher de regresso à Flandres assim que ela estivesse em condições de viajar. Tinha a esperança de que o ar de casa ajudasse à recuperação daqueles nervos desgastados.

Notas Por toda a parte eram pares de olhos. Uma vez vazios como espelhos; outras, pelo contrário, olhos atentos ao que acontecia em volta para não desperdiçar oportunidades que tardavam em chegar. Olhos da multidão encolhida em bancos

corridos, de pau. Além dela, pouco mais: uma ou outra mosca sobrevoando os panos velhos, um bebedouro eléctrico com o aspecto de ter secado há muitos anos, um risco de ferrugem deixado pelo último fio de água na tina de latão. Tudo o que era de ferro ou madeira – portas, bancos e as suas ferragens – estava escondido sob infinitas e grossas camadas de tinta branca, a forma mais expedita de renovar. De vez em quando passavam serventes de batas azuis, gordas enfermeiras de batas brancas, todos eles empenhados no cumprimento de uma missão longe dali. Era como se operassem numa dimensão diferente, nenhum deles parecia reparar nos olhos ou na espera. Era como se, para os doentes que ali estavam, não tivessem chegado ainda os técnicos adequados.

Dei por mim assaltado por estas ideias e pelo esforço contraditório de fugir àqueles olhares e ao mesmo tempo procurar, no meio deles, o do senhor Chassafar.

Augusto, o filho, telefonara-me uma hora antes, avisando-me do acontecido: o velho Chassafar sentira uma tontura e caíra inconsciente junto à pia da cozinha, onde fora em busca de um gole de água. Ferira a cabeça na queda. Estavam a chegar ao hospital. Corri para lá. Na recepção, depois de percorrido o registo com exasperante lentidão, foi-me dito que efectivamente dera entrada alguém com esse nome, que o procurasse na sala de espera. Foi o que fiz, com os resultados descritos. Olhava-os um a um e era como se a minha procura reacendesse os olhares, que passavam a arder violentamente, agora fixos em mim. Quando não pude mais vim para a entrada esperar.

Foi então que deparei com um estranho par que se aproximava pelo caminho empedrado, uma jovem transportando às costas um homem muito velho. Ela teria uns vinte anos, talvez mesmo menos, dezassete ou dezoito, e era franzina, embora tonificada. Dava a ideia de ter feito algum desporto, ou então trabalhado desde tenra idade em algo que tivesse exigido a força do braço. Quanto ao velho que ela transportava, de uma magreza extrema, era impossível adivinhar-lhe a idade ou a envergadura original. Reduzira, como um fruto que foi mirrando, até quase ao tamanho de uma criança. Progrediam com a coerência de um corpo só: ela

um pouco curvada mas resoluto, ele agarrado às suas costas como se recorresse a forças derradeiras para se manter sem cair. Isoladamente davam a impressão de uma grande fragilidade, ela humilhada por uma carga que condizia mal com uma juventude que se quer a si própria livre e desempoeirada, ele agarrado aos ombros dela com um atabalhoamento de quem já não lhe resta jeito para nada. Mas, juntos, a impressão era estranhamente oposta, um par altivo, como se para ela fosse indiferente a opinião dos outros e a ele a idade conferisse um estatuto que o tornava imune a qualquer julgamento. Ocorreu-me que fossem avô e neta (sim, a coerência que deles emanava só podia significar que os unia um forte laço de família) e pus-me a imaginar o que os teria colocado naquela situação. Talvez o velho tivesse caído em casa como Chassafar, e a rapariga, sem ninguém por perto, o tivesse arrastado até à rua em busca de ajuda. Aí, como todos desviassem o olhar (nos tempos que correm não podemos contar senão connosco próprios), ela teria decidido pôr-se a caminho com ele às costas. A rapariga tinha um pé calçado e outro descalço. Sem dúvida que um dos sapatos se perdera pelo caminho sem que ela tivesse reparado ou tido tempo para se preocupar com isso. E todavia, a ninguém ocorreria achar ridícula a figura que fazia. Pelo contrário, aquela incompletude conferia-lhe poder e energia, o ar de quem mobilizava as forças que tinha para corajosamente assumir um dever em contra-corrente com o mundo inteiro. A suposta vulnerabilidade para onde as circunstâncias a atiravam era o combustível da sua altivez. Desistira há muito, como disse, de esperar dos outros o que quer que fosse, e por isso entrou ciente de que não viria um enfermeiro para lhe tirar das costas o velho avô, ou que alguém se afastasse para o poder depositar num dos bancos pintados de branco. Estacou altiva a meio da sala, olhando além daquele mundo – que antes me parecera enorme e agora era tão pequeno e desprezível – sem que o recepcionista se atrevesse a interpelá-la. Não precisava de registos.

Quanto a mim, não consegui evitar olhar a rapariga como uma Agnès Fink dos tempos modernos, cercada, tal como a outra, por um mundo áspero, espesso e cego. A ilusão das rupturas serve

muitas vezes para nos distrair destas tenebrosas continuidades. O mundo, velho ou novo, é o mesmo. Os que dizem o contrário são papagaios que vomitam uma retórica oca e mentirosa. Perdido nestes pensamentos, também eu não fizera um gesto para os ajudar.

Entretanto, não é por acasos destes que os acontecimentos interrompem o seu fluxo, e as portas brancas de batente abriram-se para deixar sair o velho Chassafar amparado pelo filho. Foi por aí mesmo que a rapariga entrou com o avô sem hesitar. Os dois pares cruzaram-se, tão diferentes um do outro. Respirei aliviado. A desordem havia espreitado por um instante mas voltara a esconder-se, como se esse fugaz vislumbre que dera de si própria tivesse o propósito de nos ir habituando ao que ainda está por vir, ao futuro que nos cabe em sorte. Mas por enquanto, graças aos céus, regressávamos ao velho e conhecido presente. O mais natural seria que de lá de dentro o par regressasse, expulso por um funcionário de serviço, para aguardar ordeiramente a sua vez. O mais natural seria, até, que o velho se apagasse lentamente num canto daquela sala e a rapariga ficasse sem peso que carregar. Mas tudo isso seria um pouco adiante, já fora da nossa órbita. Por enquanto, repito, regressávamos ao velho e conhecido presente.

Precipitei-me sobre eles. Augusto Chassafar tratou-me com frieza. Estava tudo bem, lá fora aguardava-os o táxi que os trouxera, de um vizinho. Não precisavam de mim. Não me contive e perguntei-lhe por que razão me havia então telefonado. Sem sequer abrandar, e amparando o velho Chassafar (que em nenhum momento chegou a olhar para mim ou a dirigir-me a palavra), disse que o fizera por pensar que o caso era mais grave. Agora estava tudo bem. Agradecia a minha presença mas não precisava dela.

No dia seguinte voltou contudo a telefonar-me. Não conseguia achar um medicamento nas farmácias da cidade, perguntava-me se o podia ajudar. Acabámos por resolver o problema sem grande dificuldade, e o episódio revelou-se útil na medida em que me deu o pretexto de saber onde moravam. A partir dessa altura senti-me bem mais seguro: podia chegar junto de Chassafar sempre que

achasse necessário, sem telefones ou os humores do jovem Augusto de permeio.

Foi pois no Bairro do Jardim, à varanda do segundo andar de um prédio muito degradado, bebendo pequenos goles de um copo de água que me foi servido, que levantei a questão da quase morte de Suzanne. Corria, claro, alguns riscos. Chassafar não gostava dela, além de que fora acusado de ter tomado parte no episódio. Mas, concluía eu para me tranquilizar, o que de inquietante vem do passado somos nós que o trazemos; aquilo que chega *por fora*, só por os outros o dizerem, pode ser sempre reescrito e domesticado. Ou seja, eu só corria riscos se o episódio tivesse sobrevivido na alma de Chassafar, não apenas na sua lembrança.

Estava sentado numa velha cadeira do período do socialismo, salvo erro da linha a que no seu tempo se chamava *Unidade Popular*. Convialescia à varanda, com uma almofada a amparar-lhe os rins. A sua condição embaraçava-o. Atrás da ferida na cabeça viera a tontura, atrás da tontura uma pressão arterial elevadíssima, uma situação que requeria certos cuidados. Infelizmente a sua mulher falecera há um par de anos, o filho andava por fora na maior parte do tempo, e portanto era ele quem tinha de providenciar esses cuidados. Incapaz de descrever as sinuosidades técnicas que lhe haviam sido descritas pelo médico, Chassafar referia apenas o alarme que aquele procurara despertar. Se não seguisse à risca os procedimentos acabar-se-ia num instante. E eu, resignado, ouvia tudo e não me coibia de avançar com um ou outro comentário. Para mim tudo aquilo fazia parte de uma necessária introdução. Para ele, seria porventura uma maneira de ir adiando um assunto que não lhe era fácil de abordar.

Do outro lado da estrada que corria mais em baixo, junto ao vale, havia pequenas hortas àquela hora desertas mas viçosas, meio encobertas pelo nevoeiro frio de Agosto. Havia já tomate a pintalgar o verde-escuro das ricas terras do Infulene. Uma das hortas, muito estreita, era constantemente percorrida por um cão a todo o comprimento. O animal fazia-o como se cumprisse um ritual: corria muito, estacava, dava duas voltas e voltava a correr no sentido inverso. Chegado à outra ponta, tornava a dar duas voltas e

reiniciava a corrida. Estava preso a um arame ou uma corda (da distância a que estávamos não era possível ter a certeza), o que quer que fosse era suficientemente comprido para lhe permitir o movimento mas não para poder ultrapassar os limites da horta e atingir a liberdade. Sem dúvida que ladrava, mas o som só a espaços, e longínquo, nos chegava, quando os camiões se calavam e o vento soprava de feição. A sua energia parecia inesgotável.

Chassafar notou o meu interesse: ‘Puseram-no ali há meses para manter os ladrões longe dos alhos e das couves’, disse. ‘Enlouqueceu.’

Ocorreu-me que naquele estado o animal cumpria a sua função com mais eficácia.

A majestade do vale enevoadado, numa altura em que o dia iniciava o seu mergulho derradeiro sobre as hortas, convidava ao silêncio. Deixámo-nos ambos cair nele. Nada posso dizer sobre os pensamentos do velho. Quanto aos meus, erraram por um momento em torno da loucura das mulheres de Moatize. Também elas lutavam incansavelmente para se libertar da corda que as prendia às hortas respectivas. Também, no caso delas, a loucura parecia ser a forma de garantir que desempenhassem o seu papel.

Afastei estes pensamentos inúteis e regressei ao que me levara ali. Insisti no ar de quem aguardava uma resposta.

Chassafar afirmou que não esteve envolvido no que fizeram com a senhora Suzanne. Perguntei-lhe por que razão não me havia contado o episódio. Respondeu, um pouco tenso, que o seu papel não era contar coisas ao acaso mas apenas responder ao que eu lhe perguntava, e eu nada perguntara a respeito. Na sua maneira circular de dizer as coisas, afirmou que o trabalho de *organizar esse tempo* era meu, enquanto o dele era apenas de lembrar. Como podia ele saber aquilo que eu pretendia? As lembranças são infinitas, ele não podia pôr-se a contar uma *história infinita*, isso não faria qualquer sentido. Além disso, lamentou-se, estava velho e doente, já esquecia muita coisa.

O seu comentário, embora azedo, era de uma precisão notável. Organizar o tempo era tarefa minha, não dele. Era eu quem tinha

de desfazer as armadilhas montadas pelo caderno de Maria Eugénia, pelos papéis do Arquivo Municipal e até pelas sinuosidades que revestiam as lembranças dele. Cabia-me a mim a tarefa de espalmar aquela história numa superfície lisa, inteligível.

A sua observação obrigou-me a suavizar um tom que a ansiedade e a impaciência frequentemente tornavam, reconheço, algo áspero. Por outro lado, eu tinha de tomar muito cuidado na discussão desta matéria pois além da prisão havia a bofetada que lhe fora dada pelo inspector, mais a mais em frente a Maria Eugénia. A partir da descrição de outra bofetada, aquela que castigara Cambala, eu podia deduzir o quão profundamente este novo incidente o humilhara. Ao contrário dos acontecimentos simples, as humilhações não ficam residualmente na memória como meras lembranças, são coisas vivas que fermentam e podem assumir mais tarde sentidos fantasmagóricos e inesperados. Esta podia, por exemplo, incluir-me a mim no rol dos culpados. Já me tinha acontecido isso em outras vezes.

Voltámos ao assunto de uma outra maneira, e foi então que Chassafar disse que quem fizera *aquilo* a Suzanne Clijsters preocupava-se com ela, ao passo que ele próprio, Chassafar, nas inúmeras conversas que tinha tido comigo, já revelara que o destino daquela mulher pouco lhe interessava. Estivera envolvido no caso apenas pela coincidência de tudo ter acontecido perto de sua casa, à sua porta, e porque o inspector Cunha há muito que o perseguia. O maldito limitara-se a aproveitar o pretexto.

Disse-lhe que não entendia a sua afirmação de que os que haviam feito aquilo a Suzanne – quem quer que fossem – se preocupavam com ela. Parecia-me claro que lhe tinham feito mal, isso era um facto objectivo. Não dizia isso pelo que o inspector fez posteriormente mas porque o caderno de Maria Eugénia era muito claro a este respeito, citando directamente o doutor Mascarenhas e a sua opinião de que houvera tentativa de envenenamento.

Pareceu surpreso. Ninguém havia feito mal a Suzanne, reiterou.

‘O que aconteceu foi um acidente!’

Acrescentou que o sabia por lhe ter contado Laissone, o motorista que, esse sim, tivera a ver directamente com o caso. Há

muito que a senhora Suzanne andava atrás de Laissonne tentando que este, como grande conhecedor da região, a ajudasse a encontrar um curandeiro para resolver o problema da sua doença.

Duvidei, referindo que o doutor Mascarenhas, pelas descrições, parecia competente e sempre disposto a resolver qualquer doença. No fundo, eu começava a duvidar da *unidade* de Chassafar, queria ver como ele confrontava os seus dois mundos.

Inteligente, recusou o repto. Cada problema tinha o seu tratamento. Muitas doenças podiam ser resolvidas pelo doutor Mascarenhas, mas aquela não. Para o problema de Suzanne tinha de ser chamado um *médico do mato*.

Não desisti de tentar desmontar-lhe o argumento. Qual era o problema de Suzanne? Um problema de nervos?

‘Não’, respondeu Chassafar com impaciência, como se a minha dificuldade em entender a sua lógica – apesar de a ter tentado explicar de todas as maneiras possíveis desde que nos conhecíamos – agora o exasperasse.

O problema de Suzanne Clijsters nada tinha a ver com nervos. Os nervos eram apenas uma espécie de sintoma (*signal*, chamou-lhe). O problema de Suzanne Clijsters era que ela tinha Agnès *dentro do corpo*.

Sempre segundo Chassafar, uma coisa era perceber o problema, outra bem diferente era envolver-se na procura da sua solução. Chassafar não era ingénuo, aquele caso tinha tudo para correr mal. Suzanne era especialista em arrastar quem lidava com ela para a miséria. Tinha sido assim com Cambala, cabia agora a vez a Laissonne. Por isso aconselhou este último (eram vizinhos, além de colegas de serviço) a manter-se ao largo de Suzanne apesar da insistência da mulher. Mas Laissonne, por um motivo que ele desconhecia, talvez pela promessa de uma boa recompensa ou simplesmente por estar habituado à obediência, acabou por ajudá-la localizando um curandeiro muito famoso nesses tempos, que veio de longe para a curar.

Observei ser aquela uma estranha cura, se deixava a paciente às portas da morte. Insistiu que a culpa não era do curandeiro, mas da doença. Com o tempo, Agnès *crescera* e *espalhara-se* por todo

o corpo de Suzanne como os tumores que lançam raízes por toda a parte para que se torne impossível extirpá-los. Agora, tudo o que aquela mulher via era com os olhos de Agnès; tudo o que fazia era já com a vontade de Agnès. Até a sua dor se misturava ao sofrimento de Agnès. Foi isto que o curandeiro descobriu quando, com os seus ajudantes, iniciou a cerimónia e pôde espreitar dentro de Suzanne.

Mas, para sua surpresa, descobriu mais. Além de ter constatado a força do espírito, o quão fortemente ele se instalara em Suzanne, o curandeiro verificou que *conhecia* esse mesmo espírito de outras circunstâncias, e isso deixou-o muito perturbado.

‘Como assim?’, perguntei, confuso com tudo aquilo.

Sim, o curandeiro descobriu que conhecia Agnès, de uma vez que haviam viajado juntos por esses matos afora. E isso tirou-lhe a necessária distância, a requerida serenidade, o que o levou a errar nas doses dos remédios, a trocar a sequência dos passos do cerimonial ou algo assim. Alguma coisa de errado há-de ter feito para que tudo tivesse corrido assim tão mal. Depois de Suzanne Clijsters ter ingerido a beberagem que lhe chegou aos lábios, começou com tremuras e sacudidelas que assustaram o povo que vivia perto e se aproximara para assistir. Acabou prostrada quase em frente à porta de Chassafar, que era perto de onde a cerimónia estava a ter lugar. Em resultado, a maior parte dos envolvidos abandonou o local por adivinharem o que acontecia a quem fizesse mal a uma branca. Ficaram apenas Laissonne, cujo carácter impedia de eximir-se de responsabilidades que eram suas, e Chassafar, em frente a cuja porta o infortúnio levava a que o caso tivesse acontecido. Ambos passaram um mau bocado às mãos do inspector, pelo menos até que este os largasse por entretanto ter transferido o seu interesse para a figura do curandeiro.

Escusado será dizer que por esta altura não era necessário que o velho Chassafar me revelasse aquilo que eu já sabia: que o curandeiro se chamava Bissuasse Minjale. Sim, o mesmo que fora introduzido a Agnès pelo régulo Mogunda e a levava pela mão até às terras de M'Boola, onde a entregou ao caçador Castro. Ocorreu-me que o curandeiro Minjale se tivesse perturbado por lhe pesar na

consciência o facto de ter traído Agnès, devolvendo-a aos seus perseguidores quando ela confiara precisamente nele para se salvar. Uma traição perfeita. E que tivesse concluído que ela regressara para se vingar. Ocorreu-me que não tivesse sido um acidente, que dando cabo de Suzanne o curandeiro quisesse atingir Agnès. Mas este raciocínio não tinha qualquer utilidade.

Havia ainda uma outra razão pela qual me viera de imediato o nome de Bissuasse Minjale, esse curandeiro pouco discreto que deixava sinais por toda a parte. Nessa mesma manhã, no Arquivo Municipal, entre outros papéis tinha-me passado pelas mãos um *Boletim de Informação* do Posto Administrativo do Zóbuè com o número 8, do ano de 1971, da Caixa número 108 do Fundo do Distrito de Tete. Embora dissesse respeito a um período muito posterior àquele que prendia a minha atenção, era no entanto do maior interesse. Dizia o seguinte: *A população da regedoria Mogunda é contactada regularmente pelo IN [inimigo]. [...] O curandeiro Bissuasse, residente junto do rio Revúbuè, nas terras do grupo Tanvalero, regedoria Chibaene, tem facilitado a passagem de terroristas provenientes da área do Posto Administrativo de Casula e que, para isso, possui uma canoa ou almadia no rio acima mencionado. Consta nas terras da regedoria Mogunda que no passado dia 24/2/71 atravessaram o rio Revúbuè utilizando um dos meios referidos (curandeiro Bissuasse), oito terroristas armados, os quais tomaram uma refeição em casa do curandeiro Bissuasse, e depois teriam seguido o seguinte itinerário: Bissuasse-Cassomane-Mansanza-Cualancuana-Tsangano.*

Qual a importância desta informação? Simplesmente, ela revestia o curandeiro de poderes mágicos. De facto, quando Chassafar me disse que o inspector Cunha irrompeu no *compound* para prender Bissuasse Minjale, isso não me preocupou. Por mais que o inspector estivesse disposto a fazer mal ao homem, estava para lá dos seus poderes acabar com ele de uma vez por todas dado que os documentos garantiam que Minjale sobreviveria pelo menos até ao ano de 1971!

Novamente o tempo e a sua forma caprichosa de se manifestar, matando gente em vida e assegurando a vida a quem tinha toda a

probabilidade de estar morto. O tempo destrinchando quem pertencia ao passado e de quem era o futuro. Sorri levemente com esta conclusão, e Chassafar não deixou de o notar.

Quando me perguntou, desconfiado, por que razão sorria, respondi-lhe com a primeira coisa que me veio à cabeça: que me tinha chegado um cheiro doce de algum arbusto de rainha-da-noite que devia existir por ali. Desde as primeiras páginas do caderno de Maria Eugénia que me interessara por esta planta, a *cestrum nocturnum*, a que também chamam jasmim verde ou dama-da-noite, e que pode atingir um grande porte. As suas florzinhas brancas produzem um cheiro inebriante, por vezes mesmo enjoativo. Uma planta que parecia assustar Maria Eugénia e que, pelos vistos, Annemarie Simon mandara multiplicar pelos jardins das casas da Companhia.

Chassafar sorriu também, apontando para um arbusto florido que existia na frente da casa, lá em baixo. Confessou que aquele cheiro o transportava sempre para Moatize. Achou curioso que eu também notasse. Disse, brincando, que com tanta pesquisa eu estava a tornar-me num verdadeiro habitante do Moatize desse tempo, o que por qualquer razão me alegrou. Contou também que no *compound*, nessa altura, muitos dos seus amigos costumavam chupar as florzinhas brancas das rainhas-da-noite, ou fervê-las numa infusão, pois provocavam um estado de espírito especial. Eles ficavam a pairar sobre as casas e as coisas, como se nada de mal os pudesse atingir. Esqueciam a mina e as suas misérias, viam cores, ouviam sons, eram por um momento donos de si próprios ou pelo menos de uma ideia de si próprios.

Lá em baixo, no meio das hortas e do nevoeiro, o cão enlouquecido prosseguia a sua corrida sem fim.

Sete

Suzanne Clijsters sobreviveu, é certo, mas foi como se tivesse deixado de existir. Depois de vítima, que préstimo poderia ela ter para o inspector? Além disso, era mais que provável que assim que este se afastasse chegaria Annemarie Simon para se aproveitar dos restos. Tratava-se apenas de uma questão de tempo. Era esta a intuição de Mascarenhas, e eu concordei (conversámos muito acerca disto). Por sugestão médica, e face a uma situação a todos os títulos insustentável, o engenheiro Clijsters decidiu levar a mulher de volta à Flandres, por essa razão cancelando em definitivo o seu contrato. A pobre Suzanne tinha pois ainda este derradeiro préstimo: o de fornecer uma justificação para a derrota e retirada do marido. Uma vez *oficializado* o seu estatuto de não-existência, foi deixada em paz no mês e meio que se seguiu, em que foram levados a cabo os preparativos da partida.

Curiosamente, foi nesta altura que mais próximo estivemos uma da outra, como se as circunstâncias nos empurrassem para um terreno de *amizade pura*. Explico-me: já não havia aquela tensão elástica feita de interesses e cálculos, avaliações, empenhados jogos de busca da preponderância. Não. Era uma relação mais *inerte*, uma fruição serena, sem sequer ser muito intensa. Distante por exemplo da vontade de fazer um dramático sacrifício por ela, mais próxima de senti-la dentro da pele. É isso: mais do que me solidarizar com a Suzanne vítima da exiguidade do espaço que o mundo em volta lhe deixava, eu conseguia ver esse mesmo mundo com os olhos dela; sentir, como se fossem meus, esses limites. Suponho que é a isto que se chama amizade, uma coisa funda mas feita de sensações simples e quase contemplativa. Um prolongamento de nós mesmas. Devo dizer que a visitava mais do que ela a mim, o que não significa que Suzanne não correspondesse ao meu sentimento. Revelava-se no entanto mais *estática*, talvez passasse longos momentos de solidão em luta com

os seus terríveis fantasmas e aproveitasse a minha presença para descansar. Em suma, fui-me transformando em instrumento essencial para a manter presa *ao lado de cá*.

Apesar da preocupação que Suzanne despertava em todos nós (até ao fim fomos sobrevoados pela sombra de possíveis recaídas), este foi um dos períodos mais repousantes de toda a minha estada em Moatize. Por vezes perguntava-me se esse meu bem-estar não derivava do sentimento mesquinho de me sentir melhor que a minha amiga, da vontade de ser alvo da expressão agradecida do engenheiro Clijsters, mas a maior parte dos dias gozava-os sem ter de recorrer a grandes interrogações, se é que me faço entender. Como se a felicidade assentasse numa inadvertida passagem dos dias, livre de pequenas contabilidades.

Ajudei-a a fazer as malas, acompanhei-a nas despedidas que quis fazer a lugares que por qualquer razão significavam para ela alguma coisa. Fazia um minucioso exercício de recolha de memórias e eu seguia-a como uma sombra: árvores e pedras, troços do rio, um alpendre em ruínas e até uma certa pilha de tijolos desgastados perdida no capinzal, sugerindo um forno de pão muito antigo. Suzanne era muito chegada à natureza. Por outro lado, percebi sem que ela me revelasse a importância que dava ao último olhar, o olhar da despedida. Era esse olhar que captava o mundo e o transferia para dentro da lembrança. Por vezes abordava-me em grande excitação, afirmando ter-se esquecido de *recolher* um determinado edifício. Dirigíamo-nos então para lá e, enquanto eu e Laissone aguardávamos à sombra de uma árvore com grande paciência, ela caminhava lentamente em volta dele, observando pormenores com o interesse de um investidor que o quisesse adquirir. Passado um tempo, voltava para junto de nós com um sorriso nos lábios e declarava-se pronta. Podíamos então regressar.

Quis também ver pessoas, olhar uma última vez uma velha mulher que vendia lenha, por exemplo, e que não pareceu reconhecê-la. Ou seja, não se despedia de amizades mas de experiências pessoais a que por qualquer razão atribuía importância. Tive a prova disso mesmo quando um dia me visitou

para se despedir da minha casa. Percorreu a sala, afagou móveis com as mãos, como se estas também fossem capazes de memorizar, e em seguida passou sem cerimónia aos quartos. Veio-me a sensação de que se despedia da minha casa e da casa de Agnès. Enquanto caminhava, ia falando. Perguntava-me pequenas coisas para que eu, respondendo, fosse obrigada a manter-me perto dela. Chegadas à cozinha, deparámos com Travessa limpando a louça. Percebi então o que a levava ali: despedir-se de Travessa na sua maneira peculiar, ou seja, *recolhendo* a imagem do rapaz. Ficou pois a olhar para ele um longo momento, sem dizer uma palavra. E eu a olhar para ela, sentindo-a mais que nunca como uma íntima amiga. Ainda hoje, decorrido tanto tempo, quando penso em Travessa vem-me essa imagem de vulto magro, os braços caídos ao longo do corpo, um pano numa das mãos, e no olhar a vaga surpresa de alguém se dirigir à cozinha a ter com ele em vez de o chamar. Uma imagem que me foi *cedida* por Suzanne. Era essa a força da minha amiga: a capacidade de definir a amizade como algo para além de um intercâmbio voluntário, a capacidade de a revelar como uma partilha cúmplice e inconsciente de lembranças.

Voltando ao que interessa. Na altura, na cozinha, assumindo sem pejo a sua condição subalterna, Travessa devolveu a Suzanne um olhar difícil de definir. Quaisquer que tivessem sido as razões da batalha travada entre os dois durante tanto tempo, chegava naquele momento ao fim.

Por outro lado, estive também presente nas visitas de despedida que algumas pessoas fizeram a Suzanne, duas ou três delas inesperadas como a de *Balançoise*, teatralmente cerimoniosa, em cujo olhar me pareceu perpassar a pena que sentia de perdemos a última pessoa com coragem para desafiar o puritanismo reinante, mas talvez esta leitura não passe de um produto da minha imaginação. Quero ser justa para com essa bela mulher que não cheguei a conhecer em profundidade, sem contudo criar uma imagem dela que não corresponda à verdade. De qualquer forma, foi comovente ver *Balançoise* entrar pela sala dos Clijsters meneando as suas ancas imponentes. Apesar da

insegurança que não conseguia disfarçar, talvez por se ver pela primeira vez num *tête-à-tête* com as esposas dos engenheiros, e essa situação de intimidade constituísse em si uma ousadia, não deixou por isso de menear as ancas. Explico-me: não havia ali a menor sombra de desafio, não tinha por que se afirmar mais insinuante do que nós. O clima que produzia em volta dela era mesmo *natural*, e por uma razão qualquer que não consigo explicar, isso comoveu-me. Comove-me ainda, quando a lembro. Era como se um determinado tempo estivesse a chegar ao fim, um tempo representado pelas suas ancas. Penso hoje em *Balançoise* plantada naquela sala e ocorrem-me os contornos de uma ampulheta.

Mas a visita mais importante foi sem dúvida a de Annemarie Simon, essa imprevisível mulher, que surgiu de rompante à porta dos Clijsters com uma caixa de bombons de menta numa mão e um inesperado *bouquet* de beijos-de-mulata na outra. Era inédito que Annemarie visitasse em vez de ser visitada. Evidentemente que o mais fácil era entender a visita como uma celebração de vitória: Suzanne Clijsters fora obrigada a abrir a mão perdedora e a deixá-la cair sobre o pano verde; mais uma vez madame Simon se revelava imbatível, desta feita na canasta da vida!

Todavia, as coisas não eram assim tão simples. Embora Suzanne detestasse o chocolate, ninguém ignorava as propriedades medicinais das flores de beijo-de-mulata, oferecidas com um abraço que me pareceu a mim genuíno. A menos que fosse a mais extraordinária actriz, Annemarie Simon lamentava deveras a partida de Suzanne.

Por conseguinte, havia uma certa ambiguidade nos sinais que Annemarie enviava. Não eram a meu ver puramente negativos, embora na opinião reservada de Mascarenhas talvez a mulher do director-geral lamentasse o facto de estar em vias de perder alguém sobre quem gostava de exercer os seus instintos dominadores. Mas o que eu vi no gesto foi muito diferente: apanhar uma braçada de beijos-de-mulata revelava uma espontaneidade que a afastava da pura maldade, uma vez que esta última é feita de cálculos e premeditações. Maldade teria sido oferecer um ramo de

flores importadas, tão difíceis de ali fazer chegar. A espontaneidade revela que os gestos andam perto das causas que os despoletam, e portanto são gestos frescos, gestos que não ficaram a fermentar dentro de nós, com isso se tornando venenosos. Annemarie baixava a guarda e revelava-se afinal humana. Além disso, convenhamos, uma braçada de beijos-de-mulata significa uma grande dose de imaginação e eu não consigo deixar de admirar quem não abdica da imaginação.

Mascarenhas recebia com um sorriso céptico esta minha interpretação.

*

Acompanhar os Clijsters até à Beira, onde embarcariam no avião de regresso à Europa, foi uma decorrência natural. Afinal, ninguém melhor do que eu para *segurar* Suzanne. Até Murilo insistiu que fosse, garantindo-me que o pequeno Miguel ficava bem. Acedi, imbuída da certeza algo infantil de que todos respiravam de alívio por se verem enfim livres do *elemento mau*, a peça podre que ameaçava estragar todas as outras na pequena fruteira; e de que acompanhar a minha amiga até ao fim significava deixar no ar mais este gesto pessoal de desafio. Conversei muito com o doutor Mascarenhas a este respeito (ele acompanhou-nos, para estar por perto em caso de necessidade, o que reforçou a minha teoria relativamente às intenções da mulher do director-geral: Annemarie Simon *cedia* o médico a Suzanne, apesar de o querer sempre por perto por esta altura, para atender à criança). Em resultado, a Mascarenhas e a mim ligava-nos esse destino comum de ter de acorrer aos outros: primeiro a viagem a Tete com Annemarie, agora esta tristonha despedida de Suzanne, na Beira. Foi isso que concluímos, enquanto tocávamos os respectivos copos num discreto brinde, e esperávamos que os Clijsters descessem para se juntar a nós na sala de jantar do hotel.

Os dias passados na Beira foram dias de despedida, ou melhor, dias de descoberta. A verdadeira despedida não é um acontecimento final, é antes uma aceleração, uma intensificação daquilo que nos liga aos outros, como se o propósito fosse de acumular energia para os tempos magros da separação. Com isso,

ao contrário de nos despedirmos, descobrimos uma nova relação que nos liga a uma pessoa nova, o que não deixa de ser uma maneira sábia que a natureza achou de atenuar o vazio das coisas que chegam ao fim.

Enquanto Mascarenhas passava os dias nas farmácias às voltas com encomendas de medicamentos para levar para Moatize, e Clijsters se debatia com os problemas do despacho da sua bagagem, nós as duas deambulávamos pela cidade numa euforia nova, feita não só da descoberta que referi mas também daquele estado de espírito de quem se maravilha com as luzes da cidade moderna, sobretudo depois de ter passado muito tempo num local como Moatize, pardacento, pequeno e cheio de cargas negativas. Revivíamos os tempos iniciais, mas desta feita libertas do olho atento do inspector ou da censura muda dos demais. Explico-me: é certo que tudo era diferente, a começar pelas luzes, mas num sentido o desafio era o mesmo, o de enfrentarmos juntas o mundo que nos cercava. Fossem recantos do mato ou ruas de uma cidade desconhecida, que diferença fazia? E quem nos conheceria naquele lugar? Até o facto de não fazermos ideia da geografia da cidade nos libertava. O Macúti e a Ponta Gêa, a Baixa e, em dias mais ousados, o Maquinino e outros lugares de que não retive os nomes, nenhum deles ficou ao abrigo da nossa curiosidade.

De manhã cedo disparávamos para a praia numa agitação de adolescentes, para correr atrás dos corvos e dos caranguejos. Os primeiros reagiam com crocitaros roucos e ofendidos, os segundos escavavam na areia tocas maiores que punhos onde se escondiam furiosos, e nós ríamos perdidamente. Depois, já sem fôlego, deixávamo-nos cair na areia fresca por baixo das casuarinas.

Ficávamos a olhar o mar largo na nossa frente, numa embriaguez que fazia todo o sentido depois de tanto tempo presas nos limites apertados de Moatize, onde, além de supormos o que estaria acontecendo dentro das casas de cada um, nada havia para imaginar.

Ali na praia, à sombra das árvores, passámos algumas manhãs em diálogos irreverentes sobre as intimidades dos outros: o director-geral em trajas menores a ouvir as reprimendas de

Annemarie, o Castro e a sua *viúva* Argentina, *etc.* O que imaginávamos do inspector nem sequer ousou referir. Constatávamos então que mesmo ali não nos conseguíamos libertar do mundo que deixáramos para trás e antes que voltasse a Suzanne a melancolia eu apressava-me a mudar o tema da conversa.



Regressávamos então ao presente, ao fascínio do espaço infinito que se abria ante os nossos olhos depois de tanto tempo com as vistas apertadas! Suzanne sorria e dizia que aquilo lhe lembrava a sua cidade. Tal como lá, o mar surgia mais alto do que a terra e só um milagre impedia que se derramasse sobre ela e a submergisse, dizia. Eu acreditava. Se nos últimos tempos a ascendência naquela relação fora minha, enquanto *protectora* da minha amiga doente e vulnerável, as coisas tendiam agora a reequilibrar-se uma vez que era Suzanne quem partia para aquele espaço que ambas olhávamos com admiração, enquanto o meu destino era de regressar às apertadas e mesquinhas perspectivas que havíamos deixado para trás. Esta maneira de ver as coisas era sobretudo a de Suzanne, e fazia-lhe bem. Voltava-lhe um brilho aos olhos e uma cor às faces, voltava-lhe até alguma da sua velha irreverência quando, de dedo apontado, me chamava a atenção para os corpos elásticos dos pescadores que, em longas filas, puxavam as redes para a praia.



À tarde partíamos desarvoradas para a baixa e perdíamos-nos nas lojas dos chineses, observando demoradamente o que ali havia para vender: pijamas de seda com carrancudos dragões estampados nas costas, jarrões de todos os tamanhos e feitios, leques de laca e bambu, afiados ganchos de cabelo em marfim capazes de matar com um só golpe, minúsculas chávenas de bago-de-arroz com carantonhas no fundo, enfim, milhares de pequenos objectos peijando as pequenas lojas e descritos com minúcia por vendedores de sorrisos misteriosos.

Suzanne queria saber os preços de tudo o que via, por vezes comprava coisas despropositadas e mandava entregar no hotel, e eu ficava a pensar no pobre engenheiro Clijsters e na dificuldade que teria em despachar mais uma encomenda, quase sempre muito frágil. Depois, íamos ao Beira Terrace tomar um *ice cream* e ver gente passar antes de regressar ao hotel, cheias de embrulhos e completamente esgotadas.

Certa vez, tomada também de um impulso em frente a uma montra, resolvi comprar uma bicicleta para levar a Travessa de presente. Há tempos que me incomodavam as suas caminhadas de ida e volta ao *compound*, uma respeitável distância que ele cumpria sem uma queixa. Devo dizer que a iniciativa me trouxe alguns dissabores, desde logo porque Suzanne afirmou não perceber por que razão tinha eu o rapaz em tão boa conta. Tentou provocar-me, perguntou se o fazia por temer o que ele fosse dizer a Annemarie, e

coisas assim. De tudo me esquivei, procurando desconversar. Por fim, acabou por desistir, embora não tivesse abdicado de passar o resto do dia de muito mau humor. Mais tarde, já de regresso, foi a vez de Murilo se mostrar algo perturbado, embora evitando pronunciar-se. Uma única vez, interpelado por mim directamente, me confessou achar exagerado o presente, perguntando-me se pensara no que achariam os restantes criados. O único que achou divertida a minha iniciativa foi Mascarenhas, porque ela iria intrigar meio mundo de volta a Moatize. E prontificou-se a tratar do transporte da bicicleta junto com as suas caixas de medicamentos.

Adiante. Ao fim da tarde o engenheiro Clijsters e o médico reuniam-se a nós para uma bebida na esplanada, antes do jantar. Eram sempre momentos algo imprevisíveis na medida em que não sabíamos nunca o que Suzanne tinha em mente. Por vezes decidia simplesmente regressar à baixa da cidade, numa agitação muito própria. Ou porque queria mostrar um determinado edifício ao marido ou por absoluta necessidade de rever um pormenor (ainda a sua caprichosa maneira de guardar imagens). Ao pobre Clijsters não restava alternativa senão ir atrás de nós, calcorreando bairros, entrando em clubes ou simplesmente passeando ao longo da muralha em frente ao mar.

Foram esses – salvo erro a segunda semana – os melhores momentos da nossa estada. Em frente ao hotel construía-se um monumento modernista cujo tema era uma estrela. Parecia-nos bem que se dedicasse uma obra a uma estrela, mais que a férulos generais de dedo espetado ou políticos de ar satisfeito. Todos os dias Suzanne e eu inteirávamo-nos do andamento das obras, sentindo de um modo obscuro que estava ali um presságio. O céu era o limite dos nossos destinos, um céu estrelado, e aquele monumento era a homenagem prestada à nossa coragem, dizíamo-nos uma à outra. Aos poucos, o velho entusiasmo de Suzanne regressava. Quase me passou pela cabeça se não era o caso de pelo menos discutir a possibilidade de voltarmos todos juntos a Moatize (imaginei até a reacção de estupor em *certas* pessoas), não fosse a espaços continuarem a descer sobre ela os velhos e súbitos acessos de melancolia que a deixavam prostrada ou, por

vezes, tomada de um furor silencioso. Nestas alturas punha-se a andar pela estrada fora em passo apressado, interpelava as pessoas com impaciência, perguntando as horas ou solicitando uma direcção, como se já o tivesse feito várias vezes sem obter resposta. Quanto a mim, seguia-a justificando as suas atitudes perante os outros, tentando apagar os pequenos fogos que ela desta maneira ateava.



É preciso dizer que nem sempre a sua doença era a culpada destas bruscas mudanças de humor. Por vezes elas tinham origem *no exterior* e nas armadilhas que ali se criavam para nos atormentar. Explico-me: certo dia, saíamos de umas compras no *City Stores* quando um homem, do outro lado da rua, tirou o chapéu para nos cumprimentar. Aparentemente foi só isso, um homem vulgar de chapéu na mão, à porta dos Correios. Mas, assim que ele sorriu Suzanne estacou no passeio, sem um pinga de cor no rosto. Tratava-se, segundo ela, do inspector Cunha. Digo segundo ela porque, quando me alertou para o facto e me virei, o homem havia

desaparecido. Ainda atravessasse a rua e transpuses a porta de entrada dos Correios, disposta a recorrer aos métodos mais prosaicos para combater os fantasmas de Suzanne. Mas, uma vez lá dentro, verifiquei que o mundo girava normalmente, sem sombra do inspector. O episódio, claro, arruinou os três dias que faltavam para os Clijsters nos deixarem. Salvo uma única vez em que manifestou vontade de ir à Praia dos Pinheiros para se despedir de um cenário que embora recente já lhe era caro, Suzanne nunca mais deixou o quarto do hotel nem os seus medos.

O dia da partida acabou finalmente por chegar. Um dia azul e límpido, como se a natureza fosse indiferente aos nossos pequenos dramas. As despedidas, que em princípio antevemos como acontecimentos cheios de significado, acabam quase sempre por consumir-se nos aeroportos como cerimoniais rápidos e quase banais. Encontrões e pedidos de desculpa, grandes gestos, braços no ar, promessas, últimas recomendações, e por fim os Clijsters foram levados pela pequena multidão que partia. Porém, não sem que antes Suzanne tivesse tirado os óculos escuros enquanto se virava para mim e dizia em voz baixa, com um sorriso sarcástico nos lábios: ‘Dê cumprimentos meus à diaba e ao diabinho.’

Era, por um instante, a velha Suzanne! Pouco depois ainda a vi perdida no mar de pessoas na placa de alcatrão, mas em seguida a porta do avião fechou-se e ela desapareceu definitivamente das nossas vidas. Tudo isso num piscar de olhos. Havíamos, claro, prometido correspondermo-nos, mas eu sabia que era tão grande a distância entre Moatize e o lugar para onde ela ia, onde quer que fosse, que as confidências chegariam a uma e à outra já quase destituídas de sentido, já quase apenas frases corteses e vagamente solidárias. Sim, tudo terminava ali.

‘Diga lá se não acaba por ser também um alívio...’, suspirou Mascarenhas assim que os três lemes do *Super Constellation* desapareceram, minúsculos, atrás de uma nuvem.

Mantive-me calada, por não fazer ideia do que responder-lhe. Resolvi dar-me a mim própria uma pausa antes de pensar no mundo que tinha na frente. Ao meu redor, no meio cilindro deitado que era o barracão de zinco do aeroporto, a ausência dos que

havam partido era quase palpável, como se estivessem todos a sofrer perdas iguais à minha e o resultado fosse a soma de todas as nossas perdas. O ar, até aí pesado e cheio de fumo, perdia subitamente a densidade. E os rumores, até aí incessantes, foram baixando de volume até dispersarem e desaparecerem.

Foi nessa altura, quando nos preparávamos para deixar o edifício, que cruzámos com o inspector Cunha, sorridente e de chapéu na mão. Mostrou-se surpreendido de nos ver ali. Julgava-nos em Moatize, disse. Pus-me a pensar e concluí ser muito difícil que alguém não soubesse, em Moatize, onde quase nada acontecia, que os Clijsters estavam de partida definitiva. E que eu e Mascarenhas os tínhamos acompanhado até à Beira. Em particular o inspector, cuja profissão era a de saber coisas. Mas, quando referi secamente que me parecia tê-lo visto dias antes à porta dos Correios assim como estava agora, de chapéu na mão, afirmou ser impossível uma vez que acabava de chegar à cidade. Afinal, talvez Suzanne tivesse tido razão, embora isso agora pouco importasse.

Ainda nos demorámos na Beira dois ou três dias, à espera do comboio. Dois ou três dias em que a cidade como que por magia perdeu o encanto. De facto, a ausência da minha amiga quebrava aquela parceria ávida de novidade, uma parceria que acendia os lugares e os fazia brilhar. Olhando-os agora, pareciam reduzidos a cinzas. Choveu, como que para lavar o rasto deixado pelas nossas aventuras. A chuva, pensei eu, era já um bom começo, prenunciava algo de novo. Empurrava-me para a frente, embora eu não estivesse segura do que viria em seguida. Embora tivessem passado apenas duas semanas, parecia-me uma eternidade. Moatize, apesar de Miguel e de Murilo, não passava de um pequeno lugar perdido no mato, cheio de sons misteriosos que o ruído dos geradores não conseguia disfarçar. Fora dois ou três passeios solitários pela praia, onde tudo me pareceu diferente, refugiei-me no hotel. Recusei polidamente os convites que o pobre doutor Mascarenhas reiteradamente me endereçou. Não tinha disposição para nada. Foi com alívio que vi chegar o dia do regresso.



*

Fiz a interminável viagem de volta perguntando-me como conseguiria preencher o espaço que ia sobrar-me. Havia a minha casa e a minha gente, claro, mas suspeitava de que isso estava longe de ser tudo.

A resposta, para minha surpresa, foi o contrário do vazio e veio de um quadrante inesperado: Agnès Fink. Bastou-me entrar na velha sala para sentir a sua presença. Não uma presença física mas uma sucessão de sinais difíceis de precisar, e no entanto quase tangíveis. Agora que pensava nisso, tomava consciência do quanto Agnès nos havia poupado durante a estada na Beira. De facto, em nenhum momento pensei nela, em nenhum momento Suzanne a referiu. Como se estivesse presa aos limites de Moatize e lhe fosse impossível juntar-se a nós para a despedida. Todavia, regressava agora com vigor, como se reclamasse o tempo perdido.

Explico-me. Havia no fundo do jardim um pequeno barracão que servia de depósito de todo o tipo de coisas de que necessita uma casa daquele tamanho, uma vida como aquela. Raramente eu lá ia; de facto, agora que penso nisso constato que era apenas a segunda ou terceira vez que tal acontecia. Procurava salvo erro uns instrumentos de jardinagem e não queria interromper o trabalho do jardineiro, que desde cedo tentava desenterrar uma grande raiz de amendoeira. Uma vez lá dentro, ao remexer uns caixotes, deparei com uma pequena arca de teca com incrustações de latão. Tentei abri-la mas estava fechada à chave. Era pesada. Ao estender as palmas das mãos na superfície convexa da sua tampa algo me disse estar no umbral de uma revelação. Não sei explicar porquê, só sei que me veio essa sensação. Chamei o jardineiro e perguntei-lhe que caixa era aquela.

‘É uma caixa da senhora Agnès. Foi ela que a esqueceu aqui’, respondeu.

Ouvi estas palavras e mal pude conter a curiosidade. Chegou-me a ocorrer o pensamento absurdo de se tratar de uma *mensagem* que ela me enviava, algo mais concreto que a folha de papel trazida tempos antes pelas duas mulheres do régulo.

Claro que, a frio, podia ter esperado por Murilo. Juntos acharíamos forma de descobrir um endereço para onde enviar o malão, na Bélgica. Não seria assim tão difícil. Mas não foi isso que fiz. Com a ajuda do jardineiro, arrombei a fechadura. Não pude evitá-lo, foi mais forte do que eu. Depois, foi a inédita sensação de retirar aqueles objectos um a um, mexer em coisas que haviam sido de Agnès, imaginar os gestos dela ao dobrar os dois ou três vestidos que ali havia, um deles de seda.

Dispensei o jardineiro. Precisava de estar a sós naquele momento. Havia também uma escova de cabelo por onde procurei chegar ao cheiro daquela mulher, assim como mais alguns objectos, pentes, cintos, pautas musicais, e finalmente um caderno. Então percebi: os cadernos uniam-nos, éramos tornadas uma por esse gesto de registar a nossa interpretação do mundo em folhas de papel. Peguei no caderno. Chegava enfim à versão de Agnès Fink sobre todos aqueles acontecimentos. Ali estariam esclarecidas

as suas angústias, reveladas as atrapalhões patéticas do engenheiro Fink, desmascaradas as urdiduras de Annemarie Simon, enfim, denunciada até a traição quotidiana de Travessa (foi quase dolorosa a iminência de comprovar a traição do rapaz). Ali se diria se chegou ou não a haver um piano, e que procurava ela no meio do mato. E tudo, para mim, seria um legado concreto que ela me havia deixado, uma pista que me permitiria ficar certa do meu próprio rumo. Abri-o sofregamente.

Mas o caderno estava vazio. Da primeira à última página não passava de um caderno liso e vulgar, de folhas amarelecidas, sem nada escrito. Tal como a escova não tinha qualquer cheiro e os vestidos, esses eram velhos e imprestáveis. Ou seja, nada se retirava dali além de uma sensação de proximidade, de resto sem muito sentido. O que eu tinha na frente não havia sido esquecido, mas descartado. O que havia ali não pretendia enviar para o futuro qualquer sinal.

Confesso que fiquei um longo tempo a procurar maneiras de recusar a evidência. Olhei para o problema a partir de vários ângulos, e finalmente tentei acreditar que o que Agnès me dizia era que teria de ser eu a achar o meu próprio rumo. Feitas todas as contas, era absurdo procurar um sentido para aquilo que não era suposto ter sentido. Voltei a colocar as coisas na arca.

Quando me virei, vi pela janela que Travessa conversava com Bonifácio, o filho do régulo, atrás de uns arbustos. Pela forma como se comportavam, era claro que não queriam ser vistos. Curiosa, dei a volta e surpreendi-os na altura em que Bonifácio entregava a Travessa uma folha de papel. Ocorreu-me que fosse um recado de Annemarie Simon enviado por escrito, uma ideia um pouco absurda (que teria o pobre Bonifácio a ver com a mulher do director-geral?), mas que me levou a estender a mão para Travessa, exigindo que me desse o papel. O pobre olhou-me mortificado, e foi preciso que eu insistisse duas ou três vezes para que obedecesse.

Não se tratava de uma orientação de Annemarie, longe disso. Era um recado confuso a que não liguei muita importância, por ter ficado presa ao nome que o assinava: Ernesto Cambala. Sim, o enfermeiro de Mascarenhas que desaparecera há tempos e era

procurado pela polícia. Acho que solicitava um encontro. Fiquei a olhar os dois, sem saber o que fazer. Depois, acabei por regressar a casa sem dizer uma palavra.

Travessa passou o resto do dia procurando-me com o olhar, na ânsia de descobrir o que eu pretendia fazer. Era evidente que temia que o denunciasse. Quanto a mim, estava demasiado irritada com ele para procurar saber o que significava tudo aquilo. Lembro-me que o jantar desse dia foi particularmente desagradável. Debatí-me com a possibilidade de contar a Murilo mas acabei por me calar por temer a sua atitude. Não imaginava a reacção de Annemarie Simon se Murilo resolvesse entregar Travessa ao inspector, ou simplesmente despedi-lo. Por outro lado, o facto de eu ser obrigada a mentir a Murilo, ou pelo menos a omitir-lhe coisas importantes passadas em casa, o facto de o fazer sem ser eu a decidir, punha-me de muito mau humor. Censurei várias vezes o serviço do rapaz, na maioria das vezes confesso que sem motivos para o fazer. A tudo obedeceu, tudo aceitou pedindo desculpas. Penso que percebeu que aqueles reparos eram o preço a pagar para que consequências mais graves fossem evitadas. Quanto a Murilo, ficou a olhar para mim de boca aberta.

O episódio fez-me olhar para Travessa de uma maneira nova, inteiramente diferente. Descobria agora que a sua vida, para lá da nossa casa, não se resumia a uma relação com madame Simon, fosse esta qual fosse. Existia um Travessa escondido dela e de mim, um Travessa do *compound* e para lá dele, ligado ao que quer que fervilhava no mato. Por sua vez, a maneira como ele me descobria há-de ter sido recíproca. Afinal eu tinha guardado o seu segredo. Quem era eu? Durante uns tempos olhava-me com um ar intrigado que não conseguia disfarçar. Confesso que esta nova situação me era de alguma maneira agradável, sentia-a idêntica, nos seus efeitos, à das escapadelas com Suzanne. Havia um quê de clandestino que funcionava como uma espécie de reparação, uma espécie de compensação para a vida sensaborona que levava, embora reconheça que havia nisso um certo exagero. De qualquer forma, um dia, decidida a arrancar-lhe alguma coisa, voltei

com ele ao barracão e perguntei-lhe frontalmente por que razão os Fink haviam deixado algumas das suas coisas para trás.

Foi como se tivesse aberto uma represa. Ainda hoje me pergunto por que resolveu ele contar-me tanta coisa. Coisas que, no fundo, acabaram por precipitar a sua desgraça. Acho que pretendeu *devolver-me* a confiança que eu demonstrara, dizer-me à sua maneira que também confiava em mim. Olhando para fora, para se certificar que não estava ninguém por perto, começou a falar rapidamente, como se o tempo fosse curto para dizer o que tinha a dizer.

Agnès deixou coisas para trás simplesmente porque voltou a fugir. E o engenheiro Fink, quando desistiu de a procurar e partiu para a sua terra, não estava com cabeça para levar as coisas todas, para apagar esses vestígios. Arrumara o que pudera, mas os homens não são meticulosos como as mulheres, distraem-se, dispersam-se, não sabem para que servem muitos dos objectos que existem dentro das casas. Foi mais ou menos assim que explicou.

‘Agnès voltou a fugir?’

Até então, o final da história que nos assombrava a todos era o regresso de uma Agnès destroçada, arrastada de volta ao redil pela mão impiedosa do caçador Castro. Mas pelos vistos não, pelos vistos Agnès voltara a fugir. E desta vez evitara os caminhos do mato, onde Castro e outros perseguidores poderiam voltar a encontrá-la. Desta vez fora direita ao Seminário do Zóbuè para pedir ajuda aos padres. Já não era simplesmente uma fuga espontânea e cega, tratava-se de uma coisa cuidadosamente planeada. Olhava para a missão religiosa como um território inexpugnável, a salvo das autoridades e da Companhia.

Os padres acolheram-na um ou dois dias, mas não podiam mantê-la ali mais tempo sem que a notícia chegasse a Moatize. E, afinal, também eles tinham medo, além de uma reputação a defender. Teve de partir.

‘E o marido?’, perguntei.

O engenheiro Fink procurou-a até ao Zóbuè, falou com os padres, atravessou mesmo a fronteira, seguindo alguma pista, algo

que ela terá dito antes de partir. Mas o resto não se sabia. Não se sabia se ele a encontrou ou a perdeu em definitivo.

Apesar da minha insistência, Travessa não foi capaz de acrescentar mais nada. Abanava a cabeça com um ar tenso e um brilho amarelo nos olhos, e eu fiquei sem saber se não sabia mesmo ou se já estava arrependido de me ter contado. Proferiu contudo, já eu me virara para o deixar, uma frase que precipitaria as coisas.

‘Quem sabe a história inteira é a senhora Annemarie.’

Como disse, talvez tenha pretendido transmitir-me uma prova de confiança à laia de agradecimento, ou então talvez tenha sido simplesmente imprudente. Na altura eu não disse nada. Mais tarde, já ao fim do dia, quando quis que me explicasse o que quisera dizer com aquilo, infelizmente ele já havia partido. Como soubera Annemarie da história toda? O que era *a história toda*? Além disso, tanto quanto me perturbava o conhecimento de Annemarie, perturbava-me que o rapaz soubesse que Annemarie sabia.

No fundo, e ao contrário do que me convencera, tanto Agnès como Suzanne haviam conseguido fugir desta prisão, cada uma à sua maneira. Até Travessa, ao contar-me este segredo, de algum modo pagava a sua dívida e se libertava. Só eu continuava presa.

Notas Durante largos dias a imagem que Maria Eugénia dava de Suzanne no seu caderno ficou a bailar-me no pensamento.

Suzanne sugava o mundo para dentro das suas lembranças, no acto destruindo-lhe o sentido. Um pouco como faz quem escreve ficção, que sem pejo canibaliza bocados da realidade para os apresentar mais tarde como se fossem da sua própria lavra, ossos desprovidos do tutano da vida, substituído por uma matéria de origem desconhecida. Será que Suzanne também escrevia um caderno? Se a natureza do material resultante é de desconfiar, que dizer do que resta da realidade depois de sugada desta maneira?

Por outro lado, será que as mulheres brancas daquele lugar escreviam todas as suas experiências e era isso que as mantinha vivas? Daqui até à ideia fixa de que Agnès Fink escrevera um caderno que era possível encontrar foi apenas um pequeno passo

(ela deixara na mala um caderno vazio, mas podia muito bem haver outro onde escrevera). Ali estariam as respostas, as razões daquela obsessão com a fuga para o espaço em volta.

Regressei à esquina onde comprara o caderno de Maria Eugénia, mas o vendedor não estava lá e ninguém foi capaz de me prestar uma informação relevante sobre o seu paradeiro. Vinha às vezes, dizia um; partira para a África do Sul, assegurava outro. Ou o homem era quem eu começara a suspeitar que seria ou então os seus colegas pressentiam problemas e não queriam estar envolvidos. Percorri os mercados de artesanato que existem pela cidade, na esperança de que ele tivesse mudado de ramo ou as aproveitasse para vender os seus papéis. Confesso que a silhueta dele se agigantou, tendo-me mesmo visitado em sonhos: uma sinistra criatura que espalhava livros misteriosos com propósitos inconfessados, no acto corrompendo as ideias dos cidadãos. O livro, por aquilo que promete, não deixa de ser um conceito que ciclicamente surge como uma ameaça à harmonia pública, pelo conluio que estabelece com quem o lê. Além disso, dentro do meu sonho tudo naquele material prometia ser diferente dos padrões habituais, aqueles que nos domesticam e nos põem todos a pensar da mesma maneira. Assim que líamos os textos contidos naquelas folhas dissimuladas em caixas de sapatos, velhas latas de biscoitos e por aí fora, descobríamos a ilusão monstruosa em que havíamos caído, deixávamo-nos embarcar numa lógica diferente e equacionávamos velhas histórias de uma maneira inteiramente nova. Aqueles papéis eram portanto a origem de uma rebeldia radical, anunciavam o alvorecer de um tempo novo, revolucionário, que rompia com a retórica oca e torpe que nos esmaga os dias.

Todavia, sonhos e especulações não me faziam avançar um passo. Goradas todas as tentativas de encontrar o subversivo vendedor, virei-me novamente para o Arquivo Municipal. Muito provavelmente aquelas caixas de cartão escondiam, tal como as caixas de camisas e sapatos de antigamente, uma multidão de cadernos pessoais, de Moatize como de outros lugares. De facto, por que razão se guardariam apenas documentos oficiais, negligenciando-se os de natureza privada? Será que o que é

público tem mais valor? Se aproxima mais da verdade? A minha teoria dizia que não, e por diversas razões. Desde logo porque os papéis públicos são moldados por conveniências, não pela verdade. Aquilo que o ogre grotesco e cego pretende com o registo das suas actividades é deixar de si uma imagem conveniente para as gerações vindouras, uma imagem que, na sua perspectiva perversa e sonsa, lhe adoça a fama. Já os papéis pessoais – descontados os casos de dissimulação em que se pretende passar por privado o que é feito desde o início para ser público –, são testemunho da luta que temos connosco próprios. Haverá luta mais verdadeira do que essa? Ali estava o caderno de Maria Eugénia Murilo para o comprovar!

Era este o meu argumento, e foi com ele que tentei convencer o velho funcionário do Arquivo Municipal à porta da sala de leitura, enquanto ele abanava a cabeça e eu ficava sem saber se o fazia por não entender, ou simplesmente por recusar o que lhe pedia. Em desespero, cheguei mesmo a segurá-lo pelos colarinhos e a repetir a argumentação junto do seu rosto, num sussurro que era um grito abafado. Tinha decididamente que pôr a mão naquela imensidão de cadernos.

O homem não se deixou intimidar. Disse-me que eu não estava a ir por bom caminho. Não deixava de ter razão, na medida em que desmascarar o projecto público era o mesmo que dizer-lhe que o trabalho que lhe ocupava os dias não tinha qualquer sentido. Como queria eu que ele me ouvisse depois de uma vida inteira a transportar aqueles papéis? Como queria eu que ele dissesse ter o esforço sido em vão?

Todavia, quando eu dava já tudo por perdido, perguntou-me para quê complicar o que era simples. Sorriu, e por sinais quase imperceptíveis que só quem está envolvido entende, abriu caminho para que eu o seguisse até ao gesto de puxar pela carteira para lhe passar duas ou três notas graúdas, após o que se retirou para ver se a costa estava limpa. Passado um pouco, regressou e fez-me sinal que o seguisse.

Transpusemos a porta que eu tantas vezes amaldiçoara, passámos por uma sucessão infindável de salas de pé-direito

altíssimo ligadas por corredores, onde uma multidão de trabalhadores silenciosos preparava as caixas que chegariam mais tarde às mãos do ingênuo público utilizador. Nada fazia suspeitar da maquinação que ali tinha lugar, com sujeitinhos de bata branca a orquestrar a tramóia, decidindo como eram agrupados os papéis de cada caixa para nos fazer crer que era assim, como elas, que os fragmentos da realidade se ordenavam.

Prosseguimos. Passámos a um patamar cercado de muros altos, que não parecia ter outra função além de nos permitir a recuperar o fôlego. No seu chão, a um canto, partia uma imensa escada em caracol, de ferro forjado, que levava às profundezas de uma cave de grandes dimensões, iluminada em pequenas ilhas por aqueles focos amarelos que costumam existir nas fábricas suburbanas. Dos cantos mais escuros chegava um som líquido que, associado à humidade do ar, permitia imaginar aquilo que mais tarde pude comprovar: que pelas paredes escorria uma água esverdeada e grossa que constituía um dos principais motivos de preocupação dos funcionários mais conscientes e dedicados. O outro eram as ratazanas gordas e insolentes, que normalmente progrediam ao longo das paredes mas várias vezes se arriscavam em rápidas diagonais, tentando chegar às resmas de papel antes de serem rechaçadas. Com o tempo, explicaram-me, as resmas de papel antigo haviam passado a ser a sua alimentação favorita. Haveria alguma coisa na tinta, ou mesmo na fibra, que lhes fazia lembrar a matéria de que eram feitas as iguarias de verdade (também elas confundiam a realidade e os papéis).

Em consequência, metade do contingente de funcionários dedicava-se ao combate contra estas quase feras, espalhando raticida pelos cantos, empunhando pequenos lança-chamas que faziam lembrar máquinas de soldar, ou simplesmente atacando-as à paulada. Alguns, porventura os do escalão mais baixo, usavam grandes pás de construção civil para transportar os corpos dos ratos mortos para grandes caixotes que havia em pontos-chave, de onde seguiam mais tarde, foi-me dito, para a incineração. Apesar de todo este combate, explicaram-me, as malditas conseguiam mesmo assim achar abertas para procriarem nos intervalos em que

os funcionários recobravam o fôlego, e faziam-no com grande eficácia.

Além deste problema magno (o velho confidenciou-me que mais cedo ou mais tarde os ratos, cada vez mais especializados, achariam maneira de triunfar), havia também que ter em conta as outras bichezas que vinham dentro das caixas chegadas das províncias: inofensivos gala-galas, caracóis, gordas lagartas chamadas *matumanas*, escaravelhos e marias-café, mas também lacraus, aranhas e uma ou outra cobra-mamba (raras, mas espalhando o pânico assim que se escapuliam para os cantos), e outra vez ratos, embora mais rurais, desprovidos da manha dos que já haviam nascido junto dos papéis. Num dos cantos, que um foco fugazmente iluminou, havia um morro de muchém tão sólido que aqueles que o combatiam só à machadada iam conseguindo algum progresso. E toda esta actividade de gritos e incitamento dos caçadores, gotas grossas a cair junto às paredes, resfolegares de lança-chamas, marteladas e pauladas, guinchos dos ratos e dos morcegos da escuridão das alturas, incapazes de achar uma saída, produzia um som único estranhamente ritmado e homogéneo que fazia lembrar uma fábrica antiga em pleno funcionamento. Por enquanto uma fábrica de papéis, mas empenhada em trocar essa actividade pela produção do esquecimento.

No par de bancadas longas que havia a meio, numa grande ilha de luz, trabalhadores envergando batas de caqui azul, bastante mais grosseiro que o pano dos uniformes do primeiro andar, lutavam contra o tempo para proceder ao tratamento preliminar antes que o objecto do seu trabalho fosse devorado pelas pequenas criaturas. A sua função consistia basicamente em desfazer os maços atados com fio de sisal ou capim elefante, agrupando os documentos segundo o ingénuo e por vezes despropositado critério provincial. O que eles faziam era pois reduzir a documentação à unidade mais simples, o documento solto ou mesmo a folha isolada, que era enviada ao primeiro andar para ser reagrupada segundo os critérios oficiais em vigor. Ou seja, na cave criavam-se as condições mas era no primeiro andar que se

constituía a versão que iria chegar aos utentes das salas de leitura, às gerações vindouras.

Notando uma certa timidez do velho (era muito mais reservado aqui do que lá em cima, via-se que estava fora do seu meio), dirigi-me eu próprio aos operários das batas azuis, perguntando pelos cadernos. Interpelava-os com veemência, apostando no efeito de surpresa. Responderam-me, sem sequer suspender o que faziam, que ali não havia cadernos. E o tom era de tão absoluto desprezo que me pareceu que, caso surgisse algum, atirá-lo-iam para um canto para apaciar com ele o apetite das ratazanas. Furioso, virei costas e parti à frente do velho funcionário, subindo as escadas e atravessando as salas até chegar finalmente ao exterior e poder respirar.

*

Entretanto, a recuperação de Chassafar revelou-se lenta, como acontece quase sempre com os velhos. Cansava-se muito, tinha medo de tropeçar. Além disso, as *aventuras* do filho punham-no em permanente sobressalto. Descobrira recentemente que o rapaz deixara de frequentar a escola e andava com companhias por assim dizer pouco recomendáveis. Como quase toda a gente, Augusto afirmava repetidamente que tinha em vista um negócio que o tornaria muito rico, mas enquanto isso não acontecia ia pedindo dinheiro ao pai quase todos os dias. E, embora não fosse propriamente violento, tinha modos cada vez mais rudes.

Quanto a mim, fazia o que podia para conseguir *sobreviver* naquele meio. Pai e filho encaravam-me de maneiras diferentes. Enquanto Augusto rejeitava com algum custo o seu desprezo, reduzindo-o a uma hostilidade fria por achar que eu ainda lhe podia vir a ser útil um dia, o velho Chassafar parecia contar comigo para amansar a pequena cria que tinha em casa, em vias de se transformar numa fera. Várias vezes me pediu que achasse uma colocação para o rapaz, qualquer coisa que o mantivesse ocupado e longe da rua a troco de algum dinheiro.

Havia pois um sentido de urgência partilhado por todos nós: Chassafar sentia que o seu tempo se escoava velozmente, eu queria chegar ao fim da pesquisa antes que Augusto se

interpusesse definitivamente entre mim e o seu pai, Augusto precisava de dar um passo decisivo antes que a razão de nos encontrarmos chegasse ao fim. De todos, acabava por ser ele o mais veloz, até porque era o mais novo e ágil.

Ultimamente resolvera acompanhar-nos nos nossos encontros. Usava o pretexto da fragilidade do velho, embora cada vez mais essa parecesse ser a menor das suas preocupações. Suspeitava, isso sim, que os segredos do passado do seu pai, quaisquer que eles fossem, pudessem vir a valer um bom dinheiro. Sondava até onde eu estaria disposto a ir, dando a entender com alguma ingenuidade que podia procurar quem tivesse uma *vontade maior* do que a minha (referia-se, claro, à vontade de abrir os cordões à bolsa). Por vezes abandonava-nos sem cerimónia, ou porque encontrava amigos a quem seguia ou porque o tema das nossas conversas o entediava.

Este comportamento incomodava-me a mim e constrangia o seu pai. Tínhamos ambos plena consciência de estar a chegar a patamares decisivos, que requeriam no meu caso sobretudo concentração, no do velho Chassafar uma grande coragem. Augusto invadia-nos o recato, destruía-nos a intimidade. Por isso as nossas sessões nem sempre eram produtivas, perdidas em generalidades e repetições exasperantes devido à nossa relutância em abordar certos assuntos na sua presença. A juntar a tudo isso havia o facto de pouco termos em comum, Chassafar e eu, além do tema que nos unia, o que tornava difícil uma conversa de âmbito, digamos, mais geral.

Nesse dia Augusto mostrava-se particularmente instável, devo reconhecer que por culpa minha. Tentando pegar por uma ponta da história, perguntara desajeitadamente a Chassafar se o nome do filho tinha alguma relação com o do engenheiro Murilo, o marido de Maria Eugénia. Pela reacção do jovem, que fulminou o pai com o olhar, percebi que cometera um erro. Chassafar também deve ter ficado irritado comigo, embora procurasse controlar-se. Estávamos numa das pequenas esplanadas improvisadas da Avenida Eduardo Mondlane, sentados numa das duas ou três mesas de plástico colocadas no passeio como se o fito fosse o de interromper o fluxo

dos transeuntes. Devo dizer que não é muito agradável estar sentado a uma mesa em pleno passeio, e ter multidões a passar constantemente a vinte centímetros de distância. Aconchegamos os nossos pertences nos bolsos, não sabemos o que pode acontecer.

Tacteávamos em volta, procurando o que abordar na presença de Augusto, já o disse. A saída de Suzanne, por exemplo. Eu tinha um certo interesse (devo dizer que mais teórico do que prático) no curioso processo que ela adoptara de se despedir. Confesso que nunca me tinha ocorrido aquele processo de nos desligarmos de um lugar – assumindo teatralmente a sua transformação noutra coisa qualquer além de lugar real: cenário literário, mera lembrança a convocar quando se quer, *etc.* – um processo que começava a achar singularmente eficaz. Tiramos-lhe a potência de lugar, reduzimo-lo a dimensões manipuláveis. Possivelmente corre-se o risco de uma certa melancolia, mas em contrapartida evita-se o incómodo muito mais sério da dramatização.

No entanto, o velho Chassafar não embarcou comigo na ideia. Fez um ar de desinteresse, optando por confirmar simplesmente a história relatada no caderno, ainda por cima de maneira vaga. Não tivera acesso aos aspectos mais importantes nem estava interessado neles. O que sabia provinha das conversas de Maria Eugénia com Murilo ao jantar, enquanto os servia, ou da própria Suzanne quando esta lá ia em visita. Mas o tempo e a referida falta de interesse haviam-no feito esquecer quase tudo. Era claro que se Suzanne *fotografava* minuciosamente aquilo que guardava como lembrança, para Chassafar a despedida de Suzanne consistiu num afastamento aliviado, no descarte de algo que não tinha a menor intenção de guardar. Não havia dúvida de que em tudo Chassafar fora o inverso de Suzanne.

Ainda procurei espezitá-lo, referindo aspectos da cidade da Beira constantes no caderno que lhe poderiam interessar. Sorriu, interessou-se por um ou dois, nomeadamente quando fiz referência à praia e à impressão de liberdade causada por ela nas duas mulheres. Também ele, quando ali vivera, tardara muitas vezes em regressar ao Savoy Hotel depois das entregas, por se esgueirar

para a praia durante um par de horas. Isso valeu-lhe mesmo, disse com um sorriso, algumas repreensões. Também ele sentira o vazio largo que se abria como uma espécie de caminho para as coisas simples. Sempre de costas para terra e para os seus enredos fechados, sempre de frente para o mar. Na altura em que me disse isto – de resto uma interpretação não completamente clara, pelo menos para mim – fez-me notar com um trejeito irónico que eu lhe prometera o caderno e não havia meio de cumprir a minha promessa. E foi tudo.

As pessoas passavam. Umas apressadas, correndo para um ponto de *chapa*, outras mais lentas, transportando volumes, consultando os tabuleiros das vendedeiras de rua ou olhando atentamente em volta. Eu olhava-as por minha vez, e procurava desesperadamente um caminho para sair do atoleiro de silêncios quando as coisas se precipitaram. Augusto, que até então nos encarara com perplexidade, achando porventura que enlouquecíamos serenamente, viu passar dois amigos do outro lado do passeio e pediu de imediato uma ou duas notas ao seu pai. Fê-lo com uma insolência que me era quase toda dirigida. O pai respondeu-lhe que não tinha. Ele continuou de mão estendida, com um olhar vítreo que não lograva fixar-se em alvo algum. Para acabar com a desagradável cena, e confesso que pela razão mais interesseira de arranjar espaço para os momentos decisivos de que necessitávamos, abri a minha carteira e dei o dinheiro ao rapaz. Sorriu, e era quase um sorriso de criança. Levantou-se rapidamente e deixou-nos para ir ter com os outros.

Não havia tempo a perder, não sabia quando voltaria a ter o luxo de um espaço de tarde a sós com Chassafar (ainda que no meio de uma barulhenta multidão).

Suzanne partira, Maria Eugénia regressara a Moatize. Com ela regressara Agnès.

‘O que aconteceu *de facto* à senhora Agnès Fink?’, perguntei.

‘Nada’, respondeu, encolhendo os ombros. ‘Voltou a partir e nunca mais regressou.’

Disse isto como se fosse coisa que todos os envolvidos soubessem desde sempre. Mas não sabia eu até há pouco tempo

atrás, não soubera Maria Eugénia até muito tarde, ficara sem saber quase toda a gente em Moatize. E, apesar de o ter dito com uma voz esforçadamente despreocupada, Chassafar olhou-me enquanto o dizia. E nesse olhar eu vi estampado o receio daquilo de que ele já tinha a certeza: de que eu não ficaria por ali. Eu queria saber mais, muito mais.

Ainda pensei que inventasse um pretexto qualquer para chamar pelo filho que ainda se via à distância, dobrando a esquina para entrar na grande avenida. Mas não chegou a fazê-lo. Em vez disso, segurou com as mãos os braços da cadeira e preparou-se para o embate. Chegávamos, como disse, a momentos decisivos.

Reformulei a minha linha de questionamento: ‘Por que razão resolveu contar à senhora Maria Eugénia que madame Agnès voltara a partir?’

Assim que me calei, olhando para ele, Chassafar estava já inteiramente dentro do caderno. Já não era o Chassafar antigo que eu me habituara a conhecer, frágil, delicado, o Chassafar que fazia lembrar um casaco velho que há muito deixou de ser usado. Respondeu-me com brusquidão. Fizera-o simplesmente por ser verdade. Que queria eu que ele tivesse feito?

Repliquei que na maioria das vezes as pessoas não dizem as coisas apenas por ser verdade. Espicacei-o: disse-lhe que ele parecia, isso sim, estar a fugir da verdade, pelo menos da verdade toda inteira. Irritou-se. Disse que não fizera nada de que se arrependesse. Maria Eugénia estava cada vez mais próxima de Agnès, a descoberta daquela arca não fora obra do acaso, era apenas um novo sinal daquilo que já sabiam. A patroa sofria muito, tinha portanto o direito de saber tudo acerca da mulher que lhe entrara no corpo. O destino de uma era o destino da outra, e Chassafar quis simplesmente dizer-lhe que Agnès não desistira, Agnès acabara no final por se libertar.

A resposta não me impressionou, era a que esperava. Pelos vistos Agnès entrava no corpo de toda a gente. De resto, esta resposta ou outra tanto fazia. Não era nesta questão que eu estava interessado. Por isso, passei ao que me parecia verdadeiramente

decisivo: ‘Por que razão contou você à senhora Maria Eugénia que madame Simon, a mulher do director-geral, sabia de tudo?’

Disse-o quase gritando, segurado apenas pelo receio de atrair atenções (sabe-se lá qual seria a reacção das pessoas, ali no passeio, se surgisse a ideia de que eu maltratava um velho). Ao mesmo tempo, porém, pretendia que ele se descontrolasse o suficiente para me revelar coisas que de outro modo calaria.

Chassafar tinha cada vez menos por onde fugir. Depois de um bocado, com uns ombros baixos que denotavam conformação, afirmou ter sido esse o seu grande erro, juntar a patroa e a mulher do director-geral na mesma história. Cometeu-o porque necessitava de *agradecer* a Maria Eugénia a confiança que esta depositara nele, uma confiança que ia ao ponto de guardar segredos do próprio marido. Sentiu que podia confiar nela, quis dizer-lhe que ela também podia confiar nele. Acrescentou que o erro não consistiu em pôr o seu destino nas mãos da patroa. Hoje, cinquenta anos depois, voltaria a fazê-lo. O erro foi não ter previsto a reacção que ela teve.

Estávamos no fim da linha. Intuindo que Chassafar procurava desesperadamente uma razão para resistir, continuei a espicaçá-lo com certa rudeza. Será que eram mesmo histórias separadas?, perguntei, histórias que lhe coubesse a ele decidir se queria unificar? Ou Maria Eugénia era a única que não sabia tratar-se de uma só história, uma história que o jovem Travessa, por meio de idas e vindas clandestinas à Casa Quinze, tratava de manter unificada?

Olhou-me com uma expressão que nunca lhe vira, e não era uma expressão muito amistosa. Levantou-se, despediu-se friamente e pôs-se a andar no seu passo trémulo, com o vigor que as suas forças permitiam.

Oito

O meu erro foi ter partido para a Casa Quinze antes de voltar a falar com Travessa Chassafar; sem que ele me explicasse onde pretendia chegar quando me confidenciou que Annemarie conhecia o segredo de Agnès. Enfim, parti desarvorada depois de uma noite de vigília povoada de fantasmas. O mais a que conseguira chegar fora à conclusão do dia anterior, de que eu era a única que continuava presa. Todos os outros haviam achado os seus próprios caminhos de libertação. Onde estava o oceano que me lavaria os olhos secos como a Suzanne?

Annemarie recebeu-me como sempre, apesar da hora inusitada: com candura, com aquela arte que tinha de domesticar as intenções dos outros. Acenou-me com as crianças, a minha e a dela, perguntou-me como resolvia este e aquele problema do Miguel, as pequenas cólicas devido ao calor, os insectos; enfim, como dava os nós nas pontas das redes mosquiteiras e por aí fora, tudo coisas que, tenho a certeza, julgava saber melhor do que eu, e portanto não necessitava de perguntar. Recorria a expedientes velhos que todavia conseguiam ainda uma vez adormecer-me. Queixou-se do clima e das pessoas, sobretudo do doutor Mascarenhas que, segundo ela, achava todas as desculpas para se manter afastado. Que achava eu disso? Que achava eu do doutor Mascarenhas?

Pelo menos esta última interrogação parecia genuína, sem dúvida que o desconhecimento daquilo que se passara na Beira, quando da despedida de Suzanne, a torturava. Imaginava os pactos secretos firmados entre mim e o médico contra a sua pessoa, perguntava-se sobre as armadilhas que Suzanne havia deixado para trás. Entretanto, não eram só essas as suas razões. Tenho a certeza de que percebeu o meu ar quando cheguei, adivinhou-me disposta a tudo. Iria ter de se aplicar, isso porque ainda precisava de mim como aliada, ainda não podia dar-se ao

luxo de deixar cair a maldita máscara. Ainda não podia perder a esperança de que eu aprendesse a jogar a canasta. Afinal, éramos poucas, desaparecíamos uma a uma, não havia ainda perspectiva sobre quem viria substituir os Clijsters. Era necessário deixar serenar as coisas antes de se dedicar a pôr-me no meu lugar. Demasiados conflitos podiam, todos juntos, ter consequências imprevisíveis.

Foi a isso que comecei por agarrar-me. Quem viria substituir os Clijsters? Que especificações havia ela imposto ao marido? Que tipo de esposa teria de ter o novo engenheiro? Gorda ou magra? Loura? Belga ou portuguesa? Sim, tudo isso pretendia ali saber. E também, já agora, como se chamava o *colega* de Travessa na casa deixada vaga pelos Clijsters? Será que Annemarie já discutira o perfil da nova patroa com ele? Será que estavam preparados para a receber?

Evidentemente que nem tudo eu podia perguntar desta maneira. Tinha de proceder com cuidado, sabia já do que ela era capaz. Fui suavizando as questões, e ela dando repostas melífluas. O melhor mesmo seria ter os Clijsters de volta, afirmou. Ele era ao que parecia um engenheiro muito competente, e Suzanne uma boa rapariga apesar da instabilidade emocional e do grande defeito de não gostar da canasta (e ria-se desta observação, que pretendia fazer passar por espirituosa). Todavia, apesar dos esforços reiterados, tanto ela como o marido perdiam a esperança de os ter de volta para um novo contrato. Já quanto a quem os vinha substituir, pouco podia adiantar. Além de nem tudo lhe confidenciar, monsieur Simon pouco conseguira ainda arrancar dos círculos superiores da Companhia. Havia que ter paciência e esperar. As pessoas pensavam que eles, os Simon, punham e dispunham na Companhia, mas infelizmente não era assim, infelizmente eles estavam dependentes dos caprichos da *Sede*.

‘Ah, mas não foi para ouvir as minhas lamúrias que cá veio’, disse por fim, quando achou que me amaciara o bastante para eu ficar incapaz de a enfrentar. Penso já ter dito que, mais que tudo o resto, era esta invulgar intuição para medir o grau de agressividade dos outros, e agir em conformidade, que estava por detrás da sua

extraordinária força. Aos poucos eu sentia um torpor tomar conta de mim, como se já tivesse sofrido a sua mordida venenosa.

Mas Annemarie desta vez errara o cálculo. Enquanto a ouvia, eu olhava a criada uniformizada, debruçada sobre o berço, e subia-me de novo ao rosto o calor da indignação: que direito tinha esta mulher de se escandalizar se alguém contratava uma criada quando ela própria contratava uma para lhe tomar conta da criança? Por que razão existiam nesta terra dois pesos e duas medidas? Mantive contudo a paciência, deixei-me ir na conversa acerca dos Clijsters e de quem os substituiria, e por sua vez Annemarie deixou-se ir comigo. Por uma vez a Aranha media mal, confiante em demasia na inevitabilidade de mais uma vitória. E, agora que eu sentia que ela baixara a guarda, desferi a minha estocada: ‘Como foi que Agnès Fink fugiu?’

‘Mas, a que propósito vem isso agora?’, respondeu, entre a surpresa e o enfado. ‘Já lhe contei mais do que uma vez tudo o que sabia a respeito. A minha amiga está a ficar obcecada.’

Annemarie Simon simulava muito bem, mas desta vez nem toda a sua arte seria suficiente.

‘Refiro-me à segunda fuga, a definitiva’, precisei. ‘Por que motivo nunca se fala nela? Por que razão você nunca me falou nela?’

E por uma vez deixei-me ir ao sabor da corrente, respondendo eu própria à questão. Não me contou porque queria a história terminada à sua maneira, afirmei. Queria que ficasse à vista de todos que Agnès tinha falhado, que havia perdido a batalha. Que todos os que desafiavam a Casa Quinze perdiam a batalha. E, mais ainda, queria que ficasse claro para toda a gente que Agnès, depois de ter falhado, havia regressado ao redil para manifestar a sua obediência, após o que partiu de modo ordeiro para a sua terra, tal como viria a fazer Suzanne um ano depois. Era-lhe simplesmente insuportável que a fuga de Agnès tivesse sido bem sucedida. O que ofereceu ao engenheiro Fink em troca da colaboração do pobre? O que lhe ofereceu em troca do seu silêncio?

Foi mais ou menos isto o que disse. Pelo menos era o que trazia para dizer e é assim que retive na memória como tendo dito. Reconheço que era um discurso rude, fruto da instabilidade que tomava conta de mim nesses dias difíceis. A revelação de Travessa deixara-me transtornada.

Por seu turno, Annemarie Simon podia ter feito notar a minha impertinência (afinal eu estava em casa dela, nada na conversa até aí fizera prever uma subida do nível de hostilidade como a que ocorrera). Mas não foi isso que fez. Inspirou fundo, afastando a criada com um gesto brusco, como se estivesse a ajeitar ela própria qualquer coisa dentro do berço, e perguntou num tom gelado, sem olhar para mim: ‘Quem lhe contou?’

Era só isso que desejava saber. A minha indignação era irrelevante. A onda de fúria que subia dentro dela, quase palpável, era tudo o que lhe interessava, tudo aquilo a que dava atenção.

Eu tinha agora de proceder com muito cuidado. Desviando o olhar para a janela, afirmei: ‘Foi Suzanne.’

Era o género de mentira que carrega em si todas as virtudes. Em primeiro lugar, Suzanne já estava ao abrigo de quaisquer consequências, por mais que o desejasse aquela mulher não tinha um braço longo capaz de atravessar o mar. Depois, era uma mentira que de alguma maneira atenuava a derrota da minha amiga visto que lhe permitia continuar a influenciar os acontecimentos mesmo depois de partir. Em suma, fazia com que o triunfo de Annemarie não fosse tão completo e isso agradava-me, como tenho a certeza de que agradaria a Suzanne.

Todavia, a minha *manobra* não teve o efeito esperado.

‘Não me minta, Maria Eugénia’, disse Annemarie com rispidez.

Eu esperaria tudo de Annemarie: que procurasse justificar-se, que descarregasse em Suzanne todas as culpas do mundo (Suzanne não estava ali para se defender), sei lá! Tudo menos que ela duvidasse da minha palavra assim directamente. Chegava pois a altura de nos confrontarmos sem rodeios. Ocorreu-me até a ideia absurda que a partir dali não mais pensaria nela recorrendo aos seus inúmeros nomes. A partir dali seríamos apenas nós duas, eu e Annemarie.

A situação exigia prudência, já o disse. Resolvi contudo arriscar. O meu interesse no destino de Agnès era absoluto. Precisara de saber o que acontecera com ela porque esse destino estava intimamente relacionado com o meu de uma maneira inexplicável.

‘Pois bem, digo-lhe quem foi que me disse se você me contar como foi essa segunda fuga de Agnès Fink’, arrisquei.

Pelo seu olhar perpassou um brilho que só mais tarde entendi com clareza. Eu deixara uma ponta solta, ela apressava-se a agarrá-la. Aceitou imediatamente o que lhe propunha.

‘Aceito!’, quase gritou.

E com esta simples palavra virou o jogo. Mostrou ser o que diziam, uma Aranha infinitamente paciente mas rapidíssima quando se decidia a desferir o golpe. E eu, apesar do que acabara de prometer a mim própria, de esquecer de uma vez os nomes daquela mulher, voltava a olhar para ela com o terror enfeitado com que se olha uma gorda e peluda aranha.

Apesar da discreta vigilância a que estava submetida desde a fuga anterior, Agnès conseguira convencer um comerciante a levá-la para o Zóbuè num dos seus camiões (mais tarde, o inspector Cunha veio a apurar tratar-se de Suleimane Zacarias, um homem que costumava entregar ao domicílio mercadorias encomendadas da Beira e de Salisbury, e em quem todos depositavam grande confiança; eu própria o conhecia bem). No Zóbuè, Agnès procurou a protecção de uma missão de padres espanhóis de Burgos, acabada de se estabelecer. Annemarie desconfia que ela politizou a questão, lhes disse que era apoiante dos independentistas ou algo que o valha, e que o inspector andava atrás dela para a prender. Há-de ter insinuado qualquer coisa como correr perigo de vida. Os padres ficaram sem saber o que fazer. Não podiam mantê-la ali sem ser descoberta, mas por outro lado estava fora de questão devolvê-la a Moatize, seria um gesto muito pouco cristão. Ao inspector, quando ele foi ao Seminário, disseram que ela lhes havia mentido, dito que era uma turista oriunda de Blantyre que se perdera na região da fronteira. Seja como for, Agnès desapareceu. Alguém a levou do Seminário para o outro lado. O engenheiro Fink ainda atravessou a fronteira, acompanhado por Castro (afinal, fora

o Castro que a apanhara da outra vez). Andou duas ou três semanas por Mwanza e Blantyre à sua procura, mas ela desaparecera sem deixar rasto. O pobre acabou por regressar e por colar-se ao inspector como uma sombra. Era tudo o que lhe restava, acreditar na eficácia deste. Somos capazes de tudo, dependendo das circunstâncias. Até de nos aliarmos ao diabo. Mas, sem mesmo assim obter resultados, acabou por fazer as malas e partir, destroçado. Já nada tinha a fazer neste lugar. Claro que foi necessário pedir-lhe uma certa descrição, a Companhia não podia correr o risco de o caso cair na boca do mundo. Foi preciso *fazer correr* que ela havia partido antecipadamente de regresso à Bélgica, a socorrer um parente ou coisa assim, ao mesmo tempo que se prometia a Fink que não seriam poupados meios para continuar a procurá-la.

‘Já imaginou se fosse tornado público que Agnès se juntara aos terroristas?’, perguntou Annemarie.

Era este o receio que tinham, para eles um desfecho pior ainda do que a morte. Retorqui que não havia quaisquer provas de ser essa a razão da sua fuga. Encolheu os ombros e disse que, naquelas circunstâncias, era legítimo pensar o pior. Em seguida, virando-se para mim, disse que me contara o que sabia, mas o que de facto queria dizer era que me cabia agora cumprir com a minha parte do *contrato*.

E eu, quando reagi, era já a presa enredada na teia, estrebuchando em vão. Ou seja, resolvi regressar à verdade, convencida de que esta tinha força suficiente para acabar de vez com as maquinações e urdiduras que sempre escorreram pelas paredes daquela casa. Não mais véus; não mais, outra vez, os nomes atrás dos quais se escondia aquela mulher. A verdade era, a partir de agora, o nosso jogo, quisesse ela ou não.

‘Pois bem’, disse, encarando-a com firmeza, ‘eu digo-lhe quem me contou: foi o Travessa Chassafar.’

Sorriu. Acreditou. Disse-me que já calculava. E calculava-o porque além de Travessa só o inspector Cunha e o caçador Castro sabiam do caso.

‘Castro está fora de questão (trabalha para o inspector), e o inspector não iria quebrar um contrato que lhe convinha muito mais até do que a *nós*, não é verdade?’

Annemarie falava de si no plural, talvez integrando no seu gesto toda a direcção da Companhia, embora eu suspeitasse que muitas das suas maquinações surpreenderiam até o seu marido e director-geral. Levantou a criança do berço com ambas as mãos e pediu-me que lhe pegasse por um instante, como se precisasse da minha ajuda. Ao lado, a criada não sabia o que fazer. Nada naquela mulher era gratuito. Com esse simples gesto de me passar a criança para as mãos neutralizava-me completamente (como podia eu *lutar* tendo uma criança nos braços? Como podia sentir-me suficientemente distante?).

Pedi-me que entendesse: que diferença fazia para mim a maneira como terminara a estada dos Fink em Moatize? Já para a Companhia, fazia-a toda. A omissão da segunda fuga de Agnès não era fruto de um capricho mas de uma necessidade, e estava na base de um acordo tácito entre ela e o inspector. Eu não entendia? Deixar saber publicamente que Agnès partira como partiu era o mesmo que reconhecer que uma branca, uma belga, aderira à subversão, insistiu. Seria o mesmo que escancarar as portas da Companhia ao inspector Cunha e às suas investigações. Ele passaria a escrutinar de uma nova maneira, muito mais severa, não só os belgas mas também portugueses como eu. Eu não entendia?

Regressei a casa num estado de confusão e entorpecimento. Ou seja, tentava entender a lógica da mulher mas não conseguia libertar-me de um mal-estar difuso que a ausência de Travessa só acentuou, uma ausência que os restantes criados não souberam explicar. Estavam reunidos nas traseiras, falavam entre si em voz baixa, no tom reservado aos grandes acontecimentos. Todavia, quando os interpelei retorquiram com um inabalável mutismo. Passava-se algo de muito grave.

Mais tarde chegou Murilo, muito agitado. Serviu um *whisky*, bebeu metade de um trago e levou-me para o quarto, onde me disse em voz baixa que Travessa tinha sido preso pelo inspector.

Perguntei de que o acusavam, tentando novas conjugações de motivos que constituíssem alternativa àquilo que temia.

‘Subversão’, respondeu, esvaziando o copo.

De repente, fez-se luz. A Aranha tinha sido rápida. Saí porta fora, assim como estava, e pus-me outra vez a caminho da Casa Quinze. Quase instantaneamente senti a testa perlada de suor, as alças do vestido coladas aos ombros como se ele pesasse uma tonelada. Estava um calor de morte. Entretanto, Murilo saltara para o jipe para me vir encontrar no caminho, tentando tudo por tudo para me demover. Acabei por aceitar a boleia, desde que ele me levasse onde eu pretendia. Que vais fazer, mulher? Pensaste bem?, repetia ele num murmúrio, como se entoasse uma ladainha.

Annemarie não me recebeu. Disseram-me que madame estava recolhida no quarto, com uma terrível dor de cabeça. Simon não se encontrava em casa. Ainda pensei em entrar simplesmente, abrir uma a uma todas as portas até dar com ela, mas o mais provável era estar fechada à chave. Antecipava a minha reacção, entrincheirava-se. A Aranha estava exausta. Dera a sua picada, aguardava que o veneno acabasse por fazer efeito.

Cá fora, Murilo prosseguia com as suas lamúrias. Pedi-lhe que me levasse ao inspector. O meu tom não admitia recusas. Pelo caminho foi-me repetindo que me acalmasse. Respondi-lhe que estava calma e que seria razoável. Mas tinha de fazer qualquer coisa, não podia esconder a cabeça na areia como se nada estivesse a passar-se. Tinha de fazer qualquer coisa ou rebentava. Pediu-me que fosse mais clara, não entendia o que estava a passar-se. Disse-lhe que, a meu ver, Travessa havia sido preso não por algo que tivesse feito mas por interferência de Annemarie.

‘Como, se ele é desde sempre um aliado de Annemarie?’, perguntou com incredulidade.

Não havia tempo para explicar o meu argumento. Aliás, há muito tempo que explicávamos pouca coisa um ao outro, ia ser necessário um grande empenhamento se quiséssemos fazê-lo. Limitei-me a dizer-lhe que Travessa passara para o *nosso lado* e que Annemarie, sentindo-se traída, se vingara fazendo intervir o inspector.

Claro que não posso responder pelo raciocínio de Murilo. De qualquer forma a minha explicação ia no sentido do reforço da coesão familiar, e isso parece tê-lo apaziguado. Além disso, era obrigado a concordar que não podíamos agir perante a prisão de um empregado nosso como se nada tivesse acontecido. Levava-me onde eu quisesse desde que eu lhe promettesse que seria razoável. Prometi-lhe que sim.

*

O inspector Cunha já nos esperava. Era natural que os patrões viessem em socorro dos criados, disse. Nada de extraordinário. Lamentava, no entanto, mas nada podia fazer. Já não era a primeira vez que a vida de Travessa se enredava em *coisas mal explicadas*. Dizia isto como se a nossa vida, incluindo a dele, tivesse de ser sempre muito bem explicada. Era assim que ele via o mundo: um lugar de explicações. Ele a exigia-las, os restantes a dadas. De qualquer maneira fez-nos sentar nuns cadeirões sebentos, o que ainda assim já era um bom prenúncio. A sala era patética, com as suas florzinhas de plástico amarelas numa mesa baixa, sob o olhar sisudo de um Presidente do Conselho pendurado na parede. Não pude deixar de pensar nas centenas de salas iguais àquela, espalhadas pelo império, todas elas com o mesmo retrato zelando pelo que dentro delas se passava. E, já agora, nas centenas de inspectores Cunhas assegurando que dentro delas se passava mesmo alguma coisa. Enquanto o tempo corria, concedi que em cada uma haveria um toque pessoal do capataz de serviço, e imaginei o inspector a ordenar como se dispunham ali as coisas: as florzinhas, as cortinas. Era uma anedota de mau gosto. Naquele lugar não entravam mulheres, o grau de limpeza era aquele que fazia sentido aos olhos de um patrão preocupado com os outros e as suas coisas, muito mais que com as suas próprias coisas. Os empregados cumpriam ordens, aquele mundo não lhes dizia respeito.

Voltei a este mundo. Perguntei-lhe que coisas mal explicadas eram as de Travessa, e ele tentou trazer o enfermeiro Cambala à discussão. Os contornos daquele episódio nunca haviam sido inteiramente esclarecidos, não se podia declarar com firmeza quem

influenciara quem. Cambala era o mau? Ou Travessa? Provavelmente, segundo ele, os dois. Disse-lhe parecer-me óbvio que Travessa tinha sido ali a parte fraca, inocente, e que de qualquer maneira isso eram águas passadas. De então para cá tivéramos uma conversa séria com o rapaz e ele estava mudado. Levantou-se e ajeitou uma cortina para cortar um raio de sol que o incomodava. Retorquiu grosseiramente que os pretos nasciam sempre tortos e nunca chegavam verdadeiramente a endireitar-se. Sabia do que falava, há muitos anos que lidava com eles todos os dias. A subversão estava-lhes no sangue.

Sentindo que o sangue começava a ferver-me, Murilo apertou-me o braço como que a lembrar-me da promessa que fizera. E ainda bem, porque me contive. E isso agradou ao inspector (só funcionava em ambientes em que o seu poder era incontestável). Lançara a casca de banana a ver se eu perdia as estribeiras e com isso lhe facilitava a vida; ou seja, lhe dava razões para a recusa em atender ao meu pedido. Pois bem, não acontecera.

Parecíamos dois lutadores sondando-se mutuamente. Era a minha vez de tomar a iniciativa e resolvi mudar de abordagem. Tentei uma espécie de sedução inocente. Travessa era exímio nos assados, era exímio no servir (como aliás o próprio nome indicava). A quem recorreria eu doravante?, perguntava com uma espécie de encenado desespero. Mas, embora risse alarvemente, ainda e sempre da associação entre o nome do rapaz e a função que desempenhava, ao inspector faltava sentido de humor para embarcar no resto. Moatize era terra de cozinheiros, isso era das poucas coisas que todos ali sabiam fazer. Afinal eu não notara?

‘Encontre alguém que não saiba fazer uma galinha à cafreal ou assar um cabrito e dou-lhe um prémio’, disse.

‘E servir à mesa?’, ainda tentei timidamente.

Murilo assistia boquiaberto.

Tornei a mudar de ângulo, desta vez com pleno sucesso. A verdade só me tinha trazido dissabores. Já que não me era possível manter-me ligada a ela, tentei a mentira. Mencionei Annemarie Simon, mas não abertamente por suspeitar que isso melindraria o inspector. Mostrar-lhe que eu sabia ter sido a mando

dela que ele prendera Travessa era o mesmo que dizer que ele obedecia a ordens dos belgas da Companhia, e dizer isso podia ter consequências imprevisíveis. O inspector era muito ciente da sua autoridade. Assim, limitei-me a observar, como que casualmente, que tinha ido ali cheia de esperança, seguindo uma sugestão de Annemarie, que não só me dera a notícia (fora assim que eu descobrira que Travessa estava preso), como me havia dito que se eu me responsabilizasse pelo comportamento do meu criado o inspector era bem capaz de aceder ao meu pedido. Havia casos anteriores em que tinha sido assim.

Ou seja, testei a solidez da parceria estabelecida entre os dois. E, pela primeira vez, senti no olhar do inspector um ligeiro sobressalto. Torceu a boca num esgar.

‘Ah, foi isso que lhe disse a mulher do director? Que eu prendi o rapaz mas que se me for pedido com jeito o posso libertar?’

E, ante a minha confirmação, resmungou: ‘Espertinha... espertinha...’

Ou talvez não tenha resmungado, talvez o resmungo tenha sido fruto da minha imaginação. De qualquer maneira mantivemo-nos em silêncio, Murilo e eu, dando-lhe tempo de raciocinar. Era claro que tentava perceber a jogada de Annemarie para poder fazer a sua. Segundo a minha mentira, ela traíra-o, pedira-lhe o favor de prender Travessa e juntava-se agora àqueles que se esforçavam por soltá-lo. Uma típica jogada de espertinha. A culpa ficava assim com ele e com as suas decisões arbitrárias e intempestivas. Sem dúvida que era com isto que se debatia.

Não me pareceu em nenhum momento que tivesse duvidado de mim, até porque o que eu dissera não era passível de dúvida, podia sempre tratar-se da minha interpretação de outras quaisquer palavras que Annemarie tivesse proferido. Enfim, o inspector reflectia. Passado um pouco, sorriu. Mandou buscar o rapaz e, já com ele na nossa presença, virou-se para Murilo e disse (as grandes decisões eram sempre discutidas entre homens, não com uma mulher): ‘Vou soltar o rapaz. *Espremi-o* um pouco e não me parece que tenha ligações subversivas. É apenas um miúdo a quem as ideias de outros metem minhocas na cabeça.’

E depois, de indicador em riste: ‘Mas, responsabilizarei directamente a sua mulher pelo que ele vier a fazer depois de solto, compreendeu? Tomem bem conta dele, tratem de o manter na linha!’

*

Regressámos a casa sem trocar uma palavra. Na traseira do jipe, Travessa ia agarrado ao taipal com os olhos baixos, como que expiando a culpa de ter sido preso (estranha ordem aquela em que vivíamos, em que as vítimas sentiam a culpa de serem vítimas). Mas não era em Travessa que eu tinha de pensar, era em Annemarie. Como iria ela reagir a tudo isto, a esta afronta? Qual seria a sua próxima jogada?

Não tardei a sabê-lo, pois nessa mesma noite Laissone bateu-nos à porta com um bilhete da Casa Quinze, informando-nos que no dia seguinte chegaria um novo criado em substituição de Travessa. Chamava-se Pedro e era muito competente.

Ou seja, Annemarie Simon decidia-se por uma fuga para a frente. No resto do dia tentei descobrir mais qualquer coisa no bilhete. Teria Annemarie previsto a soltura de Travessa? Ou divertia-se simplesmente a provocar-me? De qualquer forma, tendo-se rompido um fio da teia a Aranha afadigava-se a repará-lo, impondo um novo rapaz. O que quer que fizéssemos com Travessa, ele deixara de existir aos olhos dela. Travessa era uma carta fora do baralho.

A Aranha. E eu descobria que, depois de decidir que estavam mortos, os seus nomes voltavam a nascer como se nada fosse capaz de acabar com eles de uma vez por todas, como se nada fosse capaz de estabelecer de uma vez por todas a verdade.

Nessa noite cometi o segundo erro. Deixei que o rapaz fosse para casa descansar, decidi que só conversaria com ele na manhã seguinte. Por que o fiz novamente? Durante muito tempo torturei-me com essa pergunta, para a qual existem possivelmente várias respostas. Uma delas é que me pesava na consciência o facto de o ter *denunciado* a Annemarie. Achava ter sido por isso que ele veio a ser preso. Havia também a chegada do novo espião da Casa Quinze, ou ainda o meu cansaço, o pequeno Miguel necessitado de

atenção, sei lá! Havia uma quantidade infindável de razões para o erro de ter deixado partir o rapaz.

Um erro que se veio a revelar irreparável na medida em que nunca mais voltei a vê-lo.

Notas Durante dois largos meses Chassafar não deu sinal de si nem reagiu às minhas tentativas de o contactar. Parecia ter-se afastado para sempre. Curiosamente foi Augusto, o filho, quem se tornou meu aliado nesta altura. Disse-me que não sabia o que se passava com o pai, andava estranho, calado, mas prometeu que faria os possíveis por proporcionar um encontro. Correndo o risco de ser injusto, parece-me que Augusto intuía, no corte entre mim e o velho, uma espécie de retrocesso. Em qualquer dos casos, achava preferível a situação anterior, que se esforçava por reinstituir.

Durante esse tempo, e sem ter razões concretas para visitar o Arquivo Municipal, nada mais fiz que reflectir, amadurecer as ideias. Que procurava eu exactamente? Havia, claro, os silêncios que povoavam o caderno que o acaso me fizera cair nas mãos, os silêncios daquelas mulheres que vogavam pelos tempos escuros da pequena vila como verdadeiras rainhas. Mas havia mais. Por vezes perguntava-me se precisava de Chassafar para descobrir esses silêncios ou, pelo contrário, me socorria do caderno para tentar arrancar Chassafar ao silêncio.

Um dia, para meu alívio, Chassafar reemergiu, disposto a novo encontro. Voltou a sugerir a praia. Fizera-o frequentemente no passado. Fazia-o talvez por habitar longe dela, mas eu gostava de pensar que a razão era por olhar o mundo imbuído do mesmo espírito de Maria Eugénia e Suzanne Clijsters, quando as duas se despediram na Beira. Olhava-o agora ao longe e via o jovem alegre com a marmitta do Savoy Hotel a tiracolo, chapinhando na borda da água. A praia desembocava no mar e o mar era um caminho de infinitas possibilidades; ou seja, um caminho de liberdade. Portanto, Chassafar não desistira, continuava a procurar.

Era assim que divagava, enquanto esperava por ele. A liberdade é como o futuro, parece que a encontramos mas escapa-

se-nos todos os dias. Ao contrário do que nos prometem todos os discursos da maldita política, nunca chegamos propriamente a ela, estamos antes condenados a procurá-la para todo o sempre. É pois uma aspiração, muito mais que um território. O caminho nunca chega ao fim, assim como o mar só enganadoramente é limitado pela linha do horizonte.

Entretanto, no outro lado da estrada *chapas* e carrinhas derramavam grupos incessantes de *maziones*, os filhos de Sião. Gente silenciosa que atravessava a estrada com o receio de não estar certa de como fazê-lo, transportando ciosamente os ingredientes das suas cerimónias: galinhas pendendo de cabeça para baixo, lâminas, panos cinzentos do uso e da idade, pequenas panelas cheias de mistério. Entravam timidamente no areal, receosos de um espaço amplo tão contrário aos exíguos quintais que conheciam, e talvez por isso um espaço atribuído à divindade. Sentindo a protecção desta, os oficiantes ostentavam um espírito guerreiro e desafiador nas suas cruces vermelhas e brancas, que faziam deles inesperados cruzados medievais dando ordens secas em voz grossa, mandando formar filas que penetravam no mar a grandes distâncias. Para eles é assim, por meio de rituais, que se chega à liberdade.



Eram muitos, ultimamente cada vez mais, como se da vida actual já nada tivessem a esperar e se virassem para o mar. Estava ali a sua última esperança, a esperança de deixar esta terra e de partir. E eu, sentado no paredão de cimento, olhava-os e pensava no contraste que faziam com a figura solitária do velho Chassafar

que vinha chegando do lado oposto, caminhando junto ao mar com aquele seu jeito vigoroso mas eivado de tremuras. Trazia os sapatos na mão direita, as calças arregaçadas nas pontas para não se molharem. Devia colher um prazer inédito em caminhar assim junto à linha de água, empurrado pelo vento.

Assim que o vi fui tomado de uma sensação de leveza cuja razão só passado um pouco consegui descortinar: vinha só, não trazia o filho Augusto consigo. Chegou, cumprimentou-me e sentou-se no paredão a meu lado. Ficámos os dois a olhar a multidão de *maziones* espalhada pela praia até ao longe, em pequenos grupos, perscrutando o mar com uma intensidade tal que contagiava, e por momentos ficámos também à espera de ver emergir das águas qualquer coisa que nos salvasse a todos deste nosso mundo. Era quarta-feira, um dia especial para aquela gente. Era também o dia em que chegaríamos ao âmago da história que nos unia.

Evitei uma abordagem demasiado directa, não só por não saber como ele reagiria mas também por uma espécie de pudor. Afinal, para ele havia de ser muito doloroso. Tinha um ar imperscrutável, devia ter milhões de pensamentos entrechocando-se na cabeça. Comentei casualmente que, na parte final, a senhora Maria Eugénia parecia a cada dia mais sensível aos assuntos políticos (pretendia dar à conversa um tom mais leve). Prova disso era a observação irónica feita aos retratos de Salazar, ao costume que os regimes têm de multiplicar este tipo de retratos, não porque assim vigiem melhor os seus súbditos mas para que estes, dentro das salas, se sintam mais vigiados.

Chassafar reflectiu um pouco e anuiu, mas não eram terrenos que o empolgassem. Comentou distraidamente que a política havia sido *raptada* pelos poderosos e por isso deixara de lhe interessar. Aproveitei mesmo assim o cenário a que Maria Eugénia se referia para passar ao que interessava. Observei que o caderno fazia uma descrição bastante detalhada do gabinete do inspector Cunha, no dia em que Maria Eugénia foi resgatar o jovem Travessa da prisão. Comentei que as notas desse dia terrível incluíam referências muito duras a Annemarie Simon. Ao trazer aquele dia daquela maneira, deixava-lhe a possibilidade de escolher entre as duas confissões: a

de que trabalhara para aquela mulher e a outra, de que eu não estava certo ainda de ter percebido o alcance, que tinha a ver com o facto de ele e Maria Eugénia nunca mais se terem visto. Ele que escolhesse.

Perto de nós, um pequeno grupo prosseguia com o seu pequeno ritual. Muito juntos, observavam uma mulher sentada na areia um pouco adiante, com as pernas estendidas, virada para o mar. Do grupo destacou-se um oficiante de capa branca e uma gigantesca cruz escarlate nas costas, que avançou resolutamente para a mulher seguido de um coadjuvante. Este último levava nas mãos uma pequena panela amolgada, com manchas negras de fuligem, enquanto o oficiante segurava uma galinha de penas castanhas, inteira mas pendente, certamente morta. Chegados lá, mergulhou a galinha na panela e aspergiu com ela o rosto da mulher. A mulher tremia, sem contudo tirar os olhos da linha do horizonte. Os gestos bruscos do oficiante criavam a ilusão de que a galinha revivia e era sacudida por espasmos. À distância a que nos encontrávamos era difícil saber-se que líquido havia na panela, se sangue da galinha ou água do mar. Talvez os dois juntos, ou outra coisa qualquer.



Ao mesmo tempo que falava, Chassafar seguia atentamente os gestos do grupo. O que dizia não tinha contudo que ver com o que via. Suponho que, tal como eu, era atraído pela *busca do sentido*, por esse fenómeno misterioso que é deixarmo-nos prender por uma

sucessão de acontecimentos na ânsia de descobrir os secretos elos que os ligam uns aos outros de forma a armarem um desfecho. Que aconteceria àquela mulher? Sim, era isso, o que aconteceria àquela mulher? Ou então (confesso que me ocorreu este pensamento absurdo), Chassafar estaria a olhar a galinha e a ver ali reflectido o seu próprio destino. Afinal, o inspector Cunha e Annemarie Simon haviam-no usado para *aspergir* Maria Eugénia no difícil ritual de entrada desta para a maldita confraria de Moatize.

Evidentemente que nada disto fazia muito sentido. Sacudi a cabeça para regressar ao lugar onde estava, e dei com o velho Chassafar a explicar num tom monocórdico a sua origem. Como se antes de o julgar eu tivesse de saber quem era. Pois bem, à falta de melhor dispus-me a escutá-lo. Tinha todo o tempo do mundo. Embora tivesse entrado naquela história com uma permanente sensação de urgência, tudo o que viesse daquele homem – que eu sempre vira cercado pela aura de personagem central – nunca seria inteiramente vão.

Enfim. O seu nascimento, disse, ia redundando em tragédia. Nasceu em casa do tio, perto da vila de Caldas Xavier (hoje Cambulatsitse, depois da mudança). O pai, Lampião Chassafar, veio de Inhaminga para trabalhar na construção da linha férrea. A mãe, Doroteia, era sobrinha e protegida do régulo Bibi Chintamuende, que *mandava* naquelas terras. A história deles, embora Chassafar não o tivesse dito abertamente, era nessa altura muito comum na região: trabalhadores da via-férrea que impressionavam camponesas crédulas com novidades de mundos distantes. À medida que a linha avançava, aqueles fogosos jovens iam colocando travessas e deixando um rasto de filhos e de problemas nas aldeias por onde passavam. Neste caso, Lampião envolvera-se com uma sobrinha do régulo, aquela de quem este era *nkhoshwe*, e por conseguinte a quem cabia proteger. E o Chintamuende desempenhou o seu papel. Ouviu o relato das mulheres, seguiu a direcção apontada pelo dedo de Doroteia e deu com Lampião, a quem mandou dar uma sova. Apenas uma sova, que os tempos eram outros e o régulo estava impedido de administrar a justiça verdadeira pelas suas próprias mãos. Fosse

antes e Lampião teria pago bem cara a ousadia. Mesmo assim viveram-se dias tensos em Caldas Xavier, a gente do régulo em pé de guerra com os ferroviários estrangeiros e estes cerrando fileiras em volta de Lampião. O chefe do posto, claro, deixou correr porque lhe interessavam estas inimizades. Quando este tipo de histórias não acontecia, inventava-as ele próprio para os instigar. Dividia para reinar, um princípio muito antigo. Houve poços envenenados, cabritos mortos, milho estragado no pé, uma bateria cerrada de feitiços que deixava o *compound* sem pregar olho, até que a *Trans-Zambezia Railways*, a companhia do caminho-de-ferro, achou que era necessário encontrar uma solução para o problema.

‘O problema era eu’, disse o velho Chassafar virando-se para mim com um esgar embaraçado, enquanto batia no peito com o indicador.

Lampião Chassafar foi transferido para a *Société Minière* em Moatize, obrigaram-no a trocar o caminho-de-ferro pelas minas. Quanto ao pequeno Travessa, cresceu em Caldas Xavier, em casa do régulo Chintamuende, até chegar à idade de partir para a Beira em busca de trabalho.

E eu? Eu continuava ali, sem saber onde pretendia ele chegar com aquela história. Tinha os olhos ocupados pela visão de um estranho baptismo, os ouvidos embalados por uma história dos velhos anos quarenta e o pensamento às voltas com o que pretenderia Chassafar.

Na praia, já quase escura, a maioria dos *maziones* havia agora partido. Restava no entanto o nosso pequeno grupo. O oficiante desistira da galinha, que jazia na areia como um trapo abandonado, e despejava o conteúdo da panela na cabeça da mulher enquanto um par de turistas, indeciso entre a genuinidade da cena e os restos ensanguentados da galinha, acabava por estugar o passo. Absorvido no seu próprio drama, o grupo religioso nem se dava conta deles. O oficiante operava agora com as mãos nuas, agarrando violentamente o ventre da mulher. Gritava uma reza com voz rouca, e espremia aquela barriga à procura do segredo que continha. Na certa tardava em acalantar uma gravidez, para desespero da imprestável mulher e dos que nela haviam confiado.

Nós e eles permanecíamos em suspenso, perguntando-nos de que maneira aquela reza violenta e rouca poria a barriga da mulher a funcionar.

Chassafar também aguardava, embora sem parar de contar. Acabou por regressar a Moatize acompanhado por Ernesto Cambala, na viagem de comboio que eu já conhecia. Ali chegado, encontrou o pai (isso eu ouvia agora pela primeira vez), que insistiu em levá-lo a cumprimentar a sua benfeitora, nada mais nada menos que a esposa do director-geral, Annemarie Simon.

Ouvi este nome e fiquei alerta. Percebi estar no umbral da ligação entre Annemarie Simon e Travessa Chassafar, até aí misteriosa. O que quer que viesse a acontecer depois, tudo começava aqui. Olhei o velho e apeteceu-me perguntar-lhe qual o artifício a que recorria aquela mulher para colocar todos os outros na posição de devedores. Mas, provavelmente, ele ficaria a olhar para mim com o ar de quem não entendia. E o que acabei por dizer foi que compreendia enfim onde ele pretendia chegar com a longa volta. O seu pai devia favores a Annemarie Simon, nada mais natural que fosse o filho, seguidor dos princípios da obediência, a pagá-los.

Fiquei um momento a atirar pequenas pedras para as poças de água da maré vaza e a vê-las saltitar, enquanto pensava numa maneira de reforçar, perante Chassafar, uma certa ideia de comunhão. Sim, Chassafar seguia apenas a *tradição*, uma lógica em que a vontade e os princípios de cada um pouco podem. Não tinha como não seguir a vontade do pai. Este depositava o jovem nas mãos da poderosa mulher. Ela tinha um sólido aparelho a suportá-la, e uma arte muito particular de colocar toda a gente à sua mercê. Tudo se encadeava na perfeição.

Ao longe, os turistas, sentindo-se seguros, pararam e apontaram ao nosso grupo de *maziones*, agora definitivamente o único que restara, uma câmara com uma lente enorme, potentíssima, capaz de banalizar as distâncias e trazer nos seus termos o grupo inteiro até junto de si. O que há pouco lhes escapara ficava-lhes agora à mercê: um grupo belo na sua

estranheza, um pouco nostálgico no recorte assim contra a paisagem aberta para o infinito.

Afagado pela lente, o grupo levitava no areal, fremiavam as suas roupas, parecia finalmente aquilo que era. Representavam, e todavia não sabiam estar a ser fotografados. O oficiante, depois de ter arrastado a mulher para a maré que subia, mergulhava-lhe a cabeça nas ondas com grande violência. Punia-a pela sua incompletude. Assim que vinha à tona, no curto espaço antes de voltar a ser empurrada para o fundo, bem segura pela nuca, a mulher abria desmesuradamente a boca em busca de ar. Mas no geral deixava-se ir, na esperança de que um tal conformismo lhe devolvesse a sua condição de mulher, uma condição que nunca chegara a ter, afinal.

Entretanto, perto dos turistas, na crista da duna, à sombra das casuarinas, um trio de delinquentes observava a cena, e a visão da máquina fotográfica despertava neles uma irreprimível cobiça. Trocavam entre si olhares significativos. Quase que a ideia de definirem primeiro um plano de acção se afigurava insuficiente para os impedir de se precipitarem sobre a presa sem mais delongas.

A câmara e as máquinas sofisticadas em geral têm o condão de despertar este tipo de sentimento, e este em particular era tão intenso que nós, apesar de muito afastados, não pudemos deixar de senti-lo como uma espécie de calor. Chassafar ficou agitado. Queria avisar os turistas do perigo que corriam, talvez quisesse até avisar também os *maziones* de que estavam a ser invadidos na sua mais recôndita intimidade por uma lente fotográfica de elevada potência. As coisas encadeavam-se rumo ao desfecho. Chassafar chegou mesmo a levantar-se, um pouco ridículo assim descalço, com as calças arregaçadas, ciente da sua impotência mas com uma intensa vontade de intervir. Gesticulava lentamente e abria a boca como um peixe esquecido na areia.

Desconhecedores das relações, todos os restantes se mantinham embrenhados nos pequenos mundos respectivos. A mulher parecia esgotada e os restantes estavam imóveis com os olhos postos nela (só o oficiante se movimentava). Os delinquentes

começavam a descer a duna, preparados para se lançarem sobre o espaço aberto do areal.

Subitamente, os turistas, debruçados sobre o aparelho, pareceram lutar com uma falha qualquer, uma anomalia técnica. Seja como for, desistiram antes do previsto, viraram costas e reiniciaram a caminhada, mais atentos a tudo em volta agora que não tinham a operação da câmara a distraí-los. Foi este inesperado movimento que os salvou. Sensíveis à alteração, os delinquentes suspenderam a descida da duna e isso inviabilizou a possibilidade de as coisas acontecerem como parecia. O gatilho teria sido essa descida que, uma vez consumada, abriria uma nova possibilidade que não se sabe onde iria dar.

Chassafar tranquilizou-se. Voltámos os dois ao nosso pequeno mundo enquanto os *maziones* recolham os seus pertences e iniciavam o regresso a casa. Iam cabisbaixos. A mulher seguia no meio deles, protegida da nudez por uma capulana que lhe havia sido posta sobre os ombros. Ia tomada de uma ligeira tremura, os olhos postos no chão. Talvez não estivesse ainda certa daquilo que lhe estava reservado.

‘Compreendo’, disse eu, já feito. ‘Compreendo por que me conta tudo isso. Compreendo que o faz para que eu entenda as razões que o levaram a estar ao serviço da mulher do director-geral.’

De facto, para ele estariam justificadas doravante todas as suas acções, embora eu não estivesse de modo algum pronto a abdicar de duas ou três perguntas finais.

Mas eis que Chassafar se virou para me encarar. Tinha uma expressão surpreendida. Não, não foi por isso que me contou a sua história, disse. Não foi para justificar nada. Fê-lo por um motivo bem diferente. E explicou. Nas terras que eram do *nkhoshwe* de sua mãe, o régulo Bibi Chintamuende, existe um monte chamado Bazimuane. É um monte sagrado. Foi lá que Agnès Fink se refugiou quando deixou o Seminário dos padres. Ele, Chassafar, contara a sua história para que eu entendesse por que razão conhecia o monte e soubera para onde tinha ido Agnès Fink.

Nove

Mergulho nas águas, fascinada com o desfilar de um mundo de peixes coloridos, medusas e hipocampus. Sigo junto à areia clara do fundo, sobrevoando jardins de algas muito bem cuidados, povoados de holotúrias e estrelas-do-mar, anêmonas e pequenas moreias espreitando das suas tocas. Quem será o jardineiro? Vou cada vez mais fundo, tudo escurece brandamente. Passa a sombra de um tubarão, tão ágil que quase não tinha a certeza. Para me proteger tento não perdê-lo de vista, mas eis que pequenos polvos soltam os seus fumos líquidos que me cegam por largos instantes, e quando dispersa essa fuligem o mundo deixou de ser azul e eu chego ao lugar das plantas negras e dos peixes cegos e disformes que se arrastam trôpegos, em grande sofrimento. Quero perder-me nestas paragens frescas mas eis que a água começa a descer, como que sugada por um ralo enorme, ao som monótono de uma bomba, e tenho a água já pela cintura, logo depois pelos tornozelos. Estou descalça, em cima de uma laje, a camisa de dormir encharcada, a pingar. Tapo o rosto com as mãos, temendo o roçar de criaturas minúsculas que sempre me apavorou: patinhas diligentes, filamentos de teias destruídas abandonados ao vento, asas de morcego drapejando súbito e perto, a inocência falsa das penas das pombas, a gosmenta pegada do caracol, o corpo mole de moscas lentas que desistem do voo e se abandonam ao cepo do destino. A bomba prossegue no seu monótono esforço de levar a água para outras paragens. Pisco os olhos para os adaptar à penumbra de um quarto cujas gelosias retalham a lua que se derrama lá fora. O som dolente da bomba vem afinal da ventoinha. Ferve. Murilo já esteve sentado na cadeira junto à janela, fumando um cigarro calado (sinto-o pelo cheiro). Ter-se-á levantado, espreitado o Miguel, ter-se-á debruçado sobre mim sem estar certo se eu dormia ou se fingia que dormia. Incapaz, ele próprio, de dormir. E há-de ter decorrido muito tempo antes de ter sido levado

outra vez pelo sono. Tento senti-lo sem abrir os olhos, sem estar certa de que tal aconteceu (não quero fazer-me acordada e ter de dizer qualquer coisa). Atrevo-me por fim. Fico a olhar aquele vulto retalhado por fatias de escuridão e cresce em mim uma espécie de ternura, quero que ele se sinta mais próximo, menos preocupado. Quero esticar o meu braço na sua direcção, dizer-lhe que o problema é outro. Desgraçadamente, porém, não consigo deixar de entendê-lo como preso ainda ao *outro lado*.

Passados dois copos de água e outras tantas ilusões de resvalar de volta ao sono, levanto-me de mansinho. Tacteo em volta, em busca do *négligé*. Vagueio pelo quarto fazendo os possíveis para que Murilo não desperte. Torno a olhar o seu corpo ali deitado e imagino-o acordado, embora de olhos fechados para não interferir na minha insónia. Receia abrir a porta da jaula, teme os meus furores. Conheço-o, sei que luta contra a tentação de se levantar e começar ali uma conversa amena e longa destinada a esclarecer as coisas. Mas não saberia por onde começar, nem onde a conversa iria dar. Teme, repito, os meus furores. Quando já não posso mais, passo à sala. Evito ligar as ventoinhas, quero manter-me liberta do entorpecente ronronar. Quero estar atenta. Procuro o silêncio, ainda que tudo ferva. A noite é insuportavelmente clara. Sei por experiência própria que a madrugada lava todas estas preocupações até deixar apenas vestígios despropositados e, mesmo na intimidade, embaraçosos. No entanto não quero ainda que a madrugada chegue. Quero essas preocupações grandes, ampliadas, para as poder perceber em todos os seus contornos. Os candeeiros de corno de impala projectam sombras nas paredes. As formas são dengosas, imitam aves e são encimados por bicos furiosos. As caixas de pau-preto, as estatuetas, todos os objectos projectam sombras na parede. As cadeiras de verga escrevem rendas negras, enigmáticas como caracteres chineses. Até a *bonbonnière* ali esparrama a sua forma extravagante, complicada pelas manchas translúcidas do cristal. É como se atrás deste nosso abafado mundo surgisse um outro, meticuloso, fingindo o rasto do primeiro para melhor se dissimular. E tudo se move neste teatro de sombras como que obedecendo ao

mando da lua. As nuvens passam velozes como tubarões. As sombras das árvores, lá fora, são estilhaços de vidro negro, grãos ainda mais escuros do que a noite.

Por vezes este outro mundo ousa rebelar-se e tomar o freio nos dentes, construindo as suas próprias sequências. Como agora, em que a sala permanece imóvel mas a parede do fundo fervilha de acontecimentos. Concentro-me e vejo, surpreendida, as portas que ali se abrem. Por uma entra Travessa, reverenciador, perguntando-me o que vamos jantar amanhã (precisa de preparar as coisas, discuti-las com o cozinheiro, há pratos que requerem grande antecipação). Digo-lhe que a hora é imprópria, afasto-o com a mão, e esse movimento brusco de folha sacudida pelo vento desperta-me para mim própria, afinal eu estou ali, rejeitando com impaciência as suas reverências, sacudindo-o para longe, e quando reparo nisso debruço-me sobre a minha sombra para a ver melhor, e verifico que sou Agnès.



Agnès em todo o seu esplendor. Vagueia pela parede do fundo, sempre tensa mas conseguindo ainda assim uma notável compostura, a não ser quando atravessa a porta que dá para o corredor dos quartos e a sua silhueta é abalada pelas arestas do umbral. Nasce-lhe então inesperados ângulos no corpo, como se desarticulada pela violência que grassa lá fora. Consegue recompor-se. Vira-se, parece disposta a longas conversas. É certo que não me responde, mas tenho a certeza de que me ouve. Há entre nós uma hierarquia que me embaraça e da qual não me

consigo libertar, uma hierarquia ditada pelo tempo de uma forma perversamente distorcida. Uma de nós é o futuro da outra. Em princípio serei eu, parece-me no íntimo. E tenho razões para tal uma vez que entrei literalmente para substituir uma Agnès que saía de cena. A mesma casa e os mesmos móveis, os mesmos criados. Travessa. Eu vim para a vingar, para vencer onde aquela mulher franzina fracassou. Tu pertences ao passado, digo eu para a sombra da parede. E todavia, a cada dia que passa essa ordem confortável me parece mais ilusória, cada vez mais falsa. Afinal é o contrário, o que descubro sobre Agnès é afinal um estado para o qual eu própria me dirijo. Agnès é aquilo que me vai suceder, o meu futuro. Agnès é o futuro. Sim, Agnès indica-me o caminho.

E, quando não posso mais, desponta enfim o dia. Tímido a princípio, mas isso dura apenas um segundo. Eis que rompe o sol como uma fera em fogo, farejando com violência os cantos mais íntimos. Nada escapa à sua sanha. Incendeia a parede com chicotadas de luz, apaga com grosseira displicência os traços de tudo o que aqui se passou (a pobre Agnès desfeita, despedaçada pela claridade), e sobretudo ilumina como uma auréola de fogo a chegada do inspector, logo às sete da manhã, para nos intimidar. Se ele actua de noite, quando não quer ser visto, também o faz a esta hora em que pretende que o vejam assim iluminado.

O inspector acredita no teatro. Não vem para me prender, vem tão-só para desfrutar da sua pequena encenação de vitória. Fala com Murilo, manda chamar-me para me acusar da irresponsabilidade de ter resgatado, e deixado fugir, um terrorista. Não sou sequer gente suficiente para ser culpada. Sorri, escarninho. Sirvo apenas para este ritual de humilhação, não passo de uma ferramenta do seu exercício de superioridade. Se bem se lembrava, eu havia prometido manter o rapaz com trela curta e, se bem se lembrava também, ele, inspector, havia prometido vir cobrar-me essa promessa. Pois bem, está aqui, é isso que pretende fazer. Murilo assiste, calado. E eu vou-me enchendo de fúria, sem nada poder dizer. Cabeça baixa, aguardando que ele despeje e se vá embora. Segue-se um desfiar de absurdidades que só na sua cabeça poderiam achar asilo e fermento, e que eu nem

sequer chego a ouvir, distraída nos meus pensamentos. Quando por fim se dá por satisfeito diz que vai voltar, que pretende tirar a limpo se a ligação se mantém. Sabe que não, esta é apenas uma maneira de, partindo, continuar aqui a atormentar-nos.

E, em princípio, tudo apontaria para que eu entendesse o inspector. Certa vez, ainda Travessa estava connosco, precisei de ir ao quarto buscar qualquer coisa e dei com ele com o meu caderno nas mãos, este mesmo caderno onde aponto *as minhas coisas*. Olhei-o, numa muda interrogação. Podia ser só curiosidade, podia ser que estivesse a bisbilhotar para ter o que transmitir à Casa Quinze. Podia ser tudo isso, mas sem saber porquê não me atrevi a perguntar. Limitei-me a olhá-lo em silêncio. E ele, apesar de ter largado o caderno como se queimasse, disse com candura que limpava o pó. Pegara no caderno para limpar a mesa em baixo dele. E eu, não sei por que razão, acreditei. Ainda lhe perguntei, já ele pedia licença para se retirar, se sabia ler. Podia ter dito que não, ou até que lia com muita dificuldade. Mas não. Olhou-me nos olhos e disse que sabia ler muito bem.

*

Se saio para perguntar aos criados, pela enésima vez, se viram Chassafar – no *compound*, na rua, no hospital ou mesmo no mato, fugido – verifico que há no quintal uma grande agitação. E não, não é por causa de Travessa mas de uma cobra que foi vista junto ao tanque de água. Não é bom sinal que ande uma cobra por ali, toda a gente tem pavor das cobras, e eu temo por Miguel. Mando cerrar portas e janelas, desfazer arbustos do jardim, suspender todas as actividades que só podem ser retomadas depois que se encontre a cobra.

O jardineiro aproxima-se e diz-me, num sussurro: ‘Não tenha medo, senhora. A cobra não vai fazer mal, não é uma verdadeira cobra.’

Não percebo onde ele quer chegar. Mas verifico que o *frisson* do quintal não se deve ao amarelo pavor das cobras. É um temor cem vezes mais antigo e poderoso, pois quando pergunto que cobra é aquela o jardineiro volta a dizer que não é uma cobra verdadeira. Todos anuem com movimentos de cabeça. E ele, candidamente,

diz-me que o que ali foi visto foi madame Agnès *vestida* de cobra, regressada em busca de água.

Olho o jardineiro com atenção. Chama-se Conforme, nome que condiz consigo mesmo, sempre hesitante nas respostas às minhas perguntas, nas decisões. Mas não, não caio outra vez no erro de pensar que lhe deram aquele nome por causa das suas hesitações. A ligação há-de ser outra, mais misteriosa. Conforme é uma palavra com um som nobre e bom, pelo menos tão bom como o som de qualquer outra palavra de uma língua que, para aquela gente, é quase ainda novidade. Quantas palavras ouvidas pela primeira vez, despidas portanto das distorções e da perversidade que as pessoas com o tempo lhes vão apegando. Palavras puras e nuas, valendo pelo seu som e pelo seu peso, ainda antes do pecado original do significado. Conforme.

E todavia, se lhe pergunto se vai chover encolhe os ombros e faz um ar desesperado por se ver obrigado a uma afirmação inequívoca. Espreme-se, olha para todos os lados, sopesa as nuvens com os olhos, avalia a sede da terra e acaba por dizer que é conforme. Se Travessa vai voltar? Claro que é conforme: pode ser que sinta vontade (afinal aqui foi sempre bem tratado, diz respeitosamente), ou pode ser que tenha medo, medo do aborrecimento do inspector, medo pelas asneiras que fez. Mesmo sozinho, Conforme não consegue libertar-se desta maneira de ser. Várias vezes, através da janela, o vi imóvel em frente de um arbusto, indeciso sobre o que lhe fazer com a tesoura. Ocorre-me a ideia absurda de que foi então o significado a produzir nele aquela maneira de ser. A indecisão é a sua marca de água.

De qualquer maneira, por tudo isto foi grande a surpresa com que o olhei quando se aproximou para me fazer aquela revelação inequívoca, independente de contextos, liberta de condicionais: a cobra era Agnès, em busca de água. Quando lhe pergunto como o sabe, como o descobriu, responde-me numa outra dimensão: não já que Agnès é a cobra – isso para ele é um dado indiscutível – mas que Agnès veio aqui porque há muita falta de água lá no mato onde ela vive. Há muito que não chove, há muito que é só o calor à

solta, sem ser incomodado. E eu, impotente, deixo cair a mão que levantara para protestar.

Durante o resto da tarde todos procuram Agnès. Fazem-no em silêncio, levantando pedras e afastando arbustos, até eu perco o medo das cobras (afinal não era uma cobra) e procuro também. Fazemo-lo até que desce o dia e nos convencemos, eles e eu, de que Agnès, saciada, voltou para o sítio de onde veio.

Quando caio em mim e me pergunto porque me deixei tomar por aquela estranha convicção, verifico que se há coisa que me acontece nestes dias, difíceis de classificar, é sentir-me transportada para um mundo novo de significados e de sensações. É como se vislumbrasse por um momento a novidade que existe atrás da copa das árvores, na direcção das montanhas. Nessas alturas, se penso em Travessa imagino-o a correr pelo mato fora e a subir a montanha.

Como me sobreveio esta maneira nova de ver as coisas, que em certos dias me parece fantasiosa e em outros a única possível? Quem me ensinou a ouvir a voz do silêncio? São estas as interrogações que me enchem os dias, agora que fico mais só com as minhas sombras. Sinto que não foi uma mudança brusca, assim como atravessar uma ponte para o outro lado, mas uma marcha feita de pequenos avanços quase imperceptíveis. Certa vez, ainda Travessa estava connosco, regressávamos de jipe depois de escolher umas peças que o caçador Castro abatera, quando Laissonne observou, apontando o mato depois de uma curva, que *antigamente* costumavam vir com madame Agnès a um lugar ali perto, um lugar de que ela gostava muito. Num impulso, talvez devido ao sorriso franco que ele abriu quando me contou o facto, pedi-lhe que deixasse a estrada e fôssemos por onde ele indicara. Virámos para uma espécie de caminho, até não ser possível ao jipe avançar mais. Travessa saltou e internou-se no mato. Eu e Laissonne seguimo-lo. Não foi preciso andar muito para a vegetação acabar de repente e nos virmos em cima de uma grande pedra, com uma curva do rio Revúbue uns largos metros lá em abaixo. Em frente estendia-se a planície larga, ligeiramente ondeada, que o fim do dia começava a avermelhar. Aqui e ali subiam pequenos fumos

de fogueiras em palhotas dispersas, e uma tira mais escura anunciava a chegada da noite que eu, nesse dia e pela primeira vez, não temi. Embora não tivesse conseguido achá-los, soube pelo cheiro que ali perto havia arbustos de *rainhas-da-noite*. Como empertigados polvos, lançavam em volta pequenas nuvens de cheiro que ficam a pairar.



Seguiu-se um longo momento de silêncio e paz, compartilhado com os dois. Senti uma comunhão total com eles, com a sombra de Agnès, com o mato pontilhado de florzinhas selvagens à nossa volta, com as casas lá em baixo. Uma comunhão total com o mundo. Estendi os braços e senti que os poros se abriam ao ar um a um, e que essa osmose me inundava de uma espécie de renovação. O trilho era inteiramente novo para mim; as palavras que pudessem descrevê-lo, desconhecidas. À sua maneira, aqueles dois homens iam-me ensinando o que sabiam. Pela primeira vez em muito tempo senti um arrepio de frio. Perguntei-lhes se sentiam o mesmo, e eles anuíram. Rimos os três. Depois, regressámos.

Mas, estar aberta a tudo em volta, estar tocada por novas sensações, não significa ter baixado a guarda. Não tenho ilusões, sei da violência que carrega o mundo que nos cerca. Conheço agora Moatize.

Coco, a pequena gazela, nunca chegou a habituar-se a andar pela casa como eu esperava que acontecesse. Escorregava no chão encerado da sala, atrapalhava-se, caía, precipitava-se e não conseguia voltar a levantar-se. Toda a tentativa de afago ou de ajuda era encarada com a máxima desconfiança. O facto de espernear, e de isso chamar a atenção de toda a gente, deixava-a aflita. Por isso andávamos todos pela casa como loucos, tentando ajudá-la, mostrar-lhe por meio de sinais que lhe queríamos bem. Embora muito enérgicas, as suas pernas eram de uma magreza extrema, quatro finas canas que a todo o momento davam a ideia de se irem partir. Era tímida, procurava normalmente os cantos onde não reparassem nela. Quanto sofrimento imprimido no sangue, através de gerações, escondia uma timidez assim!

Mas o que a movia, atrás dessa timidez, era uma ânsia inextinguível de liberdade. Olhava o céu através das janelas e a pele tremia-lhe ligeiramente como se sacudida por um choro manso, um padecimento; na verdade, como se estivesse sempre tensa e pronta para saltar. Sim, era a vertigem da liberdade. Eu já não tinha dúvida que ela tentaria esse salto até que as forças lhe faltassem. Várias vezes estive a ponto de escancarar as portas e deixá-la fugir, preferindo a egoísta dor de a perder a vê-la sofrer assim. Mas lá vinha Conforme, o jardineiro, dizer-me que podia ser que ganhasse a liberdade, mas também podia ser que não: andavam sempre as quinzumbas rondado o lixo, leões um pouco adiante, e se ela crescera presa crescera também cercada e protegida, e isso não a ajudara a saber lidar com o mundo. E eu, resignada, mandava fechar as portas.

Ontem Coco escorregou, caiu sobre uma mesinha de canto, de três pernas, e esmigalhou a maldita *bonbonnière*. Foi uma espécie de sinal. Alguém sugeriu que a metêssemos no galinheiro, protegido da noite por uma rede muito grossa e onde ela teria chão que pisar.

Conforme chega agora junto de mim, na varanda. Está muito agitado, treme-lhe a mão e isso faz sacudir convulsivamente a tesoura de poda. Não sabe se diga ou se cale. Não sabe como dizê-lo. Tem os olhos muito abertos.

‘Senhora, esta noite as galinhas comeram os olhos da gazela. A gazela está cega.’

Pouco depois chega Murilo a correr, avisado por Laissonne. Nunca descobrirei como se transmitem as notícias neste lugar. Chega Murilo, preocupado, mas eu estou serena. Sentada à varanda, pensando na maneira sempre curiosa como as coisas se ligam umas às outras para construir o desfecho. Como se o fim fosse a razão de tudo, até do nascimento.

Na semana passada morreu o director-geral. Estava na flor da idade. Segurando em suas mãos um poder que talvez não fosse de vida ou morte como o poder do inspector, mas que ainda assim era mais nobre. Em Moatize quase tudo dependia da sua vontade. Quando aconteceu, entrava no *court* de ténis já equipado e de raqueta na mão. Como se uma força misteriosa o tivesse persuadido a vestir-se de branco para estar à altura do momento. Cambaleou ligeiramente e caiu fulminado.

O doutor Mascarenhas seria o seu adversário nessa manhã de domingo mas, contra o que era seu hábito, atrasou-se. Chegou apenas a tempo de socorrer os jardineiros do clube, coitados, que se moviam em volta do corpo como numa dança fúnebre, sem saber o que fazer. Diz o médico que deitavam as mãos à cabeça e emitiam um som agudo sem qualquer significado.

Annemarie nunca perdoará ao médico este vazio. No funeral, interpelou-o com voz rouca e o indicador da mão das pulseiras em riste. Acusou-o de ter arrastado Simon para o ténis, acusou-o de ter chegado tarde nesse dia. Para onde quer que nos virássemos, Mascarenhas era o culpado. Mascarenhas ouviu tudo de cabeça baixa e braços descaídos. Tive pena dele. Tanto esforço construído ao longo do tempo, noites e noites a baixar febres e a fazer partos, a coser feridas e a limpar pulmões, para no fim tudo se acabar desta maneira, confrontado com a sua impotência na frente de toda a gente. Voltou a ser filho de um goês e de uma mulher-a-dias, para silencioso gáudio do inspector Cunha, a ave agourenta também ali presente. Mascarenhas está conformado, nem sequer procura o meu apoio com o olhar. Tem os olhos no chão, ouve os gritos de Annemarie como uma merecida punição. Todos a ouvem, todos

sabem que é a maneira que ela tem de dizer que o seu esforço foi também em vão.

Dentro em breve Annemarie partirá e Cunha não terá adversários à altura. Porventura no mesmo avião que levou Suzanne (Deus me perdoe este pensamento). Cunha rejubila em silêncio, as mãos unidas na frente, olhando o buraco para onde desceu Simon. Antes Simon mandava aos seus mineiros que indagassem a terra, agora vai fazê-lo pessoalmente (Deus me perdoe mais este pensamento). E desfez-se a teia da Aranha. A partir de hoje os criados espalhados pelas casas não terão a quem contar os seus segredos. Que será destes órfãos? Que será de nós e da Companhia?

Não consigo deixar de pensar em Suzanne. Se a morte de Simon revelou a Annemarie a inutilidade das suas iniciativas, revelaria também à minha pobre Suzanne quão evitável era ter-se deixado adoecer dos nervos. Bastaria ter esperado um pouco mais e as coisas ter-se-iam composto por si só, sem tanto sofrimento. Uns meses apenas. A trança dos acontecimentos é um mistério.

Sim, o sofrimento é inútil. Preciso de ir ao mato avisar Agnès disto mesmo. Estou disposta a liderar uma campanha para lhe comprarmos um piano. Talvez mesmo o piano de Annemarie, agora que ela vai partir. Agnès tocará e inundará a vila inteira com o seu som.

Murilo põe a mão no meu ombro, à varanda, mas não é preciso. Estou serena. Olho na direcção das montanhas, ao longe, e pergunto-me se vai chover. Olho e tudo me parece cinzento. Não consigo ver. Sou como a gazela cega.

Notas O caderno. Os seus parágrafos tornavam-se cada vez mais intensos, mas também mais soltos, libertos da preocupação de fazer parte de um texto corrido como até aí. Texto ainda não tratado? Ou será que por esta altura Maria Eugénia deixou simplesmente de se preocupar com quem pudesse *seguir-la*? Há dias que eu tentava desvendar o sentido desta fuga para a frente. Devem ter sido dias muito difíceis, esses sobre os quais Maria Eugénia passou a deixar não mais que desgarradas anotações.

Anotações que todavia, por qualquer razão misteriosa, me surgiam luminosas. Diria mesmo, por mais bizarro que fosse o tom, salvíficas. De facto, era assim que eu imaginava as coisas: Maria Eugénia elevando-se por instantes de um labirinto de sombras, aproveitando a curta trégua para, suspensa no ar, anotar o itinerário percorrido antes de voltar a mergulhar. E as notas permaneciam ali no caderno como pequenos faróis para que pudesse relê-las ela própria, e com isso manter-se do lado de cá, resistir às poderosas forças que a chamavam.

Devo dizer que também a mim essas notas iluminavam. Acordava, lia os jornais – os títulos das crises financeiras, dos embargos, dos fundamentalismos globais e domésticos – e tudo me desalentava. Então, aquelas minúsculas luzes agigantavam-se, como se tivessem o estranho poder de exercer a sua acção do outro lado do tempo que era seu. Comia então qualquer coisa à pressa e partia ao encontro do velho Chassafar.

Levei um certo tempo a entender que algo de fundamental mudara na relação com ele. Telefonava-me agora com frequência, e a qualquer hora, perguntando-me se eu não queria conversar sobre Moatize. Afinal não havia aqui o dedo de Augusto, o filho, e eu mentalmente pedi desculpa ao rapaz. Digo isto porque cedo se tornou clara a natureza da necessidade de Chassafar: assim que foi solto, o jovem Travessa fugiu de Moatize e nada mais soube de Maria Eugénia a não ser notícias vagas, anos mais tarde, por intermédio de outros criados da casa com quem ocasionalmente se cruzou. Portanto, os papéis invertiam-se. Agora não era eu que precisava de saber coisas do velho Chassafar, era este que precisava de ter acesso ao caderno, o único lugar onde podia estar a resposta do que acontecera à antiga patroa.

Chassafar tinha um carácter complexo. De certeza que o torturava o facto de a sua fuga ter deixado Maria Eugénia em maus lençóis perante o inspector. Por isso a sua insistência, a verdadeira obsessão com que passou a perguntar pelo caderno. Queria ler ali pelo menos uma frase que se referisse explicitamente ao episódio. Assim que chegávamos a um novo encontro, sondava-me as mãos com um olhar de magra águia esfomeada e perguntava-me num

murmúrio, quase sem mexer os lábios, se o tinha trazido. Quando eu abanava a cabeça, tornava-se distante, por vezes mesmo hostil. Afirmava não existir caderno algum, acusava-me de lhe mentir desde o princípio. Perguntava-me por que razão procedia assim. Por momentos fazia lembrar o filho Augusto, e eu descobria de onde vinha o ar insolente do rapaz. Era como o pai, provavelmente com o mesmo fundo bom, a única diferença estaria em que a vida ainda não o tinha ensinado a moderar os ímpetos.

Devo dizer que a situação também a mim incomodava. E, se continuava a adiar a entrega do caderno não era já por temer que o seu conteúdo *corrompesse* de maneira irreparável as memórias de Chassafar, mas antes, e desgraçadamente, porque a partir da fuga do jovem Travessa a situação se tinha agudizado e as anotações de Maria Eugénia deteriorado com muita rapidez. O texto desaparecera como um todo coerente, como referi, mas infelizmente não o compensavam os parágrafos soltos ou as frases desgarradas que surgiam como secretas chaves de um argumento que pudéssemos adivinhar. Não. O que ali havia eram extractos densos, pesados, sem ligação descortinável uns com os outros, baseados numa lógica de tipo novo que desistira de dar conta da totalidade; ou, para usar as palavras de Maria Eugénia, um trilho inteiramente desconhecido cujo fascínio lhe enchia os dias. Não havendo contexto que unisse os fragmentos, não havendo sentido, que tinha eu para mostrar a Chassafar? Nada.

Por outro lado, era quando se tornava mais necessário – para compensar o desaparecimento do texto de Maria Eugénia – que Travessa resolvera fugir! Isso deixava-me pouco condescendente com o velho Chassafar, a quem culpava, sem ter clara consciência disso, deste *crime* de negligência na juventude. Chassafar não assumira as suas responsabilidades enquanto testemunha! Além disso, não expiava convenientemente essa falta uma vez que nos últimos tempos respondia às minhas perguntas com um pouco esforçado *nessa altura eu já tinha partido*, ou um seco *não estava lá para saber*.

Foi numa destas ocasiões que – perante a insistência dele, e a dúvida em relação à existência do caderno com que me procurava

castigar – observei com maus modos ser prova da existência do caderno, e de ele saber disso muito bem, o facto de Maria Eugénia o ter surpreendido com ele na mão, certa vez em que entrara no quarto e ele limpava o pó.

Chassafar olhou-me furioso, mas não disse nada. A prova era irrefutável. Não tinha como escapar da teia em que eu o prendera. Simplesmente, virou as costas e partiu no seu passo muito particular.

A minha primeira reacção foi segui-lo. Fi-lo invadido da estranha sensação de que tudo ao redor perdia a cor. As capulanas, os anúncios publicitários a telefones e cervejas, tudo se tornava cinzento. As multidões, conquanto continuassem a existir, baixavam a voz com uma espécie de pudor de modo a que se abrisse espaço para a minha actividade de segui-lo. Os automóveis evitavam buzinar. Mesmo assim, não pode dizer-se que o velho Chassafar sobressaísse. Envergava uma camisa branca, umas calças de uma fazenda negra, leve e coçada, sem dúvida com muitos anos, uns sapatos cansados que haviam perdido há muito a forma original. Mas, por qualquer razão eu sentia que desta vez não corria o risco de perdê-lo. Parou numa esquina, junto de um pequeno grupo, e tive a certeza de que esperava um transporte. Curiosamente, mantive a serenidade. Deixei-os e fui buscar o carro que tinha estacionado perto dali. Demorei algum tempo nesta actividade, por não encontrar de imediato uma moeda para a criança que o *guardava*. Regressei contudo a tempo de ver subir algumas pessoas para um *chapa* que chegava. Entre elas, Chassafar. Pus-me a segui-los, na certeza de que não os perderia. Perdi-os, claro, no meio do intenso trânsito que envolve a estátua de Eduardo Mondlane como uma procissão ao andor, no fim da avenida com o mesmo nome. Mas não era grave, sabia onde ele morava.

Dias depois acenei-lhe com uma proposta de paz. Propus-lhe um encontro e disse ter importantes revelações a fazer-lhe, revelações que iam finalmente permitir-nos avançar para a conclusão de um caso que se arrastava para além do razoável. Estava até disposto a mostrar-lhe o caderno. Mais do que isso, quem sabe se não estaria mesmo disposto a *ceder-lho*.

Ainda com restos do mau humor, Chassafar concordou com sarcasmo ser urgente acabar de uma vez por todas com esta arrastada questão. Além disso, a perspectiva de chegar à posse do caderno, assim que a mencionei, entusiasmou-o, e isso levou ao aligeiramento das *negociações*. Propôs-me um encontro à entrada do Jardim Zoológico, nos arredores da cidade, mas eu recusei. Tinha experiência desta inclinação de Chassafar por locais onde era possível tudo menos conversar. Dificilmente poderia ser escolhido um local pior do que o Jardim Zoológico, onde a falta de recursos, o desinteresse e os maus tratos sobre os animais tornam tudo revoltante e deprimente.

Propus, em alternativa, o Arquivo Municipal, e não era uma proposta inocente. Pretendia, antes de entregar o caderno, que Chassafar tivesse uma noção da diversidade de caminhos para se chegar à Moatize perdida no tempo. Intuí que, logo que ele visse a *sua gente* mencionada em notas e ofícios, construiria uma perspectiva mais modesta acerca do peso do caderno ou do seu próprio testemunho. E que isso desdramatizaria as coisas.

A ideia era boa. Mas, assim que a quis pôr em prática o infortúnio não mais me largou. Desde logo porque escolhi mal a hora do encontro, hora de ponta, em que a estrada estava invadida por milhares de veículos que demandavam a cidade. Meti-me a custo no meio do trânsito e deixei-me transportar pela vaga enfurecida que arrastava tudo à sua passagem, deixando para trás um rasto de fumo negro e de desolação. Por vezes éramos obrigados a abrandar, na iminência de cair num dos inúmeros buracos. Procedíamos então a manobras complicadas para contornar esses obstáculos ameaçadores, que por força nos tornavam menos lestos, enquanto pela esquerda e pela direita éramos ultrapassados por veículos mais possantes para quem buracos eram coisas de somenos, e a ultrapassagem um ingrediente importante na misteriosa batalha de vida ou morte pela afirmação. A única dúvida estaria entre o que era preferível, se a alegria da vitória ou o supremo prazer de aniquilar o contendor. Esta é a vitalidade dos poderosos, diziam-me os olhares. Entretanto, a circunstância de irmos mais devagar permitia-nos ver,

através da janela, os traços que tal necessidade deixava nos seus cultores. Os fatos escuros, retesados, mal podiam conter volumes já conspícuos que o sofrimento do *jogging* não era suficiente para impedir de se agigantarem. Certamente que muitos daqueles fatos explodiriam em pleno acto de ultrapassagem, quando, por conta do esforço, as carnes vão sempre mais retesadas. Aqui e ali já se descortinavam botões a saltar, sobretudo na zona das barrigas, e era comum vê-los sair pelas janelas como se fossem pipocas aos pulos em cima do lume. Ficava a estrada escura pintalgada de branco, como um nocturno campo de malmequeres. Seguir-se-iam fatos rasgados em grandes golpes a meio das costas ou nas axilas, para deixar ver, em todo o seu esplendor, as carnes luzidias. O transtorno do fácies era acentuado pela tentativa de imprimir um tom convincente às palavras que gritavam para dentro dos telefones celulares. Todos, quase sem excepção, falavam ao telefone celular, e há muito que a alegria ou a tristeza, a dúvida ou a certeza, o espanto ou o enfado haviam sido reduzidos a uma única expressão, a grotesca expressão do telefone celular, situada num ponto equidistante de todos estes estados de alma, muito difícil de caracterizar. Deixavam-se engolir por esse mundo em que o som é a única matéria concreta, o único ponto de partida para se poder imaginar o resto. Um mundo de sonoras redes em que a alegria e a tristeza se traduzem no mesmo som. E, à medida que entravam nesse mundo iam-se os condutores afastando cada vez mais da estrada, feita fita vaga descartada para as margens da atenção: buracos, transeuntes em corrida e mesmo os outros veículos, tudo perdia a importância quando comparado aos feixes de roufenhos sons emitidos pelos telefones celulares, ao mundo complexo que eles são capazes de criar. E os veículos, libertos deste modo das regras universais do trânsito, seguiam em ziguezagues independentes e alheios às ausentes vontades dos seus ex-condutores, como se os respectivos percursos ficassem a cargo de um *plotter* insondável comandado directamente pela mão divina. Se eram mulheres, além do telefone celular e das ultrapassagens agressivas tinham a actividade acrescida de retocar a maquilhagem. Para o efeito inclinavam-se para diante, apoiando

os peitos no volante e esticando obliquamente os pescoços para poderem chegar ao almejado espelho, junto do tejadilho. Ficavam assim os espelhos das viaturas que passavam cheios de olhos esgazeados e contorcidos lábios ensanguentados que emitiam mudos pedidos de socorro; e os percursos registados pelo divino *plotter* ainda mais erráticos e angulosos. Ultrapassando todos os restantes, havia ainda os *chapas* que passavam à desfilada como besouros endoidecidos, largando inesperadas notas de música pelas janelas e deixando-se levar por condutores imberbes mas já possuídos de uma ferocidade inaudita, que lançavam gargalhadas estridentes para dentro dos telefones enquanto os passageiros, abandonados ao seu destino, eram transformados pelo terror em silenciosas estátuas de pedra, e os cobradores, pendurados nas portas de correr, anunciavam em voz rouca o fim do mundo. Prudentes, os polícias deixavam-se imbuir de emoções poéticas e viravam a cara na direcção de paisagens afastadas da estrada, ou conversavam entre si fingindo interesse em assuntos uns dos outros (uma coisa é interpelar um cidadão solitário, sobretudo de noite, quando a escuridão o faz sentir-se vulnerável; outra bem diferente é tentar disciplinar uma turba como aquela, capaz de nos enfrentar e engolir mesmo que ostentemos os uniformes mais galantes).

Nas bermas, os transeuntes olham com uma surpresa a cada dia renovada este circo insano, aglomerados junto às paragens ou caminhando pela estrada fora, uma multidão rezando para que não chova, um rio cheio de preocupação, inquieto enquanto não se espraiar no delta do destino. Os *maziones*, na urgência de atravessar o ininterrupto fluxo para chegar enfim ao almejado mar, lançam-se à estrada de olhos fechados, em temerosos grupos, entregando-se nas mãos do Salvador. Indiferentes, só mesmo os pescadores que ainda restam, que seguem de rede ao ombro e beata no canto da boca em obstinada fila indiana, cegos às gorduras e ao suor, cegos ao *make-up* que se derrete para formar máscaras grotescas, surdos ao zumbido dos telefones celulares; distantes enfim de um mundo que, sob uma aparência de progresso, perde a sensualidade e se desfaz. O pequeno Moatize

que cresceu como um bolor em torno da Casa Quinze devia suscitar uma admiração idêntica à destes pescadores quando vêem desfilar o circo louco.

*

Sacudo a cabeça para afastar os meus delírios. Se os deixei aqui registados foi por uma espécie de lealdade para com o texto de Maria Eugénia. Não me parecia bem que ela se abandonasse às palavras enquanto eu recobria o meu comentário com uma expressão contida, revisitada várias vezes até ficar inteiramente domesticada. Era necessário que os dois se aproximassem. Perder-me também era uma forma de retribuir o favor que o texto dela me fazia.

Tinha uma ponta de febre, perceptível no ligeiro ardor das pálpebras e dos lábios. Mal pus o pé no passeio, em frente ao edifício do Arquivo Municipal, senti o vulto de Chassafar atravessando a estrada. Esperara-me lá fora, à sombra de uma árvore; esperara mais de duas horas. Não estava pois no melhor dos humores, embora não pudesse deixar de sentir, acho, uma certa curiosidade. Várias vezes eu tinha deixado escapar pequenas informações que lhe disse ter obtido ali. Não imaginava o que ele pudesse pensar deste lugar onde entrávamos.

Uma vez lá dentro fomos atendidos pelo funcionário de sempre. Olhei os dois frente a frente e achei curioso que aparentassem ter a mesma idade. Eram contudo muito diferentes. Apesar de oriundos de lugares tão distintos – Chassafar de um norte rural, o velho funcionário da grande capital do sul – não era a origem ou o passado que os diferenciava, mas o presente. Chassafar era um sobrevivente de um tempo antigo, pendia todos os dias sobre ele a ameaça de não conseguir sobreviver; quanto ao velho funcionário, tinha uma vida lenta e sem sobressaltos, feita de dias sempre iguais, embora cada vez mais difíceis.

Entre eles despontou quase instantaneamente uma grande hostilidade. O funcionário perguntou-me, sem qualquer cerimónia, porque vinha desta vez acompanhado. Sagaz, intuiu ser Chassafar a minha fonte alternativa, aquela que relativizava o poder dos documentos que estavam à sua guarda. Chassafar era aquele que

se arrogava o direito de me dizer se os documentos dele eram ou não verdadeiros. Olhou-o de cima a baixo com um trejeito de desprezo.

Devo dizer que Chassafar lhe pagou na mesma moeda. Como podia um homem que quase de certeza nunca foi a Moatize, quase de certeza há muitos anos que não saía desta cidade (se é que alguma vez saiu), como podia um homem assim dar-se ares de saber alguma coisa? É isso que parecia dizer o altivo ar de Chassafar.

Enfaticamente, para que o funcionário refreasse os ímpetos e passasse a tratar o meu acompanhante com o respeito devido a um cliente, perguntei a Chassafar sobre que período gostaria de saber coisas. Afinal, cabia-lhe escolher o que pretendia que fosse servido.

Olhou-me com um resto da velha dúvida, quase despeito, mas agora tingida de leve por uma irreprimível esperança. Seria assim tão simples? Escolher, do passado, o que pretendia convocar e deixar o resto dentro das caixas à espera de vez? No entanto, nada disse.

Eu compreendi, e mandei vir caixas relativas à altura em que o jovem Travessa se havia posto em fuga de Moatize. De certeza que era esse o período que mais lhe interessava. Que acontecera a seguir? Que acontecera a Maria Eugénia? Será que o inspector a tinha importunado? Será que ela tinha conseguido paz?

Abrimos juntos a primeira caixa. Ou melhor, abria-a eu, enquanto o velho Chassafar seguia os meus gestos atentamente e algo receoso. Na penumbra, à entrada, o velho funcionário troçava em silêncio do ar reverenciador de Chassafar. Via-se que não tinha experiência de lidar com os documentos, considerava isso como uma espécie de atraso. Os seus dentes brilhavam no escuro.

Acertei em cheio. No primeiro maço de documentos sobressaía a notícia do falecimento súbito do director-geral, monsieur Simon, de um ataque de coração. Fotocópias de notícias de jornais, ofícios, correspondência trocada entre as autoridades e um director substituto ou interino de que não cheguei a reter o nome. Elogiavam o morto, o progresso que havia trazido à vila. Havia mesmo um par de fotografias de Simon ainda vivo, numa em fato e

gravata, na outra com um capacete de mineiro à entrada de uma galeria, sorridente, cercado de um punhado de engenheiros brancos. Um pouco atrás, uma multidão de mineiros. Tinha trinta e dois anos. Deixava viúva e uma criança.

Chassafar olhou tudo aquilo com os olhos muito abertos. Caíam por terra as suas resistências. Certamente que sabia da morte de Simon, tinha-me até falado nela, mas ver ali os documentos e as fotografias era como antes ter apenas uma vaga impressão, uma suspeita, e só agora saber do caso *de verdade*. Difícil de imaginar o que se estaria a passar na sua cabeça enquanto tocava naqueles papéis com as mãos trémulas. Talvez pensasse em Annemarie, a esposa. Tanto trabalho para alimentar a curiosidade daquela terrível leoa (um nome que, já agora, era eu próprio a conceder-lhe), tanto trabalho a atirar-lhe nacos de Agnès e de Maria Eugénia para no final tudo ter sido em vão. Pelo olhar que o velho Chassafar me lançou, tenho a certeza de que era nisso que pensava.

Quanto a mim, não pude deixar de sentir também um calafrio ao ser confrontado com a trágica notícia ali naqueles papéis. Além de Chassafar me ter contado, tinha lido o texto de Maria Eugénia, claro. Mas, ver o caso minuciosamente descrito quase me fez sentir culpado de saber desta informação fora do tempo de quem precisava verdadeiramente dela. Como se isso me desse mais poder, e portanto maior responsabilidade. Como se eu pudesse ter ajudado Maria Eugénia a ser mais compreensiva em relação a Annemarie, que em breve seria jovem viúva, ou pelo menos a considerá-la menos ameaçadora porque em breve teria de ser ela a partir. Por outro lado, o que não teria feito Suzanne com uma informação destas nas mãos!

Passámos ali um par de horas a saltitar de uns temas para outros, devassando as acções que os mortos haviam levado a cabo no seu tempo. O assombro de Chassafar era cada vez maior. Impressionou-o sobretudo ver a assinatura do inspector Cunha multiplicada pelos documentos, como uma marca das perversas interferências que havia feito no curso normal dos acontecimentos. Assinava tudo a torto e a direito, sabia dos vícios de cada um, inventava vícios inexistentes mas que eram da sua conveniência,

ameaçava, perdoava, o inspector agia como se fosse um pequeno deus grotesco. E todavia, o seu poder era mínimo quando comparado com o nosso. Chassafar maravilhava-se a devassar os segredos que Cunha havia passado para o papel na solidão do seu gabinete. Lá estavam os comprovativos estampados no canto das páginas: *Reservado*, *Confidencial*, *Secreto*. De nada lhe haviam valido todos estes cuidados. Hoje, as mãos trémulas do jovem Travessa, a quem ele tantas vezes procurara ridicularizar, remexiam-lhe as intimidades.

Tenho a certeza de que não conseguiria arrastar Chassafar dali para fora durante muito tempo, de tal forma aquilo o fascinava (de tal forma aplacava uma dor enterrada há tanto tempo), não fora a interferência do velho funcionário. Estava na hora, tinham de fechar. Disse-o de viva voz, depois de haver tentado sem sucesso o artifício de apagar a luz três vezes. Mas antes de nós partirmos, disse, gostaria de ter uma conversa *particular* comigo. Um pouco rispidamente, insisti que me dissesse ali mesmo, na frente de Chassafar, o que tinha para dizer.

Hesitou um pouco, mas acabou por falar. Tratava-se de uma confidência e de um vago pedido de ajuda. Tinha ouvido uns zunzuns acerca de grandes mudanças que estavam para acontecer ali mesmo, no Arquivo Municipal. Aparentemente, pretendiam digitalizar todos os documentos, *metê-los* em computadores (foi esta a expressão que usou) e acabar de vez com o papel e com as caixas. Poupava-se no espaço e reformavam-se os velhos funcionários. Ao mesmo tempo, cortava-se na ração dos predadores que fervilhavam pelas instalações.

A perspectiva parecia aterrorizar o velho funcionário. Chassafar, debruçado sobre os documentos, não se mostrava interessado na nossa conversa. Da confusa explicação sobressaíam muitas conclusões apressadas, embora algumas delas de facto preocupantes. No final não haveria mais pesquisa manual, era tudo uma questão de premir teclas de computador e as evidências surgiriam ante os nossos olhos piscando o brilho azul da verdade. Mas, como chegar até aí? Havia primeiro que escolher entre o que valia a pena subtrair ao desgaste do tempo e o que ficava mais

barato descartar. Tudo tem um preço, e portanto não pode haver desperdício. Nas caixas como nas ideias. O fogo purificador da reciclagem chegaria assim para erradicar aquilo que não tinha outra função senão conspurcar o olhar virgem das novas gerações: régulos ou algodões, minas, gente anónima, ideias velhas ou diferentes. Claro que nada disto dizia respeito ao velho, não podendo assim preocupá-lo. O que o preocupava era o fim da viagem às profundezas da mina que escondia as caixas. Como iria ele dar sentido ao dia? Antes desaparecer lá dentro, tragado pela escuridão! O pobre homem olhava-me com um ar desesperado. Não via saída.

A mim preocupou-me o facto de se quebrar o elo físico entre os dois tempos, a folha de papel que os mortos haviam tocado e que agora tocávamos nós. Como ficariam as dúvidas de Maria Eugénia mascaradas pelo azul fosforescente da verdade, se um dia lhe digitalizassem o caderno? Caí em mim e tranquilizei-me: ali não havia cadernos como o de Maria Eugénia.

Saímos para o ar fresco do fim da tarde. Chassafar ia estranhamente bem-disposto. Ocorreu-me que talvez lhe tivesse passado pela ideia que, quanto mais frágil fosse a situação do Arquivo Municipal mais sobressaía o conhecimento que ele próprio detinha. No fundo, sentia-se vitorioso no confronto com o velho funcionário.

*

Nos dias seguintes Chassafar parecia mais tranquilo e disposto a conversar. E ainda bem, pois eu necessitava da sua ajuda para compreender a última parte do caderno de Maria Eugénia. Quando o abordei a este respeito, confesso que não sei bem o que pretendia dele. Talvez que me desse um testemunho por assim dizer próximo, mas *externo*, desta crise de Maria Eugénia, até porque era uma crise que se tornara mais evidente após a partida do jovem Travessa. Precisava que me dissesse, passo a passo, como no seu tempo tudo acontecera. Queria confirmar a minha impressão de que cada vez mais Maria Eugénia estava presa na sua própria teia (referira *pequenas aranhas* que, pelo tamanho e pelo plural, me pareciam distintas da Aranha propriamente dita).

Enfim, pensava eu que Chassafar me olharia com mais proximidade, achando ter encontrado finalmente alguém com quem comentar a *degradação* da antiga patroa. A partir daí eu encaixaria os seus comentários nas explicações, emprestando às minhas notas uma coerência que se reforçaria na razão inversa da desarticulação crescente do torturado texto de Maria Eugénia. Sim, hoje reconheço que as observações que eu próprio ia anotando em rodapé (as *notas aos capítulos*, como lhes chamei), surgiam cada vez mais integradas, como se o reforço do seu sentido fosse feito à custa do sentido que eu roubava ao texto da pobre Maria Eugénia.

A reacção de Chassafar não podia ser mais surpreendente. Olhou-me com incredulidade. Já antes havíamos falado nisso, e mais do que uma vez. E, em termos algo confusos, que caracterizavam a sua abordagem às grandes questões, disse-me que não me podia ajudar pelo simples facto de ter partido. Mas que podia afirmar com toda a certeza ter sido nessa altura, pouco antes de ele partir, que Maria Eugénia começara a ver as coisas com clareza.

Com os melhores modos (queria que ele me explicasse bem este raciocínio), pedi-lhe que fosse mais concreto. E, na sua articulação muito própria, ele disse que Maria Eugénia *nunca aprendera a perguntar*. Enquanto os outros, assim que chegavam a Moatize começavam a aprender a colocar as perguntas certas, da senhora Maria Eugénia era de esperar qualquer pergunta, como se ela fosse uma criança. Chassafar insistia na sua interpretação: o uso impõe sentidos às palavras, por vezes sentidos maus. A senhora Maria Eugénia interrogava as coisas fora das regras determinadas, fazia-o a partir de fora, e de uma maneira original e ingénua. Por isso as suas questões eram, não uma repetição das questões dos outros mas mais perturbantes e, à sua maneira, mais fundamentais. Maria Eugénia abandonava a lógica para seguir um fio misterioso. Segundo ele, foi assim que ela chegou à música das palavras.

As palavras de Chassafar exigiam recato e silêncio. E esse silêncio criou em ambos uma sensação de grande intimidade com Maria Eugénia. Como ela, inquietava-nos aos dois o estado do

mundo. Com ela aprendíamos a interrogá-lo, a colocar as perguntas certas.

Epílogo

Vi o velho Chassafar algumas vezes durante o mês de Setembro. Do último encontro ficou-me uma sensação de desfecho difícil de precisar, mas persistente. Os sinais, por mais fortes que se apresentem, carregam sempre esta ambiguidade. No caso de Conforme, o jardineiro do caderno que nunca conheci, era talvez a extrema atenção aos sinais que incutia nele um estado de permanente indecisão. Enfim, o que quero dizer é que me ficou essa sensação de desfecho, não só porque o caso se esgotava mas também porque era como se com isso Chassafar se apagasse. Os secos músculos do peito trabalhavam incessantemente em busca de um resto de ar, os gestos eram cada vez mais titubeantes. Só os olhos permaneciam vivos e atentos. Morria aos poucos. Não como se morre agora, de doenças terríveis ou brutais acidentes, de uma facada a caminho de casa para nos roubarem a carteira. Morria devagar, à moda antiga. Tal como a sua roupa não se rasgava, antes perdia a cor ao chegar ao fio, desfazendo-se em seguida numa espécie de cinza, assim acontecia com ele.

Nessa tarde do desfecho – chamemos-lhe assim – ele estava particularmente bem-disposto. Desde logo porque lhe levei um frasco de azeitonas, que ele prezava acima de quase tudo. Enquanto conversámos nunca o largou. Aproveitei para mencionar o episódio em que ele e Laissone assistiram ao fim do dia na companhia de Maria Eugénia, numa curva do rio Revúbuè de que Agnès gostava muito. Isto pareceu interessar-lhe, sobretudo quando referi que Maria Eugénia tinha do jovem Travessa uma lembrança especial, referida no caderno *depois que ele havia partido*. Exigiu pormenores, quis ver o texto. Estendi-lhe então a velha caixa azul-cobalto.

‘Tome, é para si’, disse.

Ele sorriu. Soube imediatamente o que estava lá dentro. Abriu-a e agarrou o caderno com as mãos trémulas. Eu ajudei-o a localizar a passagem em que Maria Eugénia imaginava o jovem Travessa, quando pensava nele, a subir a montanha de Agnès. Era um sinal inequívoco de que não lhe guardava rancor, e isso teve um impacto muito maior do que eu fora capaz de imaginar. Estava ali a prova, se bem que no fundo ele tivesse estado sempre convencido de que Maria Eugénia era incapaz de guardar rancores. Agora ele ria muito, ria por tudo e por nada. Era evidente o seu alívio. Levantou-se e foi lá dentro, de onde regressou com um maço de papéis presos por um elástico. Do meio deles retirou duas ou três fotografias e uma factura de mercearia do Malawi, muito antiga.

‘E isto é para si’, disse.

Agradei. Ele concluiu que era um dia muito especial. Quando lhe perguntei porquê, fez-me uma revelação curiosa. Na terra do seu pai há um ditado que diz *micero ai vundi*, ou seja, ‘o conflito nunca apodrece’. Significa que um problema não resolvido não desaparece por si só. Permanece como *mukusswe*, ou seja, como o resto das papas de milho do dia anterior, que fica a azedar, a endurecer e a chamar as moscas. Assim viveu ele, o velho Chassafar, durante meio século, num estado insuspeito para os comuns mortais mas que não passava despercebido aos olhos dos espíritos. Por isso mesmo estes últimos tratavam de puni-lo com doenças e contrariedades, dificultando-lhe até a descendência. Hoje era um dia especial porque o *mukusswe* acabava, o conflito ficava inteiramente resolvido. *Ku gwanda micero!*

Pensei em Augusto, e na esperança de Chassafar de que o rapaz se decidisse finalmente a dar um rumo à sua vida. Agora seria mais fácil. Dei-me conta também da importância que ele me atribuía. Afinal, eu surgira do nada, numa esquina da baixa de Maputo, para o ajudar a sair do *mukusswe*.

Ficámos um bom momento em silêncio, olhando o vale. O pontilhado verde-escuro indicava que nas hortas ainda havia algo que colher, apesar de estarmos já no fim da época. O cão louco havia desaparecido. Ou morreu ou rebentou a corda que o prendia,

pensei. A sua loucura deixara de estar confinada à pequena horta, espalhava-se agora pelos campos.

Chassafar falou:

‘Um dia, havemos de ir os dois ao monte Bazimuane. Vou mostrar-lhe onde madame Agnès se escondeu. O caminho não é difícil, ainda me lembro de como subi-lo. Iremos lá. Nesse dia vai chover.’

Anuí e aproveitei para me despedir. Cá fora, dei-me conta de nunca lhe ter perguntado como tivera conhecimento da morte de Maria Eugénia Murilo. Há sempre uma nova questão na luta do caso contra o desfecho. Estive quase a voltar atrás como esse propósito. Mas, tal como ela mesmo escrevera no caderno, as notícias espalhavam-se de maneira misteriosa entre as gentes de Moatize, espalhavam-se de uma maneira sem explicação. Para quê tentar saber? Logo em seguida, veio-me à ideia que seria interessante conhecer os caminhos percorridos pelo caderno antes de me chegar às mãos.

Portanto, a obsessão espreitava. Sacudi a cabeça para a afastar. E desde então tenho procurado resistir ao impulso de voltar àquelas esquinas à procura do maldito vendedor.

AGRADECIMENTOS

Antes de partir, o velho Isaías de Jesus Marrão levou-me numa nostálgica tarde a Moatize para me mostrar ruínas e sinais que me diziam respeito. Com generosidade, Fátima Ribeiro e Pico Soares abriram-me algumas portas da *sua* Casa Quinze, cederam-me uma fotografia e, embora involuntariamente, apresentaram-me o jardineiro Conforme. Vítor Igreja pôs-me em contacto com a lógica do *micero*. Finalmente, a Pedro007 devo as imagens das páginas 102, 268, 272 e 276.